O Patrimônio do Imigrante

O modelo de ocupação do território

A arquitetura das regiões de imigração

O patrimônio imaterial





Propriedades rurais de Timbó e Pomerode, no Vale do Itajaí. Ainda hoje o trabalho na terra, as ferramentas tradicionais, a vida simples do campo, fazem parte do cotidiano de muitas regiões de imigrantes.

O patrimônio cultural dos imigrantes que se deslocaram para Santa Catarina durante os séculos XIX e XX, em especial entre 1850 e 1930, é de significância mundial. Mescla tradições e conhecimentos de culturas milenares, vindas de vários continentes, adaptados às condições da história, da cultura e da geografia locais. Na visão da época, o território era pouco ocupado populacionalmente, uma vez que se desconsiderava totalmente a presença indígena e mesmo a cabocla. A primeira era fruto de povoamento de aproximadamente cinco mil anos, e a segunda, com origem nas bandeiras paulistas, incrementara-se ao longo das diversas variáveis dos caminhos das tropas. Na visão oficial, consideravam-se apenas os moradores afro-luso-brasileiros, que estavam concentrados na estreita faixa litorânea e na isolada vila de Lages, fazendo com que praticamente todo o vasto interior do estado fosse colocado à disposição dos empreendimentos coloniais. Muitas dessas colônias fixaram-se isoladamente, formando as chamadas ilhas culturais e guardando muito do patrimônio dos pioneiros e de seus descendentes. Paisagens urbanas e rurais, que mesclam elementos naturais – da fauna, da flora e da geografia – e áreas de cultivos e pastagens; arquitetura, técnicas, materiais e detalhes construtivos; conhecimentos agrícolas, culinária, festas, tradições, estórias, folclore, dialetos, saberes e fazeres em geral fazem parte do vasto patrimônio cultural do interior de Santa Catarina. Estudiosos alemães consideram que o patrimônio germânico mais importante do mundo, fora da Europa, está em Santa Catarina. O legado de portugueses, afro-descendentes, italianos, poloneses, ucranianos, austríacos, húngaros e russos, entre outros, é também um dos mais significativos.

É a partir desse universo cultural que o presente trabalho propõe o desenvolvimento de uma política de amplo reconhecimento e proteção. Partindo das células básicas desse patrimônio – que são as pequenas propriedades rurais –, estudando as casas que abrigavam as famílias, os ranchos que viabilizavam a subsistência, os núcleos rurais e os centros urbanos, o projeto busca proteger as evidências maiores do extraordinário ciclo migratório ocorrido no Brasil e extremamente bem representado em Santa Catarina. Os bens selecionados para proteção representam a trajetória de vida dos milhares de seres humanos que idealizaram, nessa parte do mundo, dias melhores para si e para suas famílias. Que o legado dos homens, mulheres e crianças que escolheram passar aqui a sua existência seja reconhecido pelos brasileiros de hoje e possa ser transmitido aos cidadãos do futuro: eis o objetivo maior deste projeto.

O MODELO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A típica propriedade rural que se desenvolveu na região colonizada pelos imigrantes em Santa Catarina é bastante simples. Tanto as estradas principais quanto as secundárias – desde cedo as vias mais importantes de penetração e fixação no território – estendiam-se ao longo dos vales e dos rios, buscando as várzeas fertilizadas e as encostas pouco acentuadas, próprias ao cultivo e às pastagens. Transversalmente aos caminhos, distribuíam-se os lotes, faixas estreitas e alongadas que se estendiam até a cumeada dos morros. Contavam com vinte e cinco a trinta hectares de área média, favorecendo, assim, um certo padrão de densidade das comunidades rurais. As casas eram construídas normalmente na testada dos lotes, guardando distância variável da via pública e quase sempre precedidas pelos jardins e eventualmente pela horta. As demais unidades rurais – ranchos, estábulos, estrebarias, chiqueiros, galinheiros, paióis etc. –, construídas, assim como as casas, com características próprias de cada uma das etnias de imigrantes, normalmente se interligavam com a fachada lateral ou com a posterior, por vezes formando uma espécie de pátio de serviços, nos fundos ou no lado das casas.

As áreas de plantio e de pasto para o gado organizavam-se atrás do conjunto construído. Os imigrantes alemães e também os italianos estabeleceram uma prática de mesclar a pequena agricultura com a produção



Propriedade Nelson Bauer, localizada em uma das estradas da Vila Itoupava, em Blumenau. A localização da casa (com a frente voltada para a estrada); dos ranchos (formando um pátio interno de serviços); do jardim com a horta (na frente e na lateral da casa, numa mistura singular de espécies); a área reservada à agricultura (próxima ao córredo d'água); o campo para pastagens e a cumeada dos morros com mata preservada, são elementos que traduzem o modelo tradicional de implantação das propriedades nos lotes coloniais, neste caso exemplarmente representado. O conjunto e a relação entre todos esses elementos compõe uma paisagem cultural expressiva e singular, que tem sua tônica calcada na pequena propriedade policultora.



Mapa da Colônia Blumenau, distrito do Ribeirão da Vila Itoupava, em 1870. As "picadas" eram abertas ao longo do leito dos rios, a partir das quais se distribuíam, no sentido perpendicular, os lotes coloniais, sempre de forma alongada - com testada pequena e grande profundidade. As casas e o conjunto de ranchos eram instalados próximos à estrada, na porção mais baixa do vale. O fundo do lote (numa cota bem mais alta, em geral cumeada dos morros) permanecia preservado.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional

de derivados do leite. Além do processamento dos produtos cultivados nas próprias propriedades rurais, as colônias dedicavam-se ao seu processamento, como os derivados dos grãos em atafonas/ moinhos, destilarias, cervejarias e fábricas de bebidas. As indústrias coloniais, como serrarias, olarias, marcenarias e ferrarias, também fazem parte dessa lista. Desde cedo esses produtos foram exportados para fora das colônias.

Essa implantação típica, desenvolvida ao longo dos caminhos e formada de lotes estreitos e alongados, com casas e ranchos na testada, foi a base da ocupação de todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina e singulariza a paisagem onde está inserida.

No cruzamento dos caminhos, foi comum a concentração de edifícios de uso comunitário, como os comércios, os salões, as escolas e as igrejas, cujas características arquitetônicas e implantação destacam-se no contexto das paisagens rurais. Essa forma de ocupação relaciona-se muito bem com as características da natureza local, mesclando o preciosismo da arquitetura – que pontilha os lotes agrícolas, formando como que mosaicos – com a coloração diferenciada do pasto, da mata e dos diversos cultivos, compondo um conjunto paisagístico notável, de extraordinária beleza cênica.

Essa paisagem cultural, animada pelas tradições preservadas, mantém-se quase que inalterada em muitas das regiões do interior do estado de Santa Catarina.

As colônias de imigrantes não se urbanizaram instantaneamente. Ao contrário, os empreendimentos coloniais eram predominantemente agrícolas e os centros urbanos desenvolveram-se de forma lenta e quase sempre improvisada. Nos primeiros anos, a característica básica das colônias de imigrantes era o contínuo prolongamento de novas linhas de pioneiros, que se instalavam cada vez mais distantes do núcleo original dos empreendimentos. Distribuindo-se ao longo de picadas, linhas, estradas e cursos de rio, os lotes acabaram por ocupar toda a região, cultivando as várzeas, reservando até a meia encosta para a pastagem e preservando a mata das cumeadas. Assim, era de esperar que variasse bastante o tempo necessário para os imigrantes construírem os abrigos, as casas provisórias e, finalmente, uma casa permanente.

Em muitas situações, os imigrantes passaram dos ranchos à casa permanente e, em outras, quando as colônias já estavam consolidadas, foi possível chegar à construção da casa permanente sem que as famílias tivessem que passar por ranchos ou edificações provisórias.

O processo era presumível: partindo de núcleos originais, desenvolveram-se os caminhos, que se alongavam sempre, enquanto o núcleo se adensava e os lotes rurais mais antigos tornavam-se mais produtivos. Concluída a fase de ocupação, os núcleos urbanos prosseguiram seu desenvolvimento, transformando-se freqüentemente em cidades. Alguns dos centros rurais também se urbanizaram, enquanto a maior parte da região mantinha suas peculiaridades agrícolas intocadas.

Por duas gerações, formou-se um todo harmônico e produtivo, até que, nas últimas décadas, a urbanização desenfreada induziu ao esvaziamento do campo, produzindo a situação de desequilíbrio – tônica das três últimas décadas.

Este projeto integra o esforço de estabilizar a área de imigrantes, buscando valorizar a área rural, e estabelecer regras e limites para o crescimento urbano.

Núcleos urbanos

Do ponto de vista urbanístico, pode-se afirmar que os núcleos das colônias de imigrantes que se transformaram em muitas das atuais cidades de Santa Catarina apresentam traçados diferente dos partidos luso-brasileiros até então existentes no estado. As cidades da região de imigração, nascidas de empreendimentos rurais, têm seus traçados urbanos decorrentes da interação entre a geometria da demarcação dos lotes rurais e a organicidade dos acidentes naturais. Os lotes eram demarcados preferencialmente ao longo dos rios. Carlos Ficker, na magistral "História de Joinville"[1] , descreve assim a chegada dos pioneiros:

"Prosseguindo viagem, o rio foi se estreitando, e grandes aves aquáticas se espantavam com as vozes e com as pancadas dos remos. Grandes árvores, com suas ricas parasitas, dobravam-se por sobre as canoas e o rio foi se tornando extremamente estreito, com grandes pedras e rochas de granito nas margens lodosas e pretas.

Há provas documentadas de que no mesmo dia 22 de maio, continuavam a subir o Rio Cachoeira, até chegar à embocadura de um riacho de águas puras e cristalinas. À beira do mesmo encontrava-se uma cabana rústica do cidadão francês M. Frontin, egresso da Colônia do Saí, fracassada anos antes.

Ao anoitecer, chegaram os pioneiros na pequena clareira aberta na densa vegetação da mata virgem, defronte a este rancho, desembarcando em seguida.

Além desse ponto, o Rio Cachoeira não oferecia mais possibilidade de navegação. Silenciosas e imóveis, pendiam sobre as águas do rio as sombrias frondes das árvores. Resolveram então Aubé, Guenther, o Cel. Vieira, que acompanhava a expedição, e os demais colonos, passar a noite no rancho de Frontin. Foi assim, desta maneira, escolhido o local da futura Colônia Dona Francisca".

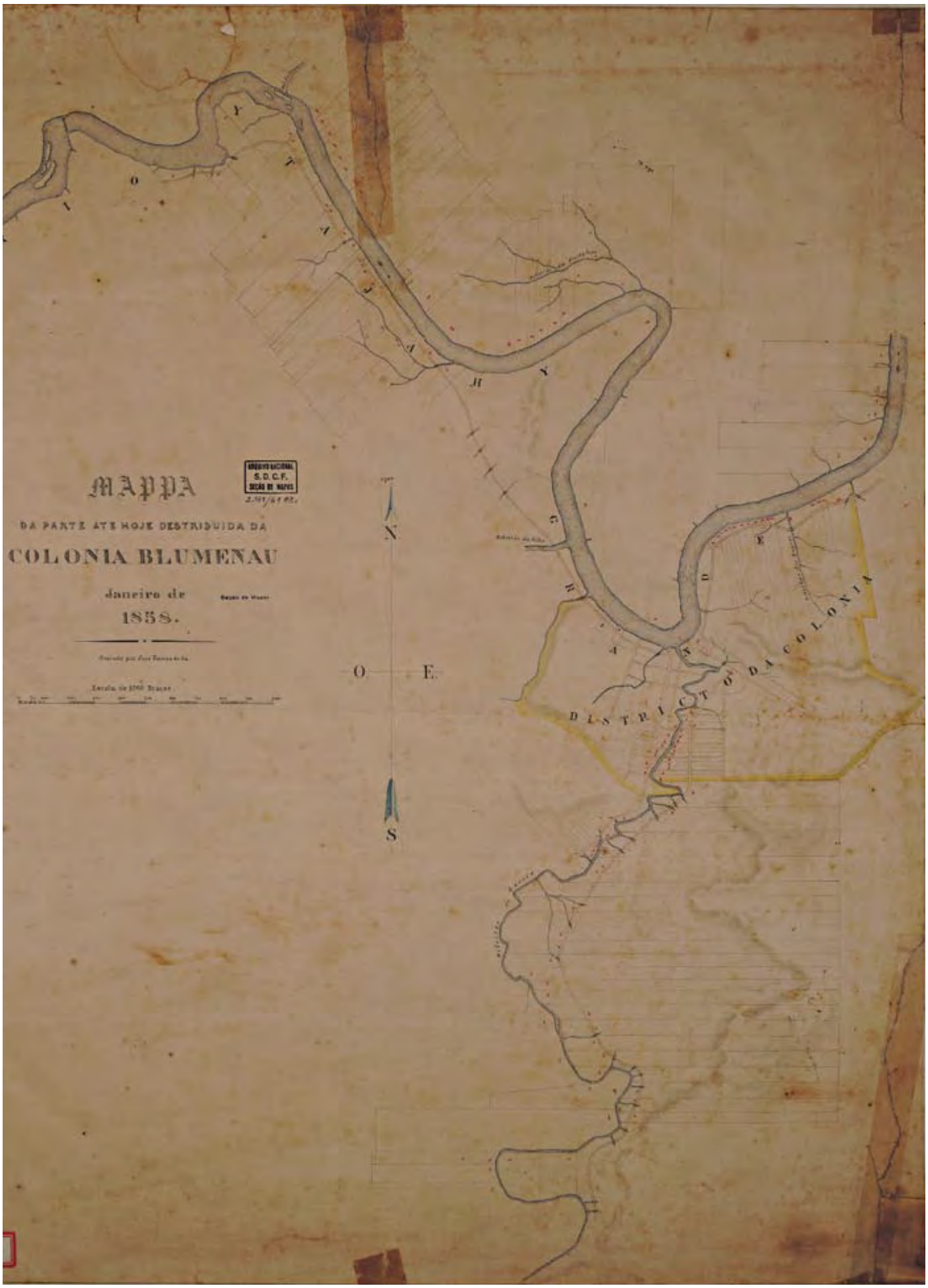
A demarcação dos lotes foi o elemento básico da urbanização. Quase sempre, iniciou-se aleatoriamente, a partir do local onde o ingresso de imigrantes e mercadorias fosse facilitado por rios navegáveis ou caminhos pré-estabelecidos.

Abaixo dos contrafortes da Serra do Mar, onde os rios são abundantes, prevaleceu o estabelecimento de colônias às margens dos cursos d'água, utilizados como vias preferenciais de acesso e comunicação, partindo do litoral. Assim ocorreu nos atuais centros urbanos de Gaspar, Blumenau, São João Batista, Nova Trento, Pomerode, Indaial, Timbó, Jaraguá do Sul e Joinville, por exemplo.

A partir dos contrafortes da Serra do Mar, em direção ao interior, os caminhos prevaleceram como vias preferenciais de penetração. A primeira colônia, São Pedro de Alcântara, foi implantada ao longo do caminho

Mapa da Colônia Blumenau em 1858. A área ressaltada como o "Distrito da Colônia" representa o atual centro histórico da cidade. O município de Blumenau possui, atualmente, cerca de 300.000 habitantes. A distribuição dos lotes seguia o mesmo padrão das estradas rurais (perpendiculares ao leito dos rios). Percebe-se também o primeiro arruamento do núcleo urbano, com a localização das igrejas luterana e católica. A área central está localizada juntamente ao porto fluvial, por onde desembarcavam os imigrantes. Daí distribuíam-se para os lotes coloniais.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional


MAPPA
DA PARTE ATE HOJE DESTRIBUIDA DA
COLONIA BLUMENAU
Janeiro de
1858.
BIBLIOTECA NACIONAL
S.D.C.F.
SEÇÃO DE MAPAS
N
O
E
S
DISTRICTO DA COLONIA

que ligava Desterro a Lages. A criação de São Bento do Sul, no alto da serra, derivou da abertura da Estrada Dona Francisca, ligando o litoral ao planalto norte.

No sul, os imigrantes italianos também se valeram dos rios e dos vales como vias de acesso para a implantação de suas colônias, utilizando-se ainda dos antigos caminhos percorridos por tropeiros, que iam de Laguna ao planalto lageano.

Em Blumenau, Brusque e na Dona Francisca, os rios eram as vias naturais de acesso à região, inteiramente coberta por matas fechadas. As cidades nasceram a partir dos portos fluviais, escolhidos por permitirem o acesso tanto ao interior das colônias, quanto aos portos marítimos, que viabilizavam o comércio e abasteciam de gentes e de gêneros os nascentes empreendimentos migratórios.

O traçado urbano derivado desse contexto foi distinguido dos congêneres luso-brasileiros por Peluso: "Estudando-se as cidades do estado de Santa Catarina, fundadas até meados do século passado (XIX), nota-se a persistência de dois tipos de plano urbano: um, o mais difundido, tem como elemento predominante a praça central que emoldura a igreja; outro, mais raro, adapta-se ao relevo, partindo do centro comercial. As cidades de Florianópolis e Lages são exemplos do primeiro; Joinville e Blumenau do segundo. Vemos aqueles núcleos urbanos como cidades portuguesas, e estes, como cidades alemãs, atribuindo seus planos, respectivamente, às culturas lusa e germânica"[2].

Blumenau é um exemplo eloqüente. O início do seu processo de urbanização é assim descrito, ainda por Peluso:

"Quando chegaram em 1850, os primeiros imigrantes, esses usaram o meio de transporte mais fácil na época, o fluvial. Alcançaram Belchior pelo rio, e daí prosseguiram em companhia de um sócio do Dr. Blumenau: 'Aí veio Hackardt buscar-nos e às nossas malas numa balsa, com dois brasileiros, levando-nos até a Velha, pois o do Garcia, onde hoje assenta a cidade, era tudo muito bruto.', escreveu mais tarde um desses pioneiros.

A Picada aberta entre o porto de desembarque e a foz do rio Garcia marcou, por longo tempo, o limite da povoação.

A colônia teve início no Vale do Rio Garcia. Através do caminho aberto ao longo do rio começaram a aparecer os primeiros sinais de comércio. As transações eram realizadas na área junto à Barra do Rio Garcia, pois que visavam o abastecimento da população que se fixava no Vale, ou a saída dos produtos para o porto marítimo, na atual cidade de Itajaí. Blumenau iniciava-se, então, como cidade de porto fluvial"[3].

Implantado o núcleo, seu desenvolvimento era balizado, nas colônias alemãs, pela fixação de um eixo comercial, a partir do qual se subordinavam outras funções, como a religiosa, a recreativa e a institucional. Nas colônias onde italianos e poloneses predominaram – a exemplo das povoações luso-brasileiras –, a igreja destacou-se como elemento aglutinador principal, estruturador do plano urbano adotado e ponto de partida de seu desenvolvimento.

"As descrições das cidades que chamamos portuguesas e alemãs evidenciam que a igreja e o comércio são os elementos que geraram a diferença no plano dos dois tipos de núcleo urbano."[4]

A posição central (que ocupam até hoje) e a dimensão das praças litorâneas atestam a diferença: Florianópolis, Laguna, São José, Enseada do Brito e Santo Antônio de Lisboa, além das cidades mais novas como Itajaí e Tijucas, cresceram em torno de espaços planejados, encabeçados pela igreja e relacionados com o mar. Esse modelo urbanístico jamais foi seguido pelas colônias de imigrantes alemães, mas a importância da implantação da igreja pode ser extrapolada para os núcleos poloneses e italianos, de religião católica, herdeiros da tradição romana:

"Nas cidades romanas, as instituições religiosas ocupavam determinado sítio no plano, e as políticas, em torno das quais se agrupavam as econômicas, outro. Os edifícios em que se realizavam os atos referentes a elas eram olhados, pelos habitantes das cidades romanas, como símbolo das próprias instituições. [...]



Colônia Dona Francisca, em 1878, ressaltando os distritos de Joinville e São Bento. O mapa mostra o primeiro arruamento dos núcleos que deram origem às duas importantes cidades.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional

A Alemanha do Norte e do Leste (a maior parte dos imigrantes alemães que vieram para Santa Catarina provinham dessas regiões) receberam a cultura de Roma através do cristianismo. Quando surgiram as cidades, não se impôs nenhum estímulo para determinar especificamente um plano. Formando seu núcleo em torno das instituições econômicas, essas ocuparam o lugar central a que atende o plano. Enquanto para um grupo o plano é orientado segundo a praça, cuja face elevada é o símbolo da instituição religiosa, para o outro grupo o plano é dirigido pelo comércio, cuja área de ocupação é o símbolo da instituição que origina o agrupamento urbano." [5]

Vale ressaltar que, em todos os novos núcleos coloniais, independentemente da procedência dos imigrantes, a regra foi a de arruamentos estruturados muito mais segundo as linhas da topografia do que por planos urbanísticos pré-concebidos. Prevaleceu a estrutura linear dos caminhos agrícolas, que pouco a pouco viram crescer, ao longo de seu traçado, núcleos comerciais ou religiosos, alguns dos quais mais tarde transformados em conjuntos urbanos. Mesmos nos centros comerciais que vieram a se tornar cidades, quase sempre se preservou a implantação em linha, só mais recentemente acompanhada, em seus núcleos, por vias paralelas e transversais que formataram quarteirões, como nos centros urbanos de Pomerode e Timbó. São dois exemplos típicos dessa implantação e de seu desenvolvimento: a rua principal concentra a prefeitura, as igrejas e o comércio, marcando o caráter caracteristicamente linear da paisagem

dessas cidades – absoluto até muito recentemente. Ascurra, como exemplo de núcleo italiano, e Alto Paraguaçu, como polonês, evidenciam essa tendência de linearidade, que pode ser detectada também em Blumenau, Urussanga, Rodeio, Gaspar e Jaraguá do Sul, dentre muitas outras cidades.

São mais raras as evoluções urbanas que parecem desenvolver-se a partir de praças ou logradouros, irradiando-se do centro para a periferia e resultando em núcleos mais compactos, formados pelo agrupamento de diversos quarteirões, como parecem ser os casos de São Bento do Sul e Joinville, no nordeste, e Orleans, no sul do estado.

Em Santa Catarina, é comum que o desenho atual das ruas pouco guarde das antigas divisões de lotes, marcadas sempre geometricamente, desconhecendo a sinuosidade da natureza e deixando de prever o desenvolvimento de pólos de urbanização. As propriedades interligavam-se naturalmente, e nos caminhos que o cotidiano impunha, acabou por surgir a maioria das ruas que efetivamente serviram de base ao processo de urbanização.

Sobre esse particular, vale frisar que o Código de Posturas de Blumenau, de 1883, previa a obrigatoriedade da permissão de passagem pelos lotes particulares àqueles que não tivessem outra alternativa:

"Artigo 42 – Os proprietários de terrenos nas margens dos rios, caminhos e estradas públicas, não são obrigados a dar trânsito em suas terras aos moradores centraes, senão àquelles que não tiverem outro caminho, ainda que mais longo para seguirem á estrada, sob pena de 4$000 rs. de multa." [6]

Como conclusão, pode-se salientar que os empreendimentos coloniais iniciaram-se com a implantação de núcleos destinados à recepção dos imigrantes e ao comércio da colônia. A partir deles, irradiaram-se primeiro os lotes, geometricamente marcados a partir de rios e espigões, e logo depois os caminhos, inicialmente simples picadas, que se espalharam por toda a região. A demarcação dos lotes e os caminhos que os interligavam, adaptando o planejamento inicial com os determinantes da natureza, formam a base da atual estrutura urbana e rural de toda a região estudada.



Colônia Dona Francisca, 1856. Note-se o núcleo original, com arruamento mais denso e lotes menores, de onde irradiaram-se as picadas ao longo das quais foram distribuídos os lotes rurais. Vale observar a marcação com o posicionamento das casas junto à testada do lote, próximas à estrada, configurando uma ocupação linear característica de todas as colônias de imigrantes.

FONTE MAPA: Arquivo Nacional

Áreas rurais

Três elementos principais conjugaram-se para definir o modelo de ocupação do território nas áreas rurais, estabelecendo uma constante válida para as diversas etnias, ao longo de todo o processo migratório. Esses elementos foram: a geografia natural, a demarcação dos lotes e os caminhos rurais, que interligavam as propriedades agrícolas e permitiam sua comunicação com o mundo exterior. Dois desses fatores, lotes e caminhos, derivam do terceiro: a natureza. Os lotes foram demarcados quase sempre a partir dos cursos d'água, estendendo-se até as cumeadas; os caminhos seguiam preferencialmente os rios, cortando várzeas e subindo elevações, interligando as bacias



Ilustração de Rodowicz (1852), representando a preparo dos primeiros lotes com a construção de cabanas rústicas - estrutura simples, de madeira, com obertura de palha - na Colônia Dona Francisca.

FONTE: Ficker, 1965. pág. 77

e os vales da região.

Os lotes, projetados sempre geometricamente, preservaram a ortogonalidade original apenas nas laterais, perdendo-a na testada e nos fundos, delimitados respectivamente por rios e cumeadas.

Os caminhos assumiram decisivamente as linhas da geografia, seguindo os cursos d'água nas várzeas e a topografia mais propícia nas encostas.

Estabelecidos os lotes e os caminhos, originalmente simples "picadas" quase intransponíveis, surgiu a arquitetura, símbolo maior da ocupação efetiva da região e do sucesso do homem frente à natureza.

As primeiras construções, segundo todos os depoimentos, foram os ranchos provisórios, construídos toscamente para abrigar a família ou seus membros mais aptos à dura tarefa de desmatar os lotes e providenciar os primeiros cultivos.

Esses abrigos, primeiros elementos construtivos a integrar as paisagens rurais, nem sempre apresentavam implantação relacionada com os caminhos rurais. Observando a iconografia e algumas dessas construções que subsistiram, transformadas em ranchos, percebe-se que a implantação decorria de uma apropriação primária do lote, ainda sem compromissos externos. Tratava-se de abrir as primeiras clareiras e de descobrir as áreas propícias ao cultivo, habitação, pasto etc. Como único referencial, o ponto de chegada no lote – fosse por picadas incipientes ou veios d'água – era determinante na localização dos

primeiros abrigos, assim como as pequenas elevações, que favoreciam a visão ampla do lote e preveniam contra as freqüentes cheias dos rios.

Quando as condições tornaram-se tais que permitiram a construção das primeiras casas, as comunicações dos lotes com os núcleos coloniais já eram significativas, os caminhos haviam ganho importância e subordinaram a implantação das casas.

Pode-se constatar que todos os imigrantes, das diversas etnias, nas várias colônias e nos diversos períodos dos empreendimentos migratórios, construíram suas casas guardando distância da via pública, mas direcionados por ela, quase invariavelmente construindo a fachada principal paralela à estrada rural.

Os ranchos eram destinados aos animais e aos depósitos de produtos e instrumentos agrícolas e muitas vezes já estavam construídos, anexos às casas, desde que os lotes tornaram-se produtivos. Em frente à moradia implantaram-se jardins. Nas áreas planas da várzea, plantaram-se os diversos produtos agrícolas, reservando as pastagens para os fundos da casa e a base das encostas. Nas cumeadas, a mata foi preservada.

Esse modelo padrão foi seguido em milhares de lotes, formando a base da ocupação rural em toda a região de imigrantes no sul do Brasil.

Entre as casas que ocuparam os caminhos rurais, quebrando o isolamento no lote próprio dos primeiros tempos, logo se estabeleceu uma infra-estrutura básica, implantada linearmente e formada pelas igrejas, casas comerciais, escolas, salões e sociedades recreativas.

Esses complementos da vida no lote sempre se destacaram na paisagem. Estabelecidos ao longo dos caminhos rurais, proporcionaram-lhes os principais pontos de apoio e referência.

Em resumo, a ocupação rural caracteriza-se pela distribuição dos lotes coloniais, com suas casas, ranchos e áreas de cultivo demarcados ao longo das estradas que seguem os principais cursos d'água, e pela inserção pontual das torres das igrejas, dos volumes das entidades recreativas e pela constância das casas comerciais, localizadas em pontos estratégicos da rede de assentamentos agrícolas.



A arquitetura das diversas regiões de imigração em Santa Catarina

O estabelecimento das colônias nas diversas regiões do estado, ao longo de mais de um século da história, resultou na produção de arquiteturas locais e peculiares, com características próprias em cada região e em cada um dos empreendimentos coloniais.

A interação das tradições construtivas trazidas na bagagem cultural dos novos povoadores, oriundos das diversas regiões da Europa, com a geografia local, os materiais disponíveis, os grupos eventualmente já fixados nas proximidades de cada empreendimento, aliada à necessidade da fixação nas colônias, originou soluções específicas e únicas em cada região, quase que em cada uma das unidades migratórias.

O conjunto formado por essas unidades é surpreendente. Os volumes, as soluções técnicas, as mais variadas formas e o resultado estético dessas interações são singulares e traduzem a adaptação dos imigrantes estrangeiros à sua nova terra. Formam, por fim, um quadro único no mundo, resultando num patrimônio brasileiro autêntico, que precisa ser urgentemente reconhecido e valorizado.



Materiais

O uso da terra e cal



Taipa-de-mão/ pau-a-pique

O material do tipo taipa-de-mão ou pau-a-pique é dos mais antigos na história da construção. É feito de terra argilosa misturada com palha ou outros tipos de fibras vegetais, para prevenir as retrações e o aparecimento de fissuras durante a secagem. Tradicionalmente, esse barro é aplicado com as mãos em camadas finas, empurrado sobre uma trama/armadura capaz de sustentar essa argamassa. A trama é normalmente feita de estacas verticais, às quais são amarradas as ripas ou varas roliças.

Na região de imigrantes, a taipa-de-mão foi usada em paredes externas e internas. Restam relativamente poucos exemplares da taipa-de-mão aplicada em paredes externas, já que a técnica deve ter predominado nos primeiros períodos, sendo paulatinamente substituída, na maioria das colônias, pela vedação com tijolos. O uso da taipa-de-mão está sempre associado a estruturas portantes de madeira, como o enxaimel na região de imigrantes alemães.

Externamente, a taipa-de-mão parece ter sido utilizada, portanto, nos primórdios das colônias, sendo mais comum nas áreas de ocupação antiga de Blumenau e Indaial, embora existam exemplares registrados em Pomerode e Timbó. Deve-se registrar que, dependendo das áreas de origem dos

Bastante rara atualmente, a taipa de mão é encontrada nas casas mais antigas. Sua utilização foi fundamental nos primeiros tempos da imigração, quando materiais e técnicas ainda eram rudimentares.
Acima, antiga casa de taipa, em Indaial.


1


2


3

imigrantes, a taipa-de-mão pode ter perdurado por mais tempo, impondo-se como técnica consolidada, compatível com a condição de casa permanente. É o caso de algumas das unidades existentes em Blumenau e Indaial, principalmente, onde o uso externo das argamassas de barro convive com fortes estruturas de madeira e esmerados trabalhos de acabamento nas faces internas e externas das paredes de taipa.

Em paredes internas, a taipa-de-mão foi fartamente utilizada em todas as colônias e por todas as etnias de imigrantes.

Na região de imigrantes alemães do Vale do Itajaí, o tipo de armadura mais comum é composto de estais bem próximos e encaixados nas peças dos painéis da estrutura de enxaimel. O barro, previamente misturado com palha, preenche os espaços vazios, nivelado em ambas as faces no mesmo plano da estrutura. Essa técnica de vedação dos tramos da estrutura enxaimel é um processo, segundo Günter Weimer, específico da área de Santa Catarina, denominado de "Ausfachen mit Staken".

No sul do estado registram-se estais horizontais, pregados nos esteios, bem como as modalidades tradicionais de tramos verticais. Diversos são os materiais utilizados na trama, incluindo-se palmitos e bambus.

Na área de imigrantes alemães de Santa Catarina, também são observados outros tipos de armadura e formas de aplicar o barro nos tramos, muitas vezes específicos de áreas determinadas, fato que demonstra o grande potencial de pesquisa ainda por realizar no estudo dessas casas e de seus aspectos construtivos.

Adobe

O adobe é um tijolo cru, feito de terra, ao qual é comum a adição de fibras. Tradicionalmente, o adobe é feito a mão, com uma terra maleável, comprimida ou atirada em um molde de madeira ou metal. O molde é removido e o tijolo deixado para secar no sol. Atualmente a produção de tijolos crus já é mecanizada.

Em algumas casas da região, onde os painéis encontram-se deteriorados, é possível suspeitar do uso do adobe como elemento construtivo, mas como a maioria desses painéis está rebocada, ainda não é possível a distinção segura entre painéis de adobe ou taipa-de mão. Apesar disso, pelas pesquisas já evidenciadas e de acordo com a documentação histórica, pode-se dizer que a taipa-de-mão predomina nos painéis de terra. Em viagem pela Alemanha notamos que também lá existe uma predominância de painéis de taipa-de-mão. O arquiteto alemão Udo Bauman comentou que o uso do adobe nas estruturas de enxaimel na Alemanha é mais tardio e menos freqüente que os de taipa-de-mão.


4


5


6

1- Detalhe do trançado da taipa de mão na empena lateral da Casa Zimlich [IDL224], em Indaial.
2- Detalhe da taipa da casa do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
3- Antigo açougue em Pomerode, demolido.
4- Exemplo de reboco de terra e cal utilizado em uma casa em Pomerode.
5 - Painéis de taipa da casa do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
6 - Detalhe Casa Zimlich [IDL224], Indaial.

Argamassas, Rebocos, Estuques e Tintas

Argamassas de barro foram empregadas nos diversos tipos de edificações antigas da região, para assentamento de tijolos. Conforme observações locais e análises procedidas em laboratório, não apresentam cal na sua constituição, apenas fibras vegetais e animais.

A alvenaria rejuntada com argamassas de barro foi a técnica predominante na esmagadora maioria das casas construídas com tijolos, inclusive nas casas enxaimel e nos edifícios de alvenaria autoportante. Já os rebocos e os rejuntes de acabamento da alvenaria aparente utilizaram cal na argamassa.

Os rebocos são, na sua maioria, constituídos de terra arenosa e cal em baixa proporção, apresentando também evidências de fibras. Os rejuntes de paredes e painéis de tijolos aparentes são executados em argamassas de cal e areia limpa e clara, conferindo cor branca aos rejuntes e ressaltando a alvenaria de tijolos.

Materiais Cerâmicos



Gravura de 1852, mostrando as instalações da primeira olaria de Joinville, pertencente ao Sr. Rolff Lyng.

FONTE: Ficker, 1965. pág. 137

Tijolos

Os tijolos mais antigos tinham uma aparência rústica, maior dimensão, vários tamanhos e cores variadas, incluindo tons de vermelho, creme e camurça. Análises desses tijolos indicam que a argila foi coletada de várias jazidas/ barreiros, que o processo de misturar o material era variado e que as temperaturas de queima não eram uniformes. Evidências colhidas em casas com tijolos de textura manual e análises de moldes de tijolos e telhas mostram que foram utilizados misturadores rudimentares e fornos improvisados no local da construção, consistindo de cavidades escavadas em pequenos barrancos.

A construção de uma pequena olaria era uma das providências quase imediatas a ser tomada para o desenvolvimento dos núcleos coloniais.

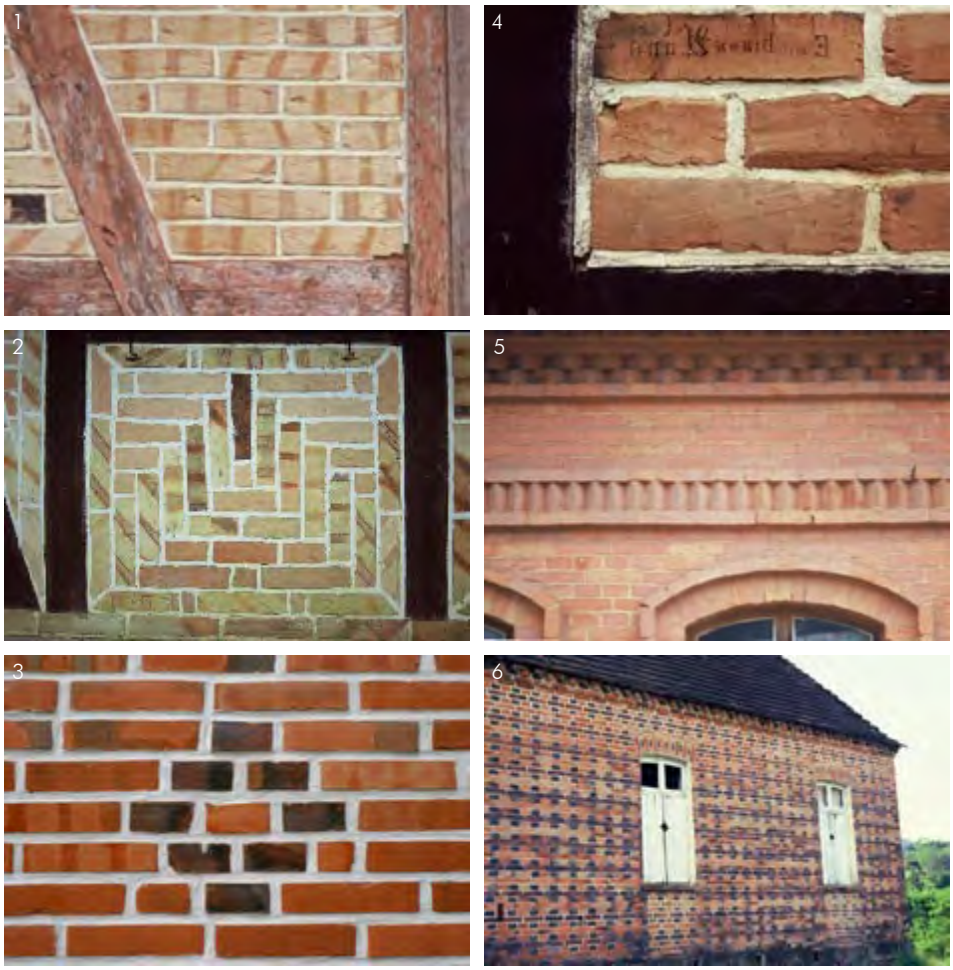
Na Colônia Dona Francisca, já em 1852 (menos de um ano após a implantação da colônia) Peter Lyng, norueguês, instalou a primeira olaria, na esquina da Rua do Príncipe com a São Pedro. O relatório de 1854 acusa a existência de 39 casas habitadas em Joinville e mais 160 na colônia. A Dona Francisca contava com 1.194 habitantes e a indústria era representada por três

padarias, duas fábricas de cigarro, uma de licor, uma cervejaria, duas olarias e uma de telhas e artigos cerâmicos, além de cinco engenhos de açúcar, dois de arroz, duas moendas de milho, dezesseis engenhos de mandioca e duas prensas de óleo de rícino. Em 1864, a população já era de 5.237 pessoas, formando 1.072 famílias. As olarias já eram oito e duas as fábricas de artigos cerâmicos.

Em alguns casos, para a construção de edificações de maior porte, chegava-se a improvisar uma olaria no local da construção, desativada logo após a conclusão da obra. Esse foi o caso do conjunto comercial dos Irmãos Stoltenberg [VDR001], no município de Vidal Ramos, construído nas primeiras décadas do século XX. Os tijolos produzidos manualmente na olaria montada ao lado da obra possuem aparência singular, grandes dimensões e, em algumas paredes, é possível perceber as marcas dos dedos do oleiro nos tijolos aparentes.

Mais tarde apareceram os tijolos extrudados, fabricados em olarias movidas a força animal. Esses tijolos já denotam aparência mais uniforme, apresentam superfícies lisas, possuem tamanhos mais regulares. Sua cor avermelhada com glazuras escuras é resultado do processo e da posição dos tijolos durante a queima. Há evidências, na região, dos antigos misturadores de madeira, ainda rudimentares, e dos antigos fornos de tijolos com fogo por baixo (forno escocês). Mais tarde, ainda na forma tradicional, esses fornos foram transformados e o local do fogo acabou sendo um compartimento separado da área de queima, fazendo com que o calor chegasse por cima da pilha dos tijolos e não por baixo, como ocorria nos processos mais antigos.

Existem numerosos exemplares que demonstram a utilização



Os diferentes modos de produção, os tamanhos e as tonalidades dos tijolos singularizam cada uma das edificações, identificam épocas de construção e, algumas vezes, caracterizam-se por regiões. Em Joinville é possível identificar tipos de tonalidades mais claras e com manchas escuras. (1 e 2). Já no Vale do Itajaí predominam os tons avermelhados (4), sendo freqüentes também composições geométricas desenhadas com o uso de tonalidades diferentes de tijolos (3 e 6).
Em São Bento do Sul são mais comuns os tijolos uniformes, utilizados com maestria na casa Neumann (5).

1- Casa Amadeu Godard [JVE104], Joinville.
2- Casa Schwisky [JVE042], Joinville.
3- Igreja do Ribeirão Liberdade [BND001], Benedito Novo.
4- Casa Hornburg [POD076], Pomerode.
5- Casa Neumann [SBS004], Estrada Dona Francisa, São Bento do Sul.
6- Salã Hammermeister [TIO013], Timbó.























As telhas tipo "rabo de castor" (1) são as mais encontradas nas regiões de imigrantes alemães. Podem ser colocadas de duas formas: sobrepostas (2 e 3) ou em escamas (4). A segunda maneira requer o dobro do ripamento (9) da primeira (8). Um outro tipo - mais raro - de telha encontrado nas regiões de colonização alemã possui encaixe lateral como uma espécie de gancho (5). Hoje restam poucos exemplares desse tipo de telha cerâmica.
Nas regiões de colonização italiana e nas colônias alemãs da grande Florianópolis e do sul do estado - onde o elemento germânico esteve desde cedo em contato intenso com o luso-brasileiro - o tipo de telha mais encontrado é do tipo capa e canal (7).
As "cristas" (6 e 11) são outros elementos cerâmicos utilizados no acabamento da cumeada dos telhados. São raras e observadas com mais intensidade no Vale do Itajaí, na região de Pomerode.
A combinação das telhas, da inclinação dos telhados e o ritmo das coberturas proporcionam características singulares à paisagem das regiões (10).

1- Detalhe do telhado da Casa Miguel Poffo [ASC003], Ascurra.
2- Casa Duwe [IDL001], Araponguinhas, Indaial.
3- Casa Fleith [JVE023], Estrada do Pico, Joinville.
4- Telhado Casa Klug [TIO001], Timbó.
5- Cobertura da Casa Struwe [IDL002], em Indaial, demolida.
6- Crista da Casa Erwin Arndt [POD017], conhecida como a "casa da crista", em Pomerode.
7- Detalhe do telhado da Casa da Família Bocardo [URS091], na localidade de Rio Maior, Urussanga.
8- Ripamento do telhado da casa enxaimel do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
9- Ripamento do telhado de uma casa no município de Luís Alves.
10- Seqüência de telhados do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
11- Crista da Casa Volkman, em Pomerode.

estética das diferentes tonalidades dos tijolos na composição das casas de todas as regiões de imigração, em especial nas varandas, fachadas frontais e, muitas vezes, também nas elevações laterais de construções ligadas aos imigrantes, principalmente alemães e italianos.

Na área de imigração polonesa, onde foram registrados vários exemplares de alvenaria de tijolos aparentes executados com grande esmero construtivo, não se tirou partido das diversas tonalidades de tijolos. A casa Neumann [SBS004], na estrada Dona Francisca em São Bento do Sul, é um exemplo dessa característica.

Telhas

É comum, na área de imigrantes alemães, o uso de telhas cerâmicas planas chamadas de Bieberschwanz-Ziegeln ("telhas rabo de castor"). Encontram-se também na região, mas com menor freqüência e associadas às casas mais antigas, as telhas denominadas de Pfannenziegeln ("telhas panela"), que, conforme o Prof. Günter Weimer, são de origem flamenga (Günter Weimer, 1988). Essas telhas parecem ter sido confeccionadas desde os primeiros anos de implantação das colônias de imigrantes. Em muitas das casas mais antigas, inclusive no "Palácio dos Príncipes" – a casa do representante do príncipe de Joinville na então Colônia Dona Francisca, tombada individualmente pelo IPHAN em 1939 –, encontraram-se telhas rudimentares, onde os sulcos superficiais eram produzidos com a ponta dos dedos dos artífices. Existem casos de verdadeiras "impressões digitais" ainda presentes nesses elementos construtivos, conferindo um valor de identidade e individualidade a cada uma das peças.

Essas telhas, que funcionam principalmente por sobreposição, precisam de bastante inclinação dos telhados para atuar a contento, uma necessidade que corresponde à tradição de ocupação dos espaços entre a estrutura dos telhados, na forma dos sótãos, comuns em toda a região ocupada pelos imigrantes alemães.

As telhas Bieberschwanz, ou rabo de castor, podem ser fixadas nos telhados de duas maneiras diferentes. Chamamos de sobrepostas ao primeiro tipo, e de colocação em escama ao segundo, sendo o primeiro muito mais comum. A colocação das telhas em escamas exige quase o dobro do ripamento necessário para o entelhamento sobreposto.

Nos primórdios das colônias, as telhas cerâmicas eram verdadeiros objetos de luxo, acessíveis apenas a poucos privilegiados. Prevaleciam as coberturas executadas com folhas de palmeiras e ramagens vegetais, apreendidas da tradição rural luso-brasileira da região. Em Brusque, nos primeiros anos depois de fundada a colônia, o relatório destaca as construções cobertas com telhas cerâmicas:

"No ano de 1869, haviam sido medidas 64.113 braças de lotes rústicos e urbanos. Havia ao todo 372 fogos e 435 lotes em franca exploração agrícola. Contava-se um total de 443 casas, sendo 276 de boa construção, entre elas 29 cobertas de telhas, e 167 provisórias."[7]

Existe um terceiro tipo de telhas, muito mais raro, encontrado entre as construções teuto-brasileiras. Semelhante às Bieberschwanz, embora de confecção muito mais complexa, delas difere por apresentar encaixe lateral em forma de gancho. Na Escola no 1 [BLU183], na Itoupava Central, em Blu-

menau, preserva-se esse tipo raro de telha cerâmica, outrora existente também na Casa Struwe [IDL002], lamentavelmente demolida, no centro de Indaial.

Nas áreas onde preponderaram imigrantes poloneses e ucranianos, as telhas usuais são as francesas, introduzidas na região desde o final do século XIX.

Na região dos imigrantes italianos, no sul do estado e na Colônia São Pedro (onde imigrantes alemães interagiram com a tradição luso-brasileira pré-estabelecida), as telhas cerâmicas usuais são as do tipo capa e canal, do mesmo tipo das utilizadas no litoral, embora pouco menores. No Vale do Itajaí, as construções italianas mesclam o uso de telhas planas, do tipo produzido inicialmente pelos alemães, com as capa e canal de sua tradição. O mesmo ocorre no Vale do Itajaí, onde os imigrantes provenientes da Alemanha chegaram muito antes dos provenientes da Itália.

Todas as tradições construtivas dos imigrantes que vieram para Santa Catarina utilizaram telhas capa e canal para a cobertura da cumeeira.

Nas regiões ocupadas por colonos vindos da Alemanha, encontram-se alguns exemplares de telhas cerâmicas de cumeeira dotadas de sulcos, nos quais se encaixam adornos também cerâmicos, formando uma espécie de crista no topo dos telhados.

Em todas as regiões e nas diversas colônias, muitos telhados cerâmicos antigos tiveram suas telhas originais substituídas por telhas francesas, cuja fabricação se tornou rotineira em Santa Catarina ainda na primeira metade do século XX.

Elementos Vazados

Executados em cerâmica de forma hexagonal, foram utilizados em casas tardias, preenchendo peitoris de varandas.

A confecção de parapeitos vazados em tijolos, fixados de modo a alternar espaços cheios e vazios, também foi freqüente em construções mais antigas, deixando espaços entre as peças, como se vê na Casa Reinecke [TIO004], em Timbó.

O uso da madeira

A madeira utilizada nas construções era local e proveniente da floresta Atlântica. Nos primeiros tempos, a madeira muitas vezes era retirada do próprio lote onde se pretendia construir. A floresta original era rica em espécies, apresentando fartas alternativas para uso na construção civil, na confecção de instrumentos de trabalho, na marcenaria e na carpintaria. A madeira mais importante para a construção foi sempre a canela preta (Ocotea catharinense), secundada pela peroba-vermelha (Aspidosperma olivaceum).

No começo, as ferramentas utilizadas eram simples e foram as que os imigrantes trouxeram na sua bagagem, conforme a documentação histórica. Mais tarde, alguns imigrantes prosperaram e os métodos de transportes desenvolveram-se tanto que foi possível importar maquinário. Durante

A madeira é utilizada tanto como material construtivo como em acabamentos, elementos integrados e bens móveis. Está presente desde o forro até o piso, em esquadrias e detalhes de varanda (1). Casas de madeira são mais freqüentes na região norte (2), mas também são encontradas em todas as demais. A madeira é, invariavelmente, o material empregado na construção dos ranchos (3 e 4) em todas as regiões. Móveis (5), detalhes de acabamento, estrutura de telhados (6 e 7), lambrequins, mãos-francesas, esquadrias, (8 e 10), escadas (9)... A madeira está presente em todos os lugares, e todas as épocas, das mais variadas maneiras.

1 - Varanda da Casa Duwe [IDL001].
2 - Casa de maneira [ITP013] no conjunto de Alto Paraguaçú, em Itaiópolis.
3 - Ranchos na localidade de Nereu Ramos, em Jaraguá do Sul.
4 - Propriedade Schwarz [SBS012], na Estrada Dona Francisca, São Bento do Sul.
5 - Interior de casa em Pomerode.
6 - Varanda da Casa Ristow [IDL035].
7 - Detalhe Casa Lorival Hersing [IDL039].
8 - Detalhe lambrequim Casa Polaski [ITP009], Alto Paraguaçú.
9 - Escada Fundação Hering, Blumenau.
10 - Fachada frontal Casa Raduenz [POD014a], Testo Alto, Pomerode.

o primeiro século de Blumenau (1850-1950), o desenvolvimento mecânico das indústrias de madeira superou o da cerâmica. A matéria-prima era farta e variada e o mercado não parava de crescer. A madeira quase não tinha preço na colônia: era necessário desbastar partes consideráveis da mata nativa para ganhar solo agrícola e principalmente para as pastagens. O processo pode ser ilustrado nas seguintes fases:

– Método manual, utilizando serras-fita, enxós, plainas, machadinhas e outras ferramentas manuais;


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10

– Serrarias movidas a força d'água;

– Serrarias movidas a vapor, utilizando-se de grande variedade de máquinas para aplainar pranchas e seções perfis de marcenaria.

O uso da madeira como material construtivo, principalmente na forma de tábuas, não foi usual no início do ciclo migratório. O corte das toras era manual, tornando dispendioso o emprego da madeira na vedação de paredes externas. Foi só mais tarde, quando foram implantadas serrarias em praticamente todas as colônias, e em especial durante o apogeu do ciclo madeireiro no estado, que o uso da madeira alastrou-se por todas as regiões.

Não foram encontradas casas de toras de madeira em Santa Catarina, a exemplo das casas polonesas do Paraná. Entretanto, imagens do início da Colônia Dona Francisca parecem mostrar construções desse tipo, nos primórdios do empreendimento.

A madeira foi o material por excelência utilizado na confecção de estruturas das casas dos imigrantes. O enxaimel foi a técnica construtiva básica dos colonos provenientes da Alemanha, desde os tempos da Colônia São Pedro. Muitas vezes falquejado, representa o início e o desenvolvimento dos empreendimentos migratórios até quase meados do século XX.

Na estrutura dos telhados, a madeira foi absoluta.

Também na cobertura, registram-se exemplos de utilização da madeira. As telhas de tabuinhas, confeccionadas principalmente com pinheiros da espécie Araucária angustifolia, outrora abundantes, foram localizadas ao longo do trabalho de inventário apenas em dois imóveis, ambos em mau estado de conservação, situados no norte do estado.

Em Marcílio Dias, distrito de Canoinhas, quase na divisa com o Paraná, guarda-se importante acervo de construções em madeira, entre elas o único exemplar conhecido em Santa Catarina com paredes inteiramente vedadas com escamas de madeira.

Tábuas de madeira foram dos materiais mais utilizados na confecção de paredes internas nas casas de imigrantes alemães, italianos e poloneses.

Depois da mecanização das serrarias e a conseqüente facilidade para a obtenção do produto a baixo custo, inúmeras construções inteiramente confeccionadas em madeira surgiram nos mais diversos recantos do estado, inclusive no litoral de tradição luso-brasileira.

A madeira foi também o material invariavelmente utilizado para a construção dos ranchos, que compunham os conjuntos das pequenas propriedades rurais. Além disso, foi utilizada desde cedo na confecção de assoalhos, forros e esquadrias. Mais do que o metal e os elementos cerâmicos, a madeira destaca-se na confecção de ornamentos singulares como os lambrequins, mãos-francesas e todo o tipo de elemento vazado e recortado utilizado em varandas, empenas, arremates e molduras de esquadrias.

Em casos especiais, como na Igreja de São Judas Tadeu, em Vargem, troncos de madeira foram usados como sapatas, apoiando a estrutura – também edificada em madeira.

A pedra foi largamente empregada nas fundações de casas e ranchos (2, 4 e 5) em todas as regiões de imigrantes. No sul, onde estabeleceram-se colônias italianas, a pedra foi empregada também como material construtivo de casas, sobrados (1) e igrejas. É comum que peças texturizadas façam parte da composição do acabamento de algumas fachadas na região de Urussanga (3).

1 - Conjunto de pedra da Família Bratti [NW017a], em Nova Veneza.
2- Fundação da Casa Hary Hein [BLU051], na Vila Itoupava, em Blumenau.
3 - Acabamentos de pedra na Casa Cancelier [URS095], em Rio Maior, Urussanga.
4 - Fundação da casa enxaimel do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
5 - Detalhe da fundação da Casa Radoll [TIO005], Timbó.

O uso da pedra

Abundantes em toda a região, as pedras não podiam deixar de fazer parte da arquitetura construída pelos imigrantes. Todas as etnias as utilizaram, em especial nas fundações, sendo que os italianos foram os únicos a edificarem paredes autoportantes de alvenaria de pedras – muitas delas aparentes na sua face externa.

As pedras foram usadas nas fundações das construções estruturadas em madeira, inclusive em enxaiméis e ranchos. Formaram a base também das edificações de alvenaria autoportante, inclusive as aparentes. Neste caso, as fundações foram confeccionadas em alvenaria de pedras, formando alicerces corridos, sobre os quais assentavam-se as paredes da casa. Nas casas de madeira, as pedra foram freqüentemente empregadas como sapatas, por vezes formadas por peças únicas, como na Casa Hary Hein [BLU051], em Blumenau.

Entretanto, foi na região sul, onde preponderaram os imigrantes italianos, que a pedra foi utilizada como principal elemento construtivo e estético da composição arquitetônica. Forma e função conjugam-se em uma tipologia sóbria, mas de extrema expressividade. Um número ainda considerável de exemplares, todos situados em áreas rurais de Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans, demonstram a antiga familiaridade no emprego da pedra. É surpreendente que em outro continente, e em condições tão diferentes, os colonos italianos ainda reproduzam, com uma espécie de classicismo inato que se expressa em proporções, texturas e acabamentos construtivos, a elegância da milenar arquitetura de sua terra de origem. A pedra foi utilizada também na pavimentação de vias e de espaços internos das pequenas propriedades rurais.


1


5


4


2


3

O uso do metal

Originalmente, na arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina, o metal foi utilizado apenas nos pregos que fixavam as ripas dos telhados, os forros e os assoalhos, além das dobradiças de portas e janelas.

Essa tradição manteve-se quase inalterada, com exceção de algumas poucas construções ecléticas, que se valeram, já no final do século XIX, de ornamentos de varandas e beirais executados em metais.

Onde se verifica com ênfase o uso de materiais metálicos construtivos é na cobertura das cúpulas das igrejas polonesas e ucranianas, e no telhado de muitas das construções ligadas aos imigrantes.








As cúpulas são elementos relevantes, de muita expressividade, relacionando diretamente arquitetura e paisagens rurais com as terras de origem dos imigrantes eslavos radicados no Brasil.

Os telhados metálicos são encontrados em praticamente todas as colônias, em edifícios construídos a partir do final do século XIX, em especial quando relacionados aos usos comerciais, ferroviários e inclusive religiosos, como nas igrejas de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Rio Maior, município de Urussanga, e na de Santo Estanislau [ITP010], em Alto Paraguaçu, Itaiópolis.

São muitos os exemplos de maçanetas, fechaduras, dobradiças e outros elementos que acompanham as esquadrias. O metal é sempre empregado, desde os ranchos mais simples às mais sofisticadas casas urbanas. Seu uso vai das já mencionadas fechaduras e maçanetas (acima), às cúpulas metálicas (1 e 4), portões (3), cruzes (2) e tantos outros elementos presentes na arquitetura de todas as regiões.

1 - Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], em Moema, Itaiópolis.
2 - Cruz metálica em cemitério de Luís Alves.
3 - Portão de acesso a um a das grandes casas urbanas de Blumenau.
4 - Cúpula metálica da casa Amaral, no centro de Blumenau.

Sistemas e técnicas construtivas

Os sistemas construtivos utilizados nas colônias catarinenses se desenvolveram a partir da inter-relação entre os materiais e elementos disponíveis para a confecção e composição das edificações, juntamente com a tradição construtiva oriunda dos países de origem do imigrante e sua adaptação









às condições locais.

Em Santa Catarina, verifica-se a adaptação de três tipos básicos de sistemas construtivos:

1) estruturas enxaimel, largamente empregadas nas regiões de imigrantes de origem alemã;

2) estruturas autoportantes, que podem ser de tijolos (em quase todas as regiões e, em especial, nos núcleos poloneses e alemães) ou de pedra (exclusivamente utilizadas nas colônias italianas do sul);

3) estruturas de madeira (encontradas, especialmente, nas regiões de colonização polonesa e também nas colônias italianas do sul).

Sintetizando, podemos verificar que os sistemas construtivos apresentam uma grande variedade de combinações, baseadas nos seguintes materiais:

Madeira: telhas (no passado), estruturas de paredes e coberturas, tabiques, portas e janelas, assoalhos, forros, treliças, escadas internas, lambrequins, parapeitos, pingadeiras e outros detalhes.

Cerâmica: telhas, tijolos, elementos vazados (combongós) e tijoleiras de piso. Existem tijolos circulares, próprios para a execução de pilares, bem como os ornamentos de cumeeira em cerâmica, conforme registrado na Casa da Crista, em Pomerode.

Terra: painéis de pau-a-pique, adobes, argamassas.

Pedra: pilares construídos para apoio dos baldrames de madeira, que suportam a alvenaria. Foram usadas, também, na pavimentação de pátios e, mais raramente, na construção de escadas externas. Em Joinville e no sul do estado, na região de imigrantes poloneses, foram usadas para a construção de muros.

Cal: argamassas, rebocos, estuques decorativos de alvenaria e forro, pintura de alvenaria e estruturas de madeira e forros.

Gesso: estuques de forro em casas maiores e quase sempre mais recentes.

Vidro: vidraças das janelas.

Metais: ferragens de portas e janelas, coberturas de zinco, pregos (cravos) no rejunte de piso e forro e na fixação das ripas aos caibros. Os pregos, que não são utilizados na estrutura, podem também estar presentes quando as empenas são vedadas com tábuas, nas pingadeiras fixadas nas laterais das empenas e nos ripados das varandas.

Estruturas em enxaimel

A estrutura de enxaimel é um sistema de madeira autônomo, de origem muito antiga, que se desenvolveu na Idade Média. A madeira bruta é serrada em peças estruturais providas de encaixes. A montagem das peças forma um sistema estrutural autônomo, que é preenchido com materiais de

vedação como o adobe, taipa-de-mão e tijolos, formando painéis. No Rio Grande do Sul, existem tramos preenchidos com alvenaria de pedras. Esse método é baseado principalmente na tradição e habilidade manual dos carpinteiros com a madeira. Os carpinteiros da época seguiam determinados procedimentos para armar a estrutura, como marcar as peças com algarismos romanos para auxiliar na seqüência da montagem da estrutura.

O processo começava com a escolha da madeira para ser cortada e convertida em peças estruturais. No início, a madeira bruta era convertida em peças estruturais com serras manuais e ferramentas como o machado e o enxó. Mais tarde, a conversão das madeiras foi feita também de forma mecanizada, em serrarias movidas a força d'água.

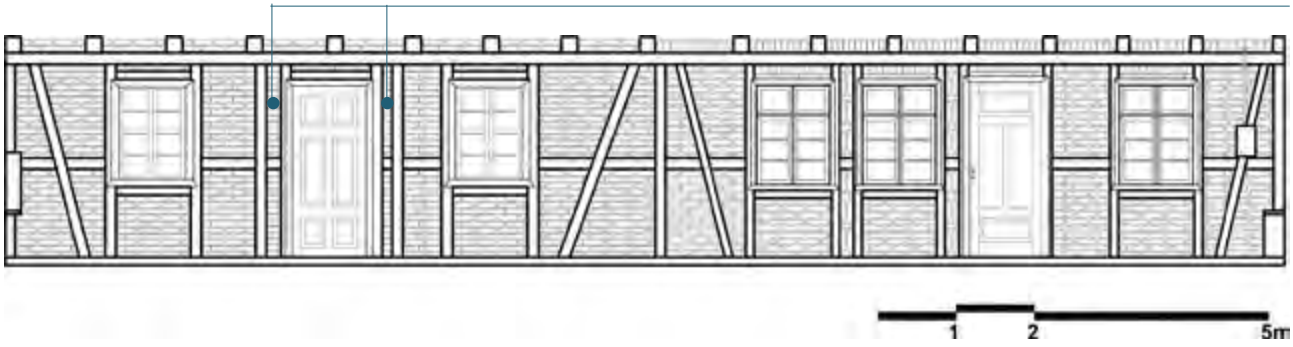
O quadro de vedação típico resultante do uso desse sistema na região é muito simples, medindo a altura do pé-direito da casa, quase sempre repartido por uma única peça horizontal. Quadros de vedação de forma retangular são os mais comuns na região. As peças diagonais são utilizadas nos quadros de vedação das extremidades das construções e, menos freqüentemente, nos quadros do meio das fachadas. Estas peças normalmente mantêm posição simétrica nos enquadramentos da casa.

O uso de colunas gêmeas, dois esteios praticamente justapostos, foi comum na região. Seu uso tem o caráter meramente decorativo do enquadramento principal, emoldurando principalmente a porta principal. Udo Bauman (1983, p. 11) refere-se às colunas gêmeas como herança do período Barroco.

Em Pomerode, existem vários casos de estruturas de enxaimel caracterizadas por tramos duplos, formando quadros de vedação de forma quadrada. Günter Weimer (1983, p. 249) menciona a simplicidade dos painéis quadrados adotados em Pomerode como de herança Pomerana.

Na região, a madeira da estrutura é normalmente deixada exposta e não rebocada, para contrastar com a vedação dos tramos. Nas estruturas mais antigas, a madeira era deixada na sua cor natural, acinzentada após a ação do tempo. Mais tarde, algumas estruturas foram pintadas de preto com betume (tar) ou de vermelho óxido. Internamente, o contraste dos tramos com a vedação não era usualmente enfatizado. Os tramos da estrutura eram caiados ou então rebocados juntamente com os painéis de vedação. Paul Helmut Keller descrevia assim, em 1971, a construção enxaimel: "A parte essencial desse tipo de construção é sem dúvida a parede estrutural, formada de madeiras serradas, geralmente de canela preta, cortada na lua certa, conforme os preconceitos da época. Esta estrutura compõe-se de um jogo de vigas longarinas inferiores e superiores, colunas, travessas e escoras, assumindo toda a função estrutural de contraventamento e distribuição de cargas sobre os poucos pilares do fundamento. Característica é

Colunas gêmeas na fachada frontal da Casa Thurow [TIO002], em Timbó. Não possuem função estrutural, apenas estética.



a posição das escoras nos lados extremos, na parte superior, inclinadas para fora, certa para a função de contraventamento".

A estrutura de enxaimel em Santa Catarina apresenta as seguintes características:

· Estrutura elevada do chão apoiada em pilaretes de pedra ou tijolos – 0,90 – 1,20 m em média, quando de tijolos, e variável, quando de pedras;

· Baldrames contínuos, também em madeira, onde se encaixam os esteios;

· Um ou dois tramos horizontais encaixados nos esteios;

· Vãos inseridos entre os esteios;

· Tramos diagonais, localizados normalmente nas extremidades da estrutura de enxaimel, sendo que, especificamente na região de Blumenau, são comuns as peças transversais inclinadas para dentro da fachada, e não no sentido de apoiar os cunhais, como ocorre em todas as demais regiões;

· Pode-se estabelecer uma evolução cronológica das casas enxaimel no sentido em que as peças da estrutura se tornam mais delgadas e são menos numerosas. Em Joinville, existem casas enxaimel construídas ainda em meados do século XX. Apresentam planta mais elaborada e telhados em quatro águas. Nas áreas onde alemães e italianos se mesclam, como em Ascurra e Guabiruba, são comuns os enxaiméis delgados, com poucas unidades estruturais e sem os tramos horizontais. Em Guabiruba há uma série de casas em que o contraventamento é proporcionado por simples mãos francesas;

· Na área da antiga Colônia São Pedro, onde os imigrantes conviveram com populações luso-brasileiras já estabelecidas, a estrutura é cravada no chão (à maneira dos nabos utilizados no pau-a-pique tradicionalmente confeccionado em todo o Brasil) e não existem os tramos transversais.









O travejamento horizontal duplo é mais comumente encontrado em Pomerode, no Vale do Itajaí.

1 e 2 - Casa Ella Voigt [POD018], em Testo Alto, Pomerode.
3 - Casa Wunderwald [POD024], também em Pomerode.
4 - Escola Número 1 [BLU183], em Blumenau.

Casas de Estrutura Enxaimel e Vedações de Terra

Essas casas, relativamente raras, apresentam o volume principal construído em estrutura de enxaimel e os tramos são vedados com materiais de terra, freqüentemente uma espécie de pau-a-pique e argamassa de barro e fibras. Também é encontrado, ainda que muito raramente, o adobe. Varanda, puxados e, ocasionalmente, divisões internas são construídos com tabiques.

A sobrevivência de casas com esse método de construção restringe-se a poucas unidades localizadas em diferentes áreas da região. É possível que, com o aprofundamento da pesquisa, sejam localizados novos exemplares. Muitas das casas que apresentam vedações em terra estão atualmente abandonadas ou são utilizadas como ranchos e depósitos. Esse tipo de construção pode refletir uma construção mais modesta, mas também pode estar relacionado a formas mais antigas de construir, em tempos em que a oferta de tijolos ainda era limitada; pode ainda estar ligado a tradições relacionadas com as regiões de origem dos imigrantes – onde o uso da taipa persistiu por maior espaço de tempo.




1


2


3


4


5

Poucos exemplares enxaimel com vedação em taipa resistiram à ação do tempo e à destruição. A foto acima é da década de 80, em Indaial. Este exemplar já não existe mais.

1 - Antiga Casa Tribess, em Pomerode.
2 e 3 - Painéis de taipa da Casa Zimlich [IDL224], em Indaial.
4 - Casa Vasselai [BLU139], Blumenau.
5 - Casa de taipa do Sítio Tribess [POD065], em Blumenau.

As casas enxaimel vedadas com taipa de mão são mais raramente decoradas, mas é possível encontrar detalhes como perfis trabalhados nas esquadrias, estêncil ou coluna gêmea. O interior é dividido basicamente em dois compartimentos, sendo usualmente utilizados os mesmos métodos de construção e materiais empregados nas paredes externas. Os tramos internos da estrutura enxaimel são mantidos mais freqüentemente sem reboco e quase sempre caiados, juntamente com a taipa de vedação.

O problema comum de deterioração dessas estruturas está muito associado à falta de manutenção dos panos de vedação, que deveriam ser procedidos na maneira tradicional – com cal. Como esta técnica deixou de ser utilizada, os reparos, quando executados, são procedidos com argamassas com alta dosagem de cimento. As casas enxaimel com vedação em terra apresentam, quase sempre, os panos de vedação expostos à ação do tempo e a degradação da argamassa de barro se estende, alcançando também a estrutura de enxaimel.

Torna-se urgente uma ação ampla de proteção específica direcionada a esses últimos exemplares.

Casas de Estrutura Enxaimel e Vedações de Tijolo

Essas casas apresentam o volume principal confeccionado com estrutura enxaimel e os vãos entre as peças da estrutura vedados com tijolos. Varanda, puxados e anexos são freqüentemente construídos em alvenaria autoportante de tijolos, embora sejam comuns também os confeccionados em enxaimel. Há uma grande variedade de tipologias de planta e composição dos volumes construídos com essa técnica, conforme detalhamento apresentado mais adiante.

As casas enxaimel apresentam, na maioria das vezes, similaridade de volume, estrutura de cobertura e divisão em planta com as casas de alvenaria autoportante e mesmo com algumas unidades, com estrutura simplificada ou não, vedadas integralmente com tábuas de madeira.

Mais de mil casas, estabelecimentos comerciais, igrejas, comércio e arquitetura com variadas funções, como fábricas e hospitais, subsistem



A Casa Duwe [IDL001] é um exemplar único na região. Sua volumetria aliada ao esmero da colocação dos painéis de tijolos forma uma composição singular com a paisagem rural.

espalhadas por toda a região de imigrantes alemães, construídas com este tipo de estrutura. O enxaimel com vedação em tijolos pode ser considerado o método típico de construir na região. Inclui uma grande variedade de formas, refletindo modelos antigos e tardios, ou soluções adequadas a cada período da vida dos colonos e de suas colônias. O enxaimel perdurou, nas áreas ocupadas


1


2


3


4


5


6


7


8


9

por colonos alemães em Santa Catarina, até o momento em que a arquitetura, já em meados do século XX, com o modernismo e as implicações do pós-guerra, deixou de referir-se às tradições de seus construtores, apegando-se a refletir apenas os anseios de sua época.

Nas construções enxaimel com vedação em tijolos, a decoração externa é caracterizada pela relação da estrutura com os panos de vedação de tijolos, apresentando variadas formas de emprego dos mesmos, formando desenhos geométricos ou tirando partido da policromia resultante da colocação de tijolos claro e escuro. Os painéis decorados mostram desenhos em espinha de peixe, zigue-zagues, losangos, cruzes e muitos outros. Os desenhos, cores e texturas dos tijolos são sempre ressaltados por um fino rejunte de argamassa de areia e cal, de coloração quase branca, valorizando as diversas tonalidades terra dos tijolos da região. Outras características que dinamizam e alegram a composição são proporcionadas pelos ornamentos e pelas cores das esquadrias. As pinturas das portas principais constituem um caso à parte, com numerosas ocorrências de verdadeiras obras de arte popular, onde variadas cores são aplicadas aos diversos planos, entalhes e sobrevergas da porta. São comuns, também, pequenas bandeiras envidraçadas, que arrematam a composição proporcionada ao acesso principal da casa. Os detalhes nas varandas, como peitoris de madeira trabalhada, elementos vazados de cerâmica, ripados e treliças que fazem as vezes de lambrequins, mãos francesas com curvas reversas, plantas e flores, também contribuem para a beleza e singularidade da composição das casas enxaimel de Santa Catarina.

A estrutura enxaimel com vedação em tijolos aparentes é a mais encontrada nas regiões de colonização alemã. Predomina na arquitetura residencial (1, 2 e 5) do Vale do Itajaí e em Joinville, onde é freqüente também encontrarmos casas com os painéis enxaimel rebocados (3). Comércios (4), escolas (7), igrejas (8), depósitos (9) e salões de baile (10), construções que fazem parte da vida social das regiões de imigrantes são igualmente construídos na mesma técnica e compõem um conjunto singular de edificações de grande valor cultural.

1 - A Casa Herbert Hardt [JVE021] é um exemplar das casas rurais de Joinville. A cor do tijolo, mais esmaecido, diferente do avermelhado predominante no Vale do Itajaí, é uma das características que singularizam o enxaimel de Joinville. Anexo lateral, varanda incorporada e guarda-corpo com ripas de madeira são outros elementos que podem ser encontrados com mais freqüência na Colônia Dona Francisca de Joinville.
2 - Enxaiméis rebocados [JVE100] também estão presentes com mais freqüência em Joinville do que nas outras regiões.
3 - Casa comercial Zummach [POD009] , em Pomerode.
4 - Empena lateral da Casa Ristow [IDL035] , em Indaial.
5 - Detalhe do painel enxaimel da Casa Duwe [IDL001].
6 - Escola número 1 [BLU183] , em Blumenau.
7 - Igreja Luterana do Ribeirão Liberdade [BND001] , em Benedito Novo, um dos últimos exemplares de arquitetura religiosa enxaimel do Estado.
8 - Depósito Breithaupt [JGS147] , no centro de Jaraguá do Sul. Grande estrutura enxaimel.
9 - Salão Primavera [BLU012] , na Vila Itoupava, em Blumenau.

Patologias

As peças de madeira situadas nas partes inferiores das estruturas são as primeiras a deteriorar. Elas recebem a maior quantidade das águas das chuvas que escorrem sobre as paredes e retêm por muito mais tempo a umidade residual dos tijolos e da argamassa. O lado sul da estrutura é sempre a face em que primeiro ocorre a deterioração, pois é a mais afetada pela chuva, pelo vento e pela permanência da umidade – devida à falta de sol. Também a falta de manutenção das fugas permite que a água penetre na estrutura, encharcando os tijolos e atingindo o madeiramento estrutural. O baldrame é normalmente a peça mais atingida da estrutura, sendo comum a sua retirada e



O estado precário da conservação de muitas edificações é um problema que se agrava a cada dia. Em muitos casos, a trepidação provocada pelo trânsito intenso de veículos causa a movimentação e a desagregação dos painéis de alvenaria, como no caso do Depósito Breithaupt [JGS147], em Jaraguá do Sul (2). Internamente, muitas casas apresentam desprendimento do reboco interno (1), comprometendo, muitas vezes, as pinturas paretais existentes em muitas residências (3 e 4).

substituição por tijolos, que passam a absorver os esforços das peças verticais da estrutura. Essa substituição, muito comum, indica que a água das chuvas – que desce pela parede – causa mais danos que a umidade ascendente, já que originalmente essas estruturas estão suspensas do chão e, assim, protegidas contra a umidade ascendente.

Outro problema das estruturas enxaimel é a deterioração freqüente dos revestimentos internos que cobrem os painéis e as estruturas. O problema ocorre devido à instabilidade das estruturas, que aumentam e contraem em volume quando úmidas ou secas, causando estresse nas junções de painéis e estrutura, ocasionando o desprendimento dos rebocos e fugas.

Falta de manutenção ou técnicas e materiais indevidos utilizados em consertos e reparos, em especial as argamassas de cimento e as tintas plásticas, tendem a agravar os problemas de deterioração. A maior parte das dificuldades de conservação desse tipo de construção está associada à umidade retida nos painéis de tijolos e transmitida para a estrutura de madeira.

Estruturas autoportantes

Alvenaria de tijolos

Estruturas de alvenaria autoportante de tijolos estão entre as mais antigas da região de imigrantes de Santa Catarina e demonstraram, ao longo dos tempos, sua adaptabilidade e durabilidade. São tolerantes às deformações e apresentam boa resistência a cargas e estresse. Como foi dito quando da caracterização da casa enxaimel, as construções de alvenaria apresentam com elas similaridades de volume, estrutura de telhado e soluções de planta. Não são, entretanto, técnicas que se sucederam ao longo do desenvolvimento das colônias. É fácil comprovar que se trata de duas técnicas construtivas utilizadas simultaneamente, quase com certeza em função das tradições ligadas às regiões de origem dos construtores e dos proprietários dos edifícios. Contata-se, ainda, que o desenvolvimento da arquitetura da região de imigrantes apontou para o progressivo predomínio da técnica de tijolos autoportantes, que pouco a pouco foi substituindo as construções enxaimel, até se tornar absoluta nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, a roda da história não parou de girar, fazendo com que, por sua vez, essas construções fossem também substituídas, já na segunda metade do século XX, agora pelas estruturas de concreto armado, que em pouco tempo tornaram completamente esquecidas tradições construtivas de tanta significância quanto as trazidas pelos imigrantes alemães, italianos e poloneses para o interior de Santa Catarina.

As construções de alvenaria de tijolos autoportantes podem ser organizadas de acordo com várias características, tais como espessura das paredes (simples ou duplas), tipos de tijolos, presença ou não de pilares também de alvenaria, existência ou não de rebocos. Normalmente, em função da expressividade plástica, opta-se pela análise centrada no acabamento das construções, em especial no fato de seus tijolos serem aparentes, formarem ou não desenhos específicos, ou das paredes serem rebocadas.

























1 - Casa Buzzi [ASC001], Ascurra.
2 - Casa Schiocket [JGS036], Jaraguá do Sul.
3 - Casa Gotardi [ROD002], Rodeio.
4 - Casa Bel Trento [ROD007], Rodeio.
5 - Casa Lenzi [RCD004], Rio dos Cedros.
6 - Casa Neumann [SBS004], Estrada Dona Francisca, em São Bento do Sul.
7 - Casa Zimath [TIO007], Estrada Pomeranos, Timbó.
8 - Casa Ewald [TIO048], Via Haas, Timbó.
9 - Salão Hammermeister [TIO013], Tiroleses, Timbó.
10 - Detalhe do trabalho com tijolos na empena do Salão Hammermeister. [TIO013].
11 - Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], Indaial.
12 - Interior da capela [IDL113].

Alvenaria de Tijolos Aparentes

Nesse tipo de construção, o volume principal tem as paredes externas feitas de tijolos maciços aparentes. Da mesma forma os anexos, puxados e ampliações usualmente são edificados com o mesmo tipo de estruturação. Variações desse partido são encontradas, apresentando estruturas menores de enxaimel, que se ligam à casa principal. Essa estrutura menor é quase sempre mais antiga, tendo sido reaproveitada quando da ampliação da moradia.

Os tijolos desse tipo de construção são quase sempre feitos manualmente, em fôrmas de madeira, no próprio local ou em olarias tradicionais.

Essa técnica construtiva não foi tão disseminada quanto a enxaimel, mas um número considerável de exemplares é encontrado em toda a área de imigrantes, entre casas, comércios, capelas e, inclusive, pequenas indústrias. As edificações de alvenaria de tijolos autoportantes aparentes refletem a maestria dos imigrantes alemães, poloneses e italianos em construir com tijolos.

Externamente os detalhes da amarração dos tijolos, alternando fiadas deitadas, em pé ou na diagonal, e da policromia dos tijolos claros e escuros, formando losangos e cruzes, conferem efeitos visuais decorativos às estruturas. A decoração pode também ser fornecida por detalhes de acabamento em estuque, guarnecendo aberturas, peitoris, cimalhas e pilastras.

O interior das casas construídas nessa técnica é normalmente de alvenaria rebocada e dividido em, no mínimo, três compartimentos. A existência de pintura decorativa nos quartos, salas e até mesmo nas varandas e cozinhas é comum.

As construções em alvenaria de tijolos autoportantes aparentes foram encontradas em todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina, e muitos de seus exemplares estão entre os edifícios mais preciosos a serem preservados. Na área italiana, devem ser anotadas as casas Buzzi [ASC001], em Ascurra, intercalando paredes de tijolos à vista com cunhais, cimalhas, beirais e requadros argamassados, demonstrativas de antigas e esmeradas lições da arte de construir. A Casa Schiockett [JGS036], em Jaraguá do Sul, é um caso à parte de nobreza de proporções e refinamento dos acabamentos. Em Rodeio, a Casa Bel Trento [ROD007], a Fronza [ROD001] e a situada em terreno da Companhia Hering [ROD004a] demonstram os padrões usuais dessa tipologia construtiva. Na Casa Lenzi [RCD004], em Rio dos Cedros, estão evidenciados dois momentos da técnica de construção em alvenaria autoportante com tijolos aparentes. Na região onde predominam os imigrantes poloneses, o destaque é a casa Neumann [SBS004], em São Bento do Sul. As casas Zimath [TIO007] e Ewald [TIO048], em Timbó, o Salão Hammermeister [TIO013], na mesma cidade, e a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial, são alguns dos exemplos eloqüentes.

Alvenaria de Tijolos Rebocadas

Essas casas apresentam o volume principal feito inteiramente de alvenaria rebocada. Mantêm-se, nessas construções, a similaridade de estruturas de telhado, volumetria e soluções de plantas, em relação tanto às casas enxaimel quanto às suas congêneres de alvenaria aparente. É comum que os


1


2


3


4


5


6

A alvenaria rebocada está presente em todas as regiões e traduz um momento avançado da arquitetura do imigrante, buscando referências na arquitetura européia da época, quase sempre adornada por elementos ecléticos. Está presente nos núcleos rurais, nas edificações comerciais (1 e 6), em residências (3, 4, 5, 7 e 8) e também em igrejas e escolas. É no ambiente urbano, no entanto, que a alvenaria rebocada e o ecletismo encontram seu espaço preferencial, como podemos perceber na Joinville da década de 1980 (9).


7


8


9

1 - Comércio Zimmdars [BLU081], Itoupava Rega, em Blumenau.
2 - Detalhe da aplicação em argamassa do Comércio Zimmdars [BLU081].
3 - Casa Piske [CPA018] em Campo Alegre.
4 - Casa em Corupá, a caminho de São Bento do Sul.
5 - Residência em Antônio Carlos. São inúmeros os exemplares de alvenaria rebocada com aplicações em argamassa na região de imigrantes.
7 - Casa João Gomes de Oliveira [JVE086], na Estrada Dona Francisca de Joinvile.
8 - Casa Krüeger [JVE001], também na Dona Francisca, em Joinville.
9 - Vista da Rua XV, em Joinville, na década de 1980.

edifícios sejam adornados com estuques nos detalhes de requadros, cunhais e platibandas, sacadas e outros elementos. Puxados, varandas e ampliações são usualmente construídos com o mesmo método. Internamente, as paredes são de tijolos sempre rebocados, tabiques de madeira, pau-a-pique e, em exemplares mais antigos, em enxaimel. É comum que essas técnicas convivam em casas construídas em enxaimel e alvenaria autoportante. Nas casas dos imigrantes poloneses, as divisões internas em madeira foram muito empregadas.

É comum, em todas as áreas de imigrantes italianos e alemães, a interpretação de que muitas construções em enxaimel ou alvenaria autoportante foram rebocadas como maneira de comprovar a "brasilidade" de seus proprietários, durante os anos da Segunda Grande Guerra Mundial.

As casas de alvenaria autoportante, como foi dito, conquistaram terreno frente às enxaimel, e quando a arquitetura buscou padrões urbanizados, importados de modelos do ecletismo europeu, esses exemplares foram invariavelmente construídos em alvenaria de tijolos rebocados. Esta fase pode ser representada por dois tipos especiais de construção.

No mais comum deles, espalhado por todas as regiões, os edifícios de alvenaria rebocada substituíram praticamente todos os outros e impuseram sua presença na paisagem urbana e rural onde se estabeleceram os imigrantes. Essas construções guardaram o volume geral dos edifícios anteriores, embora sejam comuns as mansardas e águas-furtadas e a composição dos volumes antigos em blocos justapostos, criando novas possibilidades de composição e volumetria. A casa comercial Zimdars [BLU081], na Itoupava Rega, em Blumenau, é exemplo dessas transformações.

O segundo modelo é mais raro e relaciona-se com imóveis mais pretensiosos, representativos do sucesso de muitos dos imigrantes. Embora preciosos, poucos exemplos dessas casas ainda existem na região. Refletem as condições dos imigrantes mais abastados e a transferência de uma arquitetura mais sofisticada, da sede da colônia e dos países de origem dos imigrantes, para o centro das localidades rurais. São edificações que não foram erguidas como resultado do esforço coletivo entre proprietários e vizinhos, como as construídas anteriormente. Expressam um período em que a especialização e a divisão de trabalhos já estavam bastante delineadas, e os edifícios eram construídos contando com especialistas contratados especialmente para as diversas tarefas de construir. Os exemplos mais antigos dessas casas são poucos, quase todos situados em áreas urbanas ou isolados em algumas localidades rurais. Externamente, a decoração é fornecida principalmente por estuques, que adornam vãos, balcões, arcos e varandas ou simulam paredes de pedra. O interior é dividido em muitos compartimentos, indicando um maior número de funções do que as outras tipologias. Porões, sótãos e até dois pavimentos são típicos. A pintura decorativa tipo estêncil é usual em forros de massa feitos de cal ou gesso, e adornando paredes de salas e quartos. Escadas elaboradas de madeira também são encontradas. As casas Malburg, Konder e Assemburg, em Itajaí, a casa Galotti, em Tijucas, e vários exemplares urbanos de Blumenau exemplificam a tipologia.

Depois de 1930, as casas rebocadas tornaram-se ainda mais comuns em todas as áreas de imigrantes, especialmente nos modelos urbanos. Com o advento do art déco tornaram-se absolutas, até o surgimento do concreto armado e de novas soluções plásticas e estruturais.

Fissuras localizadas onde o esforço estrutural é maior, como nos arcos de descarga (1) e desprendimento do reboco externo e interno devido à trepidação ocasionada pelo trânsito de veículos pesados ou por ação do tempo (2, 3 e 4) são os problemas mais comuns encontrados nas construções de alvenaria autoportante.

1 - Casa em Luiz Alves.
2 - Casa Monsen, no centro de Blumenau.
3 - Casa Severino Mengarda [RCD002], em Rio dos Cedros.
4 - Casa Cancelier [ORL001], Orleans.


1


2


3


4

Patologias

As condições de conservação das edificações construídas em alvenaria autoportante são melhores do que as de enxaimel, já que não contam com a deterioração da madeira. Os tijolos, sempre que bem confeccionados, apresentam maior resistência e, quase sempre, maior durabilidade. Entretanto, é comum encontrar problemas causados pela umidade ascendente, que no caso da alvenaria aparente agrava-se devido à contaminação de tijolos por sais. Os danos mais comuns, entretanto, surgem na estrutura das paredes, suscetíveis aos pequenos recalques, de que resultam fissuras, em especial junto das vergas de portas e janelas. É importante notar que, nas alvenarias aparentes, as argamassas de rejunte podem estar deterioradas com mais freqüência, oferecendo maior facilidade para a infiltração da umidade. A conservação das argamassas de rejunte e acabamento são, portanto, condições de subsistência desses imóveis, bem como as condições de solo, que devem estar isentas de recalques e de excessos de umidade.

Alvenaria de pedra

Na região de imigrantes de Santa Catarina, a alvenaria de pedras está sempre associada com os imigrantes italianos e com estruturas autoportantes. São encontradas apenas no sul do estado, em especial nos atuais municípios de Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans.


5


6


7


8


9

A alvenaria de pedra é encontrada em abundância na região de colonização italiana do sul do estado. São exemplares especiais as casas de pedra da Família Bratti, em Nova Veneza (5 e 6) [NVV017], a Igreja de São Gervásio e São Protásio (7) [URS093] e a Casa Ivanir Cancelier (8) [URS095], na localidade de Rio Maior, em Urussanga e, já em Orleans, o Sobrado da Família Barzin (9) [ORL002], único exemplar em granito.

Podem se apresentar totalmente rebocadas, com as pedras à vista ou em soluções mistas – mesclando-se com alvenaria rebocada ou tijolos à vista.

A Casa Ivanir Cancelier [URS095], em Rio Maior, no município de Urussanga, tem a fachada construída em alvenaria mista, de pedras aparentes e rebocadas; é um expressivo exemplo de requinte construtivo e apuro de proporções, próprios da arquitetura de imigrantes italianos.

A Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS0930], também em Rio Maior, e a Casa Barzan [ORL002], em Orleans, sintetizam a tipologia construtiva em alvenaria de pedras autoportantes aparentes. A igreja é construída em arenito, como a grande maioria das construções de alvenaria aparente. A textura do corte da pedra é preservada e valoriza o conjunto da composição. Apresenta arcos de descarga sobre as vergas das portas e janelas.

A Casa Barzan [ORL002] é o único exemplar conhecido edificado em granito. Apresenta vergas em arco pleno e abatido, amplo porão que configura o pavimento térreo, pavimento superior e sótão. As pedras são assentadas em argamassa de barro e rebocadas internamente. O rejunte externo sobressai do plano das paredes, possivelmente derivado de reforma posterior à construção original.

Construções em madeira



Casa na Rua Itajaí, em Blumenau.

As construções em madeira normalmente não são as mais antigas das regiões em que se apresentam. Na origem das colônias, a obtenção de tábuas regulares representava tarefa árdua, quase sempre reservada apenas para forros e assoalhos, conquanto os ranchos tenham sido desde logo construídos em madeira, pois prescindiam de vedação entre o tabuado das paredes. Nas construções das casas, as tábuas foram utilizadas apenas na eventual vedação de empenas (casas Wunderwald [POD024], Radoll [TIO005], Edeltraud Eichendorf [SBS002]). O uso da madeira nas empenas denota, segundo alguns autores, uma segura influência pomerana.

No transcorrer dos anos, com a evolução das serrarias, a facilidade de obtenção, a trabalhabilidade e o baixo custo da madeira, seu uso como material construtivo tornou-se freqüente, estendendo-se das primeiras décadas do século XX até meados deste mesmo século.

Nesse período, a madeira foi usada nas aplicações habituais (estrutura dos telhados, forros, assoalhos, paredes internas e esquadrias) e como material de vedação das paredes, empregando-se tabuado pregado sobre a estrutura – também confeccionada em madeira. Nessas condições, a arquitetura em madeira chegou a ser industrializada, construindo-se casas em série, além de edifícios diferenciados, onde o tabuado era encaixado e fixado entre montantes de madeira. Foi comum a adoção de paredes duplas de madeira, ampliando o conforto térmico e acústico dos edifícios.

As casas de madeira obedecem a padrões distintos nas várias regiões de imigrantes de Santa Catarina.

No sul, apresentam um caráter mais rústico, com volumes relacionados com as casas de alvenaria dos imigrantes italianos. Raramente são pintadas, resultando em construções enegrecidas, quase sempre formadas por dois volumes: o da casa propriamente dita e o da cozinha. Esquadrias e coberturas de telhados seguem os padrões gerais da arquitetura do imigrante italiano.

No Vale do Itajaí e na Colônia Dona Francisca, as construções em madeira seguem a volumetria, a planta e os detalhes construtivos das casas enxaimel e de alvenaria autoportante, inclusive no que diz respeito a varandas, ornamentos e anexos. Existem vários casos de casas enxaimel que apresentam a vedação efetivada por tabuado de madeira.

Vale destacar que as chamadas casas de madeira sempre apresentam similitude com as construções enxaimel, uma vez que ambas constituem-se em arquiteturas de estruturas autônomas de madeira. As casas de madeira são, portanto, além de estruturadas em madeira, alteadas do solo, assentes em sapatas de alvenaria de tijolos ou sobre pedras. O diferencial da estrutura é que raramente são dotadas de peças transversais de contraventamento, substituídas freqüentemente por pequenas mãos francesas. Nota-se, também, a menor seção das peças estruturais de madeira. A razão dessas diferenças reside na excepcionalidade da madeira como material construtivo: as tábuas pregadas na estrutura contribuem decisivamente para atenuar os esforços de contraventamento e diminuem o peso e a carga incidente sobre as peças verticais e longitudinais da estrutura. Como conseqüência, as peças transversais (como nos ranchos) praticamente desaparecem e diminui-se a seção de vigas e pilares da estrutura.

No norte do estado, que ostenta a duvidosa glória de ter abrigado a maior madeireira do seu tempo – a norte-americana Lumber, instalada nos primeiros anos do século XX no atual município de Três Barras –, a madeira foi fartamente utilizada na construção de casas, igrejas, escolas e estabelecimentos comerciais. Pequenos palacetes ingleses, assobradados e dotados de arremedos de torres ao gosto eclético, envidraçados (com bay windows), com lareiras e amplas janelas envidraçadas, subsistem em Canoinhas, Mafra, Porto União, entre outros. Nessa área, onde chegaram a ocorrer verdadeiras cidades de madeira, preponderou o uso industrializado, com aproveitamento maior do nobre material.


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12

O uso da madeira para o fechamento da empena (1 e 2) denota, segundo alguns autores, a influência pomerana na arquitetura.
Em muitos exemplos, as casas de madeira mantêm a volumetria das construções em enxaimel e em alvenaria autoportante (3 e 4), seguindo os padrões de cada região.
O ciclo da madeira teve papel importante no desenvolvimento da região norte do estado e pode-se ainda encontrar uma imensa variedade de construções desse tipo, como no município de Canoinhas (5 e 6), onde está Marcílio Dias (8), um núcleo íntegro, construído quase que exclusivamente em madeira.
Na região polonesa e ucraniana (7 e 9) a madeira foi também largamente empregada.
Na área italiana, encontramos exemplares significativos, como a Casa da Família Bez Fontana (10), em Urussanga. Nesta região é comum que a madeira encontre-se na sua cor natural, sem o uso de tintas.
A madeira foi - e ainda é - o material por excelência empregado na construção dos ranchos (11 e 12) em todas as regiões de imigrantes.

1 - Fachada lateral da Casa Reinecke [TIO004], em Timbó, com sua emprena em madeira.
2 - Fachada lateral da Casa Wunderwald [POD024], em Pomerode.
3 - Casa de madeira em frente à Casa Wunderwald, em Pomerode. A volumetria e a compartimentação interna permanecem as mesmas da casa enxaimel.
4 - Casa na localidade de Iracema, em Itaiópolis, região ucraniana.
5 - Hospedaria no centro de Canoinhas.
6 - Casa de madeira, influência polonesa em Canoinhas.
7 - Comércio de madeira na estrada que vai de Alto Paraguaçú a Moema, em Itaiópolis.
8 - Estabelecimento comercial em Marcílio Dias, próximo à Canoinhas, um núcleo quase que totalmente de madeira.
9 - Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Moema, Itaiópolis.
10 - Casa da Família Bez Fontana [URS031], Urussanga.
11 - Rancho da Estrada Neudorf, em Joinville,
12 - Rancho da Casa Klug [TIO001], em Timbó.







Arquitetura em madeira do norte de Santa Catarina: Rio Negrinho, Canoinhas, Três Barra e Itaiópolis ainda detêm importantes exemplares em madeira.

Do ponto de vista do uso de tábuas de madeira, também podemos distinguir a utilização do material quase bruto, formado por tábuas largas e falquejadas em uma das faces, evoluindo para dimensões mais modestas, até os padrões usuais de meados do século XX, quando as bitolas normais para forro e assoalho giravam em torno dos 10 a 12 cm de largura. A diminuição das bitolas deve-se à progressiva valorização e racionalização da madeira, permitindo a utilização sempre maior da cubagem abatida.

Das grossas tábuas dos primeiros tempos, com mais de 50 cm de largura – ainda encontradas em assoalhos e por vezes em paredes –, o emprego da madeira foi sendo racionalizado, até que se chegou a padrões universalizados na época (comuns na América do Norte e no Chile, por exemplo). Nesse período, a madeira era disponibilizada industrialmente em estruturas pré-fabricadas, estruturadas por montantes verticais de madeira em que se encaixavam horizontalmente tábuas pequenas e estreitas, unidas entre si no sistema macho e fêmea, formando paredes simples ou duplas.

Verificamos o uso dessa técnica na casa Zíperer, em Rio Negrinho; na Zommer, em São Bento do Sul, e em muitas casas da região de Três Barras e Canoinhas.

Características regionais

De maneira simplificada, podemos distinguir quatro regiões de imigrantes que possuem características peculiares no que se refere à produção da arquitetura em Santa Catarina.

Vários ângulos do contexto cultural dos imóveis podem ser pesquisados para identificar esses diferenciais, tais como partidos plásticos específicos, materiais e técnicas construtivas, o desenvolvimento dos programas de plantas, os volumes dos edifícios e o esmero com que foram confeccionados.

Região da Colônia São Pedro de Alcântara

Na área da Colônia São Pedro, empreendimento oficial fundado com imigrantes alemães – o primeiro a implantar-se em Santa Catarina e um dos poucos em que os colonos desde cedo tiveram contato freqüente com elementos luso-brasileiros –, a arquitetura resultou em uma curiosa mescla das tradições teuto e luso-brasileiras.

Do repertório construtivo dos imigrantes alemães permanecem as estruturas autônomas de madeira – o enxaimel – e a alvenaria de tijolos, muitas vezes à vista. Da arquitetura existente no litoral mantiveram-se os telhados pouco inclinados (com cumeeiras, terças e frechais à maneira portuguesa), as telhas capa e canal e o engaste no solo (nabos) dos pilares da estrutura enxaimel, prescindindo das peças transversais de contraventamento.

Essa solução híbrida está representada em algumas poucas dezenas de unidades preservadas, espalhadas pelo vasto espaço geográfico de vários municípios atuais.

Foi também dessa solução que derivou o volume que particulariza a arquitetura regional, inclusive das casas de alvenaria autoportantes rebocadas, muito comuns em São Bonifácio, Antônio Carlos, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, Angelina e São Pedro Alcântara, dentre outros.

Em termos de planta, a forma alongada de algumas das casas da região pode estar associada ao fato de muitas delas ficarem às margens da estrada que ligava o litoral ao planalto. Os cadastros evidenciam a freqüência com que se mesclavam os usos residenciais e comerciais, e os relatos registram a constância com se albergavam os viajantes que percorriam o caminho. Assim, as funções comercial e de receptividade aos viajantes somavam-se à estrutura da casa.

Em linhas gerais, a mistura dos elementos teuto e luso-brasileiros na composição da arquitetura da região representa a maior especificidade dessa área. No entanto, a região da antiga Colônia São Pedro ainda necessita de estudos que aprofundem os conhecimentos sobre as particularidades de sua ocupação, de sua arquitetura e dos núcleos urbanos dela derivados.

Na região próxima à São Pedro de Alcântara - considerando desde Antônio Carlos, Angelina, Rancho Queimado, até São Bonifácio e São Martinho - a arquitetura rural caracteriza-se pela influência luso-brasileira nas construções de colonos de origem alemã. O emprego da alvenaria rebocada é também mais usual (1 e 2).
O enxaimel é simplificado, com a estrutura feita a partir de esteios cravados no solo, o que dispensa o uso do contraventamento transversal existente no Vale do Itajaí, norte e nordeste. A inclinação dos telhados também não é tão acentuada e o uso das telhas tipo "capa e canal" é predominante, praticamente inexistindo a "rabo de castor". Algumas coberturas com telhas de zinco também foram registradas (6).
Em algumas casas de São Martinho, região mais próxima às colônias italianas, verificou-se o emprego de telhas capa e canal com estrutura de telhado típica da região italiana (ripas paralelas ao caimento das telhas) em casas enxaimel.

1 e 2 - Casas em alvenaria autoportante com elementos ecléticos em Antônio Carlos, próximo à São Pedro de Alcântara.
3 - Casa em enxaimel simplificado, em Antônio Carlos.
4 - Casa em alvenaria autoportante aparente, em Antônio Carlos.
5 - Casa em São Bonifácio. Enxaimel simplificado e pouca inclinação do telhado são características da região. Nota-se ainda o emprego de diferentes tonalidades de tijolos nos painéis enxaimel.
6 - Casa em São Bonifácio, com cobertura de zinco, enxaimel simplificado e tijolos de tonalidades diferentes formando desenhos geométricos na fachada.
7 - Casa em São Bonifácio. Tipologia similar à anterior e cobertura com telha tipo "capa e canal".
8 - A implantação no lote e a relação com a paisagem são semelhantes às demais regiões de imigração. As diferenças se encontram na arquitetura, com menor incliação dos telhados, enxaimel simplificado, sem contraventamento transversal e esteios cravados no chão.


1


2


3


4


5


6


7


8

Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina

Nessas regiões, destaca-se a arquitetura produzida a partir dos dois mais importantes núcleos coloniais estabelecidos no estado: a Colônia Blumenau, no Vale, e a Dona Francisca, na região nordeste. Fundadas praticamente à mesma época (a primeira em 1850 e a segunda um ano mais tarde), as duas colônias produziram, juntas, o que talvez seja o maior – numericamente – e mais surpreendente conjunto da arquitetura teuto-brasileira do país. As soluções adotadas obedeceram a parâmetros muito semelhantes em ambas, embora se registrem particularidades específicas em cada uma dessas colônias.

Trata-se de dois empreendimentos originalmente privados, onde predominou, desde o início, a presença de colonos alemães. Blumenau veio a tornar-se colônia oficial e recebeu, a partir de 1875, grande número de imigrantes italianos, seguidos de poloneses, estabelecidos nas periferias do

1


2


3


4


5


6


Em Joinville podemos perceber, muitas vezes, a existência de um módulo básico, com simetria na fachada, composta por porta central e duas janelas (6). A evolução deste módulo é percebida através da incorporação de anexo lateral e varanda frontal (1 e 3). Outra característica própria da região da antiga Colônia Dona Francisca em Joinville é o posicionamento da cozinha (já como um anexo) e os ranchos, contíguos à casa, nos fundos (2 e 4), diferentemente do que ocorre no Vale do Itajaí, onde a disposição da casa e dos ranchos formam um pátio de serviço (7 e 8).
A tonalidade dos tijolos (5) também é diferenciada em relação ao Vale.

empreendimento. A Colônia Dona Francisca, da qual deriva o atual município de Joinville, permaneceu particular, embora tenha contado sempre com consideráveis investimentos do poder público. Contingentes significativos de poloneses chegaram na colônia a partir do final do século XIX.

As construções enxaimel e de alvenaria autoportante de tijolos aparentes excepcionalizam a arquitetura das duas colônias, especialmente no Vale do Itajaí, embora tanto lá quanto na antiga Dona Francisca esses tipos de edificação equivalham, em número, aos edifícios rebocados.

Desde a sua implantação, as duas colônias permaneceram semi-isoladas durante muito tempo, formando espécies de núcleos alemães no sul do Brasil. Imagina-se que isso tenha contribuído para a implementação e o desenvolvimento de uma arquitetura baseada, fundamentalmente, nas técnicas construtivas trazidas da Alemanha, apenas adaptadas às condições locais de clima, necessidade de fixação no lote e disponibilidade de materiais. Formou-se uma solução híbrida entre técnica e necessidade de adaptação local, um pouco diferente dos resultados derivados da associação entre técnicas teuto e luso-brasileiras da Colônia São Pedro.

7



8



1 e 2 - Casa Alvino Fleith [JVE023], na Estrada do Pico, em Joinville.
3 - Casa Eugênio Hardt [JVE040], Estrada Dona Francisca, Joinville.
4 - Lateral da casa Otto Schwisky [JVE042], na Estrada do Quiriri, Joinville.
5 - Detalhe da fachada frontal da Casa Amadeu Godard [JVE104], Joinville.
6 - Casa João Carlos Seefeldt [JVE009], Joinville.
7 - Pátio de serviço da Casa Valmor Klohen [TIO010], em Timbó.
8 - Pátio de serviço da casa Wendelin Siewert [POD012], em Testo Alto, Pomerode.

A chegada de italianos e poloneses (entre outros), alguns anos após a implementação da Colônia Blumenau, fez surgir uma nova mescla, que incorpora elementos clássicos da arquitetura italiana e particularidades da tradição polonesa em estruturas enxaiméis, dando origem a um novo tipo de hibridismo.

A arquitetura dos imigrantes italianos e poloneses em Santa Catarina é decorrente de migrações mais recentes (final do século XIX), e as chances de conhecimentos e informações preestabelecidos aumentaram bastante. Meios de comunicações mais evoluídos, transporte rápido (navios a vapor e estradas de ferro), correios e telégrafos disponíveis, revistas, fotos, livros e catálogos disponibilizados mais facilmente e em maior número, permitem admitir que a arquitetura desse período tenha mantido mais vínculos com as construções urbanas e com as construções de suas áreas de origem. Por esta razão, partimos do pressuposto de que as construções produzidas por esses imigrantes se basearam mais em modelos urbanos e rurais de seus países de origem, numa época em que o mundo caminhava a passos largos para o universalismo do eclético e, portanto, a dose de adaptabilidade e de inovações muitas vezes foi menor. Como resultado, a relação dessa arquitetura com seus modelos de gênese é mais direta e quase sempre localizada na Europa.

Em Santa Catarina, é possível notar consideráveis diferenças entre as construções de imigrantes italianos edificadas no sul do estado e na


1


2


3


4

região do Vale do Itajaí. Como notou César Floriano[8], no Vale, os italianos foram despachados para os limites da colônia e acabaram por valer-se de várias das tradições desenvolvidas anteriormente pelos imigrantes alemães. Nessa região, não existem casas de cantaria e nem mesmo edificadas em pedra. Via de regra, os italianos construíram valendo-se da madeira – na época disponibilizada por serrarias espalhadas por toda a região – e, principalmente, dos tijolos – material básico dos edifícios teuto-brasileiros. Registram-se inclusive, entre os italianos, casas construídas com a técnica enxaimel, mais simplificadas que as de origem alemã, mas, de qualquer forma, claramente baseadas nas construções teuto-brasileiras. No sul do estado, não existem edifícios enxaimel relacionados com os italianos. Em contrapartida, registram-se várias construções em pedra, inclusive em cantaria. César Floriano define bem essas diferenças, quando separa a produção da arquitetura dos primeiros imigrantes italianos no estado nessas duas áreas.

Para a Colônia Príncipe Dom Pedro, vieram imigrantes

No Vale do Itajaí, especialmente nas regiões da antiga Colônia Blumenau, a arquitetura teuto-brasileira difere daquela encontrada em Joinville. O tom avermelhado dos tijolos destaca-se na paisagem. Os tramos horizontais duplos (2) são mais comuns. As casas comerciais em enxaimel mais abundantes (3). A volumetria da casa e a incorporação da varanda diferenciam-se ligeiramente (1 e 4).

1 - Casa Bruno Jandre [POD001], Testo Alto, Pomerode.
2 - Casa Hugo Rahn [POD013], Testo Alto, Pomerode.
3 - Comércio Weege [POD062], Testo Rega, Pomerode.
4 - Casa Lemke [POD010], Testo Alto, Pomerode.


5


6

provenientes de Trento, Vêneto (atual Piemonte) e Lombardia, ocupando os atuais municípios de Botuverá e Nova Trento, entre outros. Segundo Floriano, ao contrário dos colonos alemães, que tinham livre circulação para seus produtos, ajuda médica e uma série de outros serviços e infra-estrutura à sua disposição, os imigrantes italianos foram instalados em áreas isoladas, no fundo dos vales. Permaneceram na condição de agricultores por muitos anos, enquanto que os alemães conseguiram acumular mais riqueza e prosperar na atividade industrial.

Existe um acervo construtivo representativo na região de Nova Trento, principalmente o de cunho religioso.

"As construções religiosas da região apresentam grande apuro formal, tanto a nível exterior quanto interior. Planta de nave única e altar-mor, apresentam variações em relação à torre do sino, que pode ser isolada ou no centro da construção. Quanto às residências, podemos observar a predominância de um partido vertical, de cobertura em quatro águas, sendo que o segundo pavimento apresenta dimensões com pé direito bem inferior ao andar térreo, conferindo à construção um volume bem particular. A presença das cimalhas é constante, assim como a planta simétrica. As construções, quase sempre em tijolos, não apresentam nenhuma referência da arquitetura teuto-brasileira."

Já os italianos que se estabeleceram no médio vale do Itajaí-Açu e do Itajaí-Mirim receberam forte influência do contexto germânico em todas as etapas de fixação. Assim acontece na região de Rodeio e Rio dos Cedros, onde casas enxaimel são habitadas por moradores de sobrenome italiano.

"São referenciais importantes desta região a casa do mestre-construtor Fiamoncini em Rodeio, que apresenta uma casa térrea com grande apuro formal, servindo de modelo para a maioria das residências urbanas surgidas no início do século em Rodeio e arredores. A casa da família Buzzi [ASC001], em Ascurra, que apresenta uma volumetria de dois pavimentos e cobertura em quatro águas, onde se observa todo um repertório da arquitetura vernácula da área rural italiana (...)."

As casas italianas guardam, em sua maioria, relação com a arquitetura teuto-brasileira, mantendo as telhas rabo de castor, inclinações acentuadas de telhados e sendo edificadas em alvenaria autoportante de tijolos aparentes e também enxaimel. Resumindo, a arquitetura é baseada na tradição alemã, da qual derivam os volumes, as soluções estruturais do telhado e do corpo dos edifícios, influenciando a tipologia das fachadas e a organização das plantas.

A influência dos italianos que chegaram no Vale do Itajaí a partir de 1875 é sentida, na arquitetura, pela inserção - dentre outros elementos - dos arcos plenos na composição de fachadas e varandas das casas.

5 - Casa Merini [ASC002], em Ascurra.
6 - Casa em Pomerode.
7 - Casa em Jaraguá do Sul, na localidade de Garibaldi.
8 - Casa Vittório Schiocket [JGS036], em Nereu Ramos, Jaraguá do Sul.


7


8

Quanto à solução de plantas, a característica que mais se destaca quando da incorporação do elemento italiano deve-se à separação do volume da cozinha do resto do corpo da casa que, no caso alemão, já havia sido incorporada à estrutura principal. Situada agora na lateral do bloco que abriga sala e quartos, a cozinha é separada por um estreito corredor e interligada por uma pequena passagem coberta. São exemplos relevantes desse tipo de adaptação a Casa Dalcanale [RCD020], em Rio dos Cedros, e a Casa Zimath [TIO007], em Timbó.

Mais facilmente identificadas na arquitetura residencial, essas misturas podem ser também encontradas na arquitetura religiosa, como, por exemplo, a freqüência de torres centrais e elementos neogóticos incorporados em igrejas italianas da área rural.

Em alguns lugares, onde os colonos italianos provinham de outras regiões e se mantiveram mais afastados dos núcleos originais alemães, encontramos exemplares que se aproximam mais de uma arquitetura clássica italiana. Essa característica reflete-se nos volumes, nas proporções, nas estruturas de telhado e na técnica construtiva empregada. É o caso de algumas construções em Ascurra (como a Casa Buzzi [ASC001], por exemplo) e na localidade de Guaricanas, no mesmo município. Uma especulação que se faz a respeito remete diretamente à origem dos imigrantes ingressos nessas localidades, segundo a análise de Beatriz Pellizzetti[9]:

"Com exceção de São Pedrinho, Ascurra e Guaricanas, a maioria imigrante vinha da Áustria, ou seja, do Tirol meridional. [...] Em 1891 vieram muitos imigrantes húngaros, a maioria de fala germânica. Estes transpondo os montes instalaram-se na colônia Jaraguá".





Planta baixa e elevação frontal da Casa Zimath [TIO007], em Timbó. Influência italiana na planta com separação da cozinha e comedouro do resto do corpo da casa.

Sul do estado



Casa de Felix Canever [ORL003], Palmeira Alta, em Orleans.

No sul do estado, a mistura com o elemento luso-brasileiro é característica predominante. Para essa região vieram, a partir de 1877, imigrantes provenientes do Vêneto, Lombardia (atual Trento), Friuli e Emília Romagna. Foi influenciada por cidades como Laguna, Tubarão e outras vilas litorâneas. Os núcleos mais homogêneos são Urussanga, Orleans e Nova Veneza, onde, além da arquitetura, preservaram-se dialetos e cantigas.

Os assentamentos apresentam claras influências da Itália setentrional. "São conjuntos compostos por: residências, cozinha, moinho, estala construídas em pedra, tijolo ou madeira, onde predominam detalhes como: cantina no porão construída em pedra, sótão de pouca altura, pequenas janelas alinhadas, além de cimalhas em cantaria de pedra e lambrequins de madeira." Por exemplo, o conjunto da Família Bratti [NNV017a], em Nova Veneza, considerado "o mais excepcional conjunto de edificações construído em taipa de pedra da região sul de Santa Catarina".

Os exemplares mais expressivos dessa região são edificados em alvenaria de pedras aparentes. A maioria das construções é térrea, embora existam os sobrados. As plantas tendem ao retangular, quase quadrado, prevalecendo o uso residencial, usualmente com a cozinha separada do corpo principal da casa. É grande o número de casas de madeira e de alvenaria rebocada, que em geral preservam as soluções funcionais e a volumetria das construções derivadas dos imigrantes italianos.

As casas de madeira raramente são pintadas e apresentam tonalidades escuras, tendendo ao negro. Conservam todas as características das casas de imigrantes confeccionadas em pedra ou tijolos. As esquadrias mantêm padrões próprios e as proporções são sempre esmeradas. Os imigrantes provenientes da Itália trouxeram consigo muito da tradição erudita de construir com que conviviam na Europa.

O Conjunto da Família Bez Fontana [URS003], em Urussanga, é um dos principais exemplos em madeira da região, conservando em perfeito


1


2


3


4

estado o sobrado residencial em madeira, atafona, serraria, marcenaria e descascador de arroz movido a água.

Nas casas, preponderam os partidos de fachada cuja base é o pavimento térreo valorizado por fundação alteada, forte modulação das aberturas, (cujos requadros são freqüentemente trabalhados, principalmente quando confeccionados em pedra), composição simétrica e beirais recortados. Essas regras são gerais e se mantêm nos sobrados, sejam eles edificados em cantaria, alvenaria de tijolos ou madeira. Registra-se também, no Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina, uma segunda tipologia, onde o sótão se incorpora, formando nova composição – em que continua preponderando o pavimento térreo. Esse partido plástico e funcional (permite o uso do segundo pavimento) resulta no térreo valorizado por um prolongamento da altura das paredes, de modo a receber uma segunda linha de janelas, colocada sobre as aberturas do térreo, sempre em proporções menores, e normalmente muito próximas ao beiral, como, por exemplo, a casa da Família Bez Fontana [URS003].

Nas construções de alvenaria rebocada, são comuns os ornatos em argamassa, muitos deles reproduzindo elementos clássicos. As igrejas estão sempre presentes, muitas delas com torres separadas da nave – à maneira

No sul, entre as casas de influência italiana destacam-se as construções em pedra aparente (4) ou rebocada, além das casas de madeira sem pintura(2), a planta com a cozinha separada da casa (1), os sobrados, alguns com varandas frontais (3).
A estrutura do telhado também é peculiar (5, 6 e 7). Muitas vezes, as ripas colocadas paralelamente ao sentido da telha são de palmito. As telhas utilizadas são invariavelmente do tipo "capa e canal".

1 - Casa em Orleans, no caminho para Urussanga.
2 - Casa da propriedade da Família Bez Fontana [URS031], na localidade de Rio América Baixo, Urussanga.
3 - Casa Cittadin [URS090], em Santaninha, Urussanga.
4 - Casa de pedra da Família Bratti [NVV017a], em Nova Veneza.
5 - Casa Petersen, em São Martinho.
6 - Casa Canever [ORL003], Orleans.
7 - Casa Família Bocardo [URS091], Urussanga.


5


6


7

dos campanários da Itália. Várias são pintadas internamente, com motivos que lembram o mármore e os afrescos da terra de origem dos imigrantes.

A estrutura dos telhados, sempre em madeira, apresenta peculiaridades, sendo confeccionada de maneira que os caibros estejam dispostos paralelamente às fachadas, com o que as ripas acompanham as fiadas de telhas, ao contrário da solução adotada na arquitetura luso-brasileira e nas construções dos demais imigrantes. Os telhados são menos inclinados e as telhas mais utilizadas são do tipo capa e canal.



Casa Waldemiro Struck [SBS010], na estrada Dona Francisca, em São Bento do Sul. Composição e volumetria diferenciadas daquelas encontradas no Vale do Itajaí.

Norte

No norte do estado, a arquitetura apresenta volumetria característica, com telhados maiores e por vezes mais inclinados do que no Vale do Itajaí ou no nordeste de Santa Catarina. Essa particularidade, presente tanto nas casas de alvenaria quanto nas de madeira, evidente inclusive nos ranchos, influi na configuração da estrutura dos telhados, que quase nunca prescinde de linhas altas, além de contar freqüentemente com apoios longitudinais intermediários, raros na arquitetura teuto-brasileira.

Preponderam os imigrantes poloneses, chegados à região através da divisa com o Paraná, no período em que era grande a disponibilidade da madeira como material construtivo.

A arquitetura apresenta-se em construções de madeira ou alvenaria autoportante de tijolos, quase sempre rebocados, embora existam bons exemplares em tijolos à vista. As construções em madeira são variadas, contando com exemplares de arquitetura religiosa, comercial e de lazer. São comuns, em toda a região, os edifícios que apresentam a fachada construída em alvenaria de tijolos e as demais paredes, externas e internas, em madeira, especialmente na cidade de Mafra.

A planta das casas mantém o padrão básico encontrado em Blumenau e na Dona Francisca, mas são muito mais comuns os corredores

centrais, que interligam a porta frontal com os compartimentos dos fundos da casa.

As construções em madeira conheceram grande longevidade em toda a região. Existem exemplares muito antigos, ligados às primeiras décadas da ocupação, até meados do século XX, quando os partidos plásticos e os programas funcionais já exigiam soluções maiores e mais complexas.

Outra característica marcante da influência eslava na região está relacionada ao emprego das cores azul, rosa e verde, em tonalidades específicas, na pintura externa e interna de casa e edificações de uso comercial e recreativo, dentre outras. O emprego alternado dessas três cores forma composições inesperadas, reforçadas pelo uso de tonalidades fortes nas esquadrias.

Elementos na forma de losangos – como uma espécie de pequenos óculos – estão presentes em aberturas nas empenas, na altura do sótão ou ventilando o telhado. Devido à sua ocorrência freqüente, podem ser considerados como uma marca registrada da presença eslava em todas as áreas onde esses imigrantes estiveram.

Importantes em toda a região, as igrejas e capelas – além dos oratórios – são comuns ao longo das estradas e em todos os núcleos urbanos e rurais ligados à colonização polonesa e ucraniana. Como se sabe, a religião ocupa papel de destaque nessas sociedades, o que se reflete no número, nas dimensões e no esmero construtivo das construções religiosas.


1


4


2


5


3

Muitos são os elementos que identificam a influência eslava na região norte de Santa Catarina. O município de Itaiópolis é dos que mais concentra essas características. A influência polonesa é sentida desde São Bento do Sul, que já possui nas suas propriedades rurais, características diversas daquelas existentes no Vale do Itajaí. A volumetria e a configuração dos conjuntos rurais (1 e 2), a presença de elementos losangulares nas empenas e fachadas (3 e 5), o uso predominante das cores rosa, azul e verde, tanto no interior (4) como no exterior das casas, são alguns dos elementos que dão cores à paisagem cultural da região.

1 - Conjunto rural no bairro Serra Alto, em São Bento do Sul.
2 - Casa Edeltraud Eichendorf [SBS002], na Estrada Dona Francisca de São Bento do Sul.
3 - Casa Verônica Pieckzarka [ITP004], em Alto Paraguaçú, Itaiópolis.
4 - Interior da casa Levandoski [ITP021], na localidade de Moema, Itaiópolis.
5 - Casa Lúcia Buba [ITP003], Alto Paraguaçú, Itaiópolis.

A marca registrada da arquitetura religiosa do norte do estado são as cúpulas metálicas, formadas por bulbos, presentes na quase totalidade das numerosas igrejas e capelas que pontuam a paisagem de toda a região.



Comércio Haut [POD063], Testo Rega, Pomerode.

Funções da arquitetura

Arquitetura comercial

A arquitetura comercial surgiu junto com o nascimento das colônias, suprindo as necessidades de seus integrantes desde os tempos de pioneirismo.

Sob o ponto de vista econômico, mais que a atividade industrial, o aspecto mais importante para o crescimento colonial foi o desenvolvimento do comércio. "Nas colônias mais antigas, o comerciante local controlava tanto a compra e venda de mercadorias quanto o sistema de transportes. Havia uma associação entre a "venda" (denominação dada à casa comercial) e a picada, isto é, em cada picada se instalava um comerciante."

As casas comerciais, tanto rurais como urbanas, funcionavam não só como venda, mas exerciam a função de casas bancárias, aceitando depósitos e emprestando dinheiro. Muitos comerciantes agregavam outras atividades ao seu negócio, possuindo engenhos de farinha ou açúcar, serrarias e outros. Podiam ser considerados como "donos" da economia local e eram os únicos capazes de acumular capital.

Segundo Seyferth[10], as casas comerciais foram um dos embriões da atividade industrial, a partir da qual surgiram as primeiras fábricas de "fundo de quintal" que, em pouco tempo, deram origem a algumas das grandes indústrias locais.

A casa comercial Stoltenberg, em Vidal Ramos [VDR001], é um exemplo dessa magnitude, onde o dono, além de comercializar os produtos

1



2



3



4



5



6



7



trazidos de vários lugares, mantinha no local – e a família mantém até hoje – uma serraria, possuía criação de porcos, plantação de fumo, juntamente com uma hospedaria. Esse estabelecimento comercial representou um núcleo de atração em torno do qual toda a localidade se desenvolveu e com o qual ainda hoje mantém forte ligação.

O comércio representava também um dos focos de trocas sociais. As casas comerciais eram locais de reunião e encontro, onde eram discutidos assuntos da vida social e política. Eram o ponto de chegada das informações de fora, e a partir deles os colonos se comunicavam com o mundo exterior, através de jornais, revistas e cartas que eram entregues e enviadas também no mesmo local. Juntamente com a igreja, a casa comercial monopolizava a vida social dos pequenos povoados, fato recorrente ainda hoje nas áreas mais rurais.

Distribuem-se nos centros urbanos e ao longo dos caminhos rurais, configurando-se, muitas vezes, como armazém, agregando o bar, o açougue, a padaria, a mercearia, a loja de presentes e artigos de uso doméstico ou agrícola.

A regra quase geral na implantação dos estabelecimentos comerciais é a de servirem de definidores precoces do espaço urbano, fixando os alinhamentos prediais, definindo a ambiência e delimitando o espaço público e o privado. Os estabelecimentos comerciais não fazem concessões a jardins ou qualquer outro tipo de paisagismo, guardando comumente apenas a área de estacionamento, para cavalos e carroças, nos exemplares mais antigos, para automóveis, ônibus e caminhões, nos mais recentes. Quando os edifícios comerciais estão acoplados a moradias ou aos estabelecimentos industriais, é usual que todo o conjunto acompanhe os parâmetros urbanos comuns aos estabelecimentos comerciais. A Casa Passold [POD056] (onde funcionou inclusive uma hospedagem), e a Weege [POD062], ambas em Pomerode, e o centro comercial Zimdars [BLU081], de Itoupava Rega, em Blumenau, são exemplos de implantações decorrentes do acoplamento de diversas funções em um mesmo conjunto edificado. Em Warnow, no interior de Indaial, os diversos componentes foram construídos em edifícios isolados.

A arquitetura comercial é complementar à residencial e ocorre sempre que esta se apresenta minimamente consolidada. Compensando seu menor número, os estabelecimentos comerciais são maiores do que as residências. Freqüentemente formam núcleos que pontilham os caminhos rurais, agrupando comércio, depósitos, a moradia dos comerciantes e, muitas vezes, uma capela, um salão de bailes ou uma sociedade de caça e tiro. Por vezes, outras moradias vêm reunir-se ao conjunto, formando um centro urbano embrionário.

São muitos os exemplares da arquitetura comercial nas regiões de imigração, especialmente naquelas de colonização alemã, onde o comércio tinha função econômica primordial.

1 - Casa Conrad [BLU004c], na Vila Itoupava, Blumenau.
2 - Conjunto Comércio Zimmdars, Itoupava Rega, Blumenau.
3 - Conjunto Comercial Irmãos Stoltenberg [VDR001], Vidal Ramos.
4 - Casa Zummach (Haut Filial) [POD009], Testo Alto, Pomerode.
5 - Casa Carlos Höeschl [IDL082] (antigo secos e molhados), Warnow, Indaial.
6 - Comércio Passold [POD056], Testo Rega, Pomerode.
7 - Comércio Weege [POD062] (primeiro plano, à esquerda) e Haut [POD063] (segundo plano, à direita), Testo Rega, Pomerode.

No cruzamento do acesso a Testo Alto com a estrada que liga Pomerode a Jaraguá do Sul, encontra-se o conjunto formado pelos comércios Weege [POD062] e Haut [POD063], que deu origem ao núcleo urbano/industrial atualmente em desenvolvimento; na Vila Itoupava, em Blumenau, a fixação da Casa Comercial Conrad [BLU004c] foi importante na delimitação e na fixação do núcleo.

Os estabelecimentos comerciais estão sempre situados próximos às estradas, para a qual estão voltadas suas portas principais. Vale destacar, entretanto, como particularidade, que é comum que partes do conjunto comercial tenham uma de suas empenas voltadas para a via pública, circuns-


1


2


3


4

tância rara na arquitetura residencial da região. A casa comercial existente no núcleo de Santo Antônio, em Rio dos Cedros, na estrada que liga Pomerode e Timbó, o comércio enxaimel [IDL085] do centro de Warnow, em Indaial, e o Weege [POD062], em Testo Alto – Pomerode, são alguns dos muitos exemplos dessa particularidade.

Os edifícios comerciais são edificados na mesma técnica das casas (madeira, enxaimel ou alvenaria autoportante), embora usualmente apresentem-se maiores e mais alongados, conjugando a moradia com a loja e


6


7


8

Na região de imigrantes, ainda é possível encontrar casas comerciais quase intecatas, como o comércio à beira da estrada que liga Alto Paraguaçú a Moema (2 e 3), em Itaiópolis, ainda em funcionamento. As cores azul e verde, característica das regiões de imigrantes eslavos são predominantes também na arquitetura comercial. Existem muitos comércios desativados, como é o caso da Casa Polaski. No seu interior ainda permanecem os móveis e alguns produtos que eram comercializados (1). Em Vidal Ramos destaca-se o estabelecimento dos Irmãos Stoltenberg (4), que comercializa, até hoje, grande variedade de produtos. Em Vidal Ramos, a edificação de madeira (7) também mantém suas portas abertas, com um grande salão de bailes no seu interior (6). A Casa Husadel (8) é destaque na paisagem da Rua XV, em Blumenau, que tem no comércio sua função principal.

1 - Interior da Casa Polaski [ITP009], Alto Paraguaçú, Itaiópolis.
2 e 3 - Interior de casa comercial na estrada que liga Alto Paraguaçú a Moema, Itaiópolis.
4 - Interior do comércio dos Irmãos Stoltenberg [VDR001], em Vidal Ramos.
5 - Vista do salão de bailes, no interior do comércio de madeira em MArcílio Dias.
6 - Vista externa do comércio de Marcílio Dias.
7 - Vista da Rua XV, onde está a Casa Husadel [BLU168], em Blumenau.

suas instalações complementares. Podem ser encontrados muitos conjuntos comerciais em todas as regiões estudadas. Quase todos os exemplares foram construídos em alvenaria autoportante de tijolos, mas existem conjuntos enxaiméis, como o de Warnow [IDL085], em Indaial, e a Casa Passold [POD056], os comércios Weege [POD062] e Haut [POD063], de Testo Alto, Pomerode. Registram-se também conjuntos comerciais mistos, além de outros que conjugam construções de várias fases, formando um todo que exemplifica a evolução da arquitetura na região, como no comércio Zimmdars [BLU081], em Itoupava Rega, Blumenau.

Em Marcílio Dias, está preservado um dos estabelecimentos comerciais de maior interesse, construído inteiramente em madeira e agregando as funções de restaurante, salão de bailes, bar e sala de jogos de sinuca.

Do ponto de vista estético e na relação paisagística que estabelecem com as localidades rurais e urbanas, os comércios também são significativos. A casa Husadel [BLU168] é importante no cenário da rua XV de Novembro, em Blumenau, assim como em São Bento do Sul, Joinville, Pomerode e Urussanga, respectivamente.

As plantas dos conjuntos comerciais são complexas, formadas muitas vezes pelo comércio propriamente dito, depósitos, instalações industriais caseiras e moradia do proprietário e sua família. O espaço de comércio é sempre único, sem divisões significativas e aberto para a via pública. É comum que apresente comunicação com os fundos do lote. A delimitação dos espaços público e privado é sempre proporcionada pelo balcão, originariamente feito em madeira. Vitrines envidraçadas, mesas e cadeiras complementam o cenário.

Os pisos habitualmente são confeccionados em madeira, registrando-se também, em construções do século XX, ladrilhos hidráulicos em áreas comerciais, varandas, cozinhas e banheiros das construções mais importantes.

Arquitetura industrial



Antigo moinho Schwarz [SBS013], na Estrada Dona Francisca, São Bento do Sul, hoje desativado.

Na área rural, prevalece a indústria artesanal, representada por olarias, marcenarias, serrarias, engenhos, moinhos e atafonas, cada vez mais raros em todas as regiões. Essas construções estão sempre relacionadas a um rio ou pequeno córrego d'água, já que o funcionamento do maquinário, ao menos na sua origem, dava-se através de engrenagens impulsionadas por uma roda d'água. São raras as rodas d'água ainda em funcionamento, destacando-se as da propriedade Bez Fontana [URS031], em Urussanga, onde ainda funciona a marcenaria e a atafona. De extrema importância são também os maquinários do Museu ao Ar Livre em Orleans, todos ainda em funcionamento.

Do ponto de vista arquitetônico, a arquitetura industrial costuma ser despojada, lembrando os ranchos anexos das pequenas propriedades rurais. São assim as olarias, comuns na região, as ferrarias e serrarias, hoje menos freqüentes e, pouco mais elaboradas, – por vezes edificadas em alvenaria autoportante – as fábricas de louças, conservas e as pequenas fundições. As queijarias e as fábricas de embutidos, como as instaladas na Casa Passold [POD056] e no conjunto comercial de Itoupava Rega [BLU081], em Blumenau, costumavam funcionar agregadas às casas e estabelecimentos comerciais. As tecelagens e fiações necessitavam de espaços fechados e várias indústrias como a Hering, no bairro Bom Retiro em Blumenau, a Malwee, em Jaraguá do Sul, e a Renaux, em Brusque, construíram amplas instalações de esmerada arquitetura. Entretanto, atualmente boa parte dos trabalhos desse ramo acontece no âmbito doméstico de trabalhadores terceirizados. O edifício conhecido como Casa da Represa – hoje Thapyoca –, no centro de Timbó, infelizmente mutilado por reforma descaracterizadora, era inteiramente construído em enxaimel e abrigava, na sua origem, um moinho e um descascador de arroz.

Vários desses edifícios guardam importantes relações com as paisagens centrais de suas cidades. São exemplos a fábrica no coração de Benedito Novo, e o conjunto Weege recentemente adquirido pela prefeitura de Pomerode, que deseja transformá-lo em amplo complexo cultural; é o mesmo caso da Fábrica da Antarctica, em Joinville. O edifício da Fábrica de Papel, em Timbó é uma das construções de acabamento mais esmerado da cidade.

Cada vez mais raras, as pequenas indústrias artesanais da área rural guardam a memória das técnicas utilizadas para a produção de farinha, cachaça, telhas, tijolos, madeira para a construção, móveis, esquadrias e todo o tipo de produto essencial para a vida nas colônias.

1 - Engenho Helga Trapp [BLU053], na Vila Itoupava, Blumenau.
2 - Interior do Engenho Helga Trapp.
3 - Atafona Gessner, em Indaial.
4 - Interior do engenho no Museu ao Ar Livre de Orleans.
5 - Marcenaria da Propriedade Bez Fontana [URS031], em Urussanga.
6 - Maquinário do Engenho Helga Trapp [BLU053], Blumenau.
7 - Maquinário movido à roda d'água da marcenaria da Propriedade Bez Fontana [URS031], Urussanga.
8 - Interior da atafona Gessner, Indaial.

Em Alto Paraguaçu, Itaiópolis, uma das atrações do núcleo urbano é um moinho de trigo, em pleno funcionamento, instalado na rua principal, no coração do distrito. Uma antiga ferraria, que até há pouco preservava os antigos conhecimentos do ofício de malhar o ferro trabalhado a quente, infelizmente deixou de funcionar com a aposentadoria do artífice. Esteve por décadas instalada em um simples galpão, junto ao centro do núcleo urbano.


1


2


3


4


5


6


7


8


1


2

Edifícios da Cia Hering (1 e 2), em Blumenau.

Arquitetura religiosa

Principal expressão da arquitetura religiosa na região de imigrantes, igrejas e capelas estão presentes em todas as colônias, desde os primeiros tempos. A capela constitui o marco inicial de muitos povoados e vilas, sendo a sua função especialmente importante entre italianos e poloneses.

A organização comunitária esteve sempre relacionada com as atividades religiosas, sejam essas católicas ou protestantes. Nos dois casos, a igreja não é uma entidade isolada, aglutinando uma série de outras funções sociais. Em alguns casos, a comunidade religiosa inclui a escola, uma área para o lazer (caso dos salões paroquiais), além de entidades assistenciais, como asilos e orfanatos oficiais.

Essa soma de funções acontece com mais freqüência nas colônias italianas e polonesas, especialmente no que diz respeito à combinação religião/ atividades sociais. A vida comunitária, assim como a estruturação espacial, está, nesses núcleos, muito mais arraigada à igreja do que nas colônias alemãs. Nessas últimas, as igrejas compõem a paisagem rural e urbana, sobressaindo-se com as suas torres, mas sem interferir na espacialização. Estão dispostas ao longo das estradas, assim como quaisquer outras construções. É interessante notar como essa distinção de certo modo reflete na maior diversificação das funções arquitetônicas. Nas colônias alemãs, encontramos uma série de associações culturais e de lazer (como, por exemplo, os clubes de caça e tiro, os salões de baile, as sociedades de ginástica, etc.) que não estão presentes nas outras colônias.

Ao lado das atividades de lazer vinculadas a uma associação estão as festas ligadas às igrejas, também fundamentais na vida das comunidades até hoje. Ao lado do cunho religioso, encontra-se nessas festas uma série de atrações leigas, e a festa da paróquia fica sendo a festa da comunidade. "As festas universais da igreja – Natal e Páscoa – assumem algumas características diferentes da celebração brasileira, principalmente entre os alemães. O costume da árvore de Natal, por exemplo, foi trazido pelos protestantes alemães no século XIX. (...) A árvore foi adotada pelos brasileiros da mesma forma que o presépio latino se incorporou ao Natal dos teuto-brasileiros. Da simbiose dos dois costumes temos como decoração de Natal a árvore associada a um presépio."

Existia também uma visível separação entre o grupo dos católicos e dos evangélicos. As razões para a discriminação voluntária dos segundos em relação aos primeiros, de acordo com Seyfert[11], foram muitas. "Durante todo o período imperial, a igreja católica no Brasil foi a igreja oficial, ligada ao Estado, ficando os imigrantes evangélicos numa situação de quase ilegalidade religiosa e civil, sofrendo muitas restrições e oposição forte dos meios luso-brasileiros. Esta opinião diminuiu com a República, mas não desapareceu completamente, e foi o primeiro fator a levar os protestantes ao isolamento."

Quanto à implantação, a arquitetura religiosa assume parâmetros próprios: as igrejas são invariavelmente voltadas para as estradas, quase sempre mais afastadas do que os demais edifícios e normalmente construídas elevadas em relação à via pública. Na implantação das igrejas, o jardim também está comumente presente, antecedendo o templo e encarregando-se de sua valorização paisagística. Palmeiras, inclusive imperiais, são usuais, assim como espécies arbóreas de médio porte, que formam uma espécie de antepara ao edifício religioso. As primeiras ressaltam a verticalidade dos templos e valorizam consideravelmente sua ambiência no conjunto urbano edificado. É muito comum, ainda que não indispensável, o cemitério integrar o conjunto religioso de forma contígua ao templo, instalando-se ao lado ou mais amiúde nos fundos da igreja. Também é usual, em especial nas igrejas relacionadas com imigrantes italianos e poloneses, que se formem conjuntos constituídos pelo templo e por edifícios anexos, tais como a residência do padre, casas paroquiais, salões de festa, galpões etc. Por vezes, também ocorre a junção da igreja com escolas, relação que parece ter sido comum nos primórdios dos empreendimentos coloniais.

A arquitetura religiosa da região de imigrantes de Santa Catarina é quase sempre dotada de torres, que ressaltam a sua participação na paisagem rural. As torres são geralmente inspiradas em motivos medievais e permitem uma distinção imediata: as italianas costumam inspirar-se nos campanários, construídos afastados das igrejas propriamente ditas. As polonesas e ucranianas usualmente são dotadas de bulbos metálicos, construídos no topo das torres ou até mesmo da nave, fazendo neste caso, as vezes de um transepto. Já as alemãs quase sempre apresentam torres únicas, de consideráveis dimensões, colocadas no eixo de simetria dos templos.



Igreja luterana em Araponguinhas, Indaial.


1


2


3

Sempre que um número considerável de moradias se consolida, configurando mais uma comunidade rural ou urbana, estabelecem-se a igreja e seus anexos, em especial o cemitério. Do ponto de vista arquitetônico, pode-se dizer que as igrejas e capelas luteranas, invariavelmente relacionadas com os imigrantes alemães, são mais modestas, despojadas de ornamentos internos e externos e quase sempre caracterizadas por uma única torre central. O neogótico é uma constante na arquitetura desses templos, geralmente construídos em alvenaria autoportante rebocada e pintados de cores neutras, como o cinza, o areia e o azul claro.

A arquitetura católica dos imigrantes alemães difere pouco de sua congênere protestante, com interiores menos sóbrios e altares onde se inserem os santos de devoção. Nos núcleos italianos e poloneses, onde o culto é sempre católico, a igreja é maior e sua arquitetura, menos previsível. Apresenta-se, comumente, com esmerados (muitas vezes ingênuos) trabalhos internos de pinturas murais, que lembram os mármores e os afrescos da tradição italiana. Essas igrejas também possuem anexos e galpões mais consideráveis: elas são os pólos das atividades religiosa e social de suas comunidades.

Curioso é constatarmos a diversidade em alguns modelos singelos, mas profundamente identificados com a origem de seus construtores. É o caso da Igreja Luterana [BND001] do distrito de Alto Liberdade, em Benedito Novo, com a estrutura enxaimel construída por colonos alemães; a igreja São Gervásio e São Protásio [URS093], de Rio Maior, em Urussanga, interessantíssimo exemplar construído em alvenaria autoportante de pedras aparentes (cantaria); a igreja de Rio do Júlio [JVL169], em Joinville, construída inteiramente em madeira industrializada; a igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], de Moema, em Itaiópolis, com suas torres e bulbos; a de São Judas Tadeu, em Vargem, com abóbodas de arestas e arcos ogivais confeccionados em madeira e, finalmente, a igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial, totalmente edificada com alvenaria de tijolos autoportantes e aparentes, apresentando o interior inteiramente revestido por pinturas ingênuas.

Em geral, as capelas luteranas e católicas nas colônias alemãs caracterizam-se pela torre única, central.
Já as igrejas localizadas em áreas de colonização italiana caracterizam-se pela torre lateral, muitas vezes deslocada do corpo da nave, também denominadas campanário.

1- Capela na Vila Itoupava, Blumenau.
2 - Igreja luterana de Testo Alto [POD019], Pomerode.
3 - Igreja luterana de Warnow [IDL086], Indaial.
4 - Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], Warnow Alto, Indaial.
5 - Interior da capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], toda decorada com pinturas singelas, por vezes ingênuas, que remetem ao uso do mármore e a estruturas ogivais de igrejas italianas.
6 - Igreja luterana de Ribeirão Liberdade [BND001], em Benedito Novo. Uma das únicas igrejas enxaimel existentes ainda hoje.
7 - Igreja de São Gervásio e São Protásio URS093], em Rio Maior, Urussanga, região de colonização italiana.
8 - Igreja de São Luiz Gonzaga, em Nova Trento, também de origem italiana.
9 - Igreja de Santo Antônio, em Rio dos Cedros [RCD019]. Localizada nas bordas da antiga Colônia Blumenau, a região foi colonizada por italianos a partir de 1875.

Merecem registro especial os vários seminários na região de imigrantes, em especial onde os grupos italianos são majoritários, e também os colégios filiados a entidades religiosas, como é o caso do Colégio Santo Antônio, em Blumenau, e o Bom Jesus/ IELUSC, em Joinville.

Os seminários são edifícios de grandes dimensões, talvez os maiores da região, construídos em alvenaria autoportante de tijolos, rebocados e tratados com ornamentos ecléticos. Conjugam atividades de educação com as funções religiosas, mas as grandes igrejas que possuem, muitas vezes acompanhadas de capelas menores, e a ênfase no ensino religioso, fazem com que assumam papel central na vida religiosa de suas comunidades. O seminário de Corupá [CRP001] é uma exceção notável: apresenta toda uma grande ala edificada em alvenaria de tijolos autoportantes aparentes e o requinte desse trabalho faz dele uma das construções mais notáveis de todo o interior do estado.

Do ponto de vista tipológico, é possível distinguir as características da arquitetura religiosa de cada uma das regiões estudadas.

4



5



6



7



8



9



No sul, prevalece a arquitetura ligada às tradições italianas, construída em tijolos (com a exceção já mencionada da Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Rio Maior), apresentando elementos clássicos e muitas vezes com campanários laterais, destacados do corpo da igreja. Os interiores são decorados e coloridos. As igrejas e capelas do Médio Tijucas, na área de São João Batista e Canelinha, apresentam padrões equivalentes, também encontrados nos municípios de tradição italiana do Vale do Itajaí.

No Vale do Itajaí e na Dona Francisca, a preponderância é dos luteranos, resultando quase sempre em construções neogóticas, com portas e janelas dotadas de arcos ogivais e torres centrais. Raramente apresentam excepcionalidade, destacando-se a Igreja Luterana de Blumenau, singelo exemplo de fachada eclética, planta octogonal e interior austero, marcado por belo trabalho de madeira no forro, coro, púlpito e bancadas. Inaugurada em 1877, é projeto de Henrich Krohberger, auxiliar do Dr. Blumenau e funcionário da colônia. Seu sino, o mais antigo em uso em Blumenau, foi fabricado em Bochum, Alemanha, em 1873. Nas proximidades da igreja estão sepultados o

Nas regiões de colonização ucraniana, destacam-se as cúpulas (1) metálicas da tradição ortodoxa.
Em Alto Paraguaçú está a Igreja de Santo Estanislau (4), com seu interior (2) primorosamente decorado com pinturas que cobrem o teto e as paredes.

1 - Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], em Moema, Itaiópolis.
2 - Interior da Igreja de Santo Estanislau [ITP010].
3 - O altar da Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], todo entalhado em madeira entremeado com telas pintadas com imagens de santos, encontra-se hoje no interior da igreja nova, construída ao lado da antiga capela de madeira.
4 - Vista frontal da Igreja de Santo Estanislau [ITP010]. A torre com mais de 60m de altura é ponto referencial em Alto Paraguaçú, e marca a paisagem a quilômetros de distância.


1


2


3


4

sábio Dr. Fritz Muller, sua esposa e cinco de suas filhas.

Esses edifícios destacam-se mais pela presença na paisagem urbana e rural, como em Testo Alto e no núcleo central de Pomerode, ou na bifurcação do Rio da Prata, na Estrada Dona Francisca, em Joinville, entre muitas outras. Em Araponguinhas, interior de Indaial, a igreja destaca-se pela dimensão da torre frente à nave – relação impensável na clássica tradição latina preponderante no Brasil.

No norte, onde predominam imigrantes poloneses e ucranianos, encontramos uma arquitetura religiosa de singular importância. Nesses templos, ressalta-se a antiga influência bizantina, transmitida aos povos eslavos através da igreja católica ortodoxa. Originalmente construídas em madeira, foram quase todas recentemente substituídas por novas construções em alvenaria, que ainda guardam características próprias, em especial os bulbos metálicos que, em alguns casos, foram transplantados dos templos demolidos.

As igrejas dos núcleos ucranianos (Moema, Xavier da Silva e Iracema), no interior de Itaiópolis, merecem destaque especial. O exemplo de


5


6

Seminários e colégios estiveram sempre atrelados à ordens religiosas. Destaca-se, pela importância e imponência, o Seminário do Sagrado Coração de Jesus (5), em Corupá. A arquitetura do Seminário e Colégio no centro de Ascurra também é singular.

5 - Seminário Segrado Coração de Jesus [CRP001], Corupá.
6 - Vista do pátio interno do colégio no centro de Ascurra. Influência italiana.

Moema é notável. O antigo templo, todo em madeira, não foi demolido, coexistindo lado a lado com a nova construção, em alvenaria de tijolos, que possui na sua composição os mesmos elementos que particularizam essas igrejas. O conjunto, situado em pequena elevação, de onde se descortina ampla paisagem rural, é formado pelos templos com suas torres e bulbos, que convivem com as cruzes do cemitério.

Em Alto Paraguaçu está a majestosa igreja de Santo Estanislau [ITP010], provavelmente o maior templo erguido pelos imigrantes poloneses no Brasil. Em estilo neogótico, marcado pela grande torre frontal, a igreja, que centraliza a paisagem urbana do núcleo, notabiliza-se pelo interior, inteiramente ornado com pinturas decorativas.

Deve ser ressaltada a produção de arquitetura religiosa relacionada com a arquitetura déco, quase sempre nas décadas de trinta e sessenta do século XX e ligadas à construção de templos católicos, como a igreja do Seminário de Ascurra ou as matrizes de Gaspar e de São Bento do Sul.

Das igrejas modernistas, o destaque é a Matriz de São Paulo Apóstolo, de Blumenau, importante projeto consagrado em 1958 e concluído em 1963 – obra dos arquitetos alemães Dominkos Boehm e Gottfried Boehm.

Arquitetura recreativa



O Salão Hammermeister [TIO013], em Timbó, foi construído especialmente para ser um salão de bailes. Hoje abriga o Museu da Música.

Ao contrário do que acontece nas comunidades de imigrantes italianos, poloneses e ucranianos, onde a igreja é o ponto focal de todas as relações sociais, nas comunidades alemãs e luteranas as igrejas respondem quase que estritamente pela função religiosa. Nesses núcleos, as atividades sociais desenvolvem-se, principalmente, a partir da constituição de uma sociedade recreativa (de canto, de ginástica, de música e, especialmente, de caça e tiro). Essas associações tiveram um duplo papel: assumiram um caráter de cunho recreativo e/ou assistencial e serviram de coesão aos grupos étnicos.

Um dos fenômenos mais interessantes é a proliferação de sociedades esportivas e recreativas ao longo da história das comunidades teuto-brasileiras, fato que não encontra paralelo na sociedade brasileira. Sociedades de caça e tiro, de ginástica, de música e de canto são elementos que não podem faltar nas colônias alemãs, muitas delas encontradas também entre os italianos.

As instituições recreativas, como as sociedades de canto (Gesangverein), as de ginástica (Turnverein) e, em especial, as de Tiro (Schützenverein), tinham como objetivo transmitir a cultura e o espírito esportivo e associativo dos alemães aos teuto-brasileiros. Vinculados a elas existiam grupos teatrais, pequenas orquestras ou bandas de música e grupos folclóricos.

Único folguedo popular do ano, a festa tradicional dos atiradores (Schützenfest) coincidia com a Páscoa e era o momento em que os colonos viam seus companheiros, parentes e vizinhos de picada. A bandeira do clube e o uniforme dos sócios eram confeccionados na Alemanha e todos compareciam à festa uniformizados e ostentando as medalhas ganhas nas competições de tiro.

As sociedades de ginástica, de música, teatro, canto, caça-e-tiro e literatura, entre outras, sempre fizeram parte da vida associativa nas colônias alemãs. Ao lado, imagens do início do século XX, no município de Mafra.

A origem dessas sociedades "pode ser encontrada nas corporações de tiro medievais alemães, cujas tarefas práticas – auxiliar, em tempo de guerra, na defesa de burgos e castelos – eram aliadas aos festejos da primavera. Nestes, as competições de tiro motivavam toda uma série de atividades paralelas, incluindo dança, cantos, etc., realizados no campo, reunindo os habitantes das

1 e 2 - Formação de "pirâmide" na Sociedade de Ginástica em Mafra.
3 - Sociedade feminina de ginástica
4 - Foto de 1914, da Sociedade de Atiradores, no dia da inauguração da bandeira.

FONTE: Os alemães nos estados do Paraná e Santa Catarina.

cidades e os camponeses. Os 'atiradores', na guerra de Libertação, participaram das Landsturn (milícias), dando às sociedades de atiradores, que persistiam no campo até o século XIX, um caráter nacionalista. A luta contra Napoleão teria sido o último feito da sociedade de atiradores alemães. (...) O caráter popular das festas dos atiradores nas zonas rurais da Alemanha, no século XIX, se manteve nas regiões de colonização do vale do Itajaí, outra vez aliado ao aspecto prático. Também aqui, os atiradores, de acordo com informações obtidas nas entrevistas, formavam uma linha de defesa da comunidade – instalada numa zona pioneira, de floresta, onde os únicos habitantes eram os índios"[12].

1



2



3



4



Os salões e os clubes de caça e tiro tornaram-se marcas registradas, que identificam os núcleos de imigrantes germânicos, constituindo-se em presença obrigatória na formatação dos núcleos urbanos e rurais desses imigrantes. Em casos especiais, principalmente nos núcleos mais desenvolvidos, desde cedo se organizaram sociedades de ginástica e sociedades de canto, entre grupos de teatro e saraus literários, registrados já nos primórdios da Dona Francisca, de Blumenau e de Brusque. Os edifícios que abrigam essas atividades são avantajados, mas sempre construídos de maneira despojada, com as mesmas técnicas usadas nas casas e nos ranchos rurais. Caracterizam-se pelo amplo piso assoalhado, em alguns casos confeccionados sobre "amortecedores" de borracha, e por pequenos palcos, preparados para receber as bandas e os conjuntos musicais que abrilhantam os festejos. Deve-se frisar que, principalmente na área dos imigrantes alemães, as moradias absorvem parte significativa dos festejos, em especial os familiares, como casamentos, bodas, aniversários e batizados. Já nas áreas onde predominam poloneses e italianos, a igreja absorve a maior parte dos acontecimentos sociais e a arquitetura recreativa é menos comum.

Ainda assim, a atividade musical sempre foi intensa nos núcleos de imigrantes provenientes da Itália, por vezes se desenvolvendo em separado dos corais religiosos. O teatro e a literatura também tinham adeptos.

Os salões e os clubes de caça e tiro mantiveram-se ativos nas regiões de imigração alemã.

1 - Salão Primavera [BLU012], na Vila Itoupava, Blumenau.
2 - Fundos do Salão Primavera.





Em Alto Paraguaçu, está instalado interessante auditório, hoje utilizado como Salão Paroquial [ITP007], construído em meados do século XX para abrigar atividades teatrais e projeções de fitas de cinema.

Em Joinville, a tradicional Sociedade Harmonia Lyra[13], construída em estilo eclético, abrigou até o final do século XX as principais atividades sociais e culturais da então Dona Francisca. Carlos Ficker[14] descreve em minúcias as atividades culturais em Joinville e a importância de Otockar Doerfell (chegado à Colônia no ano de 1854) nessas atividades. Data de 1855 a fundação da Kulturverein (Sociedade de Cultura) e da Gesangverein Helvetia (Sociedade de Canto Helvetia).

Em Blumenau, o Teatro Carlos Gomes, projetado pelo arquiteto alemão Erwin Bruner e inaugurado em 1939, passou a ser o centro cultural do próspero município.

Em São Bento do Sul, no início da extensão no planalto da Colônia Dona Francisca, instalou-se uma das Sociedades Literárias mais antigas da América, fundada em 1881 e existente até os dias de hoje.

Em Três Barras, onde recentemente a antiga hospedaria, edificada em madeira, foi criminosamente incendiada, preserva-se uma construção singular. Trata-se do cinema da empresa Lumber, utilizado também como bar e salão de bailes e festejos. Semi-abandonado, salvo circunstancialmente, apenas por estar situado em área de treinamento do exército brasileiro, o edifício guarda todas as suas características principais, inclusive o espaço do projetor de cinema, palco, balcões, gradis divisórios, esquadrias, forros e assoalhos. O velho cinema da Lumber, ao que consta um dos mais antigos das Américas, todo confeccionado com grossas tábuas de madeira, aguarda um reconhecimento de valor, capaz de transformá-lo de novo em um dos edifícios mais importantes da região em que se encontra implantado.

Sobre as construções ligadas às atividades de lazer das colônias de imigrantes, deve-se ressaltar a significância dos cinemas, alguns deles ainda cine-teatros, construídos até meados do século XX. A maioria, ligada tipologicamente ao ecletismo ou ao déco, foi palco de vivências de gerações e centros preferenciais de arte e cultura em suas cidades. O cine Bush em Joinville; o Brasil, em São Bento do Sul; e o Bush, em Blumenau, exemplificam esse importante ciclo de arquitetura do entretenimento.

3 - Teatro Carlos Gomes, Blumenau.
4 - Clube Harmonia Lyra, Joinville.





"E mais um acontecimento foi comentado em São Bento: no arraial do ribeirão Negrinho (não se trata do atual Rio Negrinho e sim do Rio da Estação, que, em 1881, ainda chamava-se rio Negrinho) no Km. 80 da Estrada Dona Francisca, fundou-se o primeiro clube" para leitura, discussão sobre assuntos da agricultura e pecuária, e divertimentos, com o nome "Lese und Kultur Verem "Glueckauf". (Sociedade Cultural "Boa Fortuna").

Fundada no primeiro domingo de agosto de 1881, esta sociedade de cunho recreativo, cultural e instrutivo em assuntos da agricultura, contava com 24 sócios no primeiro ano da sua existência com reuniões semanais no salão do vendista Franz Neumann. [...]

Esta sociedade tinha por fim promover a prosperidade em todos os setores da agricultura, ajudar os colonos recém-chegados, aconselha-los e guiá-los conforme a prática; importar da Europa sementes de trigo, centeio, verduras etc. e comentar, nas reuniões, artigo publicados nos jornais da época, como o "Colonie-Zeitung", de Joinville, a "Gartenlaube" da Alemanha e outros periódicos especializados Uma vez por ano, sempre no primeiro domingo de agosto, procedeu se um "Krãnzchen" ou reunião festiva e social, com a presença do familiares dos sócios, com música, dança e demais divertimentos. [...]

E mais uma sociedade foi fundada neste ano de 1881. Aos 15 dias do mês de outubro ... "um punhado de homens cultos e empreendedores da vila, formou uma sociedade com o objetivo de distrair e educar os poucos habitantes do lugarejo".

Trata-se da "Sociedade Literária São Bento", que ainda hoje existe, com sede na Avenida Argollo, e registrada no Instituto Nacional do Livro, contando hoje com mais de 128 sócios, por sinal muito ativo e com um grande acervo em livros e uma biblioteca de 10.000 livros."

Fonte: FICKER, Carlos. São Bento do Sul – Subsídios para sua história. Impressora Ipiranga: Joinville, 1973. Pág. 123

Dentre todos os edifícios dessa natureza, sobressai-se, pelo apuro técnico e formal da construção, o Salão Hammermeister, situado em Timbó, às margens da rodovia que liga o município a Benedito Novo.

O imponente volume é elevado em relação ao solo, tendo como acesso escadaria circular construída no eixo de simetria. É todo confeccionado em alvenaria autoportante de tijolos aparentes; apresenta requinte singular na colocação caprichosa dos tijolos, que formam desenhos geométricos por todo o edifício, mesclando tonalidades claras e escuras. Arcos de descarga, requadros e beirais também são definidos pela alvenaria aparente. Internamente, a estrutura dos telhados, de dimensões incomuns, é aparente. O piso é assoalhado, em madeira.

O Salão Hammermeister foi construído especificamente para o uso de entretenimento, tendo sido recentemente adquirido pela prefeitura municipal de Timbó e reciclado, abrigando o Museu da Música, que expõe instrumentos e informa sobre as atividades musicais do município e da região.

1 - Salão Flohr, Pomerode.
2 - Salão Belz [POD002], Testo Alto, Pomerode.
3 - Salão Hammermeister [TIO013], Timbó.
4 - Detalhe do trabalho de tijolos na empena do Salão Hammermeister.
5 - Vista interna do Salão Hammermeister, hoje adaptado para ser o Museu da Música.


1


2


3


4


5

Arquitetura educativa



Foto de uma antiga escola em Blumenau.

As escolas sempre tiveram um papel importante nas colônias, especialmente naquelas onde predominavam os alemães. Os camponeses alemães emigrados para o Brasil eram, na sua maioria, alfabetizados, pois, desde o início do século, a escolarização infantil era obrigatória nos Estados alemães, sendo a taxa de analfabetismo bem menor nas regiões protestantes que naquelas onde imperava o catolicismo. Foi comum a organização de sociedades escolares (Schulvereine), com o objetivo de suprir as deficiências relativas à educação nas colônias. A falta de escolas nas colônias sempre suscitou críticas dos imigrantes ao governo brasileiro, que chegou a construir algumas, depois de muitos anos de reclamações. No entanto, não se pode esquecer que, no século XIX, o Brasil era um país escravocrata, sem classe média, onde o conceito de povo não estava definido, a preocupação com a alfabetização da população livre (incluindo negros, mulatos, índios, mulheres e brancos pobres) era inexistente e a escolarização era privilégio dos grupos dominantes.

O imigrante viveu por muito tempo em comunidades isoladas, praticamente sem contato com cidades e vilas brasileiras. Não via, assim, razão alguma para que seus filhos aprendessem português e, com o descaso das autoridades brasileiras na busca de soluções para a construção de escolas, muitas colônias resolveram construir e manter, por conta própria, escolas e professores. Muitas escolas comunais foram erguidas por mutirão pelos próprios colonos. Assim surgiram inúmeros conjuntos de Casa e Escola do Professor. Dezenas dessas construções pontilhavam a paisagem rural. Durante a Segunda Grande Guerra, porém, com a nacionalização das escolas e a proibição do ensino em alemão (além da interdição da língua), a maioria delas foi abandonada. Restaram poucos exemplares, dentre os quais destacam-se aquela que é conhecida como Escola nº1, na Itoupava Central, em Blumenau – possivelmente a mais antiga escola rural ainda existente no município; a Casa/Escola de Cedrinhos, em Rio dos Cedros – já tombada pelo IPHAN – ,e a Casa e Escola da área urbana de Timbó. São exemplares rurais construídos em enxaimel, a técnica predileta

para a construção tanto das escolas, quanto das casas dos professores. Todos apresentam cuidados singelos, raramente presentes nas moradias dos colonos, tais como beirais trabalhados, dimensões incomuns e colocação caprichosa de tijolos aparentes.

Em São Bento do Sul, na estrada Dona Francisca, preserva-se interessante escola, edificada em alvenaria de tijolos, que apresenta, como particularidade, abrigar sob o mesmo teto e escola e a casa do professor.

As escolas comunitárias eram elemento indispensável na configuração das colônias e representavam a principal instituição da comunidade, destinada à manutenção e estímulo ao uso do idioma. Eram caracteristicamente locais e sua figura central era o colono-professor que, muitas vezes, concentrava também as tarefas religiosas e recreativas. Muitas vezes o professor era o chefe de alguma família da localidade, e por isso sobrepunha sua atividade de ensino à atividade agrícola.

Além disso, as aulas ministradas em alemão eram uma garantia à sobrevivência da língua-mãe e à manutenção da identidade alemã. É possível ainda estabelecer um paralelo entre a língua alemã e a igreja luterana:

"Devo fazer, ainda, referência a um aspecto da ideologia que norteou parte da organização escolar teuto-brasileira: a relação estabelecida entre a escola, a religião e a língua. Este aspecto está ligado à mais germanista de todas, a Deutschevangelische Schule (Escola Evangélica Alemã). Nesta, o valor da língua alemã era acrescido de mais um componente: foi a língua de Lutero e, por isso, tem raízes na própria religião. A contribuição de Lutero para o aperfeiçoamento do Hochdeutsch é considerada muito grande pelos luteranos. Nesse sentido, Lutero teria contribuído para a formação de uma língua alemã pura, separada dos inúmeros dialetos falados na Alemanha, e

1 - Escola "Número 1", em Blumenau.
2 - Escola e Casa do Professor Rural [RCD011], em Rio dos Cedros, tombada pelo IPHAN.
3 - Escola (no primeiro plano) [TIO012b] e Casa do Professor [TIO012a] (segundo plano) na via Pomeranos, centro de Timbó. A casa é também conhecida como Casa Nardelli, sobrenome de seu último proprietário.


1


2


3


4

dado início a uma nova época da história da língua alemã. Nesse sentido, língua alemã e religião luterana são inseparáveis"[15].

Outro tipo de organização escolar surgiu juntamente com as escolas rurais teuto-brasileiras e, em muitos casos, as substituiu. São as escolas comunais ligadas às comunidades religiosas católica e luterana, e desenvolveram-se independentemente dos governos, tanto do Brasil quanto da Alemanha. Pastores, padres e freiras foram os principais responsáveis pela sua estruturação. Tais escolas predominavam, porém, nos núcleos urbanos, e foram organizadas em uma fase mais adiantada da colonização.

"Nas escolas ligadas às igrejas, o professor era uma pessoa qualificada para a função e vivia apenas da sua profissão (quando não era um religioso), embora nem sempre bem remunerado. Além disso, ao contrário do que acontecia na zona rural, nessas escolas era ensinado o idioma português como uma das disciplinas do currículo e segunda língua dos alunos. O ensino geral, contudo, era ministrado em alemão."

Nas áreas italianas, polonesas, ucranianas e luso-brasileiras, era comum que a igreja ou instituições religiosas absorvessem, principalmente nos núcleos rurais, as funções da educação. Até hoje esses educandários mantêm-se entre as mais importantes instituições de ensino das regiões onde predominaram imigrantes católicos.

Arquitetura institucional

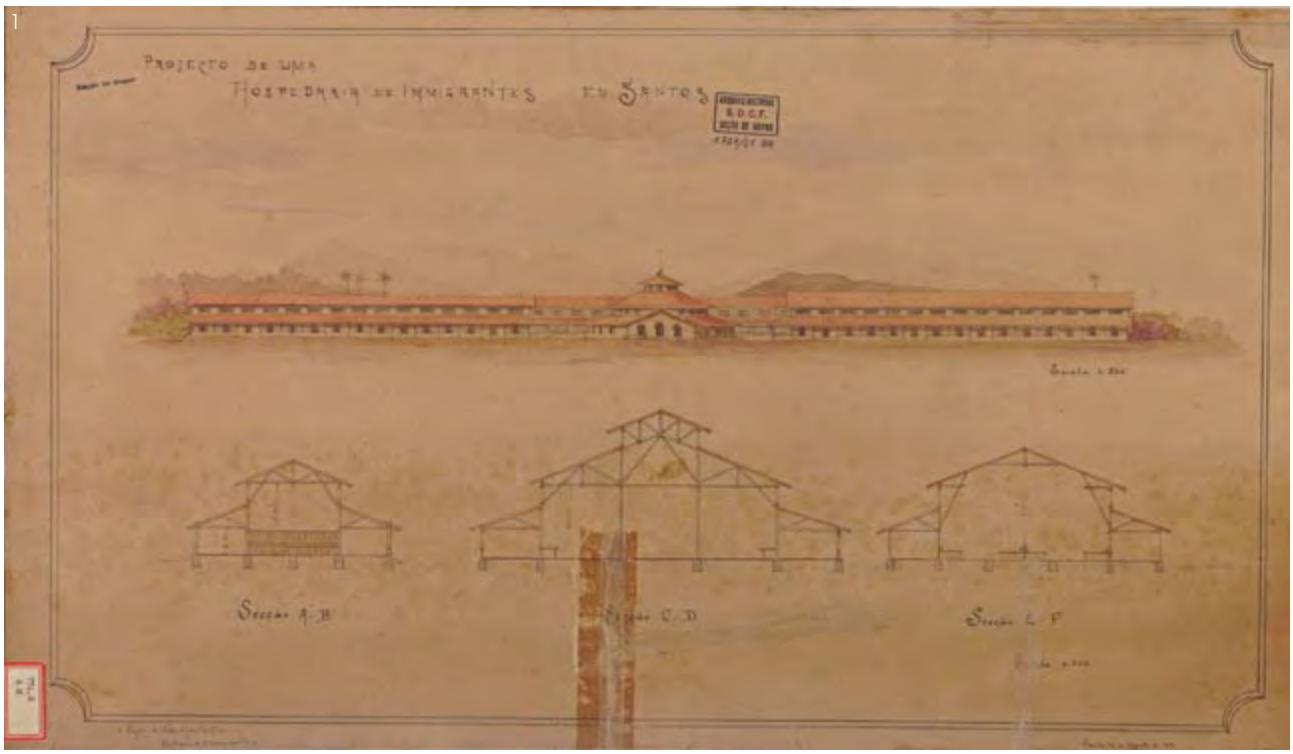
Sobre a arquitetura institucional, pode-se dizer que ela de certa forma antecede a arquitetura das colônias de imigrantes, uma vez que os ranchos comunais que abrigavam os pioneiros, quando da instalação dos empreendimentos, não podem deixar de ser vistos como construções comunitárias que, embora provisórias, eram institucionais. Desses ranchos e da posição que ocupavam, originaram-se o arruamento das cidades e alguns de seus principais logradouros, como em São Bento do Sul, onde a primeira construção deu lugar ao atual edifício da Câmara de Vereadores.

Na Dona Francisca, o estreitamento e encachoeiramento do Rio Cachoeira determinaram o local de fixação do rancho: primeiro marco construído da atual Joinville.

A escola em Blumenau

Fundada em fevereiro de 1889, Escola Alemã teve sua obra concluída em 1892 e a partir de 1898 passa a receber uma subvenção anual da Alemanha e uma auxílio do Estado de Santa Catarina. Tal auxílio estava condicionado ao ensino da língua portuguesa e à concessão de bolsas de estudo para até 1/3 dos alunos. Na escola a língua dominante era a alemã, sendo o português ensinado como língua estrangeira, assim como o inglês e o francês. No dia 1º de abril de 1899 a escola contava com 124 alunos, tendo aulas ministradas em 4 classes por 4 professores. Dedicava-se atenção especial à história do Brasil e, paralelamente, lecionava-se história Européia e Alemã. O objetivo da escola era possibilitar aos filhos de teuto-brasileiros a possibilidade de admissão nas faculdades brasileiras e, mais tarde, acesso ao alto funcionalismo público.

Do livro "SEYFERTH, Giralda; **Nacionalismo e identidade etnica:** a ideologia germanista e o grupo etnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajai. Florianopolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 223p."



Não existiu em Santa Catarina nenhum abrigo de imigrantes do vulto do projetado para Santos (1). Mas todas as colônias possuíram seus barracões. Neles os colonos passavam os primeiros dias, enquanto eram registrados e tinham seus lotes de terra demarcados e distribuídos.

FONTE IMAGEM: Arquivo Nacional

Como regra, entretanto, pode-se afirmar que a arquitetura institucional é quase toda formada por edifícios das primeiras décadas do século XX, construídos em especial entre 1930 e 1950, em alvenaria de tijolos autoportantes rebocados, para abrigar as Prefeituras Municipais e as Câmaras de Vereadores das colônias havia pouco emancipadas. Como esse período marcou a fase da nacionalização forçada, eles foram invariavelmente construídos em arquitetura apenas difusamente relacionada com as regiões de origem dos imigrantes. Foi o que ocorreu em municípios como Jaraguá do Sul, Timbó e, principalmente, em São Bento do Sul, onde o edifício que por muitos anos foi a sede do município lembra o ecletismo luso-brasileiro da Cadeia Nova de São Francisco do Sul, edificada na mesma época em misto de eclético e neoclássico luso-brasileiro. Em Blumenau, onde a prefeitura foi construída anteriormente ao período de repressão, a sede relaciona-se com modelos alemães do período. O edifício foi implantado, não por acaso, em pleno sítio de onde se irradiou a colônia, nas imediações do porto fluvial – atualmente Praça Hercílio Luz (Biergarten). Trata-se da mais significativa dentre todas as sedes de colônias de Santa Catarina. Em meados do século, metade desse notável edifício foi destruída por um incêndio que, além da arquitetura, consumiu muito da documentação da colônia. Transformado em centro cultural e sede da Fundação Cultural de





Blumenau, recentemente, a área incendiada foi reconstituída, através de projeto idealizado pelo arquiteto alemão, radicado no Brasil, Hans Broos.

Infelizmente, dos antigos edifícios evidenciados em gravuras, construídos em enxaimel para administração de várias das colônias de imigrantes instaladas em Santa Catarina, nenhum sobreviveu às agruras dos tempos ou à falta de sensibilidade de muitos de seus governantes.

Cemitérios



Cemitério de Rio da Luz, em Jaraguá do Sul.

Os cemitérios são elementos de destaque em todas as cidades e nos núcleos rurais, invariavelmente estabelecidos dentro das tradições religiosas e culturais de cada grupo de imigrantes. Os italianos agregam os cemitérios com as igrejas e é comum que construam sepulturas de grandes dimensões, quase capelas, edificadas em alvenaria de tijolos, ornadas com imagens de anjos e com aplicações em gesso e argamassa, muitas vezes com motivação neogótica ou neoclássica. Os poloneses acompanham essa tendência, mas seus cemitérios são mais comedidos e caracterizam-se por cruzes singelas de madeira. Em Rio Natal, no interior de São Bento do Sul, todas as sepulturas eram assinaladas por cruzes toscas de madeira, esculpidas apenas nas extremidades do topo e dos braços, onde eram gravados os nomes dos sepultados. Essas cruzes de madeira foram registradas também em Itaiópolis e em Moema. Os cemitérios alemães apresentam configurações variáveis, mas embora existam pequenas construções de alvenaria, com nichos adornados por pequenas estátuas, as sepulturas costumam ser despojadas. Muitas são assinaladas por lousas gravadas com recomendações e citações religiosas sucintas, acompanhadas pelos nomes e as datas de nascimento e falecimento dos sepultados. São comuns as cruzes metálicas (que eram encomendadas na Alemanha) – muitas delas com dimensões e acabamentos impressionantes. Merecem registro especial as lápides de porcelana pintada, onde são comuns os motivos florais, entre breves citações com o nome dos falecidos e datas de nascimento e morte. Aparentemente, foram produzidas nas próprias colônias.

1 - Antiga prefeitura de Blumenau, hoje Secretaria de Cultura, com salas de teatro, exposições e oficinas.
2 - Prefeitura de Campo Alegre.

Já existe um cemitério alemão tombado pelo IPHAN – o Cemitério dos Imigrantes de Joinville –, onde estão sepultados vários dos pioneiros da antiga colônia Dona Francisca. Existem diversos outros cemitérios notáveis na antiga Colônia São Pedro, em Blumenau, na Dona Francisca, no interior de Indaial e em quase toda a região de imigrantes italianos e poloneses.



Os cemitérios integram a paisagem das regiões de imigrantes. Suas singularidades estão atreladas às especificidades de cada religião e grupo étnico dos imigrantes.

1 - Vista do cemitério da Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], na região de colonização ucraniana em Itaiópolis.
2 - Cemitério da margem esquerda do Rio Testo [POD008], em Testo Alto, Pomerode.
3 - Cemitério da Mulde, em Indaial.
4 - Cruz de madeira, com detalhes trabalhados, no cemitério de Antônio Carlos, na região da grande Florianópolis.
5 - Cruz de ferro, também no cemitério de Antônio Carlos.
6 - Cruzes de madeira no cemitério da Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], em Moema, Itaiópolis.











Arquitetura residencial

As casas de moradia dos pequenos agricultores são a base da sociedade e da arquitetura da região de imigrantes de Santa Catarina. Empreendimentos rurais baseados na distribuição de numerosos lotes a colonos provenientes da Europa, as colônias de imigrantes só podiam se caracterizar pela profusão de moradias, correspondentes a cada lote e construídas na escala das possibilidades dos minifúndios e dos seus ocupantes. Assim, um grande número de moradias de pequenas proporções – executadas com os cuidados inerentes ao fato de terem sido edificadas com a participação direta dos proprietários e de suas famílias – constitui o maior demonstrativo construído do episódio da imigração, sua evolução e seus desdobramentos. São bens numerosos, construídos quase sempre dentro das especificidades culturais de seus construtores e proprietários, distribuídos às margens dos caminhos rurais, agregando ranchos e anexos ao conjunto residencial. Seus volumes característicos, formados pelos panos dos telhados, marcam as paisagens regionais.

A partir da análise da casa dos imigrantes, é possível constatar o quanto o contexto histórico, geográfico e econômico influi no comportamento humano. A organização funcional da moradia reflete a forma mais íntima de arranjo social – o das relações familiares. Verificamos que indivíduos de contextos culturais tão diversos quanto os italianos – latinos do Mediterrâneo –, os alemães – germânicos do centro da Europa – e os poloneses e ucranianos – eslavos dos limites da Europa com a Ásia –, ao estruturarem seu espaço familiar no ambiente brasileiro, aproximam-se extraordinariamente de uma forma organizacional comum. Esse fato evidencia que, provenientes de várias regiões do planeta, os imigrantes e seus filhos não tardaram a se tornar cidadãos da terra que os acolheu.

Efetivamente, as casas dos imigrantes italianos, alemães, poloneses e ucranianos apresentam poucas diferenças entre si no que se refere ao arranjo dos espaços de vivência e na implantação do complexo rural, embora demonstrem alterações visíveis em detalhes técnicos e nos partidos plásticos.

Quartos e salas frontais, porta principal no eixo de simetria, cozinha nos fundos ou na lateral, incorporada à casa ou pouco distante dela. Varandas frontais, celeiros e depósitos cercando os fundos ou as laterais das casas, quartos secundários nos sótãos ou nos compartimentos posteriores. Jardins emoldurando as fachadas, hortas nos fundos ou na lateral das moradias, pastagens entre as várzeas e as colinas. As diferenças existem e são palpáveis, identificando as construções de cada etnia com suas tradições histórico/culturais – refletidas nos saberes construtivos acumulados, por povos diversos, em seus distantes locais de origem.

Muitos são os exemplares da arquitetura residencial de destaque, estudados e selecionados para tombamento por fatores tão diversos quanto a técnica e os materiais com que foram confeccionados, as especificidades das plantas, os requintes ornamentais, os resultados plásticos, as volumetrias específicas, as variadas funções a que se destinavam, as várias fases históricas que representam ou os fatos que testemunharam.

A CASA DO IMIGRANTE E A PEQUENA PROPRIEDADE RURAL



Emoldurada pelas montanhas e cercada de vegetação, a paisagem onde está inserida a Casa Fleith, na Estrada do Pico, em Joinville, é singular.

Segundo Seyferth[16], "os principais traços que distinguem a paisagem das colônias são, além do povoamento disperso e a presença de povoados que surgiram em função da distribuição dos lotes, a organização do espaço dentro das pequenas propriedades, os tipos de moradia e o desenvolvimento urbano".

Os povoados que se formaram nas áreas coloniais concentravam as atividades tradicionais da aldeia camponesa. No entanto, a unidade econômica básica não era o povoado, nem as vilas ou cidades maiores, e sim a pequena propriedade policultora. A produção baseada na mão-de-obra familiar foi a peça-chave para o desenvolvimento e a sustentabilidade das propriedades, desde o tempo da colonização até hoje.

A manutenção e a distribuição dos espaços dentro da propriedade eram características e derivaram da necessidade de adequação do espaço do lote às atividades desenvolvidas pela família. Em geral, prevalecia uma policultura aliada à criação de pequenos animais, que garantia a subsistência da família. A isso se somava uma agricultura comercial ou uma pequena indústria caseira, que viabilizavam o sustento econômico da propriedade.

Seyferth analisa a pequena propriedade como um microcosmo que deve ser, na medida do possível, auto-suficiente. Mesmo que plante fumo, por exemplo, com o propósito de gerar lucro, a maioria dos colonos continuará mantendo o cultivo de outras plantas, uma pequena horta e a criação de alguns animais domésticos, o que o caracteriza como um tipo específico de "empresário" agrícola.

Engenhos e atafonas recebiam o rótulo de "indústrias" e eram responsáveis pelo abastecimento da colônia e, principalmente, do comércio. Tinham a maior parte da sua produção exportada para outras localidades.

Retomando a questão da composição da pequena propriedade, a família que a ocupa é geralmente formada por três gerações (os pais, um dos filhos casados e sua prole), característica de uma família camponesa tipicamente

européia e totalmente incorporada ao novo país.

A casa é a base do patrimônio construído pelos imigrantes em Santa Catarina. Assim, justifica-se uma análise detalhada das origens dos partidos estéticos e funcionais das moradias, sua adaptação ao clima e ao território, a interação com os materiais e as técnicas pré-existentes no Brasil, a influência exercida pelas tradições de imigrantes de outras etnias e, finalmente, a evolução dos partidos residenciais. Cada um dos modelos implantados nas diversas regiões e pelas diversas etnias será analisado separadamente. Na seqüência, busca-se elaborar uma síntese acerca do tema da Casa dos Imigrantes em Santa Catarina, apresentando a diversidade, as características comuns e específicas, os detalhes e as soluções construtivas, as soluções de planta e os pontos em comum entre as etnias e a arquitetura luso-brasileira.

Implantações



Propriedade Hornburg [POD076], Testo Alto, Pomerode. Implantação típica da região de imigrantes alemães.

As casas rurais da arquitetura dos imigrantes apresentam quase que uma única implantação, generalizada em todas as colônias, encontrada nas várias etnias e durante todo o período histórico em que foram mais fortes as influências das terras de origem dos imigrantes (entre 1850 e 1940). Estão normalmente recuadas das estradas, embora guardando estreita relação com as vias, para onde geralmente estão voltadas.

"Voltando à questão do espaço, a colônia pode ser visualizada, esquematicamente, da seguinte forma: a casa, junto à estrada; próximo à casa ficam também os ranchos que servem para estábulo, para guardar apetrechos agrícolas e como depósito, um local cercado para criação de galinhas, um chiqueiro e a horta. Este conjunto forma uma área indivisível em termos de herança, isto é, por morte ou doação dos pais, um dos filhos a recebe intacta. Às vezes existem outras construções que não fazem parte, necessariamente, deste conjunto. Trata-se dos engenhos de açúcar e atafonas, que já foram comuns nas áreas coloniais, mas que hoje são encontrados em número reduzido. Construídos junto a um córrego, pelo fato de utilizarem roda d'água foram parte importante do sistema econômico das colônias e, em algumas regiões, ainda são."[17]

A regra geral é a de que a fachada principal da casa seja construída paralela à estrada, mesmo em situações onde a distância é considerável, como é o caso da Klohen [TIO010], em Timbó, da Casa Schiochett [JGS036], em Jaraguá do Sul, ou da Casa Lümke [POD014], em Pomerode.

Os acessos principais da casa costumam ser perpendiculares à via pública, para a qual estão invariavelmente voltados, além da varanda, dois dos compartimentos principais da casa: a sala e o quarto do casal.

A distância entre a casa e a rua varia grandemente. Fatores como a altura necessária para evitar inundações, as características do tipo de solo do lote, a eventual existência de vizinhos já fixados nos lotes próximos, a localização do poço e a proximidade da encosta nos fundos da casa influíam na decisão final sobre a localização da moradia.

A implantação de casas e ranchos no lote são sempre em função das plantações, pastagens e a da topografia local. Mais ou menos afastadas da estrada, as casas encontram-se, invariavelmente, voltadas para o aceso principal.

1 - Casa com estufas de funo na região de Ibirama.
2 - Propriedade na estrada Pomeranos, que liga Pomerode a Timbó, no Vale do Itajaí.
3 e 4 - Sítio Tribess [POD065], em Pomerode. A implantação no lote é singular, guardando uma relação íntima com a topografia.
5 - Casa Schiockett [JGS036], em Jaraguá do Sul.
6 - Propriedade na Estrada Blumenau, em Joinville.


1


2


3


4


5


6

O abrigo



Cabanas rústicas dos primeiros moradores de "Schroedersort", segundo ilustração de Rodowicz.

FONTE: FICKER, Carlos. História de Joinville - subsídios para uma crônica da Colônia Dona Francisca.

As primeiras acomodações dos imigrantes eram rudimentares e feitas de estruturas simples e temporárias. Na época da fundação da colônia Blumenau, foi construído um galpão rústico para instalar temporariamente os imigrantes. Esse galpão era constituído de uma estrutura enxaimel com vedações de pau-a-pique, guarnecidas de barro e cal. Conforme relatórios da Colônia, seguidamente apresentava problemas de conservação, devido à precariedade de sua construção, às chuvas e às enchentes.

Na atual Joinville, onde se implantou a Colônia Dona Francisca, a base da colonização também foi um galpão comunal, construído antes da chegada dos imigrantes pioneiros e destinado a abrigar os colonos recém-desembarcados – até que pudessem deslocar-se para seus lotes. Uma xilogravura de 1850, publicada na Illustrierte Zeitung, na Alemanha, em 1851, apresenta os dois primeiros ranchos da Dona Francisca cobertos por palhas, estruturado com troncos verticais aparentemente fixados no solo, com as paredes vedadas também por troncos encaixados horizontalmente.

Carlos Ficker descreve assim esses dois abrigos: "As construções eram as mais simples possíveis, à maneira nativa, feitas de troncos de palmitos ligados com cipó e cobertas com folhas de palmeiras. Um dos ranchos media 74 por 36 pés (22 x10 metros) e achava-se na pequena ilha formada pelos dois braços do ribeirão. Mais tarde, após a chegada dos colonos europeus, esse rancho foi transformado em casa de oração (igreja) e escola, assinada no primeiro mapa, publicado em 1853, com a letra "k". A outra casa, construída ao lado oposto do ribeirão, continha divisões para seis famílias, com entradas separadas, medindo também 74 x 36 pés".

Nessa colônia, onde os pioneiros estavam divididos em três etnias, cada uma delas abriu uma picada a partir do rancho comunal, dando início efetivo à colonização da região. O rancho dos noruegueses está representado em gravura da época e mescla técnicas construtivas como o enxaimel com o uso de toras de madeira. Demonstra um segundo estágio do pioneirismo, quando as cabanas improvisadas já davam lugar a construções sólidas – embora rústicas e, na maioria das vezes, improvisadas.

Na Colônia Brusque, que, ao contrário das duas anteriores, era um empreendimento de origem oficial, o início não foi diferente. Conta Oswaldo Cabral que "Vários cronistas que demoraram no estudo dos primór-

dios da colônia, informaram-nos que os primeiros habitantes permaneceram num rancho construído de palmitos, durante nove meses, até que pudessem tomar posse das suas terras..."[18].

Depois do galpão provisório, abrigo coletivo dos primeiros dias, os colonos se dirigiam para os lotes que lhes haviam sido destinados, com freqüência encontrados sem demarcação e quase sempre ainda cobertos por matas naturais. Durante a fase preliminar de instalação no lote, conforme cartas, relatos e ilustrações históricas da época, era comum a construção de uma cabana também provisória, quase uma choupana, construída com os materiais disponíveis no local, de pau-a-pique e madeira vedada com barro e fibras e coberta com folhas de palmeiras.

O Padre Raulino Raitz observa que "até o Dr. Fritz Muller, cinco vezes diplomado nas universidades da Europa, construiu assim, com suas mãos, o primeiro abrigo...".

O abrigo primitivo marcava os tempos de pioneirismo e não podia responder senão temporariamente pelas necessidades culturais desses povos, tradicionalmente habituados a longas permanências no interior de suas residências em virtude dos rigores do clima e do inverno.

Deve-se destacar que essas construções iniciais não deixaram de contar com a contribuição do elemento luso-brasileiro, esparsamente instalado na região. Existem vários depoimentos que valorizam as lições básicas fornecidas pelos poucos habitantes das áreas em que se instalaram as primeiras colônias. Do convívio com os indígenas e das duras lições da mata, os caboclos, mestiços, que há muito habitavam a região, dominavam as técnicas indispensáveis ao convívio cotidiano com a natureza desconhecida pelos imigrantes: como saber utilizar folhas de palmeiras e ramagens vegetais para cobrir os abrigos, ervas como remédios, cipós para amarrações, fibras para trançados, técnicas de caça, animais domesticáveis, a cultura da mandioca, do milho e do feijão, entre outros cultivos, receitas com os frutos da terra, inclusive pão de mandioca, conhecimentos sobre madeiras e argilas, entre muitas outras noções de adaptação ao território.

Passada a fase de pioneirismo, que correspondia ao desmate e aos primeiros cultivos, assim que as condições permitiam impunham-se os anseios culturais e as noções de habitação trazidas do velho continente. Construía-se então a casa provisória, ainda pouco mais do que o abrigo dos primeiros



Ilustração de um dos primeiros abrigos na Colônia Dona Francisca. Estrutura de madeira, com fechamento de pau a pique e cobertura de palha.

FONTE: Ficker, 1965. pág. 77

dias, mas já dotada de paredes, telhados, portas e janelas. Em alguns casos, essas construções intermediárias já se pareciam bastante com as construções que chegaram até os nossos dias.

Sobre a distinção entre as duas fases, podemos estabelecer algumas diferenças:

– Os abrigos correspondem ao momento de pioneirismo, quando os lotes começavam a ser desbravados, as colheitas ainda não estavam disponíveis e todo o esforço se concentrava no desmatamento e na fixação no lote. Eram rudimentares, formados basicamente por um telhado improvisado,

Queridos avós!

Espero que a carta os encontre bem de saúde. Fico contente em saber que agora estão bem de saúde. Aqui vivemos no meio da natureza, a ti meu avô certamente gostaria de passar aqui. A Casa onde moramos é coberta de palmito e palha, é o seu lar. Sem janelas e sem assoalho. A uns 30 metros dela está a mata virgem e a mais trinta passa o rio. É uma delícia passear no meio da mata virgem entre as mais belas flores, em volta dela o beija-flor está voando. O chão está coberto de baraços no qual muitas vezes ocorre o perigo de cair. Lá de cima das árvores estes baraços enviam seus fios até o chão entre os quais os cipós, alguns deles chegam à grossura de um braço até um cordão fino. Deste cipó fizemos cordas que são mais fortes que as de sisal. Com estes cipós amarramos as paredes das casas. Que passarinhos de cores e formas imagináveis! Tangerinas, pêssegos, mamão e outras frutas para nos deleitarmos no verão que chega à 30 e 32°. Naturalmente dos que gostam dos folguedos faltam. Mas também temos aqui. Eu danço ao som de um violino e um harmônio, onde na Alemanha se ouve orquestras e coros, cada terra com seus costumes. Nossos trajes são muito simples: os homens usam camisa azul com calça segurada com cinto no qual penduram um facão de dois palmos. Nós mulheres vamos com saias e blusas em geral descalças ou de tamancos, naturalmente ficamos alegres. Nos dias de festas botamos nossas vestes da Alemanha e vamos para a igreja. No nosso pasto temos duas vacas e dois terneiros, é uma grande fortuna aqui, e meu cavalo Alazão que me leva aos domingos à igreja que fica uma hora distante ou lá para cima no Salto, e quando eu não posso ir de canoa até lá naturalmente os caminhos que andamos à cavalo é apenas uma picada. Porém meu cavalo que é muito seguro me leva sem perigo. Os bugres não precisa temer aqui, com um tiro de espingarda os assusta logo. O que porém nos falta aqui é a mão-de-obra, de pessoa que trabalhe. Um homem recebe por mês de dez a 20 mil réis. Uma empregada doméstica de oito a quatorze mil réis e além disso é difícil receber alguém. Nós trouxemos uma de lá, porém depois de dois meses ela se casou e agora estou sozinha. Minha mãe não pode trabalhar tanto, os serviços no início, principalmente a roupa, me custava muito mas, agora já estou acostumada e eu sou jovem e tenho força. Há cerca de duas semanas a garganta da mamãe ficou inflamada e saiu muita matéria e o médico disse que passará com o tempo, precisa descansar. Da climatização os sinais são: pés inchados e coceira na pele que irrita muito, eu sinto o mesmo que meus pais. Mas, agora já temos carpinteiros fazendo uma casa bonita para nós. Como estou contente por aquela ter janelas de vidros, porta e assoalho. A comida: é em geral feijão preto, farinha e carne seca. Nós já procuramos modificá-la de outra forma. Fabricamos açúcar e cachaça. A maioria dos colonos fazem o mesmo, farinha e cachaça. O nosso pão é de milho, é muito gostoso. Ah! Se vocês pudessem ficar aqui conosco e ver e provar o mesmo! Não se pode descrever tudo como é. Eu já podia ter casado várias vezes, mas ainda não tenho vontade. Os moços aqui é como pão fresco, logo tem saída. A vocês a morte do bom tio Bastos me doeu muito, pobre da Alice, pena que eu não a conheço, mas apesar de ser desconhecida gosto muito dos meus tios, primos e vocês em primeiro lugar. Muitas vezes penso, sonhando por exemplo a vinda do tio e família para cá, como isso seria bonito! Lembranças em primeiro lugar à tia Lotte, eu sempre imagino como ela será e também o tio Louis e tio Carl e todos eles. Se eu passasse por Dresden eu iria pajear os filhos da tia Berta e os filhos da tia Ninna, as crianças gostam de mim e trabalhar eu posso. Lembranças ao tio Hermann e sua jovem esposa lá em Lauenburg onde eu gostaria de estar porque lá há florestas. A vocês meus bons avós desejo que fiquem com saúde e que Deus vos guarde durante uma longa vida. Adeus.

Deus guarde vocês, escrevam-me em breve. Queiram bem a vossa neta que muito vos ama.

Rö schen Sametzki

Lembrança de vossa neta Georg.

Carta de Rose Gartner, nata Sametzki para seus avós que residem em Dresdem/Sachsen – Alemanha

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Coleção Família Gartner 3.G.13; doc-03.

sem paredes nem divisões internas. As técnicas construtivas lembravam as cabanas indígenas: paus cravados no solo sustentavam precariamente uma cobertura de palhas, inclinada o suficiente para o escoamento das águas pluviais e a proteção contra os ventos.

A casa provisória já apresentava um volume composto por paredes e cobertura. Possuía pelo menos dois compartimentos internos, divididos por parede de madeira ou pau-a-pique, podendo ser um deles assoalhado. Era comum que a cozinha estivesse separada da casa, ou situada em espaço lateral, dotado de telhado próprio. Essa construção já apresentava portas e janelas. O telhado quase sempre era de palha e a sua estrutura formada por madeira bruta ou – depois dos primeiros anos – falquejada. Para as paredes internas – e mesmo as externas – parece ter sido predominantemente utilizada a taipa-de-mão. Essa construção sólida foi freqüentemente aproveitada quando da construção da casa definitiva, transformada em anexos como cozinha, ranchos e paióis, e ainda pode ser visualizada em muitas das propriedades atuais.

Passada a fase pioneira, de consolidação dos empreendimentos coloniais e de superação das condições provisórias dos imigrantes, era chegado o momento de construir a *casa definitiva*, agora com materiais sólidos e com técnicas capazes de assegurar longa durabilidade. A opção foi, ainda neste caso, baseada principalmente em modelos derivados dos países de origem dos imigrantes – agora bastante adaptados às condições e aos materiais disponíveis no Brasil. As casas enxaimel são derivadas de modelos alemães. As de tijolos autoportantes são comuns para alemães, italianos e poloneses. A pedra aparente – usual na Itália desde tempos ancestrais – é encontrada nas áreas povoadas por imigrantes italianos do sul, onde os arenitos são freqüentemente encontrados. A madeira, disponível em grandes quantidades e a baixo custo, foi adotada por todas as etnias. A fase áurea dessa arquitetura, consolidada construtivamente e referenciada culturalmente, durou mais de meio século e estendeu-se pelo menos de 1880 até aproximadamente 1940.

Entretanto, embora a arquitetura produzida pelos imigrantes evidencie, nas técnicas construtivas e nas soluções plásticas, forte ligação com os países de procedência dos imigrantes, a adaptação às condições encontradas em Santa Catarina se impõe no dimensionamento e na organização dos espaços.

Com efeito, um fator relevante na análise dessa arquitetura é o grau de padronização e de soluções comuns apresentado. Essa similaridade, perceptível nas várias colônias, sugere que a interação e as trocas de experiências construtivas foram bem maiores do que as fontes documentais hoje nos permitem conhecer. No Vale do Itajaí, na Dona Francisca – inclusive em São Bento – e, de certo modo, até na Colônia Lucena, passaram a imperar modelos quase padronizados, aplicados em praticamente todas as colônias, evidenciando um grau apreciável de contato e troca de experiências entre os diversos empreendimentos coloniais. Essas inovações agiram no sentido de fazer com que volumes, plantas e sistemas construtivos correspondessem melhor às necessidades concretas de seus usuários e aos materiais disponíveis, e resultaram, por fim, na criação de modelos novos, sempre relacionados com as tradições construtivas de cada grupo de imigrantes e com as soluções adotadas em Santa Catarina.

A planta básica



Vista frontal da casa João Carlos Seefeldt [JVE009], em Joinville.

Na arquitetura teuto-brasileira, passada a fase de pioneirismo e alcançado o tempo da construção do que se convencionou chamar da Casa Definitiva, inúmeros edifícios se sucederam, construídos ao longo de várias décadas nas diversas colônias, guardando, entre si, grande uniformidade de soluções. No caso dos imigrantes alemães e das principais colônias aonde os contingentes predominantes vinham da Alemanha, pode-se falar em uma Planta Padrão, que permaneceu inalterada, independentemente da técnica construtiva utilizada. A origem desse módulo deve ter sido a otimização das peças que compõem as estruturas de telhados, pois os mesmo padrões, volumes e medidas prevaleceram tanto para a casa de enxaimel quanto para a de alvenaria auto-portante – e depois também para a casa de madeira. A arquitetura residencial implementada mais tarde por imigrantes provenientes da Itália – radicados no Vale do Itajaí e nas proximidades da colônia Dona Francisca – e, em especial, pelos provenientes da Polônia, alteraram pouco os padrões previamente estabelecido pelos imigrantes alemães.

Sendo assim, vale destacar e aprofundar os conhecimentos relacionados com a arquitetura de moradia teuto-brasileira.

Como primeiro passo, impõe-se responder à pergunta básica: qual é a origem, ou a procedência desse módulo e das soluções semipadronizadas que se espalharam por território tão extenso no Brasil? Quando e de onde surgiram esses modelos que conjugam, de forma tão admirável, planta, técnica construtiva e partido plástico? Eis uma indagação que ainda não é possível elucidar completamente.

Diversas opiniões e pareceres foram emitidos a respeito. Mais de um especialista alemão considera possível a influência erudita na construção das casas que os colonos germânicos edificaram no Brasil. Baseiam-se em certa proximidade de volume e de programa com projeto desenvolvido, pela Universidade de Berlim, para a fixação de colonos alemães nas fronteiras orientais da Europa. A relação dessas casas com as construídas aqui pelos imigrantes, entretanto, parece-nos remota e não é possível acreditar que os



Planta baixa da casa João Carlos Seefeldt [JVE009], em Joinville.

desenhos apresentados possam explicar os principais diferenciais da arquitetura edificada pelos imigrantes no sul do Brasil.

Para avançar no estudo do problema, existem hipóteses a serem consideradas:

– as soluções técnicas do volume e plantas básicas aqui adotadas originaram-se diretamente da Europa;

– as soluções aqui adotadas, em especial quanto ao volume e a planta básica das construções, foram criadas no Brasil e derivam de modelos europeus muito transformados pelas novas necessidades que os imigrantes precisaram enfrentar.

Favoráveis à primeira hipótese, manifestou-se o arquiteto Udo Baumann. Mais propenso à solução brasileira, no que refere aos volumes e às plantas, escreveu Günter Weimer, precursor do estudo sobra a arquitetura dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Analisando com cuidado a casa dos imigrantes alemães em Santa Catarina, onde o esmero construtivo foi freqüentemente superior ao encontrado no estado gaúcho, encontramos algumas constantes importantes de serem ressaltadas e que talvez sinalizem o caminho da solução do enigma. Todas apontam para a direção da solução elaborada no Brasil, baseada em

técnicas e materiais conhecidos dos imigrantes e disponíveis nas colônias estabelecidas em Santa Catarina.

A profundidade das casas dos imigrantes alemães é produto, como já se disse, da técnica construtiva utilizada na armação dos telhados. O volume das construções deriva principalmente desta espécie de módulo – limitado pela cobertura. A solução tradicional da arquitetura teuto-brasileira na armação da estrutura das coberturas baseia-se nos telhados de caibros. O sistema, simples e engenhoso, consiste em confeccionar seqüências paralelas de tesouras primárias, formadas por apenas dois caibros (pernas), unidos em ângulo aproximadamente reto no topo e apoiados em um único barrote (base). Esse conjunto se responsabiliza por toda a carga absorvida pelos telhados. Trata-se de solução originária da Europa, extremamente adaptável às necessidades das regiões de origem dos imigrantes alemães, amplamente conhecida por quem detinha o conhecimento sobre os rudimentos da construção na Alemanha e plenamente passíveis de execução no Brasil.

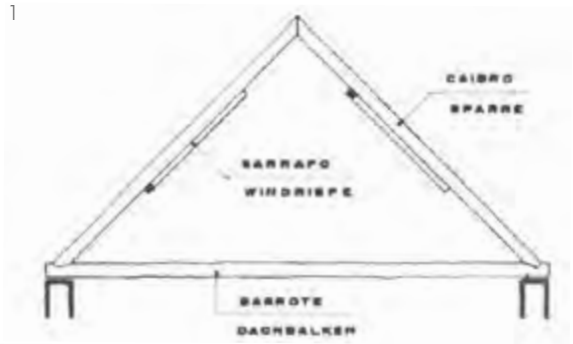
Para funcionarem estruturalmente, os caibros precisam estar bastante inclinados (boa parte da carga é transmitida verticalmente na base e horizontalmente no topo das peças do telhado), proporcionando o uso dos sótãos, perfeitamente sintonizados com a obtenção dos espaços compactos – ideais nos climas frios.

Essa solução de telhados, em sua forma mais simples, encontra uma limitação: os caibros não podem ser demasiadamente extensos, pois os esforços de flexão passariam a ser demasiados. Para telhados maiores, é indispensável pensar em apoios e emendas, o que tornaria as estruturas das coberturas complexas e pesadas.

Decorre então que a maioria das construções adapta-se a profundidades relativamente pequenas, apresentando plantas quase que invariavelmente retangulares, correspondendo a menor dimensão ao espaço coberto pelas duas pernas dos telhados de caibros – ou às empenas da edificação.

Os telhados de caibros (Sparrendach) são as estruturas de cobertura mais comumente encontradas em todas as regiões de imigrantes germânicos e eslavos em Santa Catarina. Segundo Günter Weimer, os telhados de caibros eram encontrados em toda a baixa e média Alemanha. O barrote e os caibros formam uma série de triângulos rígidos (tesouras rudimentares), dispostos a aproximadamente 80cm um do outro e contraventados longitudinalmente por sarrafos. As estruturas simples (1) são as mais comuns, especialmente nas casas, premitindo a utilização do sótão, como na Casa Ulrich [GBR006] (2). Este tipo de estrutura é aplicável em vãos de até 5 metros. Acima disso, torna-se necessário atirantar a estrutura, inserindo uma peça horizontal também conhecida como "linha alta".(3) No Salão Hammermeister [TIO013], além da linha alta, foi inserido também uma peça vertical (esteito) para a sustentação dos caibros (4).

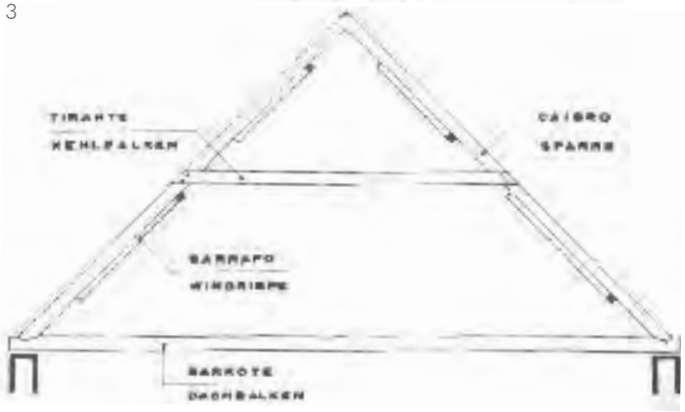
1



2



3



4



Pode-se, então, admitir a existência de um módulo estrutural, que se manifesta quase sempre na lateral (empena) das casas. Esse módulo é inquestionavelmente proveniente da Europa e constitui-se em baliza para toda a arquitetura que aqui denominamos de teuto-brasileira.

A predominância dessa espécie de módulo ou constante na arquitetura dos imigrantes alemães em Santa Catarina demonstra um apego pelas soluções simples em detrimento de alternativas mais custosas e complexas. Sua ocorrência é facilmente comprovada pelo exame da maioria esmagadora das construções teuto-brasileiros, independentemente da técnica construtiva (enxaimel ou alvenaria autoportante) e do período (de meados do século XIX até a metade do século XX).

Mesmo quando a construção é maior, quase sempre é o comprimento longitudinal quem confere dimensões avantajadas ao imóvel, enquanto sua dimensão transversal – dada pela empena – mantém-se muito pouco ampliada. São bem poucos os casos, quase sempre encontrados em galpões e salões como no Salão Hammermeister [TIO013], em que a estrutura precisou solidificar-se, ganhando peças extras, capazes de proporcionar resistência às dimensões ampliadas das duas grandes águas do telhado. Na maioria das vezes, entretanto, quando a necessidade de espaço é maior, mantém-se a estrutura padronizada e acrescentam-se apêndices laterais, ampliando-se em muito a área útil coberta. Essa alternativa é a usual nas numerosas olarias, em muitos dos Clubes de Tiro e na maioria dos ranchos e galpões que complementam os conjuntos rurais. Outra alternativa é a somatória de vários módulos, criando volumes diferenciados, mas que estruturalmente funcionam sem nenhuma novidade em relação às casas de imigrantes. Casos curiosos dessas inteirações de módulos ocorrem com as freqüentes casas emendadas, que podem ser encontradas em quase todas as regiões, com ênfase para o vale do Itajaí.

Importante é destacar que o módulo, que pode ser considerado uma constante na arquitetura teuto-brasileira, não é completamente estranho à arquitetura alemã.

Ao contrário, se analisarmos apenas o pavimento superior de muitos dos edifícios derivados da arquitetura enxaimel, veremos que essas



Salão Hammermeister [TIO013] durante a obra de restauração em 1994. A estrutura de caibros do telhado é reforçada por uma linha alta devido às grandes dimensões da edificação.

proporções podem ser encontradas na Alemanha. É um fator importante, pois estabelece uma ligação direta entre a arquitetura que os imigrantes conheciam em sua terra natal e a que implantaram no Brasil.

Assim, podemos tentar responder provisoriamente à indagação básica acerca da origem da arquitetura teuto-brasileira: é alemã na técnica, brasileira nos volumes e híbrida nos tratamentos da fachada. As soluções de plantas decorrem do desdobramento de embriões europeus, transformados e adaptados ao maior espaço disponível e ao clima encontrados no Brasil.

As constatações acima apresentadas transferem para a estrutura dos telhados, e não para a organização das plantas, as responsabilidades sobre a modulação básica da casa dos imigrantes alemães no sul do Brasil, em especial em Santa Catarina. As organizações em plantas, que sempre foram consideradas decorrentes das necessidades fundamentais e, portanto, as maiores responsáveis pelas definições e medidas do espaço construído da casa, ficam, assim, na condição secundária, de se estruturarem a partir dos espaços que os desvãos dos telhados lhe proporcionam.

Vários fatores concorrem para esta afirmação, como o fato de as modulações das casas não mudarem quase nada com o tamanho maior ou menor das famílias, a declividade dos lotes, o tipo de cultura agrícola, o material e a técnica de construção, o fato de o sótão atuar como dormitório ou como depósito, a ocorrência ou não dos porões. Finalmente, cabe argumentar que, mesmo quando as plantas se transformaram, adotando varandas e ampliando os espaços de estar, é comum que as estruturas de telhado permaneçam inalteradas – passando-se a apoiar os acréscimos construídos na fachada (varandas) ou nos fundos (cozinha ou quartos).

Sendo assim, podemos avançar na tentativa de compreensão das plantas típicas que se estabeleceram na região de imigrantes, analisando algumas de suas generalizações e suas particularidades.

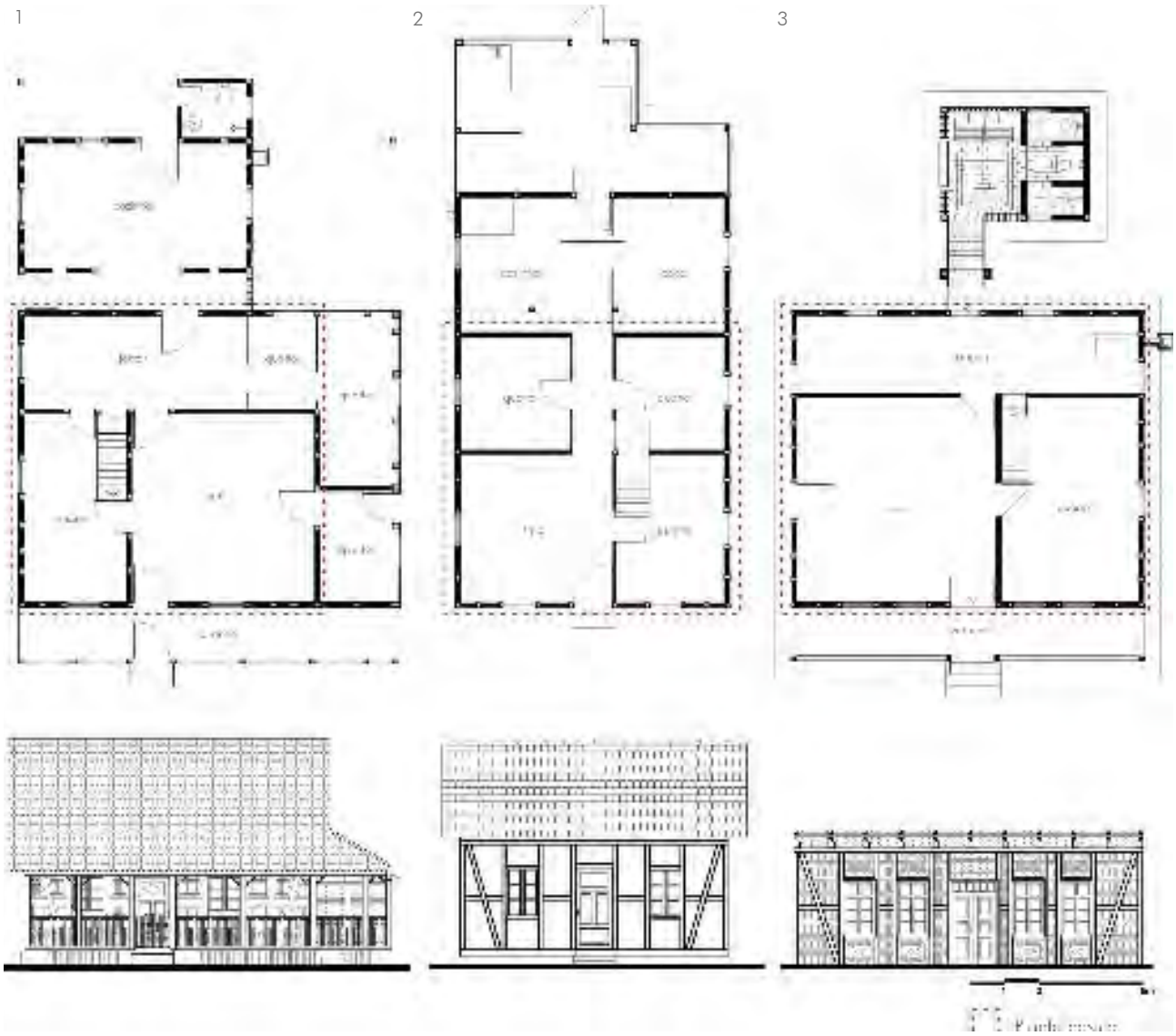
Como premissa, podemos compreender que:

– A organização da planta que se tornou tradicional decorre do modelo agrícola de minifúndios unifamiliares;

– Sua configuração ocorreu em decorrência das técnicas construtivas previamente conhecidas dos imigrantes, adaptadas às condições encontradas no Brasil;

– Estão presentes, na planta residencial dos imigrantes, valores universais de sociabilidade, conforto, segurança e adaptabilidade ao clima.

Efetivamente, trata-se de modelo globalizado, baseado em lotes pré-dimensionados e que tendiam a fazer de seus proprietários cidadãos semelhantes e com muitas afinidades entre si. Verifica-se que os programas arquitetônicos são sempre simples e funcionais, quase inexistindo, até o advento do ecletismo (que se inspirou francamente em modelos europeizados, distantes do eclético brasileiro), imóveis que pudessem ser considerados pelo vulto da sua construção ou pela sofisticação de sua planta. As condições sócio-econômicas semelhantes de muitos milhares de famílias e um certo desenvolvimento homogêneo, que proporcionou crescimentos mais ou menos equilibrados em muitas das colônias de imigrantes, devem ter contribuído para a virtual padronização da vida, das expectativas, das ambições e, por conseqüência, da arquitetura. Essa quase padronização de fato ocorreu, o que não deixa de ser



um acontecimento notável, dada a diversidade de procedência dos imigrantes, a heterogeneidade de soluções e partidos arquitetônicos encontrados na Europa e a relativa distância e isolamento das colônias no Brasil. Valores universais, perceptíveis nas soluções de moradias em todo o planeta, favoreceram a tendência de quase padronização, opondo-se a alternativas específicas.

Em resumo, a planta padronizada apresentava as seguintes características:

· Porta principal na fachada frontal, levando diretamente à sala;

· Dois compartimentos frontais – sala e quarto do casal – separados por parede de madeira ou enxaimel; no caso dos imigrantes poloneses, normalmente acrescentou-se o corredor central, com a função de distribuir o acesso ao interior da casa;

· Quarto ou depósito de grãos no sótão;

· Puxado nos fundos ou na lateral, construído originalmente ou como ampliação, onde funciona quase sempre a cozinha;

· Escada para o sótão, localizada normalmente no compartimento menor, a qual muitas vezes foi construída em fase posterior à da

construção inicial;

· Varanda na frente da casa, com apoios em madeira ou tijolos, com peitoril guarnecido de parapeitos e treliças de madeira ou em trabalhos esmerados de alvenaria, intercalando tijolos de modo a formar vazios, quase sempre construídos depois do módulo principal.

As modificações dessa planta básica ou soluções diferenciadas podem ser as seguintes:

· Dois quartos distribuídos ao lado da sala frontal;

· Introdução de corredor contíguo à porta principal;

- Parte da varanda fechada para adaptação de mais um compartimento;

· Ampliação lateral da casa, muitas vezes com a incorporação de mais um módulo estrutural inteiro;

· Subdivisão do puxado dos fundos para mais um quarto;

· Mais uma ampliação para os fundos onde se localizava a nova cozinha, servindo a anterior para mais quartos.

Outras soluções de planta também encontradas:

· Duplicação lateral da estrutura ou do módulo da casa;

· Dois volumes separados com passagem coberta: corpo principal da casa e cozinha – mais comum em áreas de predomínio ou de forte influência de imigrantes italianos.

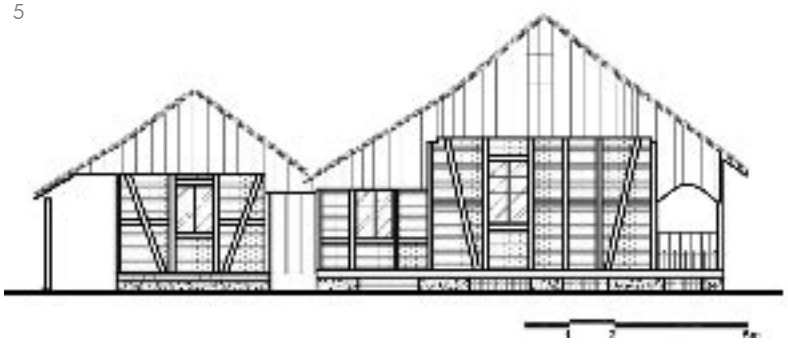
A arquitetura dos imigrantes é sofisticada e conjuga magnificamente forma e função.

Já constatamos a existência de um módulo estrutural perceptível na lateral da arquitetura teuto-brasileira. Se observarmos a fachada, em especial da casa enxaimel, onde toda a estrutura está evidenciada, veremos como esse arcabouço modulado se coaduna perfeitamente com as aberturas

4

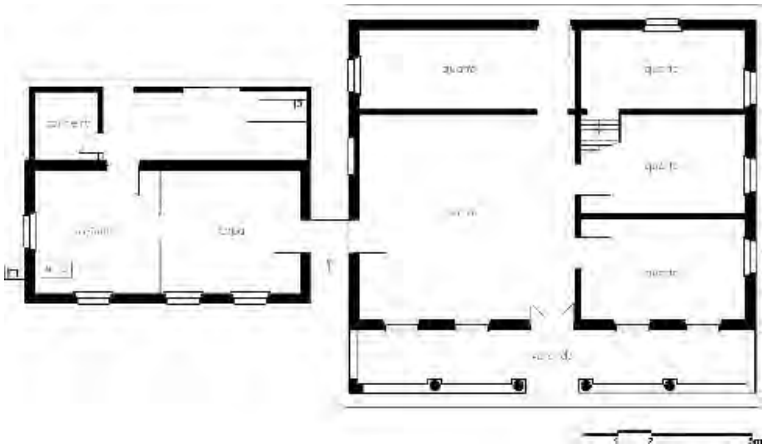


5

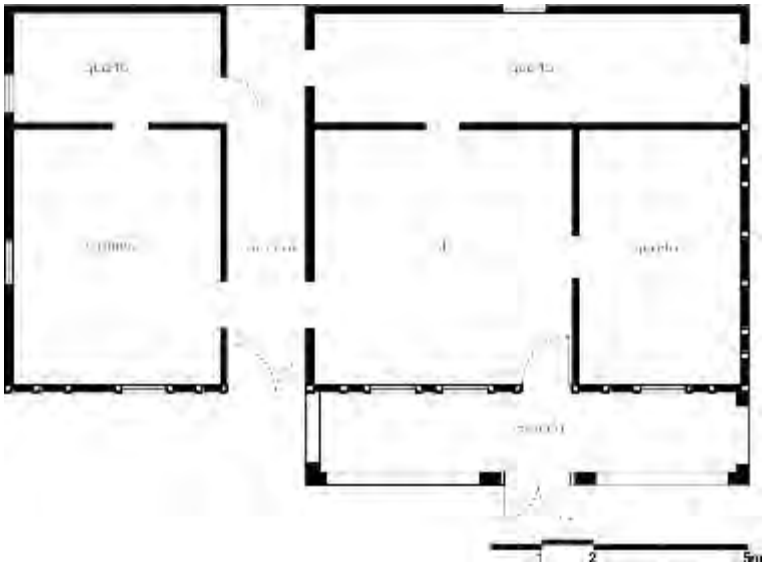


1- Planta e fachada frontal da Casa Fleith [JVE023], em Joinville.
2 - Planta e fachada frontal da Casa Schroeder [JVE026], em Joinville.
3 - Planta e fachada frontal da Casa Rux [JGS068], Jaraguá do Sul.
4 - Elevação lateral da Casa Schroeder [JVE026].
5 - Elevação lateral da Casa Fleith [JVE023].

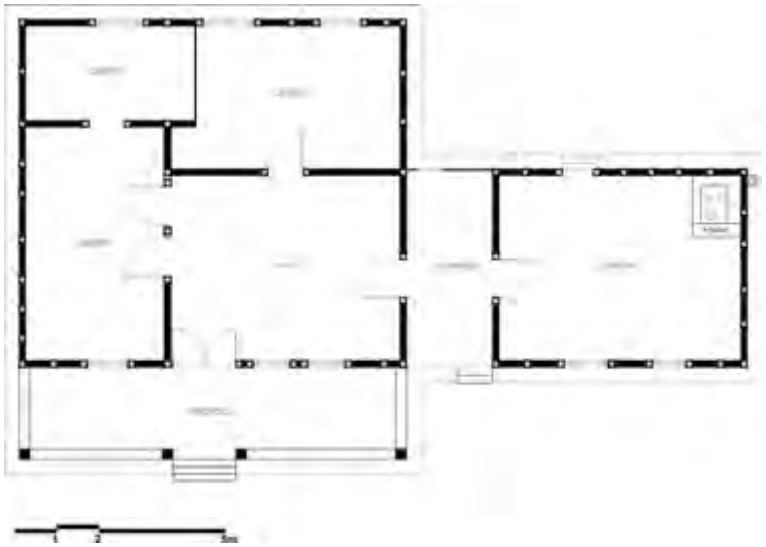
1



2



3



Exemplos de plantas com cozinha separada do corpo principal, ligada por corredor: influência italiana, muitas vezes registrada em áreas de predominância alemã.

1 - Casa Zimath [TIO007], em Timbó.
2 - Casa Radoll [TIO005], em Timbó.
3 - Casa Reinecke [TIO004], também em Timbó.

frontais e com o partido plástico da construção. O ritmo da composição é freqüentemente quebrado pela inserção de colunas gêmeas, e todo o conjunto é ainda dinamizado pela introdução freqüente de painéis de tijolos, formando desenhos geométricos decorrentes de sua colocação caprichosa. Forma e função se conjugam de modo que os elementos formais correspondem ao funcionamento desejado. Um exemplo concreto: deseja-se que a planta deva ter a sala e o quarto voltados para a fachada. Por outro lado, esteticamente, a

porta principal deve estar no centro da composição da fachada. Como proceder? A solução é simples e resolve os dois problemas apresentados: a sala é maior, avança além da simetria da planta, de modo que a porta possa assumir, plástica e formalmente, a desejada posição central.

Tal projeto pode ser admitido como solução de agricultores recém-transplantados, lutando com cotidianas dificuldades de fixação? Não há dúvida de que se pode acreditar na existência de algum tipo de conhecimento ou pré-projeto, que pudesse ter conjugado, com tamanha felicidade, tantas facetas necessárias a um projeto de tantas qualidades. Não é nada fácil criar uma arquitetura que relacione com maestria inquestionável as novas necessidades espaciais de seus construtores, seus anseios estéticos e conhecimentos construtivos, em um todo homogêneo e admirável – sob qualquer aspecto.

Houve uma padronização de programas e linguagem arquitetônica, em região ampla e por longo espaço de tempo. Essa constatação é de difícil equacionamento, uma vez que, segundo a história, não foram tão intensas as relações entre as diversas colônias de imigrantes. Mesmo nos empreendimentos coloniais que arregimentaram imigrantes de mesma nacionalidade e forte empatia entre si, como foi o caso de Blumenau e a atual Joinville, a história não registra uma proximidade e influências recíprocas, capazes de explicar a adoção de soluções arquitetônicas tão próximas umas das outras. Como então compreender que praticamente um mesmo tipo de arquitetura tenha sido edificado de Pirabeiraba, nos contrafortes da Serra do Mar, quase na divisa com o Paraná, até Brusque e Guabiruba, subsidiárias dos rios Itajaí-Açu e Itajaí Mirim, distantes cento e cinqüenta quilômetros – na época cobertos de florestas quase intransponíveis?

Terá havido um precursor, um grupo de artífices, ou um personagem, capaz de estabelecer e propagar uma criação arquitetônica invulgar? Não existem respostas, e também nesse caso ganha corpo a tese da admissibilidade de uma dosagem grande de conhecimento transmitido, ou seja, de que a base da arquitetura teuto-brasileira de Santa Catarina tenha vindo, em grande parte, na bagagem técnica/cultural dos imigrantes que aqui se fixaram, recebendo aqui, entretanto, as pinceladas capazes de adaptar o repertório já conhecido aos novos volumes e dimensões das casas construídas no Brasil.

Sobre a questão da gênese da casa dos imigrantes alemães, vale considerar dois dados, ainda pouco relacionados. O primeiro diz respeito ao fato de que a quase padronização dessa arquitetura não foi fruto dos primeiros anos – os de implantação das colônias. As imagens de Blumenau, de Joinville, de Brusque e da Colônia São Pedro demonstram que, nos primórdios, a arquitetura foi diversificada, muitas vezes expressa através de um exotismo que desapareceu ao longo do amadurecimento dos empreendimentos.

O segundo fator, ainda pouco estudado, refere-se à possível influência exercida pelos colonos da Colônia São Pedro Alcântara, que logo depois da fundação de Brusque, Blumenau e Joinville, deslocaram-se para essas novas colônias, em busca do sucesso que não haviam colhido na primeira experiência. Na região da Colônia São Pedro, a arquitetura teuto-brasileira é sensivelmente diferente da que se construiu nos demais empreendimentos. Ali o imigrante interagiu muito mais com os "brasileiros" do caminho das tropas, das proximidades de Desterro e dos campos de Lages. A arquitetura mesclou-se de elementos da tradição local, em especial quanto às estruturas e inclinações dos telhados e no que se refere aos pilares da arquitetura enxaimel.

Nas coberturas, predominaram as soluções com cumeeiras, terças e frechais, cobertas com telhas capa e canal – comuns em todo o Brasil. Os pilares, à maneira do pau-a-pique mineiro, são cravados no solo, prescindindo do travamento transversal característico da arquitetura enxaimel das outras colônias do estado. Nota-se, na região da antiga São Pedro Alcântara, que a arquitetura também tendeu, ao longo do tempo, para uma certa uniformização. As soluções, que foram se impondo nos mais de vinte anos que antecederam o nascimento dos outros empreendimentos, podem ter proporcionado pelo menos parte dos aprendizados que permitiram a padronização da arquitetura nas outras colônias. Não é incomum que se localize, na colônia São Pedro, a proporção que mais tarde seria consagrada nas outras regiões. Também as plantas com sala e quarto frontais já podem ser vislumbradas em pequenas casas enxaimel ainda existentes na região. Essas experimentações pioneiras e o aprendizado delas decorrente dificilmente deixariam de influenciar – em alguma medida - o conjunto de fatores que condicionou a arquitetura de Blumenau e Joinville.

Organização e variação de plantas

A explicação da organização das plantas é assunto polêmico. Ocorre que o problema da dimensão das casas é um dos principais diferenciais das casas edificadas no Brasil com as suas congêneres da Europa. No velho continente, as residências eram normalmente maiores, não raro aptas a abrigar homens e animais durante os longos meses de inverno.

No Brasil, os variados programas existentes na Europa sofreram uma espécie de fusão e, com especificidades relativamente pequenas, italianos, alemães e poloneses reduziram a construção da casa a alguns poucos compartimentos, com vários pontos em comum, como o quarto e a sala frontais, tornando muitas vezes difícil a classificação das plantas das moradias apenas pelos países e regiões de origem dos imigrantes. Não pode haver dúvida de que esta diminuição do volume deu-se por duas razões principais:

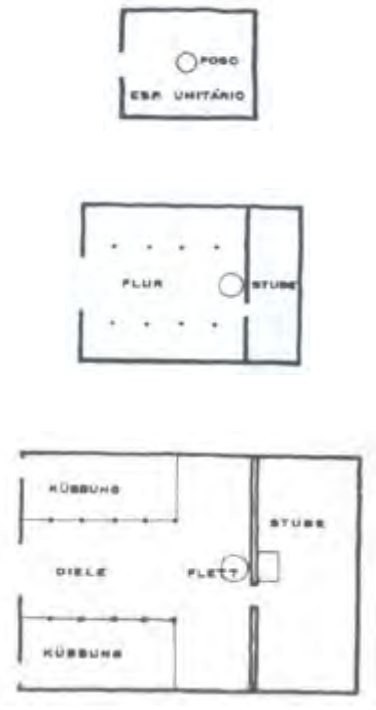
– o clima, que desaconselhava a presença do fogão no coração da casa e tornava anacrônicos os programas europeus complexos, que tinham como objetivo organizar a fonte de calor no núcleo central da casa;

– a abundância de terras, que ao contrário da Europa, proporcionava que cada um dos membros da família dispusesse da sua propriedade, distribuída ao longo de uma área relativamente extensa.

Assim, além da fartura de áreas agrícolas, de seu baixo preço e da fácil obtenção, mesmo quando as colônias se desenvolveram e alguns de seus membros enriqueceram, a base social manteve-se lastreada nos minifúndios agrícolas, fator que sem dúvida induz dimensões modestas e materiais simples.

Efetivamente, as casas de pequenos produtores formam o cerne da arquitetura dos imigrantes no sul do Brasil, qualquer que tenha sido a sua proveniência e em qualquer época dentro da faixa de tempo priorizada – de meados do século XIX até metade do XX.

Assim, a arquitetura residencial dos diferentes imigrantes pouco diferiu em dimensão de planta e mesmo em programas residenciais,



A evolução da casa westfaliana, segundo Günter Weimer.

embora possam ser notados tamanhos ligeiramente maiores nas casas de italianos e poloneses/ucranianos, com correspondentes ampliações de altura e complexidade de plantas, que analisaremos adiante.

O fogo, e a cozinha como extensão, foram sempre condicionantes básicos na arquitetura residencial de todas as regiões do mundo. No caso dos imigrantes alemães e poloneses, provenientes de regiões onde o inverno é inclemente e duradouro, e mesmo onde os italianos do norte se fixaram, a posição do fogão representava, por longos meses, o ponto vital da casa. O fogo aceso era indispensável à sobrevivência dos homens e dos animais, abrigados sob o mesmo teto para facilitar o aquecimento e o provimento. Um fogão central também representava importante economia do combustível que alimentava o fogo e produzia calor.

Chegados ao Brasil, os imigrantes encontraram uma situação inversa. O clima quente na maior parte do ano desaconselhava a proximidade com a fonte de cocção e de aquecimento. Além do fator climático, deve ser ressaltado que os materiais com que se confeccionavam as primeiras casas – madeira e palha – eram vulneráveis ao fogo, registrando-se vários casos de incêndios, até que se introduzissem as chapas de fogões metálicas, já no final do século XIX. Como conseqüência, como frisa Günter Weimer, parece que, nas primeiras casas dos imigrantes, as cozinhas foram edificadas fora das casas – em especial no Rio Grande do Sul.

A já referida planta com sala e quarto frontais, muitas vezes antecedida por uma varanda corrida e complementada, nos fundos, por espaço dividido entre a cozinha, o comedouro e eventuais quartos dos filhos, foi adotada por todos os imigrantes.

Baseados nessas considerações, acreditamos que as plantas da arquitetura teuto e ítalo-brasileira, bem como as construções edificadas nas áreas onde predominaram os imigrantes da Polônia e da Ucrânia, formaram-se a partir de modelo estabelecido no Brasil, baseado em soluções técnicas existentes nos países de origem dos imigrantes, mas adaptadas aos diferenciais e novas necessidades encontradas em terras brasileiras.

Os reflexos dos novos determinantes encontrados no Brasil podem ser observados em especial na localização do fogo (a cozinha), na posição do quarto do casal e na sala frontal.

O abrigo secundário, ou seja, a casa provisória, que já possuía paredes, portas e janelas, compunha-se principalmente de dois ambientes internos: o quarto e a cozinha/copa/sala. Essa disposição primária reflete a divisão do espaço doméstico em público e privado, considerando-se que a cozinha/sala pode receber visitantes, enquanto o dormitório é para uso exclusivo da família.

A esses dois compartimentos básicos, logo se juntou, quando da construção da casa definitiva que veio substituir os primeiros abrigos, a sala de receber, especializando, por assim dizer, o espaço de socialização. Esse espaço, bem como sua posição na casa, também é sintomático. A sala surge quando já não se pensa apenas na sobrevivência ou na mera fixação no lote. Ela representa o "além do doméstico", o convívio – o elo comunitário. Destinada a receber, a sala vai ocupar sempre, seja na morada urbana ou na rural, a posição mais próxima do acesso externo a casa. Nesse aspecto, é a antítese

da cozinha, tradicionalmente ligada às tarefas domésticas, e interligada aos fundos da morada, onde se situam suas principais fontes de abastecimento. Essa posição, comum nas várias culturas (na casa luso-brasileira, a cozinha se situa invariavelmente nos fundos, voltada para o interior do lote), pode estar relacionada com o espaço feminino, ancestralmente considerado como necessitado de proteção, freqüentemente relacionado com a reclusão doméstica.

O quarto frontal, por sua vez, deve estar associado ao fator de segurança, espécie de sentinela avançado, presente desde os primeiros abrigos humanos. Cabe ao casal, em especial ao patriarca, a tarefa de intermediar o mundo doméstico com o exterior. Vigiar à noite, prevenir contra intrusos, autorizar ou proibir o acesso – e eventualmente as saídas...

Esses três espaços, espécie de estruturadores universais, foram sempre os elementos em torno dos quais se organizou também o programa residencial do imigrante em Santa Catarina: primeiro o quarto, depois a cozinha, aos quais logo se juntou a sala. Com a junção do comedouro à cozinha, através da simples incorporação de uma grande mesa de jantar, formou-se o programa residencial que, invariavelmente, moldou a morada durante todo o tempo que essas construções guardaram doses elevadas de vinculação com a tradição construtiva dos imigrantes: até a Segunda Guerra Mundial.

Esse programa reservou a parte frontal das casas para o uso mais restrito de receber e do dormitório do casal. Nos fundos estabeleceu-se a parte íntima da residência: a cozinha, o quarto dos filhos e o comedouro. Contíguos a essas áreas, normalmente integrados à cozinha, estavam o poço de água, o tanque de roupa, a horta e o forno.

Muito mais tarde, já no final do século XX, foi nessa mesma área que se instalaram os banheiros.

Sugerimos que tenha havido a adaptação de casas dos imigrantes às condições brasileiras. Como exemplo de correlação de programas residenciais, podemos ressaltar a planta apresentada por Günter Weimer como sendo da região Vestfaliana. Podemos confirmar que essa casa apresenta uma composição, entre seus elementos, bastante próxima da organização que acabou por preponderar no Brasil – principalmente se notarmos que é, ainda hoje, muito comum que nos quartos dos casais descendentes de imigrantes alemães, durmam também os filhos menores, configurando a Stube, sugerida por Günter Weimer. Esta planta apresenta curiosa perpetuação em Joinville, onde ainda é comum a construção de ranchos anexados aos fundos das casas. O conjunto formado, embora os estábulos estejam em volumes separados, possui planta em tudo similar ao desenho apresentado por Günter Weimer.

1



2



3 - Planta baixa da Casa Wunderwald [POD024], Pomerode.
4 - Planta baixa da Casa da Rádio Cultura [TIO009], em Timbó.

3



4



Assim, a planta teria origem na Europa, e no Brasil teria sido adaptado ao volume definido pela estrutura do telhado, chegando-se à padronização de colocar o quarto e a sala voltados para a frente do lote, reservando-se os fundos para cozinha, comedouro e dormitórios suplementares.

No caso catarinense, e em especial nas moradias rurais, integra-se, à padronização aludida, a escada antecedendo a casa, relacionando-se muitos casos de importantes contribuições dos numerosos degraus e do alteamento da arquitetura às composições das fachadas de casas como a Reinecke [TIO004], em Timbó, e a Schiocket [JGS036], em Jaraguá do Sul. Assim, pode-se afirmar que, quando existe a varanda, a escada está sempre situada em frente à porta principal. Quando inexiste a varanda, a escada comunica-se diretamente com a porta principal, comumente no eixo de simetria do imóvel. Essa solução não sofre alterações nas casas dos imigrantes poloneses, sendo um pouco menos evidente na arquitetura ítalo-brasileira do sul do estado.

A escada está sempre posicionada em frente à porta frontal, geralmente no eixo de simetria da fachada. Em algumas casas a escada é um elemento marcante, como no caso da Zimath (1) e da Hary Hein (2).

1 - Casa Zimath [TIO007], Timbó.
2 - Casa Hary Hein [BLU051], Blumenau.

As soluções diferentes de plantas são raras, ocorrendo mais amiúde alternativas que podemos descrever como "variações de um mesmo tema". Na Casa da Rádio [TIO009], em Timbó, existem dois quartos que correspondem à sala frontal, solução esta que parece importada das casas italianas – comuns em Timbó e predominantes nos vizinhos municípios de Rio dos Cedros, Ascurra e Rodeio. Na excepcional Casa Wunderwald [POD024], em Pomerode, registra-se um corredor que comunica a porta central com a sala dos fundos, abrindo-se lateralmente para a sala e para o quarto frontal. Essa solução, incomum na região de imigrantes alemães, é relativamente corriqueira nas áreas onde predominam poloneses e ucranianos e parece corresponder a tradições de climas onde o inverno é mais rigoroso: o corredor serve como antecâmara, que protege a casa do frio quando se abre a porta principal.

Principalmente em Timbó, existem várias casas com interessantes cozinhas laterais, interligadas à sala principal. A solução quase com certeza deriva da influência de imigrantes italianos, pois ela é comum em Caxias do Sul e em municípios catarinenses marcadamente influenciados pela tradição dos colonos provenientes da Itália.

Existem outras derivações no que se refere ao compartimento dos fundos, à varanda e aos compartimentos laterais.

Nos fundos, por vezes, encontram-se quartos que ocupam parte da área usualmente reservada para cozinha e comedouro. Também na varanda, encontram-se, algumas vezes, compartimentos destinados a quartos de costuras, dormitórios ou mesmo depósitos. Na região de Joinville, foi comum a localização da cozinha na lateral da casa, conforme se verifica em gravuras dos primeiros anos da antiga Colônia Dona Francisca. Atualmente, esses compartimentos quase sempre foram adaptados para quartos ou, menos comumente, depósitos.

A evolução da casa

A planta da casa típica, como salientamos, conheceu uma versão preliminar caracterizada por construção singela, composta por apenas dois compartimentos, e daí evoluiu para soluções que se tornaram quase padronizadas. É perfeitamente identificável, em todas as colônias, o elemento que podemos considerar o módulo básico da arquitetura residencial de Santa Catarina. Na casa de imigrantes alemães e poloneses, trata-se da parte da casa delimitada pelos caibros da cobertura frontal, à qual invariavelmente correspondem, em planta, o quarto e a sala principal. Esse módulo, que em elevação lateral se apresenta retangular, por vezes quadrado, encimado pelo frontão, logo se tornou a base das adaptações necessárias ao clima e aos costumes que se estabeleceram no interior de Santa Catarina. A adaptação se deu de forma simples: aumentando-se os telhados com caibros apoiados na estrutura básica e em frechais confeccionados sobre novos apoios, nos fundos e na frente das casas. Na parte da frente, voltada para a estrada ao longo da qual se estabelecera a propriedade, instalou-se uma varanda, que passou a ocupar toda a testada do imóvel. Nos fundos, incorporada à casa principal, consolidou-se a cozinha, dividindo o espaço com o comedouro, criando uma espécie de sala íntima, onde a família convivia em volta do fogão e da grande mesa onde se faziam as refeições. Essa solução – módulo central formado por sala e quarto, com sótão, tendo à frente a varanda e aos fundos a cozinha/jantar, pode ser considerada a planta padrão de toda a região de imigrantes alemães e poloneses em Santa Catarina, e foi adotada com freqüência pelos italianos do Vale do Itajaí. Interessante é notar que essa configuração geral não difere demasiadamente da descrição que Lúcio Costa faz do volume da casa luso-brasileira, quando identifica um módulo principal a partir do qual, "como as asas de uma galinha que protege seus pintinhos", a cobertura se estende e abriga funções agregadas ao clima e aos usos predominantes no Brasil.

Esses programas semipadronizados evoluíram, já no século XX, para soluções mais complexas de plantas, muitas vezes já identificadas com o ecletismo. Varandas envidraçadas, mais de um ambiente de estar, escadas ligadas às áreas sociais, quartos mais amplos e arejados, instalações sanitárias

e espaços de receber surgiram com as primeiras décadas do século XX e estenderam-se até meados do século. É de se notar que essas moradias muitas vezes buscaram inspiração em modelos construídos na Alemanha, na Itália ou na Polônia. É a fase do sucesso dos empreendimentos coloniais, quando os antigos imigrantes mantinham contato permanente com seus parentes que permaneceram na Europa, as correspondências eram fartas e as possibilidades de viagens, muito maiores.

Circulavam manuais e catálogos de construções, fotos, imagens e gravuras, permitindo facilmente o transplante de soluções urbanas e rurais no Brasil.

Essa trajetória de correlação com a Europa foi interrompida pela Segunda Grande Guerra, que gerou uma espécie de negação às origens – já que muitos dos países de procedência dos imigrantes estavam em estado de beligerância com o Brasil. As transformações internas, ocorridas em todo o território brasileiro nas décadas seguintes, e as rápidas transformações econômico-sociais, que trouxeram, entre outras mudanças, a industrialização e a urbanização, acabaram por relacionar a arquitetura residencial das áreas de imigração com o conjunto da arquitetura de moradia no Brasil. Pode-se estabelecer como sendo a partir da década de sessenta que esse fenômeno tornou-se avassalador, apagando regionalismos e implantando um modernismo simplificado e funcionalista em todos os rincões do Brasil.

A análise de exemplares de diferentes períodos permite identificar diferenças em casas pioneiras e tardias, nos seguintes elementos:

Casas mais antigas:

· Aparência mais arcaica, peças estruturais de madeira grossas e falquejadas, portas e janelas menores e mais toscas;

· Casa menor com menor altura;

· Predominância da estrutura em relação aos vãos e paredes laterais sem janelas, em especial as empenas;

· Ausência de varanda ou evidência clara de varanda acrescida posteriormente;

· Sistema construtivo mais rudimentar (produto do trabalho mais manual do que mecanizado): tijolos cozidos em formas manuais, e não extrudados em olarias. Madeiras falquejadas e não serradas;

· Ausência de ornamentos.

Casas tardias:

· Casas maiores, com aumento na altura;

· Aparência menos severa, mais esbelta;

· Estrutura mais delgada;

· Maior quantidade de aberturas, mais vidraças;

· Decoração mais exuberante, com painéis decorados, alvenarias policromadas e pinturas decorativas;

· Varandas construídas na mesma época que o corpo das casas.

Os ranchos e anexos



A arquitetura rural de imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos nunca prescinde de ranchos e anexos. São construções escuras, praticamente nunca pintadas, que guardam as cores naturais da madeira envelhecida. A configuração estritamente funcional dos ranchos e anexos demonstra como, ao longo do tempo, a estética tem por tendência incorporar-se aos partidos arquitetônicos, mesmo aos que teoricamente se atêm exclusivamente ao uso – quase que intrinsecamente. Tal é o caso da região dos imigrantes, onde os ranchos, aparentemente despretensiosos como arquitetura – por desatentos à plástica – impõem-se exatamente pela coerência e integridade de sua construção, pela força de seus volumes e pela beleza resultante de sua composição rústica. Deve-se destacar que os ranchos poloneses e italianos apresentam volumes maiores, mais altos e compactos, nem sempre complementados por acréscimos laterais – muito mais comuns nos germânicos.

Nos edifícios atualmente registrados sem essas construções subsidiárias, pode-se afirmar, com segurança, que elas foram suprimidas ao longo do tempo e que, originariamente, casas, igrejas, estabelecimentos comerciais e inclusive os industriais foram sempre marcados pelos volumes singelos dos grandes telhados sustentados por fortes estruturas de madeira, normalmente vedados também por tábuas ou ripas, igualmente confeccionadas em madeira.

O estudo dos ranchos e anexos precisa ser ampliado, pois essas construções singelas talvez representem alguns dos edifícios mais antigos de toda a região.

Muitos dos antigos encaixes, soluções estruturais e provavelmente das experiências estéticas podem ser pressentidas nos ranchos. Deve-se registrar, também, a profusão de vestígios de paredes e alicerces encontrados nos ranchos mais antigos. A análise cuidadosa dessas grandes construções pode se constituir em importante fonte de estudo da evolução das moradias transitórias, construídas entre os abrigos pioneiros e as casas definitivas. Pode-se, portanto, partir da hipótese de que muitos dos ranchos atuais guardam partes significativas de antigas moradias.

Os ranchos fazem parte importante do conjunto das propriedades rurais. São sempre funcionais, estão relacionados ao trabalho rural específico (depósito de grãos, curral, paiol, estrebaria...). Seu volume sempre se destaca na paisagem, em todas as regiões de imigrantes. A madeira é invariavelmente o material empregado na construção e a inclnação e estrutura dos telhados relacionam-se com a arquitetura das casas da região.

1 - Interior do rancho da Casa Erich Hardt [POD054], em Pomerode.
2 - Conjunto de ranchos na estrada de Nereu Ramos, em Jaraguá do Sul.
3 - A disposição da casa e do rancho formam o pátio de serviçoes, na Casa Miguel Poffo [ASC003], em Ascurra.
4 - A volumetria do rancho destaca-se na paisagem de Moema, em Itaiópolis.
5 - Um dos ranhcos do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
6 - Rancho da propriedade Biekholz [SBS027], na estrada Dona Francisca de São Bento do Sul.
7 - Rancho da Casa Regina Klug [TIO001], em Timbó.
8 - Rancho na Estrada da Covanca [JVE100], Joinville.
9 - Ranchos da Casa Radoll [TIO005], em Timbó.

2



3



4



5



6



7



8



9



A estrutura da cobertura, no que se refere aos ranchos construídos por imigrantes alemães e de origem eslava, baseia-se nos telhados de caibros, com a variação de que, nos lotes de descendentes de alemães, os acréscimos laterais são quase a regra – nunca a exceção. Isso se justifica pela persistência dos imigrantes dessa etnia na construção de estruturas simples de caibros, de dimensões modestas, e que acabam necessitando de anexos laterais – muitas vezes confeccionados juntamente com os volumes principais. Entre os poloneses, onde o telhado geralmente é maior – quase sempre com linhas altas e por vezes terças, que permitem volumes de cobertura mais amplos –, os ranchos normalmente prescindem de ampliações laterais. Criam-se, assim, coberturas altas, vedadas com tábuas de madeira ou belas soluções de ripados, que permitem ventilação e aeração adequadas, internamente divididas por pilares e compartimentações variadas. Nos ranchos pode ocorrer, eventualmente, a fixação dos pilares diretamente no solo – o que nunca ocorre nas moradias, sempre elevadas em relação ao nível do terreno.

O jardim, o pomar e a horta



Típico jardim de uma residência da região de imigrantes alemães em Pomerode. A profusão de espécies e o volume das árvores esconde a própria casa.

O jardim foi sempre um elemento importante na configuração da casa e do lote rural na região identificada com a imigração, em Santa Catarina. Na área exclusiva de imigrantes italianos, parece ter ocorrido um número maior de implantações apegadas aos modelos urbanos, resultando em casas mais próximas das estradas e um número menor de jardins frontais. Pode-se afirmar que, nas moradias dos colonos itálicos, muito raramente os jardins assumiram a configuração de verdadeiras barreiras à visualização, como ocorre com muita freqüência na casa dos imigrantes alemães. A ausência de sol não parece incomodar a muitos dos descendentes teutos, pois não é raro que a arborização do jardim sombreie toda a parte frontal do imóvel, permitindo visualizar, da entrada do lote, apenas os amplos volumes dos telhados da casa e de seus anexos.

Maiores ou menores, mais ou menos espessos, os jardins apresentam-se como uma área de introdução ao espaço doméstico, incorporando-se aos cuidados da arquitetura – como os detalhes construtivos e aos ornatos – na

apresentação geral da casa. É também um espaço de lazer, utilizado em especial pela matriarca, eventualmente auxiliada pelas mulheres da casa. Para protegê-lo dos animais domésticos, os jardins tendem a ser cercados, utilizando-se ripas de madeira ou telas metálicas.

Os jardins podem ser organizados em canteiros, com pequenas delimitações em tijolos ou madeira, entremeados muito raramente de espaços gramados. O mais comum, entretanto, é que sejam desprovidos de qualquer elemento que não as plantas, reservando-se caminhos de terra batida entre os canteiros de flores plantadas sem uma ordem predeterminada.

São muito variadas as espécies utilizadas, dentre elas as rosas, os girassóis, as azaléias, os jasmins, as camélias. Nas áreas de maior altitude, as hortênsias são freqüentes. Flores miúdas, como o amor perfeito e a boca-de-leão, estão quase sempre presentes. As espécies arbóreas costumam apresentar, no máximo, altura pouco maior do que os beirais da casa, com exceção dos palmitos e palmeiras, constantes na área frontal e nas laterais. Poucas árvores são admitidas na parte frontal do imóvel, mesmo as frutíferas, embora se registrem jabuticabeiras e pitangueiras em casos raros.

Por serem protegidos pelas cercas, as hortas costumam conviver com os jardins. Preponderam os tomates, repolhos, couves, alfaces, abóboras, pepinos, amendoim, pimentas e temperos, todos bastante utilizados nas refeições.

As hortas encontram-se freqüentemente plantadas nas laterais das casas e mais raramente nos fundos. Quando não estão protegidas pelas cercas dos jardins, geralmente recebem proteção específica, onde a preocupação com a estética é menor. As cercas com bambus e tábuas de madeira são geralmente utilizadas na proteção das hortas.

Os pomares também podem estar situados nas laterais das moradias, mas é mais comum que ocorram nos fundos das casas, reunindo abacates, caquis, carambolas, jabuticabas, pitangas, laranjas, limões, goiabas e araçás. As bananeiras estão sempre presentes, assim como a cana-de-açúcar. Os palmitos, também muito freqüentes, são guardados para ocasiões especiais. Geralmente os pequenos lagos, apreciados por patos e marrecos, estão nas proximidades, assim como os chiqueiros e o próprio celeiro. Os bambus, por suas múltiplas utilidades, são vistos como indispensáveis. Nas áreas de imigrantes poloneses e, principalmente, naquelas em que se fixaram os italianos, as parreiras são obrigatórias, permitindo a tradicional fabricação doméstica do vinho.

O esvaziamento rural, que leva a mão-de-obra jovem para a cidade e sobrecarrega de trabalho os remanescentes do campo, têm feito com que uma parte das fainas domésticas seja relegada, tais como as relacionadas com o aproveitamento das hortas e pomares. Até recentemente, boa parte da subsistência doméstica era proporcionada pela produção caseira, que abastecia as despensas com conservas e compotas de toda ordem. Atualmente, os próprios fornos tornaram-se raros e os tachos para produção de melados e doces já são verdadeiras preciosidades.


1


2


3


4


5


6


7


8

Detalhes construtivos

Pisos







O piso mais presente na arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina é o assoalho de madeira, quase onipresente, encontrado em variadas larguras, comprimentos, espessuras, com ou sem requintes, em acabamentos ou rodapés. Os assoalhos evoluíram dos tabuados largos das casas rurais para modelos urbanos confeccionados com madeiras mais estreitas, dotadas de bordas que emolduravam, por vezes, cada um dos compartimentos, formando desenhos. Não raro tiraram partido da tonalidade clara e escura dos variados tipos de madeira, principalmente das canelas e perobas.

Os assoalhos mais antigos são facilmente identificados pela grande dimensão das tábuas (em especial pela largura) e pelo aspecto rude do seu sistema de corte, beneficiamento e encaixe lateral. Foi só no século XX que se difundiu o encaixe macho e fêmea, que substituiu o meia madeira e o junta seca dos primeiros tabuados de piso.

Praticamente inexistem, na região de imigrantes, tacos ou parquês, que só foram introduzidos quando as arquiteturas regionais perderam suas antigas especificidades, já na segunda metade do século XX. Comuns a partir do final do século XIX, os ladrilhos hidráulicos foram utilizados, principalmente, em edifícios de uso comunitário, em especial nas igrejas e estabelecimentos comerciais. Nas moradias, sempre elevadas do solo, foram raros, surgindo mais amiúde em modelos ecléticos construídos nas áreas urbanas, ou na construção dos banheiros integrados às casas, já na segunda metade do século XX.

Jardins e hortas estão sempre presentes nas propriedades rurais, especialmente no caso de imigrantes alemães.
É notável a quantidade de espécies (muitas trazidas da europa) que os compõem. Flores, frutas, árvores, verduras se confundem. Freqüentemente não há uma clara distinção entre jardins, pomares e hortas.

1 - Casa Nelson Bauer [BLU035], na Vila Itoupava, em Blumenau.
2 - Casa Edwirges Eichendorf [SBS003], São Bento do Sul.
3 - Acesso à Casa Rux [JGS068], em Jaraguá do Sul.
4 - Casa João Pabst [JVE010], em Joinville,
5 - Horta da Atafona Gessner, em Indaial.
6 - Casa Berta Wiener [JVE008], em Joinville.
7 - Casa Duwe [IDL001], Indaial.
8 - Casa Waldemiro Struck [SBS010], São Bento do Sul.

Forros

Os forros também evoluíram, a partir da dimensão maior das peças encontradas nos modelos mais antigos, para uma espécie de padronização de 10 a 15 centímetros, nas construções mais recentes. Também se transformaram em função do tipo de encaixe lateral do tabuado de forração. Originariamente, as tábuas de forro eram fixadas lateralmente umas às outras, ou nos compartimentos de fundos das casas enxaimel, onde os forros acompanham a inclinação dos caibros por justaposição, pregando-se a extremidade de cada unidade sobre a peça vizinha, sucessivamente, o que resulta em uma solução do tipo escamada. Mata-juntas também foram utilizadas, porém são mais raras. Com a evolução dos equipamentos, a especialização dos trabalhos e a ampliação do número de serrarias, ganharam espaço os encaixes do tipo meia madeira, que permitiram novas possibilidades de forração, inclusive dos saia e camisa, comuns em todo o Brasil e também entre os imigrantes de todas as etnias, com ênfase para os italianos. Os forros são menos notáveis na arquitetura teuto-brasileira do que nas demais. Entretanto, em modelos urbanos construídos a partir de 1890 encontram-se exemplares de grande esmero, na arquitetura de todas as etnias.

Os encaixes do tipo macho e fêmea foram introduzidos mais tarde. Por suas vantagens de vedação, e também pelas facilidades de produção, acabaram preponderando, tornando-se usuais, a partir de meados do século XX, os chamados forros paulistas, formados por tábuas de 10 a 12 centímetros.. Esse tipo de forração está sempre presente em intervenções realizadas nas últimas cinco décadas.


1


2


3

Na maioria das casas , o forro é formado pelo assoalho do sótão. Neste caso, o barroteamento fica aparente.

1 - Casa Helmut Ulrich, Guabiruba [GBR006].
2 - Forro cozinha Casa Norberto Zimath, Timbó [TIO007].
3 - Casa Helmut Lümke [POD014].

Encaixes

Aspecto significativo na arquitetura dos imigrantes são os encaixes de madeira, produzidos principalmente nas estruturas de cobertura e nos tramos das armações enxaimel. Esses encaixes formam parte substancial de antigos saberes construtivos, longamente acumulados, e representam, sobretudo, soluções para problemas que se mantiveram atuais, quando os imigrantes precisaram valer-se de seus conhecimentos técnicos para edificar seus abrigos na terra que escolheram para viver. As soluções adotadas são simples, eficazes e funcionais. Correspondiam à precariedade de instrumentos, de meios – e à abundância da madeira. Faltava o metal, eram caros e perecíveis os pregos, situação a que ainda estavam habituados os europeus do século XIX. Com efeito, desde o período medieval as estruturas do velho continente serviam-se quase que exclusivamente dos encaixes de madeira. Na rústica tesoura dos telhados germânico/eslavos, a base eram os grossos barrotes, sempre falquejados nos primeiros tempos. Armados sobre cada um desses barrotes, valendo-se do encaixe popularmente conhecido como espiga, os dois caibros encontravam-se no topo da cobertura, unidos pelo encaixe denominado de meia madeira, preso com tarugo (cavilha) de madeira dura.

Na estrutura enxaimel, os encaixes, que também interditavam o uso do metal, formavam a base dos segredos construtivos das estruturas autônomas de madeira. Na essência, a estrutura enxaimel da arquitetura teuto-brasileira é a síntese de peças transversais e horizontais de madeira, assentadas

São variados os tipos de encaixes, especialmente nas estruturas enxaimel, que prescindem de pregos ou outros elementos metálicos.

4 e 5 - Encaixes utilizados na ligação de peças do baldrame e esteios da Casa Radoll [TIO005], em Timbó.
6 - Encaixe de tesoura, com cavilha de madeira, no Casarão do Lageado [CPA019], em Campo Alegre.
7 - Detalhe da ligação entre peças do baldrame e fundação do Comércio Zimmdars [BLU081], em Blumenau.
8 - Estrutura do telhado no Salão Hammermeister [TIO013], em Timbó.
9, 10, 11 e 12 - Encaixes diversos na Casa Ulrich [GBR006], em Guabiruba, exemplar singularizado especialmente pela maestria da estrutura enxaimel .
13 - Detalhe da junção dos esteios e peças horizontais nas estruturas enxaimel.
14 - Junção dos caibros no telhado da Casa Ulrich [GBR006].
15 e 18 - Excepcionalidade dos encaixes encontrados em um rancho de propriedade em Luiz Alves.
16 - Encaixes da estrutura do Depósito Breithaupt JGS147], em Jaraguá do Sul.
17 - Detalhe da estrutura do telhado na Casa Felix Canever [ORL003], Orleans.


4


5


6


7


8


9


10


11


12


13


14


15


16


17


18

sobre sapatas altas e unidas por encaixes reforçados por cavilhas. Em cada face das construções, duas peças inclinadas respondem pelo contraventamento da estrutura. Dentre os principais encaixes utilizados, registram-se: os do tipo espiga, preferidos no encontro do topo das peças verticais com peças horizontais; meia madeira, usados quando peças verticais transpassam horizontais; encaixes mistos, principalmente de espiga e meia madeira, comuns nas quinas da estrutura. Em casos especiais, encontra-se um número maior de encaixes, principalmente os rabo de andorinha, confeccionados para emendas de peças horizontais, e o esteio, comum também em peças estruturais dispostas horizontalmente.

Os encaixes eram riscados com grafite ou giz, confeccionados com formão, enxó e serrote, além da pua, necessária para perfurar os orifícios onde são inseridos os tarugos.

Colocação de tijolos

Dentre as particularidades mais importantes da arquitetura que os imigrantes de diversas etnias implantaram em Santa Catarina, estão as alvenarias aparentes – de pedra, na região italiana, e de tijolos, na região ocupada por italianos, alemães e poloneses.

No contexto brasileiro, onde prevalecem as paredes brancas dos rebocos luso-brasileiros, tradição mediterrânea levada à Península Ibérica pelos romanos e reforçada pelos séculos de ocupação árabe – regra à qual se integra o litoral catarinense, marcado pelo povoamento açoriano –, é surpreendente como ao afastar-se poucos quilômetros da costa, na direção do interior do estado, surgem os telhados altos e inclinados, em que o sótão é sempre utilizado, e os tijolos aparentes, tradição mantida em muitos edifícios recém-edificados.

O uso dos tijolos aparentes, tanto no Brasil quanto na Europa, pode ser facilmente classificado em duas vertentes distintas: as alvenarias autoportantes e as alvenarias associadas ao enxaimel. Nos dois casos, a arquitetura resulta realçada pela expressividade e coloração dos tijolos, muitas vezes cozidos propositadamente com colorações e texturas diferenciadas, além de valorizados por fugas brancas, formadas por argamassa especial de rejunte, feito de cal e areia. O uso de paredes edificadas com tijolos aparentes é usual em todo o centro-norte da Europa, sendo comum na Inglaterra, na Holanda, em todo o norte da Alemanha, estendendo-se até as planícies da Ucrânia – para onde teria sido levado por migrações germânicas. A arquitetura enxaimel, de origem medieval, também teve seu uso propagado por boa parte do centro-norte da Alemanha, sendo muito numerosa na França (em especial na Bretanha, Normandia e Alsácia), na Inglaterra, Bélgica, Holanda e Alemanha. Em muitas dessas regiões, os tramos das construções foram vedados com tijolos aparentes. Vem da Europa, principalmente da Alemanha, a tradição de executar desenhos geométricos entre as peças da estrutura, tirando partido da colocação caprichosa e da coloração dos tijolos. Essa tradição está melhor exemplarmente representada em Santa Catarina, com uma profusão certamente inexistente em outra parte fora da Europa.

Outrora foram milhares, hoje ainda restam algumas dezenas dessas construções, guardando muitas das especificidades com que foram usados os tijolos aparentes em Santa Catarina. Os tijolos à vista associados ao

Inúmeras construções, das mais modestas às mais requintadas, apresentam trabalho esmerado na colocação de tijolos.

1 - Desenho geométrico das fachadas da Igreja do Ribeirão Liberdade [BND001], em Benedito Novo.
2 - Painel da Casa Wendelin Siewert [POD012], Testo Alto, Pomerode.
3 - Painel da Casa Otto Schwisky [JVE023], em Joinville.
4 - Painel de tijolos na Casa Erwin Arndt [POD017] (conhecida como Casa da Crista), Testo Alto, Pomerode.
5 - Casa Ovídio Siewert [POD010], Testo Alto, Pomerode.
6 - Detalhe da bandeira na porta de entrada da Casa Wendelin Siewert [POD012], Pomerode.
7 - Painés com desenhos de tijolos na Casa Oldenburg [JGS098], Jaraguá do Sul.
8 - Painel na Casa Erwin Rux [JGS068], Jaraguá do Sul.
9 - Bandeira da porta de acesso da Escola e Casa do Professor Rural [RCD011], em Rio dos Cedros.
10 - Empena do Salão Hammermeister [TIO013], com desenhos geométricos formados a partir da colocação de tijolos de tonalidades diferentes.
11 - Empena da Casa Neitzke [BND007], Benedito Novo.
12 - Colocação esmerada dos tijolos na empena da Casa Duwe [IDL001], Indaial.
13 - Painéis de tijolos na varanda da Casa Julius Schroeder [IDL050], Indaial.
14 - Painéis da Casa Meyer [JGS110], em Jaraguá do Sul.


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12


13


14

enxaimel são encontrados principalmente nas colônias São Pedro, Blumenau e Dona Francisca, inclusive nos seus desdobramentos no planalto. Chegaram a ser construídos em Lages. Os desenhos geométricos são mais comuns na Dona Francisca e em Jaraguá do Sul. A arquitetura enxaimel, por sua expressividade e singularidade, acabou por tornar-se um verdadeiro símbolo da imigração alemã para Santa Catarina e, por extensão, para o Brasil. São numerosos os exemplares de destaque, valendo citar a Igreja de Alto Liberdade [BND001], em Benedito Novo, a Casa Rux [JGS068] e Mayer [JGS110], em Jaraguá do Sul, as Casas Schwisky [JVE042] e Fleith [JVE023], em Joinville, a Casa Ovídio Siewert [POD010], em Pomerode, a Casa Reinecke [TIO004], em Timbó, e a Casa Ulrich [GBR006], em Guabiruba, entre várias outras.

Nas construções de alvenarias autoportantes, foi comum tirar partido plástico dos tijolos, trabalhados de modo a permanecerem aparentes nas fachadas externas – que são, portanto, tratadas sem rebocos. Essa solução diferencia os edifícios, destacados pelos cuidados dos acabamentos e vivacidade dos tijolos, com suas cores quentes e variadas. A alvenaria autoportante de tijolos aparentes se baseia na interação entre a função (de edificar as paredes) e a estética. O uso da técnica produziu numerosos exemplares de grande expressividade, em todas as colônias de imigrantes. No sul, algumas construções de grande esmero derivam da tradição italiana; no norte, da polonesa e ucraniana; e nas antigas Colônias São Pedro, Blumenau, Hansa, Brusque e Dona Francisca, das tradições construtivas dos alemães.

O trabalho de alvenaria destacado nesse tipo de arquitetura não pode prescindir de grande esmero por parte da mão-de-obra. Nesse caso, fiadas rigorosamente confeccionadas, realçadas por fugas perfeitas – sempre tratadas com argamassa especial de cal e areia – realçam extraordinariamente


1


2


3

a construção, em especial quando beirais, sobrevergas e pilastras também são trabalhados com tijolos aparentes. Muitos são os exemplares de destaque, eloqüentes desta tipologia que singulariza a arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina. Importa citar a Casa Neumann [SBS004], em São Bento do Sul; o Salão Hammermeister [TIO013] e a Casa Zimath [TIO007], em Timbó; a Igreja de N.S. do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial; o Seminário Sagrado Coração de Jesus [CRP001], em Corupá; e a Casa Schiocket [JGS036], em Jaraguá do Sul.

Ornamentos em argamassa

Salvo algumas poucas construções ecléticas – relativamente raras no interior do estado –, a arquitetura do imigrante em Santa Catarina caracteriza-se muito mais pela austeridade do que pela abundância de ornamentos. No que concerne aos ornamentos, a arquitetura teuto-brasileira urbana apresenta um repertório muito mais comedido do que a luso-brasileira. Nota-se o tratamento dos beirais, a presença de pilastras e os trabalhos de realce dos requadros.

Nos centros maiores, como Blumenau, Joinville e Urussanga, os ornamentos associam-se a um ecletismo pouco mais elaborado, onde sobrevergas, pilastras, cimalhas e cunhais surgem com freqüência. A ausência das platibandas e o uso preferencial de cores neutras, em especial as tonalidades acinzentadas, proporcionam um resultado mais contido.

Os chalés também são raros, fato que contribui para a parcimônia dos ornatos. Devem ser registrados, em número e expressividade, exemplares ligados à tradição e arquitetura dos imigrantes, embora construídos nas cidades litorâneas.

Sabe-se que os imigrantes chegavam preferencialmente pelos portos de São Francisco do Sul, Itajaí, Florianópolis e Laguna (a exceção foram os poloneses e ucranianos do norte, que chegaram a Santa Catarina vindos pelo interior do Paraná). Desde os primeiros anos, alguns deles permaneceram no litoral. Com o desenvolvimento das colônias, surgiram empresas de navegação e estabelecimentos industriais e comerciais nas cidades portuárias. Quase sempre interagiam econômica e socialmente com os imigrantes, comercializando, importando e exportando seus produtos, ou produzindo bens baseados em matérias-primas produzidas pelos imigrantes – ou necessários à sua subsistência. Em Itajaí, registram-se as casas Konder, Malburg, Assemburg e Burgart; em Tijucas, os casarões Bayer e Galotti. Em São Francisco do Sul, onde está preservado importante conjunto eclético, registram-se exemplos eloqüentes do uso de ornamentos relacionados com a arquitetura teuto-brasileira, no Hotel Kontiki e em seu sobrado anexo, no Clube XXIV de Novembro, no sobrado Guessner e a casa Trupel. Em Florianópolis, o belo sobrado da rua Conselheiro Mafra. Todos esses exemplares apresentam ornamentação relacionada com a imigração italiana ou alemã, notando-se, com exceção do exemplo florianopolitano, uma linguagem comedida, onde ainda imperam os elementos clássicos, dinamizados por poucos ornamentos em argamassa aplicada.

1 - Seminário Sagrado Coração de Jesus [CRP001], em Corupá.
2 - A Casa Neumann [SBS004], em São Bento do Sul, é um exemplar representativo do requinte construtivo na colocação dos tijolos autoportantes aparentes.
3 - Empena da Casa Ewald [TIO048], em Timbó.

Esquadrias

As esquadrias estão entre os elementos mais importantes da arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina. As portas centralizam as composições das fachadas frontais – quase sempre marcadas por composições simétricas. Freqüentemente são trabalhadas – muitas vezes em almofadas, outras com apicoados, sendo comum a divisão em painéis delimitados por travessas e marcos verticais. Elementos em losangos, retângulos e quadrados são comumente tratados em relevo. Formas circulares são raras. As portas frontais são na maioria das vezes dotadas de bandeiras envidraçadas, princi-

1 - Casa Eurides Silveira [JGS034].
2 - Casa Schiocket [JGS036].
3 - Casa em Nova Veneza.
4 - Casarão do Lageado [CPA019].
5 - Comércio Artur Zimmdars [BLU081].
6 - Casa no centro de Botuverá.
7 - Casa em Corupá.
8 - Casa Arno Modrow [BLU086].
9 - Casa Ovídio Siewert [POD010].
10 - Casa em Corupá, caminho para São Bento do Sul.
11 - Casa Freitas, no centro de Blumenau.
12 - Detalhe Casarão do Lageado , am Campo Alegre [CPA019].














palmente quando se relacionam com imigrantes alemães. Não é incomum que sejam pintadas com cores vivas, entre italianos, teutos e poloneses. Ocupam considerável proporção nas fachadas da arquitetura de todas as etnias. Nas casas enxaimel, encontram-se muitas vezes realçadas pelas colunas gêmeas. Como especificidade deve-se notar a presença constante, entre os imigrantes italianos, das esquadrias formadas pelo encaixe lateral de tábuas dispostas transversalmente às linhas principais das fachadas.

Já as janelas apresentam-se quase sempre com vidraças de consideráveis proporções, tendendo ao quadrado. São sempre pintadas de uma só cor (nas casas italianas é comum que não haja pinturas). Na arquite-

13 - Cia. Hering, Blumenau.
14 - Casa na Vila Itoupava, Blumenau.
15 - Casa Piske [CPA018].
16 - Casa Just, Pomerode.
17 - Casa Ivanir Cancelier [URS095]. Esquadrias tipicamente italianas.
18 - Casa em Pomerode.
19 - Casa Volkman, em Pomerode.
20 - Casa Ristow [IDL035]. Janelas com bandeiras móveis.
21 - Janela na empena da Casa Schiocket [JGS036]. Influência italiana em Jaraguá do Sul.


13


14


15


16


17


18


19


20


21


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11



12


13


14

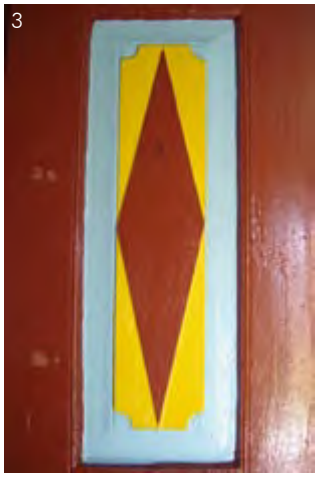

15


16


17


18













Páginas anteriores:

1 - Vila Valeska [CPA013].
2 - Casa Artur Krueger [JGS044].
3 - Casa Wendelin Siewert [POD010].
4 - Casa Ovídio Siewert [POD012].
5 - Casa Hornburg [POD076].
6 - Casa Volkman, Pomerode.
7 - Casa Bertoldi [RCD007].
8 - Casa Bruno Jandre [POD001].
9 - Casa da Família Colonial [BLU173].
10 - Casa Rux [JGS068].
11 - Casa Bel Trento [ROD007].
12 - Casa Fronza [ROD001].
13 - Casa Bartniak [ITP001].
14 - Casa Chuppel, Iracema, Itaiópolis.
15 - Sobrado João Félix Barzan [ORL002].
16 - Casa Ivanir Cancelier [URS095].
17 - Casa Silvino Cancelier [URS094].
18 - Sobrado Família Mazzucco [URS097].

As esquadrias em geral e as portas em particular são sempre ricas em detalhes, cores e texturas. De norte a sul de Santa Catarina, italianos, alemães, ucranianos, poloneses, entre outros, deixaram também nas esquadrias as marcas do seu esmero construtivo.

1 - Cores e texturas trabalhadas nas esquadrias de um comércio singelo de madeira, na estrada que vai a Moema, em Itaiópolis.
2 - Detalhe da porta de entrada da Casa Bartniak [ITP001], em Alto Paraguaçú.
3 e 4 - Cores vivas nas almofadas das portas da Igreja São Gervásio e São Protásio [URS093], em Urussanga.
5 - Desenhos geométricos e composições inusitadas na porta principal da Casa Gilow [JGS060], em Jaraguá do Sul.
6 - Porta principal da Casa Reinecke [TIO004], Timbó.
7 - Almofadas da porta principal da Igreja de Santo Estanislau [ITP010], Alto Paraguaçú.
8 - Detalhe da bandeira da porta da Casa Waldemar Elísio [IDL235].
9 - Moldura trabalhada na Casa Lemke [POD070], em Pomerode.
10 - Almofadas trabalhadas da Casa Waldemiro Struck [SBS010], em São Bento do Sul.
11 - Também na Casa Waldemiro Struck [SBS010], bandeira com motivos florais, trabalhada com requinte.

tura teuto-brasileira quase nunca existe nem a escura nem qualquer tipo de veneziana ou proteção suplementar às vidraças. As janelas são, via de regra, de abrir para fora, sendo as bandeiras dotadas de aberturas móveis. Funcionam com dispositivos pivotantes ou, mais comumente, de abrir, com dobradiças fixadas em sua parte superior. Portas internas ou presentes nas demais fachadas são sempre simplificadas, assim como as janelas dos fundos – que raramente dispõem de vidraças.

Escadas

As escadas da arquitetura da região de imigrantes são usualmente simples e funcionais. Em função do aproveitamento do sótão (possibilitado pela grande inclinação do telhado) e da necessidade de economia do espaço, as escadas internas apresentam sempre grande inclinação e são formadas, essencialmente, pelos espelhos e degraus, secundados por corrimão singelo – freqüentemente inexistente. As escadas são sempre de madeira. Quando relacionadas com imigrantes alemães, usualmente se apresentam com inclinação acentuada, ocupando estreito corredor e interligando o compartimento dos fundos com o sótão. Nas casas italianas, as soluções são mais variáveis, apresentando-se muitas vezes em "L", instaladas comumente nas salas frontais, ou em um dos quartos (quase sempre no menor) ou ainda na cozinha. Entre os imigrantes poloneses, onde o corredor central é mais freqüente, as escadas muitas vezes se situam nesse espaço de comunicação/transição, embora sejam numerosos os exemplos de escadas que partem dos compartimentos dos fundos – como as alemãs.

De um modo geral, pode-se admitir que a posição da escada nas plantas das casas varia segundo quatro soluções principais:

– escada ocupando estreito corredor, partindo de um dos compartimentos dos fundos da casa até o sótão;

– escada no corredor (quando existe corredor) que interliga os cômodos frontais (sala e quarto do casal) à cozinha, aos fundos;

– escada na sala, próxima à porta de entrada;

– escada posicionada em um dos quartos, geralmente o menor, mais raramente no do casal.

12 - Detalhe da escada em espiral que dá acesso ao coro, na Igreja de Santo Estanislau [ITP010], Alto Paraguaçú, Itaiópolis. Os degraus são encaixados uns nos outros exatamente no raio da escada.
13 e 14 - Escada que dá acesso ao sótão da Casa Helmut Lümke [POD014], em Pomerode. Simplicidade e grande inclinação caracterizam as escadas das casas teuto-brasileiras.


12


13


14

Em geral não apresentam elementos ornamentais, nem participam da área social da casa. Somente a partir do final do século XIX as escadas passaram a ocupar lugar de destaque, sempre em casas de alvenaria autoportante, cujas plantas seguiam modelos europeus urbanos. Nesses casos, as escadas freqüentemente se situam nos compartimentos fronteiros, na sala ou na área de receber, apresentam degraus de convite e corrimãos trabalhados.

As escadas externas, sempre em alvenaria de tijolos ou pedra, são igualmente singelas e apenas em alguns poucos exemplares – quase sempre construídos em alvenaria autoportante de tijolos à vista – assumem papel de destaque na composição da fachada. Nesses casos, desenvolvem-se em meia lua e proporcionam acesso à varanda ou à sala frontal do edifício. No salão Hammermeister [TIO013] e nas Casas Zimath [TIO007] e Schiocket [JGS036] ocorrem exemplares desse tipo. Na área italiana, onde é comum tirar-se partido dos materiais construtivos, registram-se alguns exemplares de escadas frontais construídas em pedra maciça. A Casa Ivanir Cancelier [URS095], em Urussanga, é exemplo dessa técnica.

Guarda-corpos

Os guarda-corpos são elementos funcionais que muitas vezes aliam aspectos estéticos de grande interesse. Podem ser trabalhados de três maneiras principais: em madeira, em alvenaria aparente de tijolos e em balaústres de cimento. São encontrados, também, modelos mais recentes, formados por elementos cerâmicos vazados.

Os guarda-corpos de madeira são os mais numerosos e apresentam desenhos variados, proporcionando, em muitos casos, um efeito plástico singular na composição da fachada. É nos acabamentos que os imigrantes, muitas vezes, imprimem a marca de sua sensibilidade, criando detalhes que acabam por configurar verdadeiras obras de arte popular aplicada. Podem apresentar-se em ripados, como nas casas Hary Hein [BLU051], em Blumenau, e Fleith [JVE023] e Schwisky [JVE042], ambas em Joinville. Nesses casos, é comum que os portões sejam trabalhados com curvas suaves – como na Casa Schwisky [JVE042] – ou com arremates nas ripas, como na Casa Radoll [TIO005], em Timbó. Os exemplos são numerosos e pontuam toda a região de imigração, perpassando o conjunto das etnias que ocuparam o espaço geográfico de Santa Catarina.

São relativamente comuns – em especial na região norte, de colonização polonesa – os guarda-corpos trabalhados com tábuas de madeira, formando diferentes desenhos e composições geométricas que variam do simples ao complexo. Existem alguns casos excepcionais, como os enconrados na Casa Ristow [IDL035], em Indaial, e na casa que existiu na Vila Nova, em Joinville, onde as tábuas estavam dispostas na posição horizontal. Os parapeitos torneados em madeira são muito raros e praticamente se resumem ao encontrado na Casa Schroeder [IDL050], também em Indaial.

Outra variação dos guarda-corpos de madeira é uma espécie de treliçado singelo, como ocorre na Casa Duwe [IDL001], em Indaial, ou na Hary Franz [BLU052], na Vila Itoupava, em Blumenau.

1 - Guarda-corpo da Casa Siebert [POD066], conhecida como Pousada da Estufa, em Pomerode.
2 - Casa na Itoupava Rega, Blumenau.
3 - Detalhe do guarda-corpe de casa na Itoupava Rega, em Blumenau.
4 - Guarda-corpo da Casa Arno Modrow [BLU086], em Blumenau.
5 - Guarda-corpo da Casa Arthur Krueger [JGS044], em Jaraguá do Sul.
6 - Detalhe do guarda-corpo vazado, construido com tijolos dispostos a 45°, na Casa Zimath [TIO007], em Timbó.
7 - Detalhe do guarda-corpo com elementos vazados da Casa Raduenz [POD014a], em Pomerode.
8 - Guarda-corpo trabalhado da Casa Reinecke [TIO004], em Timbó.
9 - Guarda-corpo da Casa Radoll [TIO005], Timbó.
10 - Guarda-corpo da Casa Just, em Pomerode.
11 - Varanda da Casa Neitzke [BND007], em Benedito Novo.
12 - Varanda Casa Bruno Flohr [BLU093], Blumenau.
13 - Detalhe do guarda-corpo da Casa Erich Hardt [POD054], em Pomerode, também conhecida como Casa da Varanda.


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12


13


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12

Os guarda-corpos confeccionados em alvenaria autoportante de tijolos aparentes são igualmente numerosos – e preciosos. Podem ser encontrados em todas as etnias, mas são mais comuns entre os alemães. Diversos desses guarda-corpos, tanto pelo preciosismo com que são confeccionados quanto pelo efeito estético que proporcionam, configuram-se igualmente como obras de arte popular aplicada. Os tijolos podem estar dispostos de maneira variada, intercalando espaços vazios e formando desenhos diversificados, valendo-se de coloração diferenciada, fixados na horizontal, na vertical, ou inclinados etc. Confeccionados assim, formam painéis, cuja composição destaca-se pelo dinamismo e expressividade. Na Casa Reincke [TIO004], em Timbó, várias dessas técnicas se conjugam para compor um dos mais interessantes guarda-corpos de toda a região de imigrantes do Brasil. Em casas como a Klug [TIO001] e a Zimath [TIO007], também em Timbó, os parapeitos são a base de pilastras circulares de alvenaria igualmente aparente, elevando até o frechal da varanda, a textura dos tijolos à vista.

Também quando a alvenaria é rebocada, registram-se exemplares de guarda-corpos de interesse. Como exemplo, pode invocar-se a Casa Schiocket [JGS036], em Jaraguá do Sul, em que o guarda-corpo suporta arcadas, formando belo conjunto valorizado por relevos em argamassa.

São comuns também os guarda-corpos de balaústres de argamassa, inseridos nas casas construídas a partir da década de 1920, caracterizando, juntamente com outras aplicações em argamassa, um momento eclético da arquitetura das regiões de imigrantes.

Guarda-corpos ou gradis metálicos são raros na área de imigrantes, registrando-se raros exemplos em sacadas superiores.

Lambrequins

Os lambrequins são elementos decorativos presentes nas edificações de influência italianas, ucranianas e, em especial, nas polonesas. São



1 - Detalhe do guarda-corpo de madeira da Casa Ristow [IDL035], em Indaial. Exemplar único,
2 - Guarda-corpo de madeira da escada que dá acesso ao coro na Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial.
3 - Guarda-corpo de madeira da Maternidade (Sociedade Beneficência Misericórdia) [BLU005c], da Vila Itoupava, em Blumenau.
4 - Guarda-corpo de residência rural em Corupá.
5 - Detalhe do guarda-corpo da Casa do Colono, no Museu ao Ar Livre, em Orleans.
6 - Detalhe do guarda corpo da casa onde funciona o Restaurante da Zenita [ITP002], em Itaiópolis.
7 - Guarda-corpo de madeira da Casa Arthur Krueger [JGS044], Jaraguá do Sul.
8 - Guarda-corpo na varanda da Casa Lúcia Buba [ITP003], Alto Paraguaçú, Itaiópolis.
9 - Guarda-corpo de madeira de moradia rural em São Martinho.
10 - Detalhe da escada da Casa Polaski [ITP009], em Alto Paraguaçú, Itaiópolis.
11 - Guarda-corpo com treliçado de madeira em casa rural no município de Guabiruba.
12 - Na Casa Luiza Schroeder [IDL050], em Indaial, o guarda-corpo é composto por elementos torneados.
13 - Os elementos de madeira na varanda do comércio dos Irmãos Stoltenberg, em Vidal Ramos, destacam-se na composição da fachada, especialmente os lambrequins.

menos comuns na arquitetura teuto-brasileira. Acredita-se que os lambrequins sejam produto do ecletismo e da abundância da madeira, mais do que expressão de qualquer uma das etnias presentes em Santa Catarina. Constituem-se em pequenas peças unitárias, pregadas individualmente, que se somam para formar as linhas decorativas características desse elemento ornamental. Estão presentes nas casas italianas de Antônio Prado, no Rio Grande do Sul; nas casas polonesas da região de Curitiba, no Paraná. Em Santa Catarina, estão muito presentes no norte do estado, associados ao ciclo madeireiro que se estabeleceu na região e aos imigrantes poloneses e ucranianos.

São sempre confeccionados em madeira e possuem uma ampla variação de moldes. Podem estar aplicados tanto nas varandas como nas empenas de casas, igrejas, oratórios e, menos freqüentemente, em casas comerciais e escolas.


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10

Ornamentação interna

As casas de imigrantes são despojadas internamente. As paredes são invariavelmente caiadas, com tonalidades claras, em especial o branco, o gelo e diversas tonalidades de cinzas. Também aparecem tons de rosa, verde e azul, em especial nos imóveis dos poloneses. Em todas as regiões, as paredes e os compartimentos internos são quase sempre rebocados, havendo raras exceções, como, por exemplo, as casas de madeira, que não são revestidas, embora com freqüência se apresentem pintadas. É comum que as paredes sejam ornadas com pinturas em barras, principalmente nos espaços mais nobres, notadamente na sala frontal. Ocorrem pinturas também nos quartos e na cozinha. A conjunção das pinturas internas com a fixação de quadros e molduras de motivos variados confere a muitas das casas dos imigrantes um aspecto e uma ambiência especiais. Fotos de família, quadros e bordados com ditados e dizeres – em muitos casos com referências religiosas –, pinturas de paisagens e imagens de membros da família real alemã, italiana ou polonesa, bem como santos, papas e personagens ligados à devoção católica constituem os motivos principais. Infelizmente, também nesse campo nota-se uma crescente descaracterização: é cada vez maior o número de calendários de oficinas mecânicas, marcas de pneumáticos, de times de futebol, de propaganda de automóveis etc.

Pinturas



As casas são sempre pintadas internamente, com tintas à base de cal, em cores normalmente neutras. É comum que se encontrem pinturas decorativas, quase sempre confeccionadas em barras, nos compartimentos principais das casas. As pinturas murais integram o rol das artes populares em todas as regiões de onde vieram os imigrantes para Santa Catarina. Essa tradição integrava suas bagagens culturais e foi fartamente utilizada nas casas espalhadas pelas estradas e picadas da região. Registram-se verdadeiras obras de arte popular, com variados motivos, caracterizando-se uns pela delicadeza das cores e das formas, outros pela vivacidade e alegria de seus desenhos e das tonalidades contrastantes. Em alguns imperam os motivos geométricos, em muitos surgem folhas, plantas, frutas, animais, alegorias. É um campo fértil de pesquisas, ainda incipiente e analisado, até hoje, apenas no contexto das unidades arquitetônicas mais importantes e sempre do ponto de vista de sua contribuição com o espaço construído. Pesquisar especificidades, buscar autorias, aprofundar o conhecimento sobre as tintas, os rebocos e a sua conservação são alguns dos elementos a serem estudados.

Em Santa Catarina, os lambrequins ocorrem especialmente nas regiões de colonização polonesa, embora registrem-se exemplares entre todas as demais etnias.

1 - Detalhe de lambrequim Casa Wagner [ITP020], Moema, Itaiópolis.
2 - Casa Raduenz [POD014a], em Pomerode.
3 - Lambrequins e mãos-francesas da Casa Polaski [ITP009], em Itaiópolis.
4 - Lambrequins da Casa Levandoski [ITP021], Moema, Itaiópolis.
5 - Elementos de madeira na cobertura da Casa Wagner [ITP020], Moema, Itaiópolis.
6 - Lambreuins e mãos-francesas da casa onde funciona o Restaurante da D. Zenita [ITP002], em Alto Paraguaçú, Itaiópolis.
7 - Lambrequim em casa de Corupá.
8 - Lambrequim na Casa Heyse [ITP023], Moema, Itaiópolis.
9 - Detalhe de lambrequins da Casa Lúcia Buba [ITP003], em Itaiópolis.
10 - Detalhe de lambrequim da Casa Polaski [ITP009].


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12

13



14



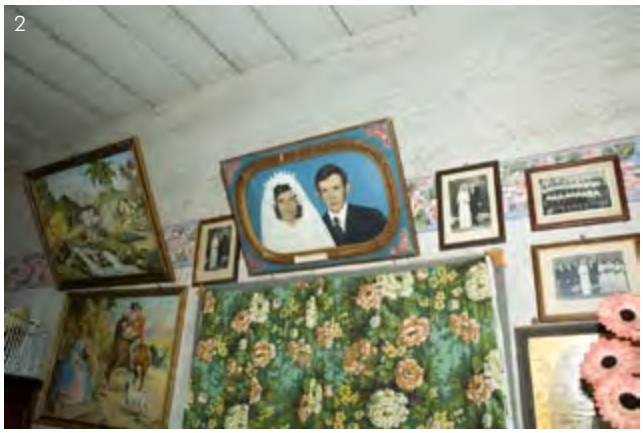
15

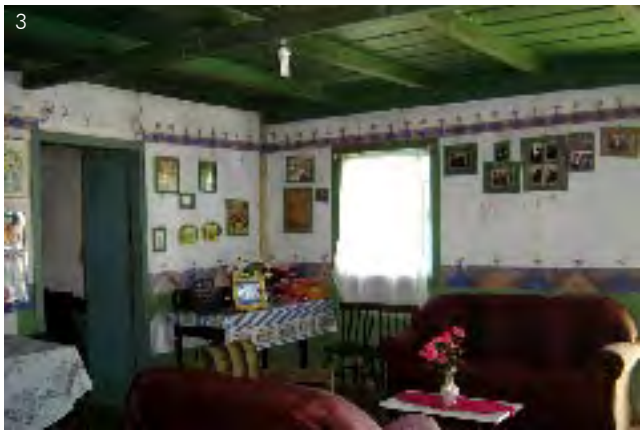


Cores e texturas de esquadrias, composição de pisos e forros, pinturas parietais, cortinas, quadros com fotos de família, imagens de santos, reis e rainhas, bordados, dizeres e ditados populares... Toda uma gama de elementos ajudam a compor a ambienteção interna das casas (13, 14 e 15). Em muitas delas, destacam-se as pinturas tipo *stencil* nas paredes, utilizando-se, na maioria das vezes, elementos florais e geométricos.

1 - Casa Hoerning [BLU028].
2 - Casa Radoll [TIO005].
3 - Casa Steinbrick [BLU126].
4 - Casa Iglikowski [ITP008].
5 e 6 - Casa Krüeger [JVE001].
7 - Casa Reinecke [TIO004].
8 - Casa Severino Mengarda [RCD002].
9 - Casa enxaimel do Sítio Tribess [POD065].
10, 11 e 12 - Pinturas internas da Igreja de Santo Estanislau [ITP010], em Alto Paraguaçú.
13 - Vista interna da sala da Casa Duwe [IDL001], em Indaial.
14 - Interior da Casa Ristow [IDL035].
15 - Interior da Casa Radoll [TIO005].


1


2


3


4

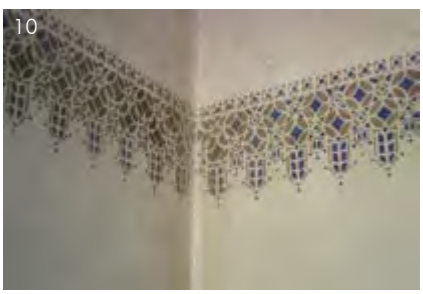

5


6


7


8


9


10


11

Bens móveis

Outro campo específico, sobre o qual os inventários e estudos precisam se debruçar, é o dos bens móveis encontrados nas áreas rurais e urbanas. Os poucos registros do mobiliário de casas e outras edificações expressam a primazia do trabalho de marcenaria, com que as peças eram comumente confeccionadas. Infelizmente, muita coisa já foi perdida, substituída por peças novas, de qualidade muito inferior. São raros os casos como o da Família Bez Fontana [URS031], em que persistem os móveis antigos na maior parte dos cômodos. O mais comum é que restem apenas algumas peças entre um todo novo, de material infinitamente inferior (como os compensados e MDF's) às madeiras de lei com que costumavam ser confeccionados os móveis antigos.

Ainda existem, entretanto, em centenas de propriedades, verdadeiras jóias da arte popular aplicada, na forma principalmente de mesas, cadeiras, bancos, camas, berços e armários, além de louças, talheres, utensílios de cozinha e instrumentos agrícolas de grande valor cultural. No caso do mobiliário, apenas a título de informação preliminar, vale afirmar que, a despeito do verdadeiro saque de antiquários e colecionadores que iludem agricultores incautos, pode-se observar a ocorrência de inúmeros modelos representativos de cada região de procedência dos imigrantes. Desenho e concepção geral, detalhes, encaixes e ornatos são os diferenciais principais que apontam para um universo riquíssimo em conhecimento e expressividade. Seu maior conhecimento constitui-se em um dos passos mais importantes na seqüência dos trabalhos relacionados com o legado dos imigrantes no Brasil.

12



1 - Casa Steinbrick [BLU126].
2 - Casa Hoerning [BLU028].
3 - Casa Edelberto Petersen, em São Martinho.
4 e 11- Casa Duwe [IDL001].
5 - Casa Raduenz [POD014a].
6 - Casa Helmut Lümke [POD014].
7 - Interior da Igreja de Santo Antônio [RCD019].
8 - Casa Ristow [IDL035].
9 - Casa Iglikowski [ITP008].
10 - Casa Merini [ASC002].
12 - Casa Felipe Wacholz [POD007].

1


2


3


4


5


6


7


8


9


10



11



12



13



14



15



16



17







Páginas anteriores:

1 - Casa Modrow [BLU086], Blumenau.
2, 6 e 8 - Casa Eugênio Hardt [JVE040], Joinville.
3 - Casa Erwin Arndt (Casa da Crista) [POD017], Pomerode.
4 - Casa Otto Schwisky [JVE042], Joinville.
5 - Casa Harry Voight [IDL232], Indaial.
7 e 11 - Casa Ristow [IDL035], Indaial.
9 - Casa Silvino Cancelier [URS094], Urussanga.
10 e 15 - Casa Duwe [IDL001], Indaial.
12 e 13 - Casa Lorival Hersing [IDL039], Indaial.
14 - Casa Gerhold Kriser [IDL011], Indaial.
16 - Casa Radoll [TIO005], Timbó.
17 - Antiga Casa Alfredo Zumach [TIO006], Timbó

Nesta página:

Casa Wunderwald [POD024] (acima) e varanda da Casa Duwe [IDL001] (abaixo).
Imagens do levantamento fotográfico de 1987.

Página seguinte:

Casa Felipe Wacholz [POD007], também em 1987.

O PATRIMÔNIO IMATERIAL

A LÍNGUA

A língua representa um dos principais fatores de identidade de um grupo humano. Mais do que o ato de comunicar-se – que nos casos de contextos culturais minoritários pode ser determinante da inclusão ou exclusão do grupo –, o uso da língua-mãe favorece uma constante rememoração e, ainda que inconscientemente, uma noção de pertencimento, relacionada com a terra e as tradições de origem.

O núcleo familiar foi desde sempre o lugar de aprendizado e difusão da língua de origem, o que reforça seu caráter sentimental e o importante









Frases, dizeres e ditados, bordados, pintados, entalhados, são muito comuns e encontrados em praticamente todas as casas (especialmente as teuto-brasileiras).
Em geral remetem-se à Deus, pedindo a benção da casa e da família.

papel que representa para a manutenção da identidade do grupo. Aprendia-se o português na escola, para comunicar-se com o mundo exterior, realizar os negócios, fazer compras, conversar com os "brasileiros". Mas dentro de casa falava-se sempre a língua de origem (tradição que se mantém ainda hoje na maioria das regiões). Mesmo com a proibição do uso de línguas estrangeiras no Brasil durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, em especial o italiano, alemão e japonês, países então em guerra com o Brasil, as línguas da imigração permaneceram faladas na clandestinidade, o que fez com que sobrevivessem até hoje em muitos núcleos coloniais. O uso da língua de origem foi cultivado, de geração em geração, e até hoje está presente em todas as regiões de imigração, independentemente da procedência, e continua sendo um fator importante para a afirmação da sua identidade enquanto descendentes de imigrantes.

A igreja foi, ao lado das escolas, um elemento importante para a manutenção das tradições lingüísticas dos imigrantes. O uso cotidiano da língua de origem ainda pode ser observada na região colonizada por ucranianos, no norte do estado. A leitura é cultivada através dos escritos bíblicos e do uso do calendário ortodoxo, e as missas são celebradas em ucraniano.

Em todos os casos lingüísticos, são interessantes as incorporações feitas ao vocabulário original, através da inserção de expressões brasileiras, tanto na fala como na escrita. Além disso, o sotaque característico

manifesta-se também na pronúncia de palavras da língua portuguesa. É possível identificar com clareza a descendência de determinada pessoa apenas pelo modo como ela se comunica em português.

As línguas, os dialetos e os sotaques da área estudada configuram uma das especificidades de maior valor cultural e interesse científico no conjunto do patrimônio cultural dos imigrantes. Existem informações que atestam o virtual desaparecimento, na Europa, de alguns dos dialetos e de muitas das expressões preservadas no Brasil. O vêneto no caso italiano e o Plat dos descendentes de imigrantes alemães são algumas das formas de expressão mais utilizadas em Santa Catarina.

Essa importante vertente do patrimônio cultural brasileiro, mescla de tradições lingüísticas muito variadas, precisa de urgentes cuidados específicos. As transformações sócio-culturais e o processo maciço de globalização vêm resultando na diluição recente das características próprias que marcavam as ilhas culturais catarinenses. Esse fato faz com que a cadeia de transmissão das línguas e dialetos venha sendo interrompida com preocupante freqüência. Muitas escolas locais, especialmente no Vale do Itajaí e no sul do estado, retomaram o ensino das línguas alemã e italiana, estimulando a sua sobrevivência entre os mais novos. Entretanto, podemos perceber hoje, em todas as regiões, a existência de um hiato entre gerações, abandonando-se progressivamente a comunicação na língua de origem dos imigrantes, tornando-se sempre mais comum encontrar famílias em que os filhos já não conhecem a língua que seus pais aprendiam em casa.

O estímulo ao estudo científico das línguas e dos dialetos, a valorização do conjunto das tradições culturais relacionadas com a imigração e, principalmente, o incentivo ao aprendizado familiar, além do ensino escolar, parecem ser as alternativas de preservação para essa parte do legado da imigração.

O vocábulário português incorporado

"O vocabulário de termos portugueses é considerável, quase sempre relativos a bebidas, plantas, animais, alimentos, atividades agrícolas, verbos, etc..., quase sempre acrescidos da terminação 'ieren' e 'en'. Willems chegou a relacionar cerca de 700 palavras incorporadas ao idioma falado pelos teuto-brasileiros. Alguns termos mais comuns podem ser relacionados aqui como exemplos: a) palavras compostas: Aibifeld (roça de aipim), Bischospiel (jogo do bicho), Frachtcaminhão (caminhão de carga), Capinhacke (enxada), Capoeirawirtschaft (cultura de capoeira), zipobesen (vassoura de cipó), criolakuh (vaca crioula), Schweinekorral (curral de porcos), Mandiokmühle (engenho de mandioca), Mandiokmehl (farinha de mandioca), Milhobrot (pão de milho), Rollenfumo (fumo de rolo), Palmitenhaus (casa de troncos de palmito), Roçaschlagen (derrubada), Roçarbeit (trabalho na roça), Vendemann (vendeiro, homem da venda), Roçaweg (caminho da roça); b) palavras simples: Aibi (aipim), Pikade (picada), Palmite (palmito), Zipo (cipó), Balaie (balaio), Kaschass (cachaça), Scharute (charuto), Fum (fumo), Vende (venda), Janeln (janela), Maschuchen (xuxu), Kanne (cana), Rosse, Roce (roça), Trok (troca ou troco), Vendist (vendeiro), Scharacke (jararaca); c) verbos: verlusen, verbrasiliern (abrasileirar), puschen (puxar), emanzipieren (emancipar), multieren (multar), Kapinen (capinar), visitieren (visitar), konversieren (conversar), etc."

Fonte: SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. 240p., página 129

Culinária e hábitos alimentares



Hábitos alimentares e culinária constituem aspectos culturais importantes, pois relacionam-se diretamente com a identidade e a memória do grupo. As condições do meio – com espécies animais e vegetais nativas, condições climáticas e solo específicos –, aliadas aos costumes próprios de cada grupo étnico e/ou cultural, modelam culinárias locais características. O Brasil, pela grandeza de seu território e multiplicidade cultural, possui uma vasta gama de cozinhas regionais.

A participação do imigrante nesse campo é significativa e influenciou os costumes brasileiros. Segundo Seyferth[19], a inserção de novos hábitos alimentares e a adaptação da culinária local à estrangeira – e vice-versa – é um dos efeitos interessantes produzidos pela imigração.

A introdução do consumo de hortaliças, principalmente, é efeito da imigração tanto européia quanto japonesa nas mais diversas localidades do país. Aspecto interessante é a adaptação que o colono fez em relação às espécies vegetais encontradas no Brasil. Incorporam-se à sua culinária três produtos nativos básicos: o milho, o aipim e a cana-de-açúcar.

Os imigrantes trouxeram consigo hábitos alimentares à base de cereais (trigo, aveia, centeio, entre outros), dieta dos camponeses europeus que substituía a alimentação baseada em carnes.

Assim, a cultura do trigo e da vinha é introduzida no Brasil pelos italianos e, ainda hoje, pão e vinho são elementos emblemáticos na dieta dos seus descendentes. O pão foi igualmente importante para alemães e poloneses e, devido à dificuldade do cultivo do trigo ou do centeio, seu preparo era muitas vezes feito à base de milho, aipim ou outros tubérculos que faziam parte da produção colonial.

O milho substituiu em grande parte o trigo e o centeio nas dietas de italianos e alemães. É utilizado, até hoje, tanto na criação de galinhas como, transformado em farinha, no elemento básico para alimentos como a polenta (entre os italianos) e o pão (entre alemães e italianos). Do aipim faz-se a farinha de mandioca, que é comercializada e também utilizada na culinária em forma de pirão, torrada com açúcar ou como farofa. Derivado do aipim, o polvilho serve para fazer biscoitos. A raiz cozida substitui em parte a batata inglesa, sendo servida sozinha ou incorporando-se ao acompanhamento de pratos com carnes, ou ainda usada como ingrediente para o pão. A cana-de-açúcar é usada para alimentação dos animais e também para a produção de açúcar mascavo e melado.

A assimilação de espécies vegetais encontradas no Brasil aos pratos tradicionais foi regra. Novos ingredientes foram incorporados não só à receita do pão, mas a toda a culinária. A polenta foi adotada pelos italianos como prato típico.

Além da inserção dos produtos locais nos hábitos alimentares e nas receitas dos imigrantes, outro fator importante foi a introdução de novos produtos e novas técnicas agrárias, que ajudou a moldar as características locais, inclusive determinando a configuração da paisagem rural da região de imigrantes. A propaganda feita na Europa em prol da emigração para o Brasil falava de "terras boas e produtivas", fator que ajudou a impulsionar a vinda de milhares de camponeses que traziam na bagagem espécies vegetais e técnicas de cultivo e produção artesanal desenvolvidas no continente europeu.

O cultivo irrigado de arroz – até hoje adotado em todas as regiões –, ensinado pelos caboclos, substituiu com sucesso a rizicultura em locais secos.

"Depois de conhecerem e aprenderem as técnicas e espécies locais através da ajuda de brasileiros e caboclos, os imigrantes europeus começaram o plantio do milho, arroz, café, aipim, batata-doce, amendoim, taiá, verduras para o consumo doméstico. O milho para alimentação da família, para alimentar os animais e para o mercado, o leite, cuja ordenha da manhã era reservada para a família e somente a restante era vendida aos laticínios, normalmente em mãos dos alemães. Posteriormente o fumo substitui o milho na venda para o mercado. As arrozeiras introduzidas pelos italianos, vindos da Lombardia, onde se cultivava o arroz irrigado, vão ser ainda preferidas ao cultivo do fumo."[20]

Os colonos alemães introduziram o cultivo da batata e, ainda segundo Marilda Gonçalves da Silva, o tubérculo está de tal forma incorporado à identidade destes grupos que são freqüentemente apelidados de "alemão batata".

A produção de vinho pelos italianos, em todos os países e regiões onde estes imigrantes se estabeleceram, é um exemplo expressivo dessa adaptação. É sintomática a existência de videiras em quase todas as casas de italianos, mesmo nas menores propriedades. Em muitos casos, o cultivo da uva toma conta da paisagem e configura toda uma região – como no Vale dos Vinhedos, na região de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, no Rio Grande do Sul; ou na região sul de Santa Catarina, nas áreas em que a colonização italiana foi mais intensa, como em Urussanga, Orleans e Nova Veneza. Mesmo nas regiões em que o cultivo não chegou a ser tão intenso, a presença dos parreirais é sentida em menor escala e a produção do vinho quase sempre continua sendo realizada artesanalmente para o consumo da família.

"O chucrute, modo de preparar o repolho unicamente encontrado na Alemanha, é também trazido pelos imigrantes, que o consomem com o marreco recheado. Consta que foi o exército de pilhagem de Gengis Khan que trouxe a receita da China, onde o repolho azedo era, originalmente, misturado ao arroz, fazendo o prato de resistência para os milhares de operários que levantaram as muralhas da china. Séculos depois, os austríacos o batizaram de "Sauerkraut". Outro alimento popular na Alemanha é a beterraba, principalmente a espécie branca, que deu origem ao açúcar. Napoleão I, se jactava de haverem os franceses burlado os ingleses, com a exploração industrial de açúcar de beterraba, na luta pela conquista dos mercados já cedidos ao açúcar de cana. Ingressava a Europa na era científica e técnica, e o empreendimento teve êxito. Aumentou grandemente o consumo de açúcar, surgiu a produção em escala

O pão é importante entre todas as etnias de imigrantes. Tradicionalmente feito à base de trigo e centeio, sofreu adaptações em terras brasileiras, tendo ingredientes incorporados e outros substituídos. Hoje são comuns as receitas de pão preparados à base de farinha de milho, mandioca, batata-doce e outros tubérculos.
Na Casa Erwin Arndt [POD017], em Pomerode, o pão é feito e assado artesanalmente toda a semana, suprindo as necessidades da família.






industrial de toda a sorte de açucarados e doces, notadamente a geléia, "jam" para a mesa do inglês e "Muss" para a mesa do alemão. O "Muss", usado em pães e doces, é uma maneira bem peculiar da população de origem alemã do Vale utilizar frutas da região, conseguindo conservá-las por mais tempo."[21]

É comum, na culinária alemã, a mistura do doce com o salgado. "Constam do receituário predileto dos alemães as sopas de sabor doce: "Biersuppe" (sopa de cerveja), "Weinsuppe" (sopa de vinho), sopa de suco de uvas, de suco de abacaxi, de leite engrossado com farinha e ovos, todas elas com açúcar. O termo "Suppe" vem do baixo-germânico "suppen" (sorver). A ceia na aldeia européia do séc. XIV constava de sopa acompanhada de broa de centeio, ou a própria sopa de pão e vinho ou pão e leite. Franceses e ingleses viam com estupefação que os alemães manifestavam preferência por sopa. Também o hábito de consumo de sopas doces e do uso de mistura do doce e salgado irá persistir aqui."[22]

Já os produtos derivados de animais foram um luxo conquistado após certo tempo de adaptação às colônias. "Usados para a subsistência da família, os animais cuidados eram algumas vacas, um máximo de quatro, alguns porcos e algumas galinhas. Pelo menos uma das vacas era trazida pela esposa por ocasião do casamento e formação do grupo doméstico, ocasião em que a filha a recebia como parte do 'dote' do pai, ou herança. A criação de porcos já era uma prática recorrente entre os camponeses italianos europeus, sendo muito importante para a subsistência das famílias e o toucinho era a gordura mais usada tanto nas regiões da Europa central e setentrional quanto nos campos mediterrâneos."[23]

Leite, ovos, queijo, lingüiça e carne fresca foram luxos obtidos após o desenvolvimento da lavoura e da pecuária, quando o colono já havia dominado o território dantes selvagem.

O vinho é indispensável nos núcleos de descendência italiana e preferencialmente engarrafado em garrafões (1 e 2). Compotas de doces e conservas variadas (3) fazem parte dos hábitos alimentares trazidos pelos imigrantes, assim como as carnes defumadas (em especial suínos), os queijos e os embutidos (4).


1


2


3


4

Muito comuns em todas as colônias alemãs, os pratos à base de marreco com chucrute já constavam da dieta dos poloneses nas suas regiões de origem. "A diferença segundo os informantes é que, na Polônia, a criação consistia principalmente de gansos, por ter um custo menor."

"[...]o sistema culinário dos poloneses irá manter também muitas das tradições trazidas, seja no tipo de alimento preparado, seja na maneira e ocasião de consumi-los. Para passar no pão usavam, como os imigrantes de origem alemã, o Muss, um tipo de geléia de frutas preparada com o açúcar mascavo ou melado de cana. Faz parte da sua dieta ainda o pierogui (consistindo de um pastel grande recheado com queijo temperado, cozido ou frito), a charnica (sopa feita com o sangue do pato) e a kiska (um tipo de lingüiça, porém recheada com a carne da carcaça que sobra do porco e o seu sangue e arroz cozidos), bem como a chenica de porco (pernil de porco assado especialmente comido por ocasião do Natal), todos estes pratos, já conhecidos da culinária dos imigrantes em sua região de origem. Um item da dieta que também integra a culinária dos alemães era a cuca (um misto de bolo e pão coberto com uma farofa de trigo e manteiga, à qual se acrescentava geléia de frutas, nata) e um tipo de biscoito, recortado com forminhas em forma de estrela, galo, cavalo, boneca, árvore-de-natal etc., confeitados com glacê branco e cobertos com açúcar colorido, que são feitos até hoje, embora não tanto nas casas das famílias, pois se encontram prontos nas confeitarias e supermercados. Na atualidade muitos produtos e alimentos que antes eram feitos pela família são hoje comprados nas vendas, supermercados e padarias, sendo este o caso da manteiga, do queijo, do pão, entre outros. Isto ocorre com o processo de urbanização e a conseqüente maior proximidade de fornecedores de produtos industrializados, durante a década de 60."[24]

Todas as regiões de imigrantes em Santa Catarina são caracterizadas pela culinária típica local. Na região dos alemães, os marrecos, os suínos, os embutidos de carne de gado, os repolhos temperados de maneira característica e as batatas estão sempre presentes. Gasosas, cervejas, aguardentes e conhaques tratados com frutas de sabor amargo também são usuais entre esses imigrantes. Na área italiana é indispensável o vinho, que há até poucos anos era produzido em praticamente todas as propriedades rurais. Polentas, massas feitas em casas, molhos diversos, embutidos de carne, galetos, saladas e queijos compõem os cardápios básicos das áreas onde predominam imigrantes oriundos da Itália.

O universo da culinária, das tradições alimentares e a relação que tais tradições têm com a paisagem e a cultura locais representam um campo

Juntamente com o marreco recheado, o Eisben (1) é um dos pratos típicos da culinária alemã mais conhecido. Tem como ingrediente principal o joelho de porco, geralmente acompanhado de chucrute (repolho), batatas e mostarda.
Os salsichões alemães (2) também são muito conhecidos e podem ser feitos a partir de vários tipos de carne e temperos.
Cereais, grãos, hortaliças... A produção agrícola se extende por todas as regiões e corresponde a diversos ciclos econômicos.
Hoje, o fumo é plantado preferencialmente no norte do estado, tendo praticamente desaparecido do Vale do Itajaí, onde restam apenas poucas antigas estufas de sacagem, pontuando a paisagem. A soja também se destaca no norte (5), bem como as hortaliças (6) na região da Grande Florianópolis e no sul do estado. A rizicultura (4) está presente em praticamente todas as regiões, em especial onde predominam os italianos, sempre cultivada da maneira ensinada pelos caboclos.
Na pequena propriedade milho, mandioca e batata nunca faltam (7 e 8), assim como uma pequena criação de aves (gansos, marrecos, galinhas). São a base da alimentação diária e dos pratos típicos.


1


2

3



4



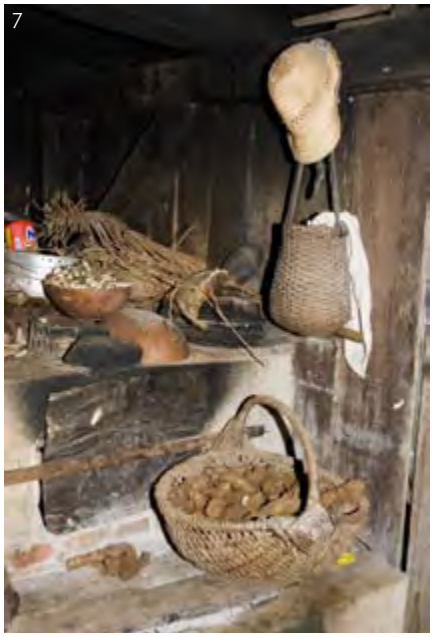
5



6



7



8



9



10



de pesquisa amplo, que ainda não foi totalmente explorado no Brasil. O reconhecimento e a valorização deste e de outros hábitos culturais ainda latentes nas regiões de imigrantes significa um passo fundamental para a preservação de todo o patrimônio de imigrantes, capaz de influenciar profundamente a qualidade de vida, a sustentabilidade e a auto-estima das comunidades que, em muitos casos, ainda não avaliam com precisão o verdadeiro valor das tradições que detêm.



Foto do site www.oktoberfestblumenau.com.br

A Oktoberfest, festa mais tradicional da Alemanha, foi incorporada no calendário anual das colônias de imigrantes fixados no sul do Brasil. Em Blumenau, a festa regada a chopp, cerveja, músicas e danças, reúne milhares de pessoas todos os anos.

Festas

As festas constituem-se em outro dos diferenciais das diversas etnias de imigrantes que se estabeleceram em Santa Catarina. Os festejos são variados e na maioria das vezes assumem conotações regionais. Também na área dos imigrantes, os festejos podem ser classificados em religiosos e profanos, ou em cívicos, comunitários e familiares, já que todas essas modalidades foram praticadas na região de imigração. Destaque-se que, entre os italianos, poloneses e ucranianos, a igreja e as festas religiosas predominam, assumindo boa parte das atividades de lazer comunitário dos agricultores e moradores urbanos.

Entre os alemães, os Clubes de Caça e Tiro e os salões de bolão são os espaços preferenciais de encontros e festejos. Freqüentemente eles se apresentam unificados, sendo comum, também, que incorporem o bar, onde os homens se reúnem para beber e conversar. É nos clubes que ocorrem as famosas festas que culminam com a indicação de reis e rainhas, resultado de aguerridas e tradicionais disputas de tiro-ao-alvo. Essas festas são sempre seguidas de bailes, puxados pelo som variado de conjuntos regionais, normalmente baseados em músicas relacionadas com as diferentes etnias dos imigrantes. Clubes e salões possuem cozinhas que permitem jantares e almoços sociais, que sempre acompanham os principais festejos.

As instituições recreativas, como as sociedades de canto (Gesangverein), as de ginástica (Turnverein) e, em especial, as de Tiro (Schützenverein), tinham como objetivo preservar a cultura, o espírito esportivo e associativo, tradicionais entre os alemães e transmitidos, com poucas diferenças, às comunidades teuto-brasileiras. Vinculados a elas existiam grupos teatrais, pequenas orquestras ou bandas de música e grupos folclóricos.

Em todas as etnias, as festas familiares apresentam destaque. Entre italianos, poloneses e ucranianos, muitas vezes celebram-se, nas igrejas e nos salões paroquiais, as festas comemorativas dos casamentos e também de seus desdobramentos, como bodas de prata e de ouro. Aniversários mais significativos também podem ensejar festas comunitárias, assim como primeiras comunhões, crismas e batizados. Embora muitas dessas festas possam ser realizadas nas propriedades, é entre os alemães que a maioria das comemorações familiares, inclusive as que possuem motivações religiosas, ocorre nas casas e em seus desdobramentos no lote.

Fazem parte das festas a escolha das rainhas, princesas e apresentação de grupos folclóricos, com bandas de música e dançarinos.

Ao percorrer a região de imigrantes, independentemente da etnia, pode-se perceber, intercalados ao longo dos caminhos, edifícios

de maior volume: são os clubes, salões e sociedades, responsáveis maiores, ainda hoje, por abrigar a maior parte das festas comunitárias das diversas áreas onde predominam os contextos culturais derivados dos imigrantes em Santa Catarina.

A TRADIÇÃO DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS

São numerosos os grupos folclóricos existentes em todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina. Italianos, alemães, poloneses e ucranianos mantêm principalmente corais, conjuntos musicais e de dança, que preservam indumentárias, músicas e tradições várias vezes seculares, trazidas ao Brasil pelos imigrantes das diversas etnias.

Verifica-se, atualmente, uma espécie de revalorização desses grupos, que contam freqüentemente com investimentos dos municípios e patrocínios de empresas locais. Conjuntos novos foram criados e muitos reciclados, ampliando o número de seus integrantes e a qualidade de repertório, instrumentos e indumentária. Destaque-se o número de jovens participantes, indicativo de reversão da curva até então descendente de integrantes de pouca idade em atividades folclóricas na região de imigrantes de Santa Catarina. Ainda assim, existem dificuldades importantes, na compra e manutenção de instrumentos musicais, na conservação das indumentárias e no custeio dos grupos, envolvendo despesas de viagem, de ensaios e preparo de apresentações. A valorização dos grupos folclóricos é um componente importante no conjunto do patrimônio dos imigrantes.



Foto do site www.oktoberfestblumenau.com.br



Foto do site www.oktoberfest-tv.de



Foto do site www.oktoberfest-tv.de



Produção artesanal

É variada a produção artesanal existente em todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina. Desde utensílios agrícolas, tais como arados rudimentares, semeadores e veículos rústicos desprovidos de rodas, apetrechos utilizados nas lides rurais – como cestos e balaios –, calçados – como os tamancos encontrados em várias etnias –, até mobiliário ainda relacionado com tradições trazidas pelos imigrantes, são encontrados nas diversas regiões. Também persiste a fabricação de instrumentos musicais, em especial de violas. Poloneses e ucranianos apresentam bordados característicos e os tradicionais ovos pintados, chamados pesanka entre os ucranianos. O destaque, entretanto, está no campo da culinária, onde temperos, vinhos, doces, pães, aguardentes, gasosas, marrecos, suínos, massas, queijos, manteigas, embutidos de carne, saladas e verduras diferenciam cada uma das regiões ocupadas pelas diferentes etnias que povoaram o interior catarinense. Essa produção variada representa importante vertente de valorização de todo o legado dos imigrantes e deve ser crescentemente reconhecida e valorizada.

A região polonesa e ucraniana é rica na variedade de padrões de bordados, baseados desenhos geométricos, de animais e na profusão de cores empregadas também na tradicional pessanka.







[1] FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca, 1965.

[2] PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio. **Estudos de geografia urbana em Santa Catarina**. Florianópolis: editora da UFSC. 1991. pág. 357.

[3] Idem. pág. 369

[4] Idem. pág. 381.

[5] Idem. pág. 396.

[6] Blumenau em Cadernos, Tomo XXXVIII, abril de 1997 – no 4. pág.81

[7] CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque** – Subsídios para a história de uma colônia nos tempo do império. Edição da Sociedade Amigos de Brusque: Brusque. 1958. pág. 143.

[8] FLORIANO, César. Tradição e contemporaneidade na arquitetura do imigrante italiano em Santa Catarina. In: BOSI, A De Boni (org). A presença Italiana no Brasil – vol.II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fundazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 663 – 695.

[9] PELLIZZETTI, Beatriz. **Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional** – estudo de caso. Estante Paranista: Curitiba, 1981. pág. 131

[10] SEYFERTH, Giralda. I**migração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

[11] SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981

[12] SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. 103p.

[13] Formada a partir da fusão, em 21 de dezembro de 1921, da "Harmonie-Gesellschaft" com a "Musikverein Lyra"

[14] FICKER, Carlos. **História de Joinville** – Crônica da Colônia Dona Francisca. 2ª edição. Joinville, 1965.

[15] SEYFERTH, Giralda; 1990. op. cit.

[16] SEYFERTH, Giralda; 1990. op. cit.

[17] SEYFERTH, Giralda; 1990. op. cit.

[18] CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque** – Subsídios para a história de uma colônia nos tempo do império. Edição da Sociedade Amigos de Brusque: Brusque. 1958.

[19] SEYFERTH, Giralda; 1990. op. cit.

[20] SILVA, Marilda Gonçalves da. (artigo) A alimentação e a culinária de imigração européia no Vale do Itajaí

[21] Idem

[22] Idem

[23] Idem

[24] Idem



A proteção do patrimônio dos imigrantes: os Roteiros Nacionais de Imigração

Histórico

Especificidades - A Paisagem Cultural das Regiões de Imigração

Abrangência

Critério de Seleção das Unidades

A Implementação dos Roteiros Nacionais de Imigração

Especificidades - A Paisagem Cultural das Regiões de Imigração

O conceito de Paisagem Cultural, utilizado pela UNESCO desde o ano de 2000 e que vem sendo recentemente debatido no IPHAN, norteia a proposta de proteção do patrimônio da imigração no Brasil. O reconhecimento das Paisagens Culturais do Brasil estende as ações do IPHAN para além do tombamento de um número "x" de conjuntos e bens isolados ou do registro de determinadas manifestações culturais. A chancela de porções do território que fazem parte da formação histórica e cultural brasileira transcende o trabalho tradicional do IPHAN, enquanto órgão de preservação que tomba, registra e fiscaliza, fazendo da preservação do patrimônio uma instância de desenvolvimento e aplicação de políticas públicas.

Ao reconhecer e trabalhar com a noção de que a integridade de uma paisagem, de um conjunto tombado, ou de uma manifestação cultural só existe e só continuará existindo a partir de uma ação que viabilize a permanência de condições – ambientais, econômicas, sociais, culturais – que a conformam, passa-se a trabalhar num outro patamar de preservação, que envolve outras instituições e outros órgãos governamentais. Nesse sentido, a manutenção da economia local, a qualificação das ações



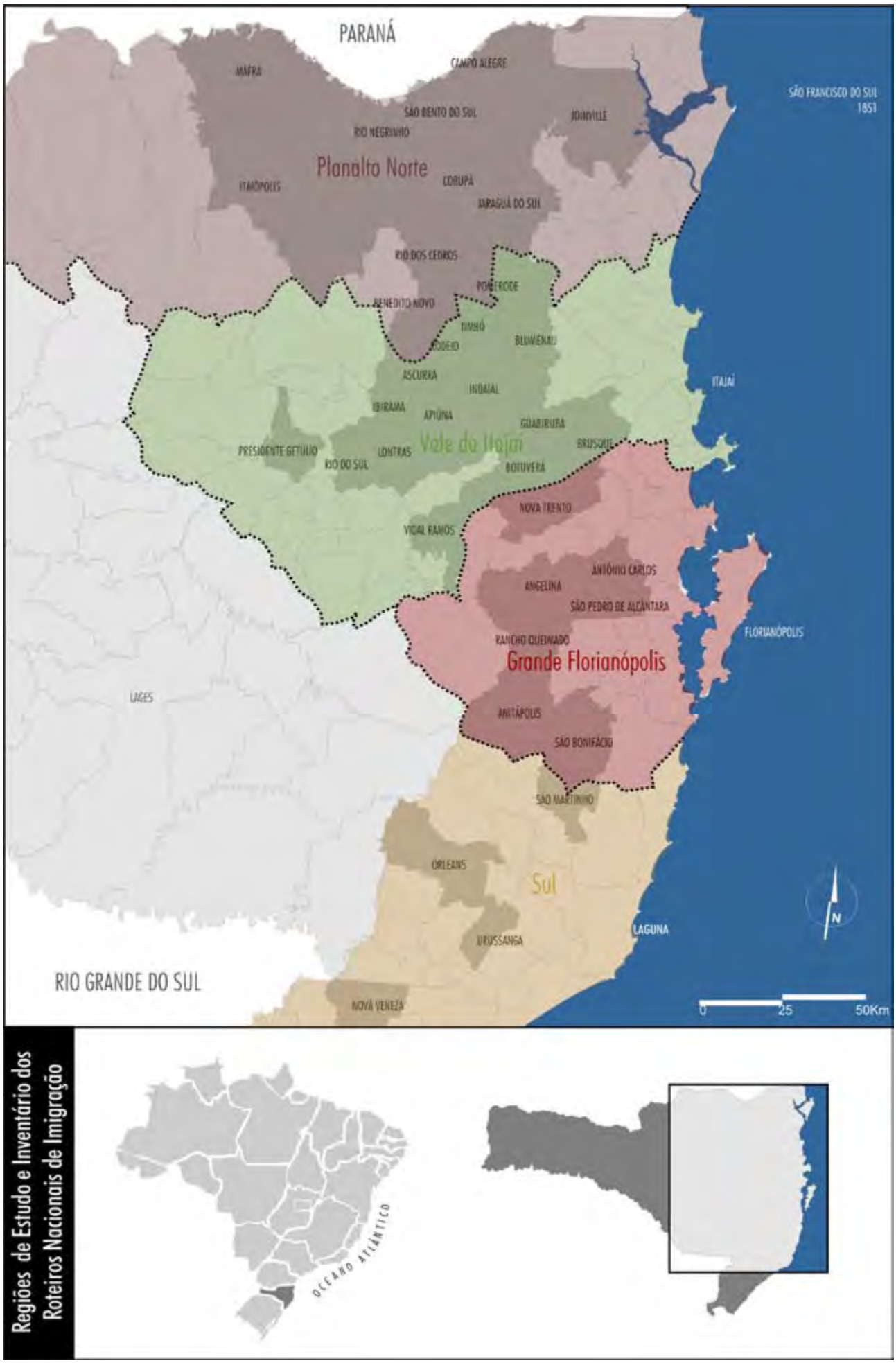
Paisagem típica das áreas rurais do Vale do Itajaí.

de educação e infra-estruturas básicas e a conservação do meio ambiente natural são objetivos que devem ser perseguidos pelos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio (nas três esferas). Da mesma forma, o reconhecimento da importância das paisagens e das culturas locais deve passar a fazer parte da política de desenvolvimento do país. Assim, cultura e educação, cultura e saúde, cultura e qualidade de vida, cultura e desenvolvimento agrário e cultura e economia são alguns dos pares que devem fazer parte da política de preservação que tem como ponto de partida as Paisagens Culturais do Brasil. A alternativa para cada caso depende da análise das condições específicas de cada local. Dessa forma, o estudo das regiões de imigração em Santa Catarina passou também por um diagnóstico das suas especificidades.

Defrontando-se com o contexto cultural dos imigrantes em Santa Catarina, foram muitos os problemas específicos que as equipes envolvidas com o trabalho precisaram enfrentar. Primeiro para reconhecer o vasto universo do patrimônio em estudo, depois para inventariar as áreas e as unidades mais significativas, mais adiante para preservar alguns exemplares e para propor alternativas concretas e viáveis, visando à preservação do extraordinário contexto cultural encontrado. No andamento dos trabalhos, tornou-se claro que o patrimônio da região de imigrantes compõe-se de inúmeras particularidades em relação ao patrimônio cultural já identificado e protegido no Brasil. Dessa maneira, pensar a preservação desse conjunto singular representa ultrapassar novos e diferenciados desafios. Os trabalhos exigiram da equipe muita dedicação, largo tempo disponível, altas doses de criatividade e persistência, capacidade de articulação, de propor e de estabelecer parcerias. Dentre os diferenciais mais importantes, que particularizam o patrimônio dos imigrantes de Santa Catarina, podemos enumerar os principais:

Extensa região de ocorrência e grande número de bens ainda existentes

Os diversos empreendimentos coloniais que se estabeleceram em Santa Catarina entre o século XIX e XX ocuparam uma área hoje dividida entre várias dezenas de municípios, e os bens que testemunham esse episódio histórico ainda são contados às centenas, no interior do estado. Esse fato fez com que a coordenação do trabalho optasse por inventariar primeiro as regiões onde os imigrantes se estabeleceram há mais tempo, acabando por priorizar as áreas da antiga Colônia São Pedro, Blumenau, Dona Francisca e Brusque no que se refere aos imigrantes alemães. Quanto aos italianos, o sul do estado – na área onde foi pioneira a Colônia Azambuja – e os desdobramentos da Colônia Blumenau, no Vale do Itajaí, tiveram sua análise aprofundada. Poloneses e ucranianos foram pesquisados principalmente no norte de Santa Catarina, embora subsistam contribuições importantes no Vale do Itajaí e na região nordeste. Dessa maneira, pode-se ressaltar que a extensão de ocorrência e o considerável número de bens ainda existentes configuram uma particularidade que desafia as alternativas de identificação e valorização do patrimônio cultural dos imigrantes em Santa Catarina.


PARANÁ
MAFRA
CAMPO ALEGRE
SÃO FRANCISCO DO SUL
1851
SÃO BENTO DO SUL
JOINVILLE
RIO NEGRINHO
Planalto Norte
ITAIÓPOLIS
CORUPÁ
ARAQUARI DO SUL
RIO DOS CEDROS
PORTO BELO
BENEDITO NOVO
TIJUCAS
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
ITAJAÍ
ASCURRA
INDAIAL
IBIRAMA
APIÚNA
GUABIRUBA
PRESIDENTE GETÚLIO
LONTRAS
Vale do Itajaí
BRUSQUE
RIO DO SUL
BOTUVERA
NOVA TRENTO
VIDAL RAMOS
ANTÔNIO CARLOS
ANGELINA
SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA
FLORIANÓPOLIS
RANCHO QUEIMADO
Grande Florianópolis
LAGES
ANITÁPOLIS
SÃO BONIFÁCIO
SÃO MARTINHO
ORLEANS
Sul
LAGUNA
URUSSANGA
RIO GRANDE DO SUL
NOVA VENEZA
N
0
25
50Km
Regiões de Estudo e Inventário dos Roteiros Nacionais de Imigração
OCEANO ATLÂNTICO

Predominância Rural



Sítio Tribess, Pomerode.

O Brasil possui escassa tradição de preservação de bens rurais, quase toda concentrada nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, além de poucas unidades em Minas Gerais, Goiás e na região nordeste. Mesmo identificados e em alguns casos tombados, boa parte dos bens situados em áreas rurais tiveram fiscalização deficiente, registrando-se mesmo casos de verdadeiras depredações de bens preservados. As distâncias e dispersões rurais, a pouca visibilidade social, as mudanças na estrutura agrária do país e a urbanização ou o abandono de áreas originalmente agrícolas são alguns dos fatores a serem enfrentados para a efetiva preservação dos bens situados em áreas rurais.

O patrimônio arquitetônico da região de imigrantes em Santa Catarina é predominantemente rural. Esse fato se constituiu em uma das maiores dificuldades na sua identificação e é hoje um dos grandes desafios à sua conservação. Deve-se acrescentar às considerações os problemas atuais vividos pelos produtores rurais de todo o interior de Santa Catarina. A industrialização, a atração pelas cidades e a baixa lucratividade no campo vêm expulsando a mão-de-obra que poderia renovar a agricultura regional. O clima é de verdadeiro êxodo, verificando-se o abandono das propriedades e o deslocamento de agricultores para as periferias dos centros urbanos. É principalmente em função da dispersão e da predominância rural do patrimônio dos imigrantes que o trabalho de preservação propõe o estabelecimento dos Roteiros Nacionais de Imigração. Foi a alternativa encontrada para potencializar sustentabilidade e geração de trabalho e renda nos caminhos agrícolas. Interligando as áreas mais atraentes do ponto de vista paisagístico/cultural e auxiliando na fixação dos detentores do patrimônio em seus lotes é que será possível diminuir as distâncias e concentrar o disperso, preservando efetivamente o patrimônio material e imaterial que particulariza a região.

Patrimônio Vivo

A preservação do patrimônio dos imigrantes de Santa Catarina não pode deixar de abranger um de seus aspectos principais: o patrimônio vivo que recheia o interior de casas, lotes e centros urbanos de toda a região. Efetivamente, o patrimônio imaterial é parte indissolúvel do contexto cultural dos imigrantes em Santa Catarina. Dialetos, festas, culinárias, folclore, tradições agrícolas, paisagens típicas, arquitetura característica, hábitos, costumes, fazeres e saberes se encontram preservados e não podem deixar de integrar as propostas de preservação estudadas para a área.

Esse extraordinário contexto de diferenças constitui um dos principais atributos da área de imigração e é perceptível em todos os seus quadrantes. Nos centros urbanos, além das paisagens urbanas, são as mercearias, as padarias, as lanchonetes, os restaurantes e as lojas, os variados sotaques e expressões próprias de cada colônia, que contribuem para a percepção deste patrimônio vivo e diverso. Nas áreas rurais, cada sítio é um universo emerso na faina agrícola, com seus apetrechos, cheiros, sons e produtos característicos. Qualquer parada em um dos muitos entrepostos é suficiente para novas sensações relacionadas com os ambientes e com os produtos ofertados: queijos, salames, lingüiças variadas, compotas, doces, conservas, refrigerantes, aguardentes e aperitivos são bastantes para evidenciar as diferenças, ressaltadas sempre pelos tipos humanos, seus falares e seus hábitos. Ouve-se uma rádio falando em alemão, ou tocando melodias características no interior de Blumenau, passa-se logo para outra, onde domina o italiano e sua musicalidade alegre. As expressões das crianças, a fisionomia dos velhos, a beleza das mulheres – por vezes até o padrão das vestes, os chapéus e até os veículos são sinais visíveis e diferenciados. Trata-se das ilhas culturais que ainda caracterizam as paisagens agrícolas e o interior catarinense.

É exatamente em virtude da exuberância das manifestações imateriais que o trabalho propõe estender as medidas de proteção do patrimônio até o estabelecimento dos Roteiros Nacionais de Imigração. Imagina-se ser esta uma alternativa capaz de viabilizar a preservação da região no todo, que abarque as manifestações materiais, imateriais e as características da paisagem natural e cultural em toda a região priorizada pelo projeto.





Patrimônio Não Monumental

Além de numeroso, espalhado por ampla região e detentor de expressivas manifestações materiais e imateriais, o patrimônio da região de imigrantes não apresenta muitos expoentes e pontuações monumentais, como ocorre em outras regiões brasileiras. Em Santa Catarina, devem-se enquadrar como monumentais apenas os edifícios diretamente ligados à estratégica questão da defesa, que permeou toda a história do estado: as fortalezas do século XVIII.

A ocupação da área onde se estabeleceram as colônias de imigrantes procedeu-se através da divisão das glebas em minifúndios rurais, aspecto bastante diverso das sesmarias e latifúndios que marcaram a divisão de terras na maior parte do país. É evidente que o senhor, ou os senhores de vastas áreas rurais ou os donos de minas de metais preciosos tiveram muito mais possibilidades de construir edifícios ricos e monumentais do que os agricultores de pequenas propriedades agrícolas. Estes últimos edificaram principalmente a moradia de suas famílias e os ranchos, em que abrigavam os animais de criação e que serviam de guarda para seus produtos agrícolas. Construíam por vezes com as próprias mãos e, mesmo quando contratavam carpinteiros e pedreiros, foi comum a participação dos colonos e de suas famílias nos esforços das construções – cortando madeira do lote, carregando material, ajudando a erguer estruturas e funcionando como auxiliares dos profissionais. Também o regime de mutirão foi muito comum, reunindo vizinhos, parentes e amigos para participarem dos momentos mais importantes da construção, em especial do corte das madeiras, seu beneficiamento e confecção de encaixes, na montagem da estrutura e na feitura dos tijolos. Não é à toa que os edifícios comunitários avultam em volume e muitas vezes em preciosismo construído: as igrejas, clubes e escolas pontilham a paisagem com suas dimensões maiores e identificam as construções de uso social, os núcleos urbanos e rurais que se formaram ao ser derredor.

A arquitetura edificada com esses expedientes esteve quase sempre distante dos parâmetros de monumentalidade, simbolizando, mais do que outra coisa, o esforço quase isolado do colono, contando normalmente com poucas economias, necessitando aliar o seu esforço e o de sua família no objetivo de construir a morada definitiva e seus edifícios anexos. Ausente a monumentalidade, nem sempre é fácil determinar os parâmet-





ros para a seleção do patrimônio de maior valor. Os estudos realizados precisaram debruçar-se sobre o maior número possível de exemplares e percorrer toda a área ocupada pelos imigrantes, para obter referências de exemplaridade, compreender as diversidades, mapear os bens capazes de ilustrá-la e avaliar as excepcionalidades encontradas. Esses foram os fundamentos da proposição de um projeto amplo de preservação, capaz de conjugar-se com sustentabilidade e com a melhoria dos padrões ambientais da ampla região estudada.

Decadência Econômica

Outra característica importante da atual condição da área onde se encontram os exemplares mais significativos do patrimônio dos imigrantes em Santa Catarina é a situação de verdadeira penúria de boa parte dos minifúndios agrícolas. Essas pequenas propriedades são a base econômica e social de praticamente todo o interior de Santa Catarina e a sua decadência coloca em xeque todo o contexto das tradições preservadas.

Propriedades que proporcionaram sustento e fartura para várias gerações de descendentes de imigrantes hoje abrigam, em sua maioria, casais sexagenários ou em fim de carreira produtiva. A maioria das propriedades rurais está ao menos parcialmente desativada em seu potencial agrícola, ou tende ao abandono da atividade rural. Muitas casas estão fechadas e várias sob ameaça de vandalismo. Os principais produtos ressentem-se da acirrada luta por mercado, e as dificuldades aumentam com a chegada constante de produtos agrícolas e derivados de leite oriundos do Mercosul. Parte significativa de toda essa situação deve ser debitada ao desequilíbrio que marca o crescimento industrial de toda a região sul do Brasil, atraindo crescentes fluxos de mão-de-obra, que optam pelo trabalho urbano e por toda a série de vantagens advindas do fato de tornarem-se assalariados. É comum que, mesmo nos caminhos rurais mais distantes, ônibus a serviço de empresas industriais venham todos os dias buscar a disciplinada mão-de-obra rural para suprir suas necessidades de trabalho. Assiste-se, em verdade, a um verdadeiro ciclo de transferência do trabalho e da mão-de-obra, deslocando-se do campo para as cidades, uma espécie de êxodo rural, no qual apenas uma parcela pequena dos agricultores não é afetada. É problema sério, que interfere diretamente com o contexto cultural da região e em todos os seus aspectos: necessita de enfrentamento e equacionamento imediatos. A proximidade com a indústria, se bem dosada, pode ser altamente vantajosa para as economias familiares dos pequenos produtores rurais. É salutar que alguns membros da família realizem trabalhos externos, injetando recursos provenientes de fontes que não sejam a produção e comercialização dos produtos agrícolas. Na Europa, em especial na Alemanha, onde as fronteiras do mundo rural com o urbano são grandemente diminuídas pelos milhares de pequenos núcleos urbano/rurais que caracterizam o país, as vantagens dessa aliança já tinham sido ressaltadas. O que não deve haver é a ausência de equilíbrio na relação cidade/campo, ocasionando uma ruptura que, a médio prazo, mostra-se nefasta tanto para a área rural quanto para os núcleos urbanos.

A execução de uma política ampla de preservação e valorização do patrimônio cultural, aliada à criação dos Roteiros Nacionais de Imigração, o retorno ao assistencialismo rural para as pequenas propriedades e a ampliação de sustentabilidade dos lotes rurais são ações indispensáveis para a salvaguarda deste verdadeiro trunfo de futuro de vastas áreas do interior de Santa Catarina: o patrimônio cultural dos imigrantes.

Necessidade de Sustentabilidade Social e Econômica

A necessidade de agregar alternativas de renda para as famílias detentoras do legado dos imigrantes norteou, desde o início, as propostas priorizadas para a preservação do patrimônio cultural da região colonizada por imigrantes em Santa Catarina. Não há sentido em propor a preservação de um patrimônio que está em vias de dissolver-se do ponto de vista social e econômico, assim como não é admissível propor apenas a preservação da arquitetura, em um meio tão denso de manifestações culturais.

Por isso, o projeto de preservação e valorização do patrimônio cultural dos imigrantes em Santa Catarina busca proporcionar, para o universo de bens que o constitui e para seus proprietários, novas alternativas de sustentabilidade e bem-estar. Essas alternativas devem trazer possibilidades de acoplar os produtos e as propriedades rurais ao mercado e às fontes de geração de mercado e renda. Tais possibilidades devem valer-se da excepcionalidade da área, de seus potenciais agrícolas, das alternativas de sobrevalorização dos produtos de referência cultural, da criação de pontos qualificados de comercialização de produtos tradicionais, de ações integradas com lazer, educação e turismo controlado – que revertam diretamente em proveito das famílias de produtores rurais. Esse é mais um – talvez o maior – dos desafios do projeto aqui apresentado.



Abrangência

O presente projeto apresenta a primeira parte da proposta de preservação do patrimônio cultural dos imigrantes em Santa Catarina.

Os bens que integram o rol dos imóveis, das propriedades e das áreas urbanas e rurais para as quais se propõe o tombamento em seus diversos níveis, foram selecionados tendo em vista diversos fatores. Destacam-se os objetivos de representar condignamente as manifestações das diversas etnias que emigraram para o interior de Santa Catarina, seus vários períodos históricos e as diferentes soluções de técnicas e materiais construtivos, acabamentos estéticos, tipologias arquitetônicas, funções e partidos organizacionais de plantas e implantações no lote. A preservação dos exemplares edificados deve ser vista apenas como o ponto de partida de uma ação ampla, que contemple os cenários urbanos, as paisagens rurais e as tradições imateriais que particularizam esse notável trecho do território brasileiro.

A proposta de preservação é ampla e abrange os três níveis governamentais: o municipal, o estadual e o federal. Dentre os critérios privilegiados, está a inter-relação dos bens (impedindo que permaneçam isolados no espaço rural) em roteiros e também a complementaridade com atrativos naturais, que contextualizem os bens protegidos e reforcem sua sustentabilidade, inclusive social.

As propostas de tombamentos nos três níveis de governo pressupõem a criação dos Roteiros Nacionais de Imigração, mesclando o caráter turístico intrínseco com a possibilidade de estimular a fixação do produtor rural no campo. Essa equação pode ser resolvida buscando parcerias que incentivem o incremento e a valorização da produção, somados à captação de recursos, em especial nas áreas que possam vir a ser mais visitadas.

É impossível pensar em medidas generalizadoras para uma área que se caracteriza exatamente pelas diversidades de toda ordem.

Serão necessários muita criatividade e senso de oportunidades para viabilizar as inúmeras parcerias, estímulos e acordos necessários à mudança qualitativa do panorama sócio-cultural/econômico da região.

São algumas possibilidades: a implantação dos centros de comercialização de produtos tradicionais, a criação de eco-museus, as visitas planejadas e as alternativas de alojamento, camping e pernoite em propriedades rurais, a divulgação de produtos tradicionais, a promoção de festas e eventos, a qualificação de bares e restaurantes, o turismo ecológico e o estabelecimento de programas com escolas, envolvendo visitas dirigidas.

A execução de medidas dessa natureza, acopladas com os instrumentos de preservação, é que poderão efetivamente preservar o patrimônio dos imigrantes radicados em Santa Catarina.

Critério de Seleção das Unidades

As edificações propostas para a primeira fase de tombamentos de unidades e conjuntos relacionados com os imigrantes em Santa Catarina fazem parte de um grupo de construções representativas da arquitetura e dos acontecimentos históricos mais importantes da imigração no Estado e, em muitos casos, em todo o Brasil. Foram selecionadas em uma área expressiva do território catarinense, com base nas colônias mais antigas e até o momento mais exaustivamente pesquisadas. A predominância é de bens situados na área rural. No campo, as mudanças sociais, econômicas e ambientais ocorreram em escala muito menor, o que permitiu a preservação de construções antigas, com interferências menores nos edifícios conservados.

Para a definição dos imóveis propostos para tombamento, foram pesquisados vários dos municípios mais relevantes do ponto de vista da imigração alemã, italiana e polonesa. Os municípios mais estudados foram: Blumenau, Pomerode, Timbó, Benedito Novo, Indaial, Ascurra, Rodeio e Rio dos Cedros, todos representativos da Colônia Blumenau; Joinville, Campo Alegre e São Bento do Sul, todos integrantes da antiga Colônia Dona Francisca; além de Jaraguá do Sul, (Sociedade Colonizadora Hanseática) e Brusque e Guabiruba – da Colônia Brusque. No norte do estado, Mafra e Itaiópolis tiveram seus imóveis principais inventariados. No sul do estado, derivados da Colônia Azambuja, foram pesquisados Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans.







Nas proximidades de Florianópolis, ocorreram as primeiras experiências de fixação de imigrantes alemães, com a fundação da Colônia São Pedro, ainda em 1829. A região foi pesquisada em inventário de reconhecimento, buscando identificar padrões arquitetônicos e unidades excepcionais que pudessem acrescentar dados aos contextos mais estudados, de onde provém a maior parte dos bens para os quais se sugere proteção.

Como resultado da pesquisa, comprovou-se que os conjuntos rurais dos municípios do Vale do Itajaí e do Nordeste do Estado eram efetivamente os que guardavam os exemplares mais íntegros e ilustrativos integrantes das primeiras fases da arquitetura teuto-brasileira em Santa Catarina. Comprovou-se, também, que é no Norte do Estado que se conservam os elementos urbanos e arquitetônicos mais importantes relacionados com os imigrantes provenientes da Polônia e da Ucrânia. Os

italianos, por sua vez, distribuem-se em três áreas mais importantes. No sul do estado estão as colônias mais populosas, com remanescentes principalmente em Urussanga, Criciúma, Orleans e Nova Veneza. No Vale do Itajaí, onde a penetração deu-se através da Colônia Blumenau, os imigrantes provenientes da Itália instalaram-se especialmente nos atuais municípios de Ascurra, Rio dos Cedros e Rodeio. Ao longo do Rio Tijucas, que deságua no litoral catarinense pouco ao norte da Ilha de Santa Catarina, também se instalaram estes imigrantes, logo interligados com a Colônia Brusque. Nova Trento, Canelinha e São João Batista decorrem destes povoamentos e de suas extensões.

Em todos os casos, são quase sempre os conjuntos rurais os que guardam os elementos arquitetônicos mais antigos, mais relevantes por exemplaridade ou singularidade e também os que foram menos alterados ao longo dos anos.

Após análise exaustiva, pode-se afirmar com segurança que esses conjuntos e unidades rurais devem ser considerados excepcionais, no contexto geral do patrimônio nacional e da arquitetura da imigração Européia para o sul do Brasil. Apresentam inúmeras qualidades. Constituem-se em verdadeiros documentos vivos de uma época, testemunham a maestria construtiva, a autenticidade e originalidade das técnicas construtivas e da genuína adaptação de lições milenares que contribuíram, preponderantemente, na formação do todo da paisagem cultural de uma das regiões brasileiras.



A implementação dos Roteiros Nacionais de Imigração

A implantação dos Roteiros Nacionais de Imigração é a proposta global desta primeira fase do reconhecimento e proteção do patrimônio dos imigrantes em Santa Catarina. Para sua concretização, propõe-se a parceria entre o governo federal, o estado e os municípios da região estudada.

A ação inicia-se pelo tombamento de perto de seiscentas propriedades, distribuídas entre aproximadamente sessenta imóveis pelo IPHAN, duzentos pela FCC e outros trezentos pelos diversos municípios.

Estes tombamentos estarão distribuídos ao longo dos principais caminhos pesquisados, que deverão formar os roteiros, a serem imediatamente dotados de legislação de proteção ambiental específica.

Vista da propriedade Radoll [TIO005]. Paisagem e estrada rural características.



Neste sentido, o aporte turístico é óbvio. Acredita-se que através da estruturação de roteiros de visitação ao longo dos caminhos onde estão distribuídas as propriedades rurais, será possível promover um incremento econômico para as diversas famílias de produtores rurais que hoje têm dificuldade em manter-se na sua propriedade devido à baixa rentabilidade da pequena produção familiar. No entanto, a implementação dos Roteiros vai muito além do turismo, mas pretende ser uma espécie de "programa de reconhecimento e qualificação" destas regiões culturais fundamentais à compreensão do processo de formação da nação brasileira. Parcerias entre as três esferas do poder público, entre os ministérios, com as várias entidades locais, com a iniciativa privada e, inclusive, com outros países, devem ser buscadas e potencializadas no sentido de promover uma política de preservação realmente capaz de garantir a sobrevivência das paisagens culturais da imigração.

No que diz respeito à sua infra-estrutura, além das propriedades tombadas, os roteiros terão sua atratividade ampliada pelas especificidades do patrimônio natural, pela criação de eco-museus nas áreas mais íntegras de preservação do patrimônio natural e cultural, por centros de recepção e de comercialização de produtos tradicionais.

Os diversos municípios deverão participar do projeto através de convênio de adesão, assinado mediante os seguintes compromissos:

- Criar ao menos um espaço de referência do projeto e de comercialização de produtos tradicionais ao longo dos Roteiros, no âmbito do seu município.

- Indicar ao menos um técnico como responsável pelo projeto no município, fazendo contato permanente com os moradores e promovendo as alternativas de turismo e lazer controlados.

- Criar o Fundo de Preservação do Patrimônio Cultural, a ser previsto no orçamento, que deverá ser gerido por um conselho composto por representantes das secretarias municipais de cultura, educação, turismo e planejamento urbano, da Fundação Catarinense de Cultura e do IPHAN.

- Participar das ações de divulgação dos Roteiros Nacionais de Imigração, imprimindo folderes e cartazes específicos sobre os atrativos dos Roteiros Nacionais de Imigração no âmbito do seu município, sinalizando com placas rodoviárias os imóveis tombados em seu território.

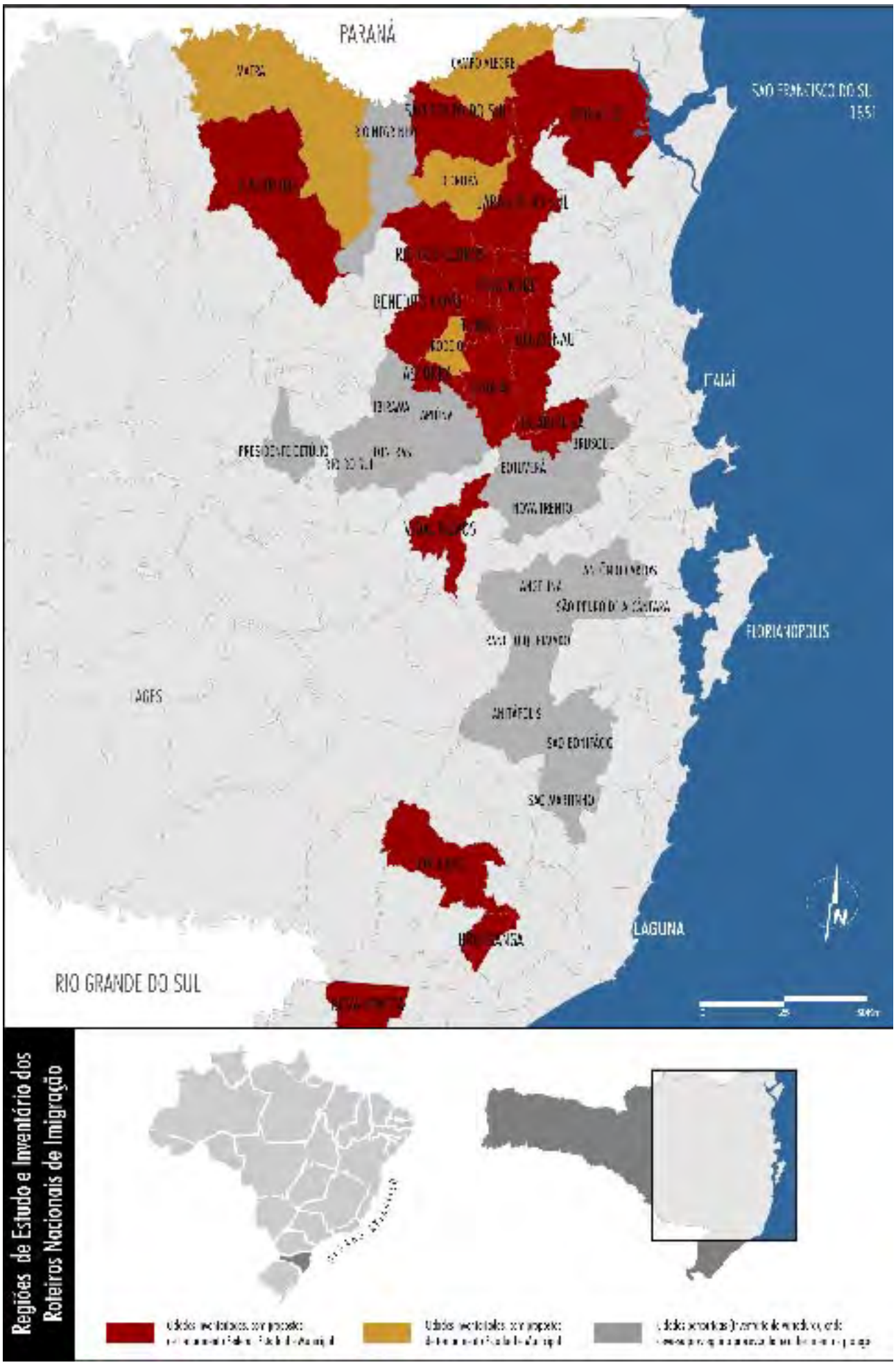
Ao IPHAN que, além de prestar assessoria técnica sempre que for requisitado, caberá o papel fundamental da articulação entre os demais órgãos do governo federal, no sentido de promover uma política inter-ministerial de preservação do patrimônio do imigrante. O foco deverá estar na criação de alternativas de sustentabilidade local; na promoção da qualidade de vida do morador, em todas as esferas – econômica, cultural, educacional, de infra-estrutura; nas ações de conservação do patrimônio edificado; além da difusão do conhecimento e valorização da história e das tradições locais.



Mapeamento das regiões e localização dos bens

Planalto Norte e Vale do Itajaí

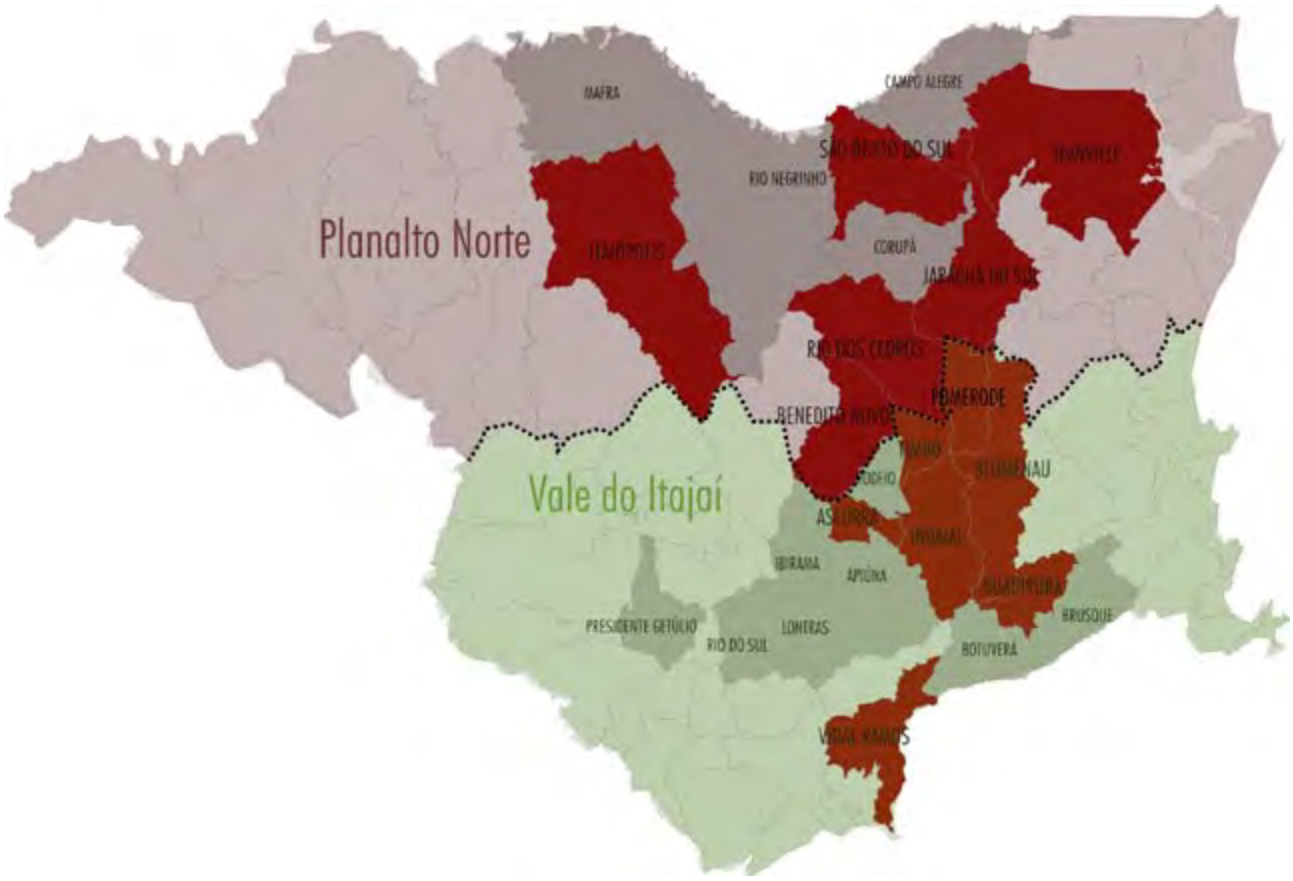
Sul

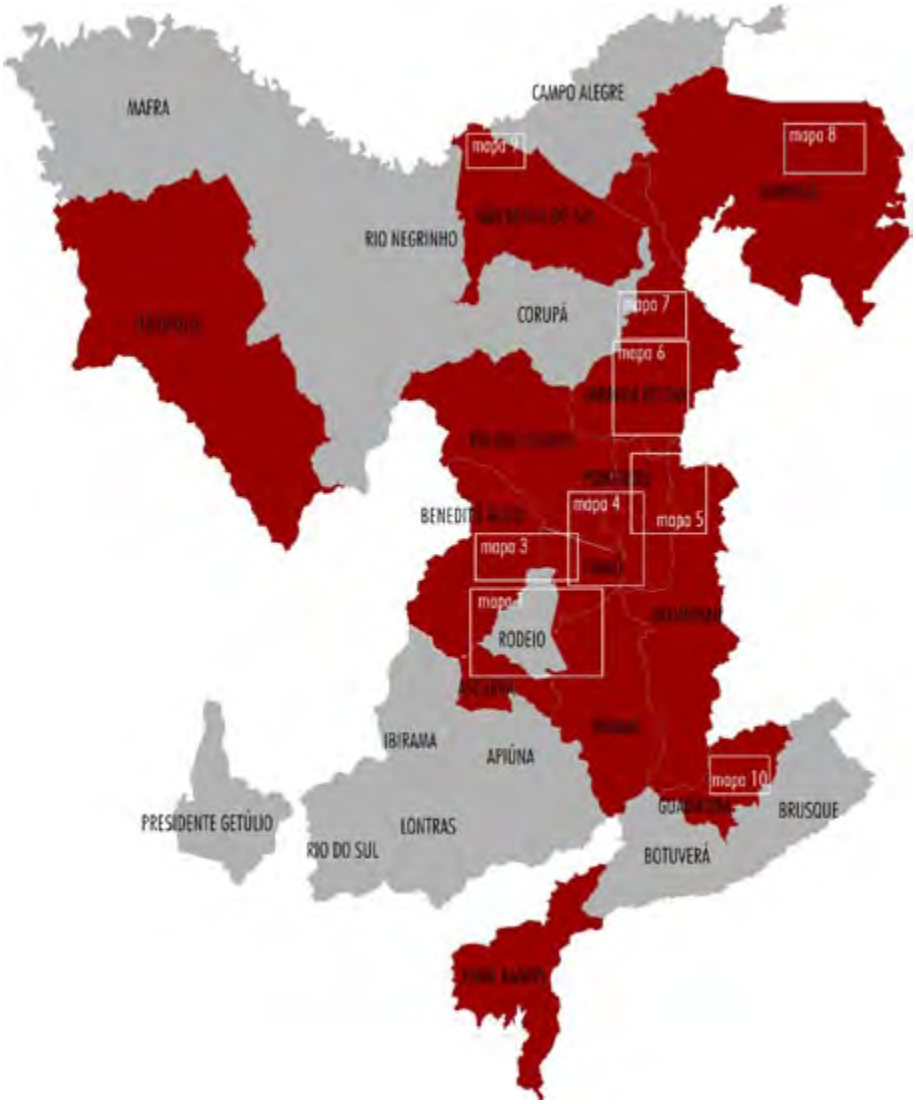

PARANÁ
SÃO FRANCISCO DO SUL
1551
ITAJAÍ
FLORIANÓPOLIS
LAGUNA
RIO GRANDE DO SUL
AGES
Regiões de Estudo e Inventário dos Roteiros Nacionais de Imigração

Ao longo do processo de conhecimento e inventário do patrimônio cultural do imigrante em Santa Catarina, muitos quilômetros foram percorridos, especialmente nas zonas rurais de cidades formadas a partir desse processo de colonização. Mais de 40 municípios foram visitados e mapeados. O detalhamento das informações obtidas nesse processo vai desde um reconhecimento expedito (registro fotográfico e em base cartográfica) até o preenchimento de fichas cadastrais completas (com histórico, entrevista com moradores e levantamento arquitetônico detalhado) das propriedades de maior relevância e com propostas de tombamento federal.

Neste capítulo, o enfoque será dado ao mapeamento dos principais municípios (que possuem o acervo mais expressivo – em quantidade e qualidade de bens – e propostas de tombamento federal). Destaca-se o Vale do Itajaí, de colonização predominantemente alemã, com cidades formadas a partir da implementação e expansão da Colônia Blumenau. As cidades do Vale do Itajaí, juntamente com Joinville, Jaraguá do Sul e São Bento do Sul, são detentoras do mais expressivo acervo da imigração, fato refletido no mapeamento das estradas.

Planalto Norte e Vale do Itajaí





Mapas 1 e 2

Ascurra 7.418 hab

Indaial 46.482 hab

Timbó 32.836 hab

Rodeio 11.012 hab

Ascurra e Rodeio são dois municípios formados pela expansão da Colônia Blumenau a partir de 1875, com a introdução maciça de imigrantes italianos. Assim como em Rio dos Cedros e em alguns casos em Timbó, é possível encontrar edificações de características predominantemente teuto-brasileiras com proprietários de sobrenome italiano. O destaque é a forte influência clássica na composição plástica, nos detalhes e nas técnicas construtivas das casas. Em Ascurra, destacam-se as localidades de Guaricanas – ainda não exaustivamente inventariada – e Ribeirão São Paulo, onde se encontram algumas das propriedades mais significativas do município. Próximo ao centro, a Casa Buzzi [ASC001] singulariza o conjunto com suas proporções marcadamente clássicas. A partir da Casa Buzzi, seguindo a estrada que, serpenteando o Ribeirão


1


2


3


4


5


6


7


8


9

A Casa Buzzi (1) [ASC001], em Ascurra, é um exemplar único em sua volumetria e composição arquitetônica. Proposta de tombamento federal.
Seguindo pela estrada que serpenteia o Ribeiraão São Paulo, encontramos as casas Merini (3) [ASC002], Miguel Poffo (4) [ASC003], Poltronieri (5) [ASC005] e Possamai (6) [ASC006], todas com proposta de tombamento estadual.
A igreja enxaimel (7) [ASC007] na estrada que liga Ascurra a Indaial é um dos últimos exemplares do gênero na região.
No centro da cidade, destaca-se o Colégio São Paulo (8 e 9) [ASC009].


Casa GOTARDI
RD0002
Rancho Preto
Igreja Rodeio SO
Casa TAMANINI
RD0003
Casa FRONZA
RD0005
Conjunto HERING
RD0004a
Conjunto HERING
RD0004b
Museu/ Círculo Trentino
Casa SARDAGNA
RD0006
10
RODEIO
11
Casa BEL TRENTO
12
06
Casa POFFO, Miguel
ASC003
Casa MERINI
ASC002
Casa BUZZI
ASC001
Colégio Centro
Igreja Centro
ASCURRA
Ribeirão São Paulo
Casa POSSAMAI, Leandro
ASC006
Casa POLTRONIERI
ASC005
Igreja Eroxime


TIMBÓ
ESTRADA DA MULDE
TIMBÓ
Casa SCHNEIDER
TIO020
Casa DRAEGER, Mildo
TIO046
Casa KREISSING
TIO018
Casa EWALD
TIO048
Cemitério da Mulde
IDL238
Casa KRIESER
TIO019
VIA HAAS
Casa REINECKE
TIO004
Araponguinhas
03
Casa ZIMMLISCH
Casa AGOSTINI
IDL226
04
Casa BOHMANN
Casa DUWE
IDL001
Casa GESSNER I
IDL227
Casa GESSNER II
Casa WANSER, Heinz
Casa ELISIO, Waldemar
Igreja Luterana
Casa SILVA
Casa BONA, Artur
Ponte dos Arcos
Casa WANSER
INDAIAL
Estação Ferroviária
Escritório WANKE
Casa ENNS, Asta
Casa Paroquial
Casa SCHROEDER
INDAIAL
Casa BOCKER, Irmilde
02
03
Chão de Giz
04
Casa STAHNKE, Hermes
IDL072
Warnow Grande
06
Casa RAITER, Helga
IDL084
Comércio HOESCHL
IDL082
Comércio Enxaimel
IDL085
Igreja do Warnow
IDL086
Ponte Coberta de Madeira
IDL089
Estação Ferroviária do Warnow
IDL088
Casa BRATZ, Hilário
IDL092
N
TIMBÓ/INDAIAL/ASCURRA/RODEIO
Araponguinhas, Warnow Grande,
Ribeirão São Paulo
Mapa 1
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000

São Paulo, leva à localidade de mesmo nome, é possível avistar a Casa Merini [ASC002], Miguel Poffo [ASC003] (entrando numa pequena estrada à direita, que vai à Vila Nova), seguida pelas casas Poltronieri [ASC005] e Leandro Possamai [ASC006], todas com proposta de tombamento estadual.

Rodeio é outra cidade que se orgulha da ascendência italiana, mais especificamente da região de Trento. Na estrada que leva a Timbó, destacam-se algumas edificações que singularizam a paisagem. Mais até que em Ascurra, são comuns na área rural de Rodeio as casas que misturam técnica enxaimel, com alvenaria de tijolos aparentes e elementos em arco pleno. São alguns exemplares de destaque, com proposta de tombamento estadual: a Casa Fronza [ROD001], em alvenaria autoportante de tijolos aparentes; a Casa Gotardi [ROD002], também em alvenaria de tijolos aparentes e varanda frontal em arcos; a Casa Tamanini [ROD003], em alvenaria de tijolos rebocados, com cozinha lateral separada do corpo principal e pinturas nos cômodos internos; as Casas do Conjunto Industrial da Cia. Hering [ROD004], uma em alvenaria aparente e outra enxaimel; e a Casa Sardagna [ROD006], em enxaimel simplificado e módulo da cozinha em madeira.

















Em Rodeio:
1 - Casa Fronza [ROD001]
2 - Casa Gotardi [ROD002]
3 e 4 - Casa Tamanini [ROD003]
5 e 6 - Conjunto Hering [ROD004]
7 - Rancho Fronza [ROD005]
8 - Casa Sardagna [ROD006]

Ao longo da estrada que vai de Ascurra até a localidade de Warnow, em Indaial, é possível contemplar belas vistas do Rio Itajaí-Açu. Alguns pontos são mais densamente ocupados por loteamentos recentes de baixa renda (entre a periferia de Ascurra e de Indaial). É nesse contexto que se encontra uma das últimas igrejas enxaimel da região – a outra é a Igreja da Liberdade, em Benedito Novo. Embora já bastante alterada, a Igreja Enxaimel de Ascurra é merecedora do reconhecimento a nível estadual, pela excpcionalidade do seu uso.



Em Indaial, o conjunto de Warnow caracteriza-se como um pequeno vilarejo, composto por duas grandes casas comerciais (o Comércio Enxaimel [IDL085] e a Casa Höeschl [IDL082], antigos secos e molhados), a Igreja [IDL086], a Ponte de Madeira Coberta [IDL089] e um número significativo de casas enxaimel ou em alvenaria autoportante de tijolos aparentes ou rebocados.

Seguindo a estrada que parte de Warnow, antes de passar a ponte de madeira, em direção ao sul, chega-se a outra obra-prima da arquitetura vernacular da imigração: a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A igreja é toda construída em alvenaria de tijolos aparentes e, internamente, suas paredes são inteiramente recobertas de coloridas pinturas que tentam, ingenuamente, imitar texturas, materiais, estruturas e afrescos de igrejas italianas.

Outro lugar singular por sua paisagem rural, pontilhada por inúmeras propriedades de interesse, é a localidade de Encano, localizada ao sul do centro de Indaial (direção oposta a Timbó). Como a maioria das áreas rurais da imigração, sua estrutura é formada por lotes coloniais distribuídos ao


1


2


3


4


5


6


7


8

longo de estradas que acompanham o rio na sua margem direita e esquerda. Pela estrada que segue a margem esquerda do Rio Encano chega-se à Casa Ristow [IDL035], implantada em meio a uma paisagem notável, construída na técnica enxaimel de tijolos aparentes, com varanda frontal com guarda-corpo de madeira excepcionalmente trabalhado. Antes de chegar à Casa Ristow, entre outras propriedades destacam-se também às casas Lorival Hersing [IDL039] e Luíza Schroeder [IDL050], todas com proposta de tombamento federal.

Indaial e Timbó são cidades praticamente conurbadas, separadas pela SC470. A principal via que liga os dois centros urbanos é a SC477, também conhecida como Via Haas, originalmente a estrada da margem esquerda do Rio Benedito, onde se localizam duas importantes edificações: a Casa Reinecke [TIO004] e a Casa Ewald [TIO048]. A partir da Via Haas, tomando via que se estende na direção oeste, chega-se à localidade de Araponguinhas, na divisa entre os dois municípios. Por ser uma área periférica dos dois centros urbanos em forte expansão, a região tem sofrido acentuada descaracterização da paisagem agrícola, a partir da introdução de loteamentos residenciais

1 - Comércio Höeschl [IDL082]
2 - Casa Carlos Höeschl [IDL083]
3 - Casa Helga Reiter [IDL084]
4 - Igreja Luterana de Warnow [IDL086]
5 - Estação Ferroviária de Warnow [IDL088]
6 - Casa Hilário Bratz [IDL092]
7 - Comércio enxaimel [IDL085]
8 - Ponte de madeira coberta [IDL089]




2


3


4


5


6


7

1 - Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113]. Uma verdadeira pérola da arquitetura vernacular, com pinturas decorativas singelas no seu interior (2, 3 e 4)
5 - Casa Luíza Schroeder [IDL050]. Trabalho esmerado na colocação dos tijolos e nos elementos de madeira torneados da varanda.
6 e 7 - Casa Lorival Hersing [IDL039]
8, 9 e 10 - Casa Ristow [IDL035]
11 - Casa Harry Voight [IDL232]
12 - Igreja de Araponguinhas


8


9


10

de baixa renda. Passando por um conjunto mais recente, chega-se ao outro entroncamento da estrada. Tomando a esquerda chega-se à Igreja Luterana de Araponguinhas, exemplar singelo da arquitetura religiosa alemã, marcado pela proeminência do volume da torre sobre as dimensões da nave. À direita, seguindo a estrada que leva à subida da elevação para cujo topo convergem as divisas de Indaial, Timbó e Rodeio, chega-se à Casa Duwe [IDL001], exemplar que por suas características, deve ser considerado único da arquitetura residencial teuto-brasileira. Pelas singularidades tipológicas, estéticas e construtivas, as casas Reinecke, Ewald e Duwe estão propostas para tombamento federal.

Ainda na divisa entre Indaial e Timbó, mais para leste em relação à Via Haas, as estradas que serpenteiam o Ribeirão da Mulde guardam paisagens de características rurais onde se sobressaem algumas propriedades exemplares, como a Casa Draeger [TIO016], a Casa Kreissing [TIO018] e a Casa Milda Krieser [IDL200], todas com proposta de tombamento estadual.


11


12

1



2



3



A Casa Reinecke (1 e 4) [TIO004] e a Casa Ewald (2 e 5) [TIO048] representam dois belíssimos exemplares da arquitetura teuto-brasileira em Timbó, localizados na hoje movimentada SC477.
A volumetra e o esmero construtivo da Casa Duwe (3, 6 e 7) [IDL001], na localidade de Araponguinhas, entre Indaial e Timbó, não encontra similares em nenhum outro lugar.
Na estrada de Araponguinhas, antes de chegar à Casa Duwe, outras pequenas propriedades se destacam na paisagem, como as casas Bohmann (8), Gessner II (9), Agostini (10) [IDL226] e Gessner (11) [IDL227].


4


5


6


7


8


9


10


11


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11

Margeando o Ribeirão da Mulde, muitas pequenas propriedades ajudam a compor a paisagem. Destacam-se:
1 e 2 - Casa Milda Krieser [IDL200]
3 - Casa Milda Draeger [TIO016]
4 - Casa Willy Johannes [TIO017]
5 - Casa Kreissing [TIO018], com proposta de tombamento estadual.
6 - Casa Alwin Krieser [TIO019]
7 - Casa Scneider [TIO020]
8 - Casa Zilse [TIO022]
9 e 11 - Igreja Luterana da Mulde
10 - Cemitério da Mulde [IDL238]

Mapa 3

Benedito Novo 9.501 hab

Timbó 32.836 hab

Saindo de Timbó em direção a Benedito Novo pela SC477 (que serpenteia o Rio Benedito pela sua margem direita), passa-se por uma das edificações de maior qualidade estética e construtiva de toda a região de imigração em Santa Catarina: o Salão Hammermeister [TIO013]. A estrada, asfaltada até Doutor Pedrinho, atravessa a Serra da Moema e segue até Itaió, distrito de Itaiópolis localizado entre Moema e Alto Paraguaçú.

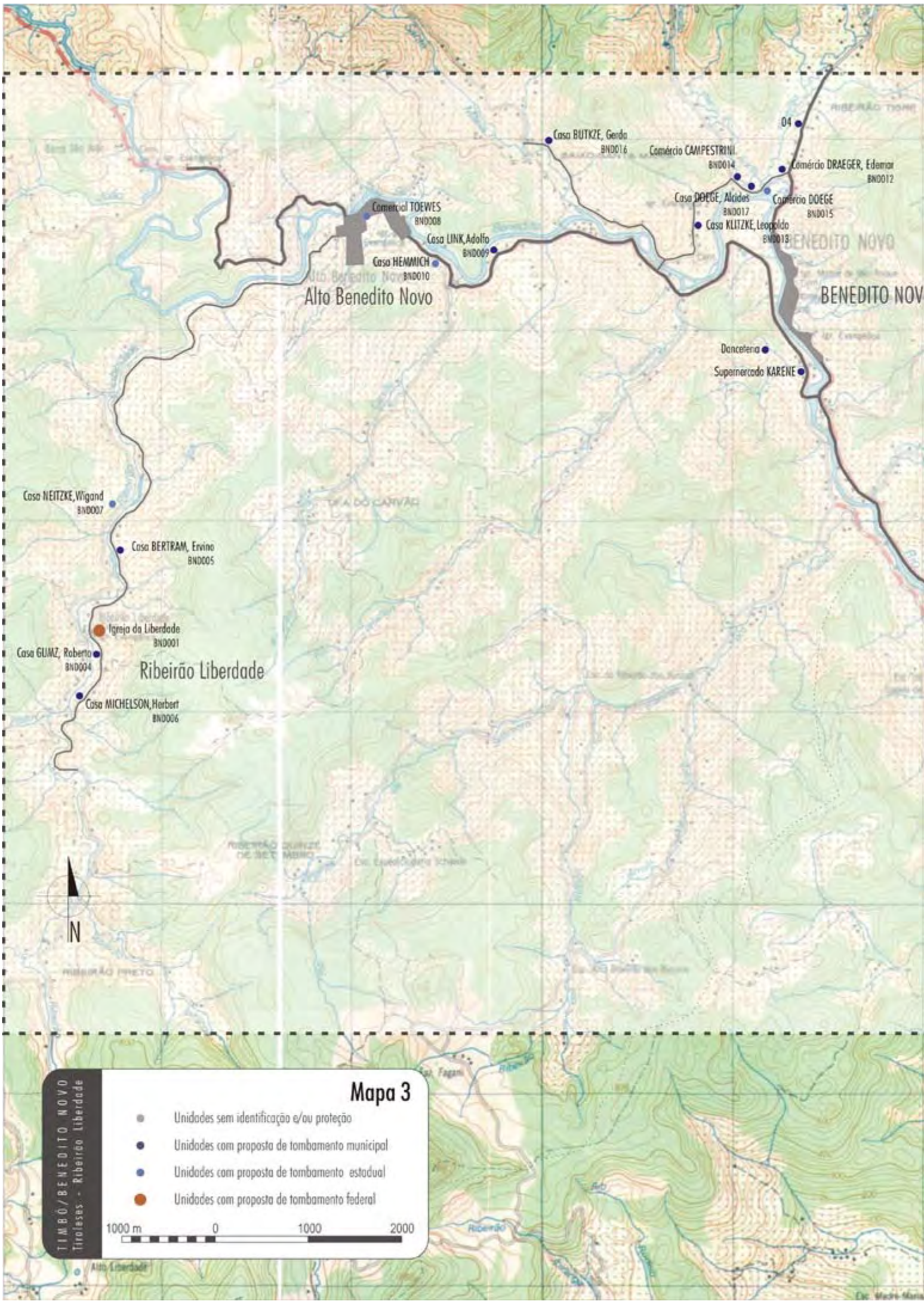
Em Benedito Novo (cujo núcleo está a 15Km do centro de Timbó), é possível encontrar uma gama variada de edificações teuto-brasileiras. No centro, o Comércio Doege [BND015] é um importante exemplar de " edificação emendada". A paisagem da cidade é configurada pelo vale do Rio Benedito, que corta o núcleo urbano e segue pelas áreas rurais. No início da subida da Serra da Moema está Alto Benedtio, um pequeno núcleo onde se destacam algumas edificações, como o Comercial Towers [TIO008] e a Casa Hemmich [TIO010], com composições inusitadas de fachadas.

Deixando a SC477 e tomando a estrada que serpenteia o Ribeirão Liberdade, chega-se à localidade de mesmo nome, onde está a mais significativa igreja enxaimel ainda existente no Brasil: a Igreja do Distrito de Liberdade [BND001]. Fazem parte desse pequeno conjunto algumas casas, das quais a Wigand Neitzke [BND007] se destaca por sua implantação e configuração tipológica (enxaimel, com mansarda frontal compondo a fachada avarandada, de pilares redondos e lateral com abertura em arco).

Das edificações mencionadas, o Salão Hammermeister e a Igreja de Liberdade são propostas para tombamento federal . Para as demais, sugere-se o tombamento estadual.



Salão Hammermeister [TIO013].


04
Casa BUTKZE, Gerda
BND016
Comércio CAMPESTRINI
BND014
Comércio DRAEGER, Edemar
BND012
Casa DOEGE, Alcides
BND017
Comércio DOEGE
BND015
Casa KLITZKE, Leopoldo
BND013
Comercial TOEWES
BND008
Casa LINK, Adolfo
BND009
Casa HEMMICH
BND010
Alto Benedito Novo
BENEDITO NOV
Dancateria
Supermercado KARENE
Casa NEITZKE, Wigand
BND007
Casa BERTRAM, Ervino
BND005
Igreja da Liberdade
BND001
Casa GUMZ, Roberto
BND004
Ribeirão Liberdade
Casa MICHELSON, Herbert
BND006
N
TIMBÓ/BENEDITO NOVO
Tiroleses - Ribeirão Liberdade
Mapa 3
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000


Escola e Casa doProfessor Rural
RD071
Casa ISBERN
TI0032
05
Casa THUROW, Geraldo
TI0002
RIO CEDRO
MARGEM DIREITA
RIO CEDRO
MARGEM ESQUERDA
Casa Jardim Botânico
TI0033
Casa Sede dos Escoteiros
TI0009
Casa KLOEHN, Valmor
TI0010
02
BENEDITO NOVO
RODEIO
01
Casa KLUG, Regina
TI0001
POMERANOS
01
01
TIMBÓ
Salão HAMMERMEINSTER
TI0013
02
Fábrica de Papelão
TIMBÓ
Escola e Casa do Professor
TI0012
ARAPONGUINHAS
Casa EWALD
RODEIO TRINTA E DOIS
RIO BELO
ARAPONGAS
BENEDITO CENTRAL
ARAPONGAS II


1




3


4


5


6


7


8


9

Centro de Benedito Novo
1 - Casa Leopoldo Klitzke [BND013]
2 - Comercial Doege [BND015]
3 - Casa Alcides Doege [BND016]
4 - Comercial Karene

Alto Benedito
5 - Comercial Toewes [BND008]
6 - Casa Hemmich [BND010]

Ribeirão Liberdade
7 - Vista geral da estrada do Ribeirão Liberdade. Aos fundos, a Igreja Liberdade [BND001], um dos últimos exemplares de arquitetura religiosa enxaimel. Mantém-se preservada e em uso.
8 - Casa Wigand Neitzke [BND007]
9 - Casa Michelson [BND006]

Mapa 4

Pomerode 24.230 hab

Rio dos Cedros 9.125 hab

Timbó 32.836 hab

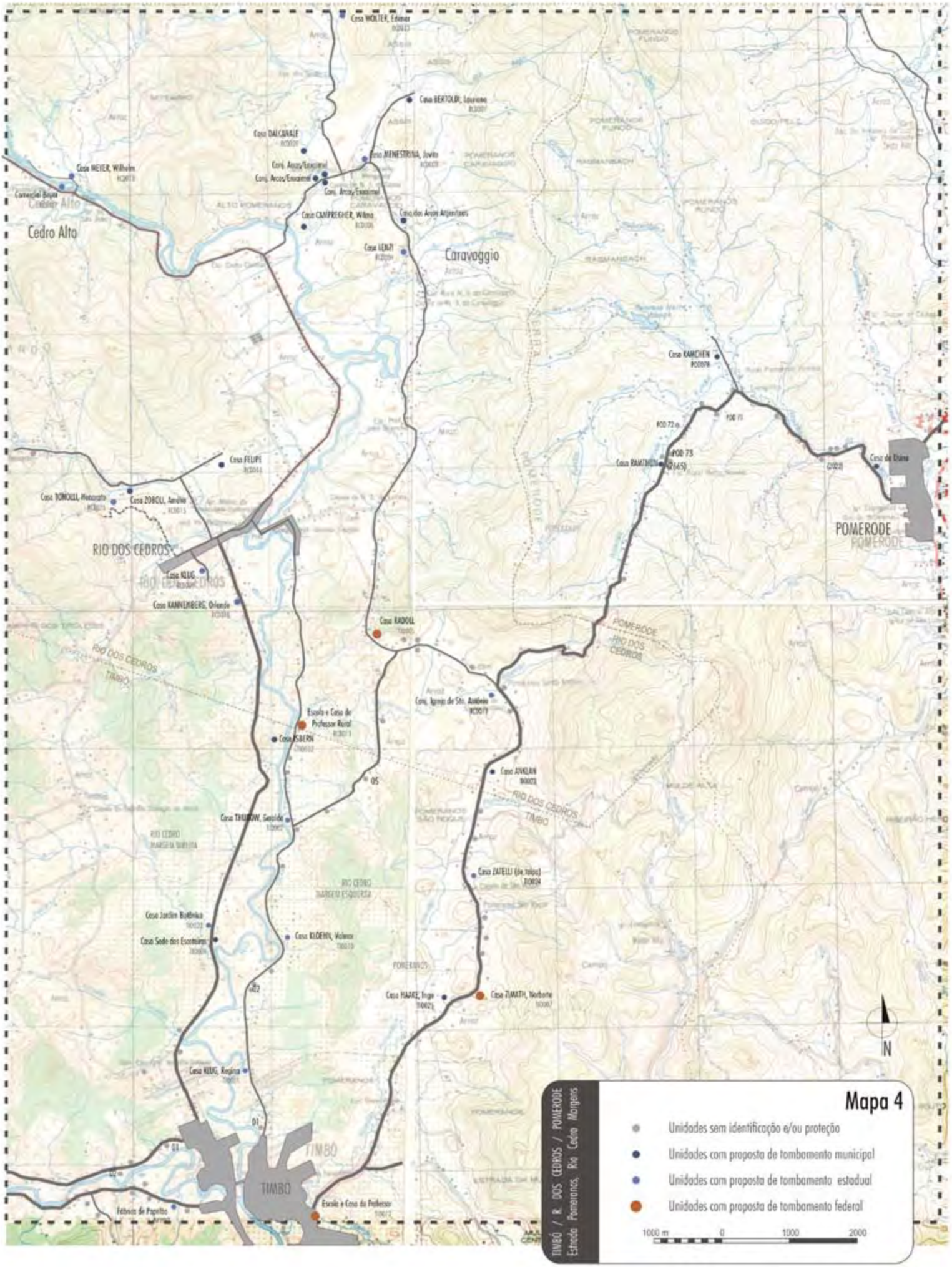
Analisando o mapa do Vale do Itajaí, percebe-se que o núcleo urbano de Timbó está localizado numa posição central em relação às cidades detentoras da parcela mais expressiva do patrimônio dos imigrantes na região. De Timbó irradiam-se estradas que a oeste levam a Benedito Novo e, num entroncamento à esquerda, para Rodeio e Ascurra; na direção sul existe uma importante ligação com Indaial, por onde também é possível chegar a Ascurra; a leste está Blumenau; ao norte, segue-se para Pomerode (via estrada Pomeranos) ou para Rio dos Cedros, outro importante núcleo de colonização italiana e alemã no Vale do Itajaí.

Para Rio dos Cedros, é possível seguir por ambas as margens do rio (Rio Cedro), passando por importantes propriedades rurais e por uma paisagem ainda preservada, característica das regiões de imigração. A estrada da margem direita é hoje a SC417, asfaltada. A da margem esquerda é a que apresenta paisagem mais preservada, e passa por importantes propriedades, como a Casa Regina Klug [TIO001], a Casa Walmor Klohen [TIO010] e a Casa Thurow [TIO002]. Seguindo em frente, chega-se à Escola e à Casa do Professor Rural de Rio dos Cedros [RCD011]. A escola, localizada exatamente na divisa dos dois municípios, é uma das únicas edificações relacionadas à imigração já tombadas pelo IPHAN (processo nº 1141-T-85), inscrita nos Livros do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Histórico e de Belas Artes. Seguindo adiante, chega-se ao centro de Rio dos Cedros.

Outra opção é sair de Timbó pela Estrada Pomeranos, que tem início no centro urbano, num entroncamento onde está localizada a Escola e a Casa do Professor Urbana [TIO012], outro importantíssimo – e raro exemplar de arquitetura escolar. A Pomeranos é a principal via de ligação com



Escola e Casa do Professor na área rural de Rio dos Cedros [RCD011], único exemplar da arquitetura rural dos imigrantes alemães já tombado pelo IPHAN em Santa Catarina.


Mapa 4
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000
N
TIMBÓ / R. DOS CEDROS / POMERODE
Estrada Pomeranos, Rio Cedro Margens
Cedro Alto
Caravaggio
RIO DOS CEDROS
POMERODE
TIMBÓ
Casa WOLTER, Edimar
Casa BERTOLDI, Lauriano
Casa DALCANALE
Casa MENESTRINA, Jovita
Casa MEYER, Wilhelm
Casa CAMPREGHER, Wilma
Casa dos Arcos Argentinos
Casa LENZI
Casa KAMCHEN
Casa RAMTHUN
Casa FELIPE
Casa ZOBOLI, Amélia
Casa KLUG
Casa KANNENBERG, Orlando
Casa RADOLL
Escola e Casa do Professor Rural
Casa ISBERN
Casa JUVILAN
Casa THURROW, Geraldo
Casa ZATELLI (de talpa)
Casa Jardim Botânico
Casa Sede dos Escoteiros
Casa KLOEHN, Valmor
Casa HAAKE, Inga
Casa ZIMATH, Norberto
Casa KLUG, Regina
Escola e Casa do Professor
Fábrica de Papelão


1


2


3


4


5


6

Pomerode. De paisagem notável, é uma estrada recentemente asfaltada, em processo de ocupação acelerado (em expansão) pontilhada por importantes propriedades, como a casa Zimath [TIO007]. Adiante da Casa Zimath está um dos últimos exemplares de arquitetura enxaimel em taipa, a Casa Zatelli [TIO024]. No meio do caminho entre Timbó e Pomerode chega-se à localidade de Santo Antônio, pertencente a Rio dos Cedros, onde se destaca a Igreja de Santo Antônio [RCD019] - de arquitetura religiosa caracteristicamente ítalo-brasileira (com torre sineira lateral, separada do corpo principal). A igreja localiza-se num entroncamento da estrada, que leva novamente a Rio dos Cedros, chegando na localidade de Caravaggio, um dos principais núcleos históricos do município. Por essa estrada, passa-se pela Casa Radoll [TIO005], uma bela propriedade exemplarmente preservada, de paisagem exuberante e com um conjunto de ranchos significativos.

Em Caravaggio, foi mapeado um importante conjunto de casas que aliam características teuto e ítalo-brasileiras num único exemplar.

7



8



9



Entre Timbó e Rio dos Cedros, nas estradas que margeiam o Rio Cedro, são comuns as casas avarandadas, com pilares redondos e guarda-corpo de tijolos formando desenhos vasados. São exemplos as casas Regina Klug (1) [TIO001], Geraldo Thurow (2) [TIO002], da Sede dos Escoteiros (3) [TIO009], Valmor Klohen (4) [TIO010], do Jardim Botânico (5) [TIO033] e Kannemberg (6) [RCD010]. Destaque para a Casa Radoll (7) [TIO005], com proposta de tombamento federal.
No início da Estrada Pomeranos, que liga Timbó a Pomerode, está o conjunto da Escola e Casa do Professor (8) [TIO012], no núcleo urbano de Timbó. Na mesma estrada, já na área rural, encontramos a Casa Zimath (9) [TIO007]. Ambas com proposta de tombamento federal.

Na próxima página:
Ainda na Estrada Pomeranos:
1 - Casa Anklan [TIO023]
2 - Casa de taipa Zatelli [TIO024]
3 - Casa Ingo Haake [TIO025]
4 - Casa Wally Jankee [TIO026]
5 - Casa Schumann [TIO028]
6 - Casa Wolter [TIO030]
Na localidade de Santo Antônio, Rio dos Cedros
7 e 8 - Conjunto da Igreja de Santo Antônio [RCD019]
Em Caravaggio, localidade colonizada por italianos, em Rio dos Cedros, destacam-se os conjuntos de casas enxaimel com seqüência de arcos na varanda (9, 10 e 11):
12 - Casa Mengarda [RCD002]
13 - Casa Santos Reis [RCD003]
14 - Casa Lenzi [RCD004]
15 - Casa Bertoldi [RCD007]
16 - Casa Dalcanale [RCD020]

Destacam-se as casas com varanda frontal composta por seqüências de arcos, como a Casa Menestrina [RCD008], a Casa Mengarda [RCD002] – com pinturas internas cobrindo as paredes em quase todos os cômodos, inclusive na cozinha – e a Casa Lenzi [RCD004] – sobrado de proporções clássicas, que mistura alvenaria autoportante com enxaimel.


1


2


3


4


5


6


7


8

Todos os bens mencionados receberam proposta de tombamento estadual, excetuando-se a Escola e Casa do Professor do centro de Timbó, a Casa Zimath e a Casa Radoll, selecionadas com propostas de tombamento federal.

9


10


11


12


13


14


15


16


Mapa 5

Blumenau 292.998 hab

Pomerode 24.230 hab

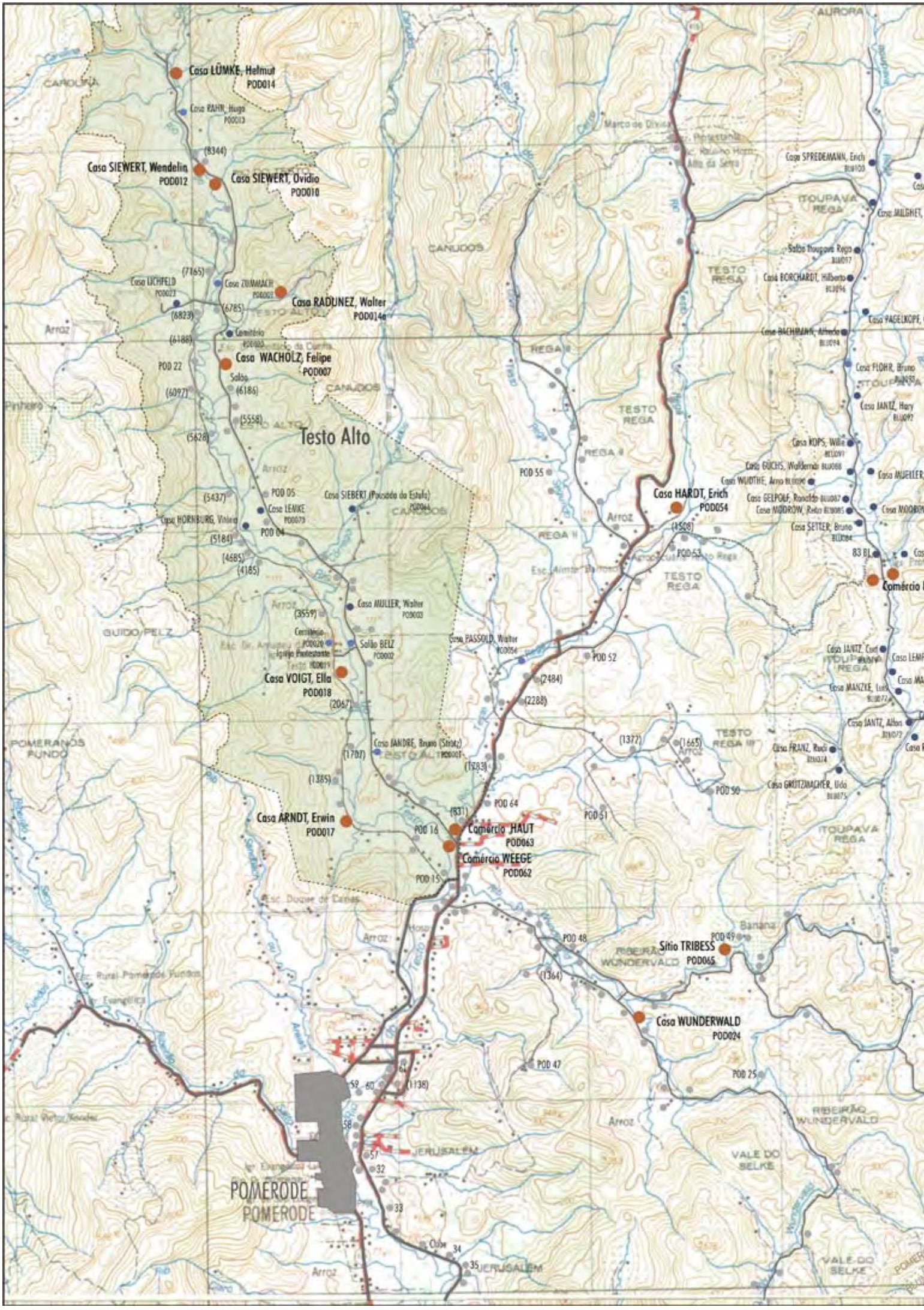
Entre Blumenau e Pomerode encontra-se a maior densidade de propriedades rurais ligadas ao processo de imigração teuto-brasileiro. As localidades de Testo Alto (Pomerode) e Vila Itoupava (Blumenau) guardam o maior (e um dos mais significativos) acervo da arquitetura teuto-brasileira do Vale do Itajaí, fato que se reflete nas unidades selecionadas para o tombamento (cerca de 1/3 das propostas de tombamento individuais de todo o conjunto da imigração localiza-se entre Testo Alto, Vila Itoupava e Itoupava Rega).

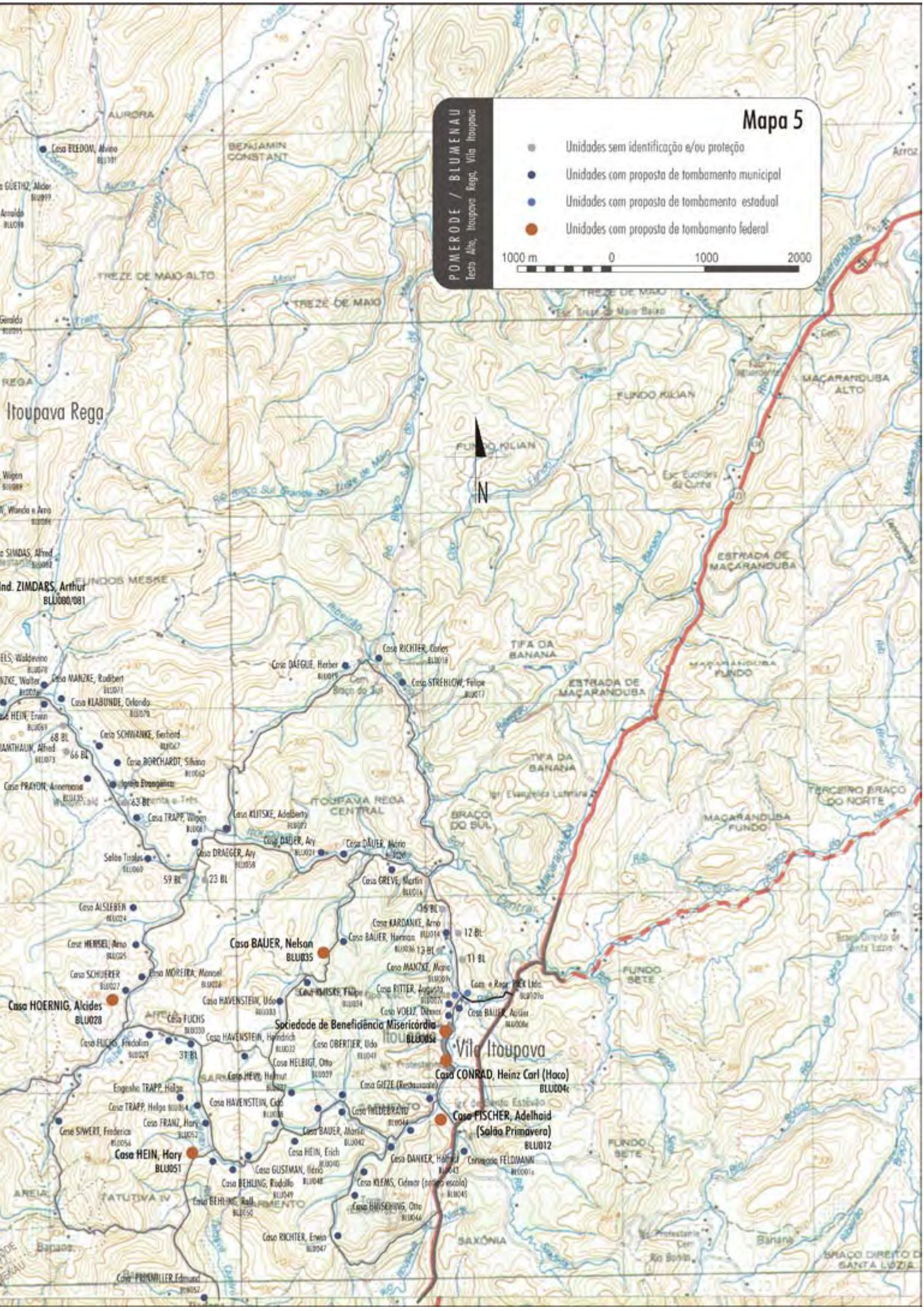
Testo Alto, apesar de suas características rurais ainda preservadas, está dentro do perímetro urbano de Pomerode e sua proximidade com o centro urbano podem transformá-la em zona periférica da cidade. Nos últimos anos, o processo de crescimento urbano convive com o acréscimo constante de novas edificações e loteamento de terrenos até a pouco de uso agrícola. Mesmo acentuado, esse processo ainda é lento se comparado com várias localidades de Jaraguá do Sul, São Bento do Sul, Blumenau e Joinville, cidades com maior número de habitantes e forte crescimento periférico. Se bem gerida, a localidade de Testo Alto tende a preservar sua paisagem cultural, com as pequenas propriedades rurais imersas entre vales, rios e montanhas.

O mesmo acontece com a área rural da Vila Itoupava, em Blumenau. Ao contrário de Testo Alto, as "Itoupavas" – como são conhecidas a Vila Itoupava e Itoupava Rega – encontram-se relativamente distantes do centro urbano.

Vista degral de uma pequena propriedade característica de Testo Alto, em Pomerode.




Casa LÜMKE, Helmut
POD014
Casa RAHN, Hugo
POD013
Casa SIEWERT, Wendelin
POD012
Casa SIEWERT, Ovidio
POD010
Casa LICHTFELD
POD023
Casa ZUMMACH
POD002
Casa RADUNEZ, Walter
POD014a
Cemitério
POD003
Casa WACHOLZ, Felipe
POD007
Salão
POD 22
Testo Alto
POD 05
Casa LENKE
POD079
Casa SIEBERT (Pousada da Estrela)
POD044
Casa HORNBURG, Vitorio
POD 04
Casa MULLER, Walter
POD023
Cemitério
POD020
Igreja Protestante
POD019
Salão BELZ
POD002
Casa VOIGT, Ella
POD018
Casa ANDRE, Bruno (Stratz)
POD007
Casa ARNDT, Erwin
POD017
POD 16
Comércio HAUT
POD063
Comércio WEEGE
POD062
POD 15
POD 64
POD 55
POD 53
POD 52
POD 51
POD 50
POD 48
POD 49
POD 47
POD 25
Casa HARDT, Erich
POD054
Casa PASSOLD, Walter
POD054
Sitio TRIBESS
POD065
Casa WUNDERWALD
POD024
POMERODE
JERUSALEM
VALE DO SELKE
RIBEIRÃO WUNDERWALD
ITOUPAVA REGA
TESTO REGA
POMERANOS FUNDO
GUIDO PELZ
CANUDOS
Casa SPREDEMANN, Erich
Casa BORCHARDT, Hilberto
Casa FLOHR, Bruno
Casa JANTZ, Hary
Casa KOPS, Willi
Casa GELPOLF, Ronaldo
Casa SETTER, Bruno
Casa JANTZ, Alfons
Casa FRANZ, Ruci
Casa GRUTZMACHER, Udo
Casa MANZKE
Comércio



POMERODE / BLUMENAU
Testo Alto, Itoupava Rega, Vila Itoupava
Mapa 5
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000
N
Itoupava Rega
Vila Itoupava
Casa BLEDOM, Alvino
Casa GÜETHZ, Alcior
Casa SIMDAS, Alfred
Ind. ZIMDARS, Arthur
BLU080/081
Casa MANZKE, Rudibert
Casa KLABUNDE, Orlando
Casa HEIN, Erwin
Casa SCHWANKE, Gerhard
Casa BORCHARDT, Silvino
Casa PRAYON, Annemarie
Casa TRAPP, Wigen
Salão Tirolês
Casa DRAEGER, Ary
Casa KLUTSKE, Adalberto
Casa DAUER, Ary
Casa DAUER, Mario
Casa GREVE, Martin
Casa DAEGUE, Herber
Casa RICHTER, Carlos
Casa STREHLOW, Felipe
Casa ALSLEBEN
Casa HENSEL, Arno
Casa SCHUERER
Casa MOREIRA, Manoel
Casa HOERNIG, Alcides
BLU028
Casa FUCHS
Casa FUCHS, Fredolim
Casa HAVENSTEIN, Heinrich
Casa HAVENSTEIN, Udo
Casa HAVENSTEIN, Cido
Casa BAUER, Nelson
BLU035
Casa KARDANKE, Arno
Casa BAUER, Herman
Casa MANZKE, Mario
Casa RITTER, Augusto
Casa VOELZ, Dimas
Casa BAUER, Assiler
Sociedade de Beneficiência Misericórdia
BLU005c
Casa OBERTIER, Udo
Casa HELBIGT, Otto
Casa HEYE, Helmut
Casa GIEZE (Restaurante)
Casa CONRAD, Heinz Carl (Haco)
BLU004c
Casa FISCHER, Adelhaid
(Salão Primavera)
BLU012
Casa HEIN, Hary
BLU051
Casa SIWERT, Frederico
Engenho TRAPP, Helga
Casa TRAPP, Helga
Casa FRANZ, Hary
Casa BAUER, Martin
Casa HEIN, Erich
Casa GUSTMAN, Ilário
Casa BEHLING, Rudolfo
Casa BEHLING, Raul
Casa DANKER, Helmut
Casa KLEMS, Cidmar
Casa HUISCHING, Otto
Casa RICHTER, Erwin
Casa PRIMMILLER, Edmund
Cemitério FELDMANN
AURORA
BENJAMIN CONSTANT
TREZE DE MAIO ALTO
TREZE DE MAIO
FUNDO KILIAN
MAÇARANDUBA ALTO
ESTRADA DE MAÇARANDUBA
FUNDOS MESKE
TIFA DA BANANA
MAÇARANDUBA FUNDO
ITOUPAVA REGA CENTRAL
BRAÇO DO SUL
TERCEIRO BRAÇO DO NORTE
FUNDO SETE
AREIA
TATUTIVA IV
SAXÔNIA
BRAÇO DIREITO DE SANTA LUZIA

Vila Itoupava - Blumenau

1


2


3


4


5


6


7


8



9


10


11


12


13


14


15


16

Vila Itoupava
Página anterior:
1 - Cervejaria Feldmann [BLU001a].
2 - Salão Primavera [BLU012]
3 - Casa Heinz Conrad [BLU003c]
4 - Sociedade Beneficiência Misericórdia (maternidade) [BLU005c]
5 - Casa Alcides Hoerning [BLU028]
6 - Casa Hary Hein [BLU051]
Nesta página:
9 - Casa Manzke [BLU009c]
10 - Comercial Manzke [BLU010a]
11 - Casa enxaimel área rural
12- Igreja Evangélica.
13 - Engenho Elga Trapp [BLU053]
14 - Casa Hary Franz [BLU052]
15 - Casa Steinbrick [BLU126]
16 - Propriedade Nelson Bauer [BLU035]


17

Itoupava Rega
Páginas anteriores:
7 e 8 - Conunto Comercial Arthur Zimdars [BLU080/081]
12 - Igreja Evangélica Itoupava Rega [BLU064]
Nesta página:
17 - Conunto Comercial Arthur Zimdars [BLU080/081]
18 - Casa Bruno Flohr [BLU093]
19 - Casa Arno Modrow [BLU086]
20 - Casa Milghet [BLU098]
21 - Casa Hary Jantz [BLU092]

É importante destacar que, do ponto de vista da preservação e da gestão do patrimônio cultural, a proximidade entre essas duas áreas, Testo Alto (em Pomerode e as Itoupavas (em Blumenau) é estratégica.

Nestas localidades, está proposta uma série de tombamentos – federais, estaduais e municipais, incluindo o reconhecimento dos conjuntos urbanos e rurais – Conjunto Paisagístico e Cultural de Testo Alto e Conjunto Paisagístico e Cultural da Vila Itoupava.


18


19


20


21

Testo Rega - Pomerode

Propostas de tombamento federal em Testo Rega: Casa Erich Hardt (1) [POD054] e Conjunto Comercial Weege e Haut (2, 4) [POD062 e 063]. A Casa Comercial Passold (3) [POD056] é também um importante exemplar da arquitetura comercial teuto-brasileira, com proposta de tombamento estadual.









Tanto a área rural da Vila Itoupava como Testo Alto destacam-se pela Paisagem Cultural preservada, que alia primorosamente a presença da cultura humana com o meio natural onde se inserem casas, ranchos, plantações e áreas de matas preservadas, convivendo com tradições, línguas, culinária e muitas outras manifestações culturais trazidas na bagagem dos imigrantes.

Nesse conjunto, deve-se ressaltar que a arquitetura vernacular de Testo Alto se sobressai. O esmero construtivo e apuro nos detalhes é maior do que na Vila Itoupava, o que torna o conjunto construído ainda mais significativo do ponto de vista construtivo e estético (O que também se reflete nas propostas de tombamento individual. Dos vinte bens sugeridos para tombamento federal nessa área, nove estão inseridos em Testo Alto).

Por isso, além dos tombamentos individuais pontilhados, sugere-se o tombamento federal do Conjunto Paisagístico e Cultural de Testo Alto, aliado ao tombamento estadual do Conjunto Paisagístico e Cultural da Vila Itoupava.

1



2



As estradas que cortam a Vila Itoupava, em Blumenau, e Testo Alto, em Pomerode, até chegar ao Ribeirão da Luz, em Jaraguá do Sul, guardam magníficas paisagens rurais, entremeando casas, ranchos,plantações e muitas áreas verdes. (1)
Na estrada de Wunderwald, que interliga dois importantes núcleos rurais - Testo Alto, em Pomerode, e Vila Itoupava, em Blumenau - encontramos outras duas propriedades com proposta de tombamento federal: o Sítio Tribess (2) [POD065], com sua casa de taipa (3) e conjunto de casa enxaimel e singular ranchos de madeira (4).
A Casa Wunderwald (5 e 6) [POD024] é outro exemplar de destaque, com travamento horizontal duplo, peças de madeira falquejada, larga porta frontal , esquadrias de madeira primorosamente trabalhadas e planta incomum.
Ao longo das estradas da margem direita e esquerda do Rio do Testo, em Testo Alto, encontram-se algumas das mais expressivas propriedades rurais da imigração, formando o núcleo que mantém mais preservadas as suas características . Aqui, a proposta de tombamento é ampla, e engloba todo o conjunto. Neste contexto, algumas propriedades se destacam.
Na margem esquerda, destacam-se: a Casa Bruno Jandre (7) [POD001], também conhecida como Struz ou Casa Souza Cruz; o Salão Belz (8) [POD002]; a Casa Felipe Wacholz (9) [POD007] e o Cemitério dos Imigrantes (10) [POD008].
Na próxima página, ainda na margem esquerda do Rio Testo estão: Casa Zumach (11) [POD009], Ovídio Siewert (12) [POD010], Wendelin Siewert (13) [POD012], Hugo Rahn (14) [POD013], Helmut Lümke (15) [POD014] e Raduenz (16) [POD014a], além da Pousada da Estufa (24) [POD066], em uma estrada vicinal.
Na margem direita, destacam-se a Casa Erwin Arndt (conhecida também como Casa da Crista) (17) [POD017], a Casa Ella Voigt (18) [POD018], o conjunto da Igreja (19) [POD019] e cemitério (20) [POD020], a Casa Lemke (25) [POD070] e a Hornburg (26) [POD076], entre outras.
Infelizmente, alguns exemplares inventariados em 1987 já não existem mais, como a Casa Leane Hornburg (21) [POD022] e o antigo açougue Tribess (23) [POD031].

Wunderwald - Pomerode

3



4



5



6



Testo Alto - Pomerode

7



8



9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



Mapas 6 e 7

Jaraguá do Sul 128.237 hab

A cidade de Jaraguá do Sul apresenta hoje a terceira maior economia do estado de Santa Catarina (atrás de Joinville e Blumenau). Com um parque industrial considerável (e em expansão), sua zona urbana cresce aceleradamente, passando por um processo de renovação que infelizmente desconsidera uma parcela significativa do seu patrimônio histórico. No centro, as poucas edificações de valor cultural que ainda restam sobrevivem com dificuldades frente ao acelerado crescimento urbano – em especial no que se refere às edificações de cunho residencial.

Nas áreas rurais é onde se preserva o testemunho mais eloqüente da participação do imigrante na formação do município. No entanto as zonas rurais de Jaraguá do Sul tornaram-se progressivamente periferias urbanas, exigindo imediatas medidas de controle e planejamento urbano e territorial. O Vale do Rio da Luz, do Rio Cerro (mapa 6) e a localidade de Nereu Ramos (mapa 7), onde estão localizadas algumas das mais importantes propriedades de imigrantes de Jaraguá do Sul, já sofrem a influência do crescimento urbano da cidade.

O Vale do Rio da Luz e do Rio Cerro está na porção norte da Serra Garibaldi, divisor de águas que separa os municípios de Jaraguá do Sul e Pomerode. Ao sul, está Testo Alto. À margem direita do Rio da Luz, em meio a um grande número de propriedades rurais de destaque e da paisagem característica mantida – vales, montanhas e rios – está a Casa Rux [JGS068], importante exemplar enxaimel de tijolos aparentes, com fachada frontal avarandada e painéis de tijolos formando desenhos geométricos.

Na Barra do Rio Cerro, às margens do Rio Jaraguá, encontra-se um exemplo singular de casa enxaimel, com mansarda e varanda de madeira - com elementos cuidadosamente recortados, tanto no guarda-corpo como no portão; os tijolos são dispostos formando desenhos na fachada frontal e as esquadrias cuidadosamente trabalhadas. Trata-se da Casa Arthur Krüger



Casa Rux [JGS068], em Jaraguá do Sul.

[JGS044], para a qual sugere-se o tombamento estadual.

Seguindo o Rio Jaraguá, em direção à sua nascente, chega-se à localidade de Garibaldi, onde nasce também o ribeirão de mesmo nome. Embora relacionada com imigrantes húngaros, a influência italiana é percebida através das plantas – com cozinha separada do corpo da casa – e das fachadas – onde a estrutura enxaimel convive com varandas compostas por seqüências de arcos. São características similares àquelas encontradas nas estradas de Rio dos Cedros e Rodeio. Neste contexto, destaca-se a Casa Jansen [JGS119], indicada para tombamento estadual. Ribeirão Garibaldi e Santa Luzia são outras outra localidade de destaque – onde os inventários devem ser aprofundados.

Em Nereu Ramos (mapa 7) é perceptível a presença de imigrantes italianos através da arquitetura que mistura volumetria teuto-brasileira com elementos clássicos, como arcos plenos e detalhes em argamassa – a exemplo do que acontece na localidade de Caravaggio, em Rio dos Cedros, Rodeio e outras localidades que receberam contingentes egressos majoritariamente da Itália. Neste contexto, destaque para a Casa Vittório Schiocket [JGS036], destacado exemplar de residência rural destacado para tombamento federal.

Nereu Ramos lugar sofreu também importante influência derivada da implantação da rede ferroviária no início do século XX - ligando o porto de São Francisco do Sul a Rio Negro, no Paraná, conectando também cidades como Jaraguá do Sul e São Bento do Sul.

Vale do Rio da Luz
1 e 2 - Casa Jungton. Casa enxaimel com lateral característica (5 módulos) e fachada frontal rebocada. Varanda com guarda-corpo de balaústres (comuns na região de Jaraguá) e portão de madeira trabalhado.
3 - Casa Oldenburg [JGS098]. Enxaimel com lateral de 5 módulos e varanda frontal.
8 - Igreja Protestante do Rio da Luz [JGS096].
10 - Casa Schmidt [JGS099b].

Rio Cerro
4 - Casa Schubert [JGS065].
5 - Casa Krüger [JGS044].
6 - Casa Gilow [JGS060].

Santa Luzia
7 - Igreja Santa Luzia [JGS144].
9 - Casa Eurides Silveira [JGS034].

Garibaldi
11 e 13 - Casa Jansen [JGS119].
12 - Casa Reinoldo Klein [JGS124].

Nereu Ramos
14 - JGS005
15 - Casa Winter [JGS004].
16 - Igreja de Nereu Ramos [JGS143].
17 - Casa Schiocket [JGS036].


1

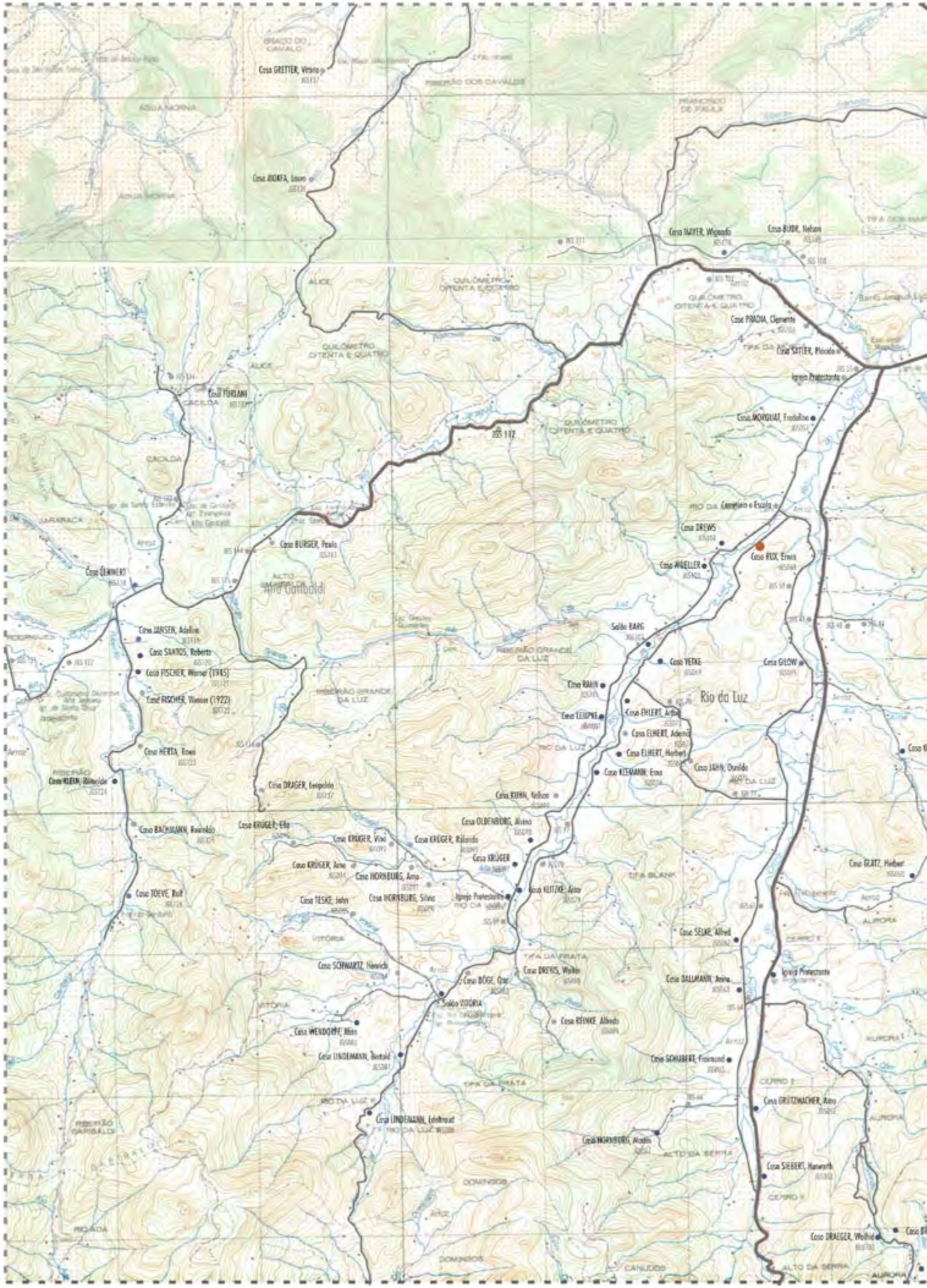

2

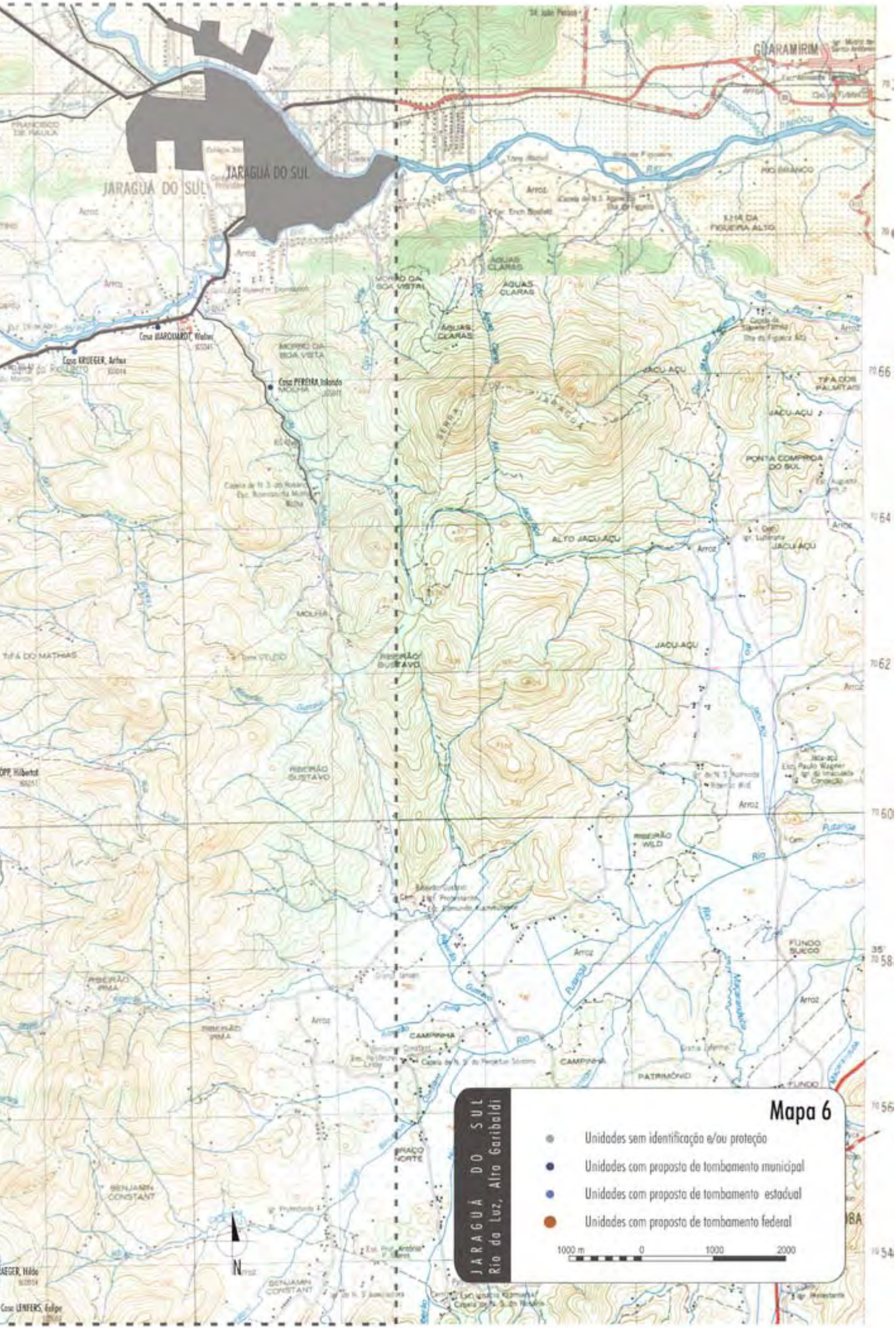


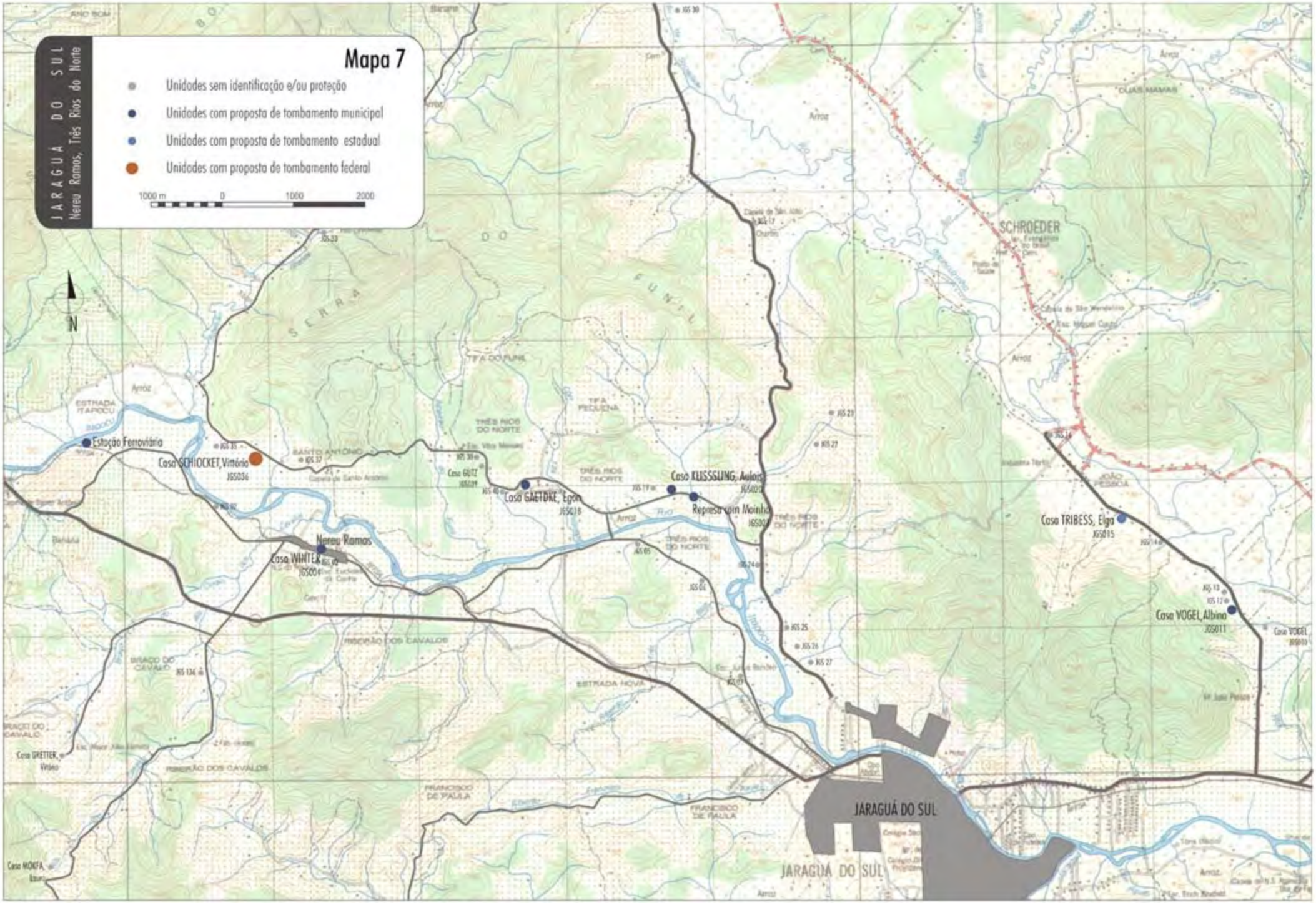

4


5


6


Casa GRETTER, Vitório
Casa JUCKFA, Lauro
Casa NAYER, Wigando
Casa BUDK, Nelson
Casa PRADA, Clemente
Casa SATTER, Plácido
Igreja Protestante
Casa MORGUAT, Frederline
Casa FURLANI
Casa DREWS
Casa RUX, Ernesto
Casa ANGELLER
Casa BURGER, Paulo
Casa EMMERT
Casa JANSEN, Adelino
Casa SANTOS, Roberto
Casa FISCHER, Werner (1945)
Casa FISCHER, Werner (1922)
Casa HERTA, Rowi
Casa KLEIN, Rolando
Casa DRAGER, Leopoldo
Casa BACHMANN, Reinaldo
Casa KRUGER, Elly
Casa KRUGER, Vitor
Casa KRUGER, Rolando
Casa KRUGER, Arno
Casa HORNBURG, Arno
Casa JOEVE, Rolf
Casa TESKE, John
Casa HORNBURG, Silvio
Casa OLDENBURG, Alvino
Casa KRÜGER
Casa KLITZKE, Arno
Casa SCHWARTZ, Henrich
Casa BOGE, Otto
Casa WENDORFF, Klein
Casa LINDEMANN, Bertold
Casa LINDEMANN, Edelfraud
Casa DREWS, Walter
Casa REINKE, Alfredo
Casa HORNBURG, Alcides
Casa SELKE, Alfred
Casa DALLMANN, Jenny
Casa SCHUBERT, Fremund
Casa GRUTZMACHER, Arno
Casa SIEBERT, Hanworth
Casa DRAGGER, Wolfrid
Casa GLOW
Casa GUTZ, Herbert
Casa JAHN, Osvaldo
Casa KIEMANN, Enos
Casa KIEMA, Nelson
Casa EHLERT, Arno
Casa EHLERT, Ademir
Casa EHLERT, Herbert
Casa LEUPKE
Casa RAUH
Casa YERKE
Salão BAHS
Salão VITÓRIA
Igreja Protestante
Rio da Luz
Alto Canbold
ALTO DA SERRA
AURORA
VITÓRIA
CAIOLDA
ALICE
ARAUCÁRIA
RIO DA LUZ
RIBEIRÃO GRANDE DA LUZ
RIBEIRÃO GARIBALDI
TIFA DA PRATA
TIFA BLANK
CERRO 7
CERRO 9
DOMINGOS
ARUJÁ
JGS 112


JARAGUÁ DO SUL
JARAGUÁ DO SUL
GUARAMIRIM
Casa MARQUARDT, Walter
Casa KRUEGER, Arthur
Casa PEREIRA, Irlando
MORRO DA BOA VISTA
ÁGUAS CLARAS
JACU-AÇU
ALTO JACU-AÇU
PONTA COMPRIDA DO SUL
RIBEIRÃO GUSTAVO
RIBEIRÃO WILD
FUNDO SUECO
CAMPINHA
PATRIMÔNIO
BENJAMIN CONSTANT
Casa LENFERS, Felipe
Arroz
Rio Putanga
Mapa 6
JARAGUÁ DO SUL
Rio da Luz, Alto Garibaldi
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000
N


JARAGUÁ DO SUL
Nereu Ramos, Três Rios do Norte
Mapa 7
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000
N
Estação Ferroviária
Casa SCHIOCKET, Vitório
Casa GAETKE, Egon
Casa KLISSSLING, Aulora
Casa TRIBESS, Elga
Casa VOGEL, Albino
Nereu Ramos
Casa WINTER
SCHROEDER
JARAGUÁ DO SUL
SERRA DO FUNIL
ESTRADA ITAPOCU
ESTRADA NOVA
RIBEIRÃO DOS CAVALOS
BRAÇO DO CAVALO
TRÊS RIOS DO NORTE
SANTO ANTONIO
FRANCISCO DE PAULA


7


8


9


10


11


12


13


14


15


16


17

Mapa 8

Joinville 487.045 hab

Maior cidade de Santa Catarina, Joinville surgiu a partir da implementação da Colônia Dona Francisca no ano de 1850. Foi formada, basicamente, por contingentes de imigrantes alemães, distribuídos pelos lotes coloniais previamente demarcados. Os principais arruamentos do centro histórico remontam do estabelecimento do núcleo colonial.

Hoje, Joinville é o maior núcleo urbano e a maior economia do estado. Como em outros municípios, a área rural – onde está grande parte do patrimônio cultural da imigração – também foi atingida pelo processo de crescimento. Como nas demais colônias, os lotes da Dona Francisca eram distribuídos ao longo de estradas rurais que, geralmente, acompanhavam os leitos dos rios. A estrada principal leva o mesmo nome da antiga colônia, também conhecida como Estrada da Serra, pois foi aberta com a intenção de ligar o litoral ao planalto – segue de Joinville a Rio Negro.

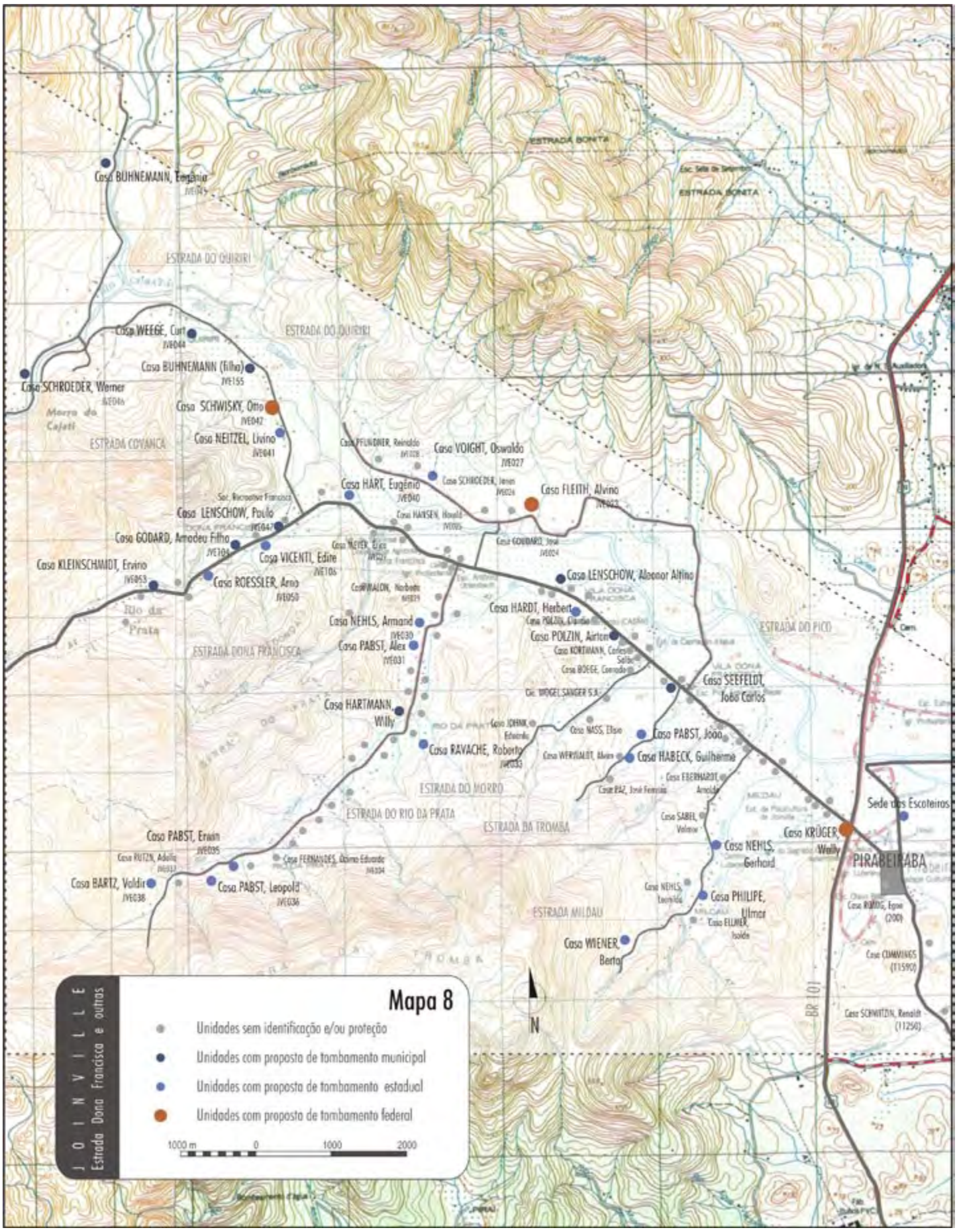
É na zona rural da Estrada Dona Francisca e adjacências que estão algumas das mais importantes propriedades de imigrantes de Joinville. Entre elas destaca-se a Wally Krüeger [JVE001], no cruzamento da estrada com a BR101; a Casa Fleith [JVE023], na Estrada do Pico e a Casa Schiwsky [JVE042], na Estrada do Quiriri.

As transformações causadas pela proximidade com o centro urbano em expansão são mais percebidas nas Estradas Mildau, da Tromba e do Morro, onde muitas casas enxaimel identificadas pelo inventário de 1983 já não existem mais, tendo sido substituídas por edificações recentes e loteamentos urbanos densamente divididos.

A Estrada do Rio da Prata ainda guarda paisagem singular, com propriedades que mantêm a atividade agropecuária como fonte básica de sustento. Note-se que em outras regiões, a substituição do "velho pelo novo" vem acompanhada do abandono das atividades de produção rural. No Rio da Prata, a magnífica paisagem natural – entremeada por cursos d'água, vales e montanhas – é complementada pelas implantações características das propriedades de imigrantes – conjuntos de casas e ranchos, com jardins, pomares, hortas, pequenas plantações e pastagem para o gado.

Nos últimos anos, o crescimento da cidade tem sido acompanhado da diversificação das atividades desenvolvidas nas áreas rurais. Muitas foram totalmente transformadas. O parque industrial de Joinville hoje corta um pedaço significativo da antiga Estrada Dona Francisca. O Distrito de Pirabeiraba, que até a década de 1980 também possuía um acervo cultural significativo, vem transformando-se rapidamente, registrando-se o desaparecimento recente de vários exemplares de valor cultural

A Estrada Dona Francisca – hoje SC301 – que segue até São Bento do Sul, continua sendo a principal via de ligação entre o litoral norte e o planalto. Embora várias transformações tenham interfirido na paisagem – com acréscimos de novas construções e substituição de propriedades, a via continua sendo uma importante estrada cênica, acompanhando o vale do Rio Cubatão e depois, subindo a serra em direção ao planalto.


Casa BUHNEMANN, Eugênio
Casa WEEGE, Curt
Casa BUHNEMANN (filho)
Casa SCHROEDER, Werner
Casa SCHWISKY, Otto
Casa NEITZEL, Livino
Casa PFLUNDER, Reinaldo
Casa VOIGHT, Oswaldo
Casa HART, Eugênio
Casa FLEITH, Alvino
Casa LENSCHOW, Paulo
Casa GODARD, Amadeu Filho
Casa VICENTI, Edite
Casa KLEINSCHMIDT, Ervino
Casa ROESSLER, Arno
Casa LENSCHOW, Albanor Altino
Casa HARDT, Herbert
Casa NEHLS, Armand
Casa PABST, Alex
Casa POLZIN, Airton
Casa SEEFELDT, João Carlos
Casa HARTMANN, Willy
Casa RAVACHE, Roberto
Casa PABST, João
Casa HABECK, Guilherme
Sede dos Escoteiros
Casa KRÜGER, Wally
Casa NEHLS, Gerhard
Casa PABST, Erwin
Casa BARTZ, Valdir
Casa PABST, Leopold
Casa PHILIPE, Ulmar
Casa WIENER, Berta
PIRABEIRABA
ESTRADA DONA FRANCISCA
ESTRADA DO QUIRIRI
ESTRADA COVANCA
ESTRADA DO MORRO
ESTRADA DO RIO DA PRATA
ESTRADA DA TROMBA
ESTRADA MILDAU
ESTRADA DO PICO
ESTRADA BONITA
BR 101
JOINVILLE
Estrada Dona Francisca e outras
Mapa 8
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m 0 1000 2000
N

1


2


3


4


5


6


7


8


9


10




Estrada Dona Francisca
1 - Casa Krüeger [JVE001]. Restaurada com recursos do IPHAN, em parceria com a Prefeitura Municipal de Joinville, a casa, localizada no cruzamento da BR101 com a Estrada Dona Francisca, foi adaptada para ser o Portal do Turismo da Dona Francisca.
2 - Casa João Gomes de Oliveira [JVE086]. Há registros de que a propriedade teria servido como entreposto para a venda de escravos. Proposta de tombamento estadual.
3 - Casa Herbert Hardl [JVE021].
4 - Casa Eugêncio Hardat [JVE040]. Importante exemplar da arquitetura teuto-brasileira de Joinville. Composição requintada, varanda com mãos-francesas trabalhadas, interior preservado. Proposta de tombamento estadual.
5 - Casa Ivo Voigt [JVE084].
6 - Casa Prochnow [JVE087].
7 - Restaurante Serra Verde [JVE110], já na subida da serra, em direção à Campo Alegre e São Bento do Sul.
8 e 9 - Casa de madeira do Km98 [JVE108]. Mantém a volumetria da casa enxaimel.

Na Estrada da Tromba restam poucos exemplares da arquitetura teuto-brasileira.
10 - Casa João Pabst [JVE010]
11 - Casa Bärhwaldt [JVE012]

Estrada do Pico
12 - Casa Erico Fleith [JVE126]
13 - Casa Schultze [JVE128]
14 e 15 - A Casa Fleith [JVE023] é um dos mais importantes e bem preservados exemplares da arquitetura teuto-brasileira da região de Joinville.

O Rio Cubatão e seus afluentes formam os vales por onde passam as principais estradas coloniais da Dona Francisca. São comuns ainda hoje as pontes pêncil, como a da Estrada do Pico (16 e 17) [JVE130], as pontes baixas, como a que atravessa o Rio Cubatão, também na Estrada do Pico (18) e as pontes cobertas, com estrutura de madeira e telhas de zinco, como a da Estrada do Quiriri (19 e 20) [JVE157].

12


13


14


15


16


17


18


19


20


1



2



3



4



5



6



7



8




9


10


11


12


13




15


16


17

Estrada do Quiriri
1- Casa Livino Neitzel [JVE041].
2 e 3 - Casa Schwisky [JVE042]. O trabalho requintado de tijolos na fachada, os elementos de madeira na varanda. A volumetria e planta baixa a tornam, ao lado da Casa Fleith [JVE023], na estrada do Pico, um dos exemplares selecionados para tombamento federal em Joinville.
4 - Ponte pênsil.
5 - Casa Curt Weege [JVE044]
6 - Casa Eugêncio Buhnemann [JVE045].
7 - Casa piske [JVE156].
8 - Casa Schulz [JVE165].

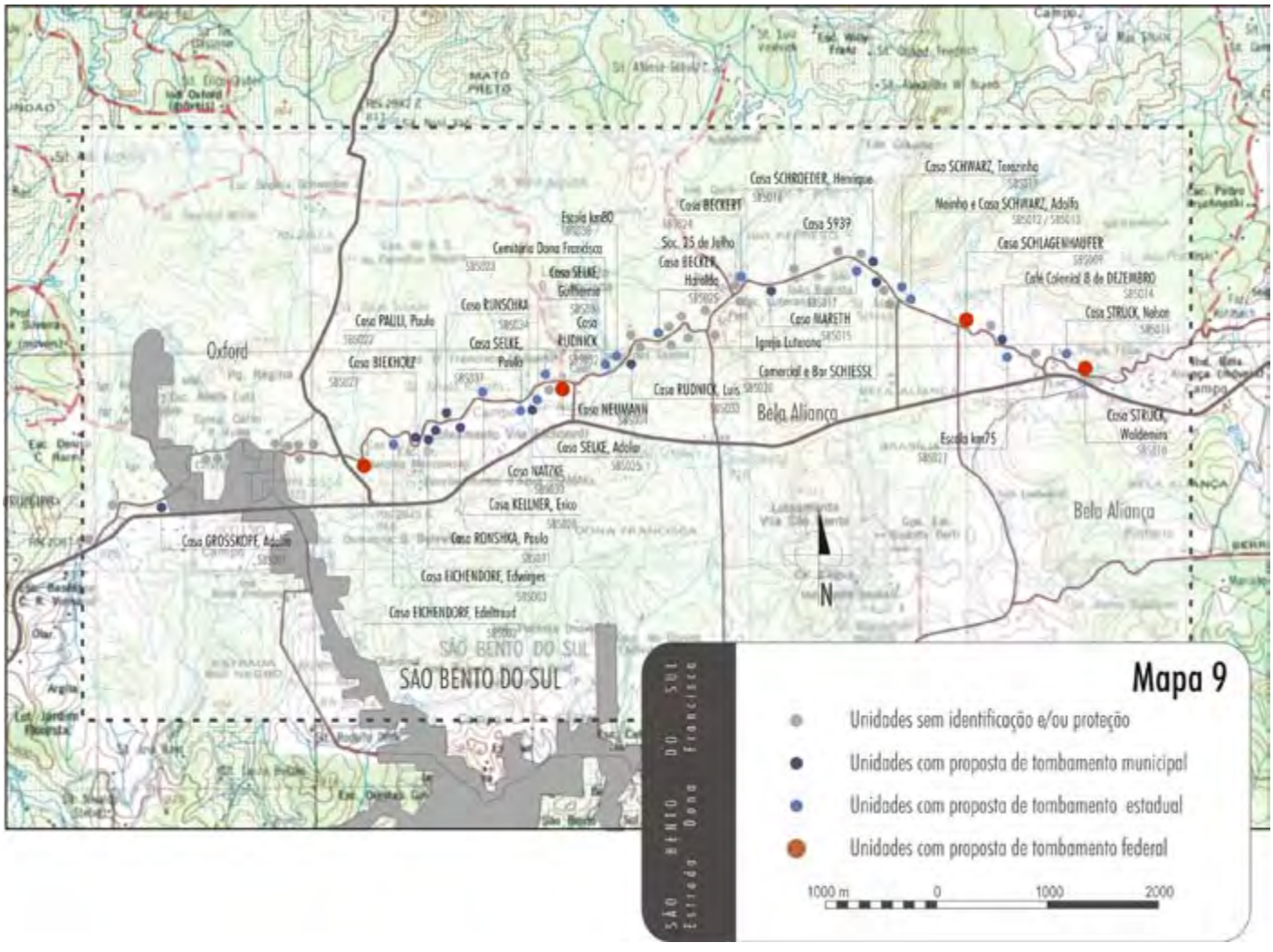
A Estrada do Rio da Prata é uma das que mantém mais preservada suas características rurais - com pequenas propriedades que obtém seu sustento do cultivo da mandioca, cana, banana e hortaliças, entre outros. A paisagem é notável, delimitada pela serra e entremeada pelo curso do Rio da Prata.
9 - Casa Pabst.
10 - Casa Armand Nehls [JVE030].
11 - Casa Alex Pabst [JVE031].
12 - Casa Erwin Pabst [JVE035].
13 - Casa Leopold Pabst [JVE036].
14 - Casa Adolfo Rutzn [JVE037].
15 - Casa Valdir Bartz [JVE038].
16 - Casa João Malon [JVE148].
17 - Ponte baixa e ponte pêncil de madeira que atravessam o Rio da Prata.

Mapa 9

São Bento do Sul 74.903 hab

São Bento do Sul constituiu-se a partir da penosa construção da Estrada da Serra – que parte de Joinville em direção ao planalto – e da expansão da Colônia Dona Francisca. Dona de importante e diversificado parque industrial, a cidade é hoje, juntamente com Rio Negrinho, o maior pólo da indústria moveleira do país. Na porção ainda preservada da antiga Estrada Dona Francisca, próxima ao setor industrial de Oxford, encontra-se um dos conjuntos de propriedades rurais mais expressivos de toda a região de imigrantes de Santa Catarina. Em menos de 10 quilômetros de estrada é possível encontrar cerca de 50 propriedades de interesse cultural, estabelecidas a partir da distribuição de lotes coloniais entre imigrantes alemães e, posteriormente, poloneses.

Estão entre as casas mais expressivas do conjunto: a Casa Waldemiro Struck [SBS010], a Casa Schlagenhaufer [SBS009], a Casa Neumann [SBS004] e a Casa Edeltraud Eichendorf [SBS002], indicadas para o tombamento federal. Juntamente com elas destacam-se a Casa Nelson Struck [SBS011], a Escola do Km75 [SBS021], a Propriedade do Sr. Adolfo Schwarz [SBS012/013], a Casa Terezinha Schwarz [SBS019], a Casa Beckert [SBS024], a Casa Nivaldo Becker [SBS026], a Escola do Km80 [SBS038], o Cemitério da Dona Francisca [SBS023] e a Casa Rudnick [SBS032], todas com proposta de tombamento estadual – com exceção do cemitério, já protegido pelo estado.



1



2



3



A Estrada Dona Francisca de São Bento do Sul concentra os mais importantes exemplares da arquitetura rural da região. A maioria das construções mesclam influências polonesas e alemãs. Em geral possuem o pé direito mais alto e maior volumetria que as casas enxaimel de Joinville ou do Vale do Itajaí.
Na lista de tombamentos federais então as casas Neumann (1) [SBS004], Edeltraud Eichendorf (2) [SBS002] e Schalgenhaufer (3) [SBS009].

1



2



3



4



75



6



7



8




9


10


11


12


13


14


15


16

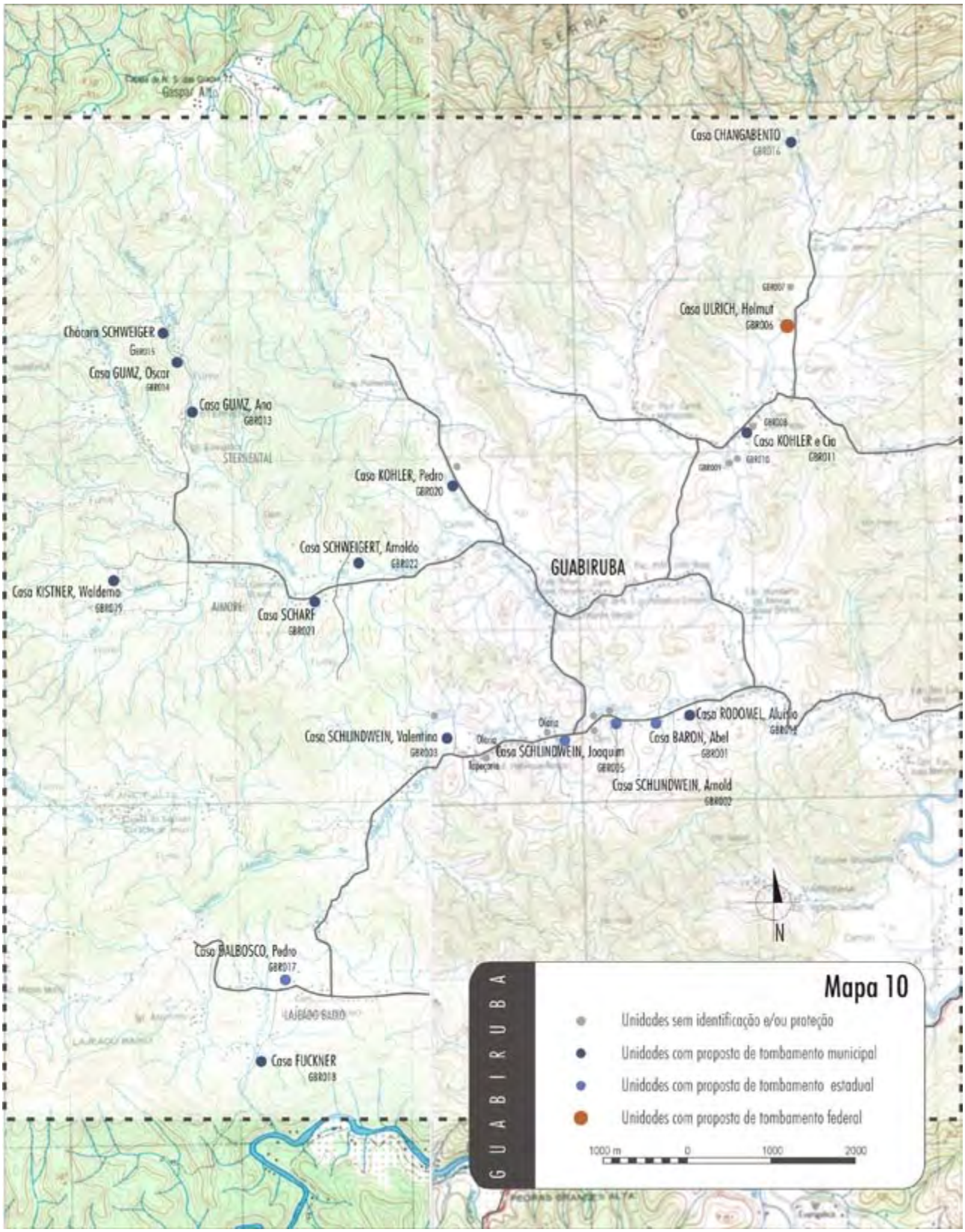

17

1 - Casa Edwirges Eichendorf [SBS003]
2 - Propriedade Adolfo Schwarz [SBS012]
3 - Antigo Moinho Schwarz [SBS013]
4 - Casa MAreth [SBS015]
5 - Propriedade Terezinha Schwarz [SBS019]
6 e 7 - Casa e Propriedade Paulo Pauli [SBS022]
8 - Cemitério Dona Francisca [SBS023]
9 e 10 - Casa e Propriedade Becker [SBS026]
11 e 12 - Casa e Propriedade Biecholz [SBS027]
13 e 14 - Casa e Propriedade Natzke [SBS030]
15 - Casa ao lado da 5698 [SBS017]
16 - Propriedade em frente à Casa Natzke
17 - Casa Waldemiro Struck [SBS010], também proposta para tombamento federal.

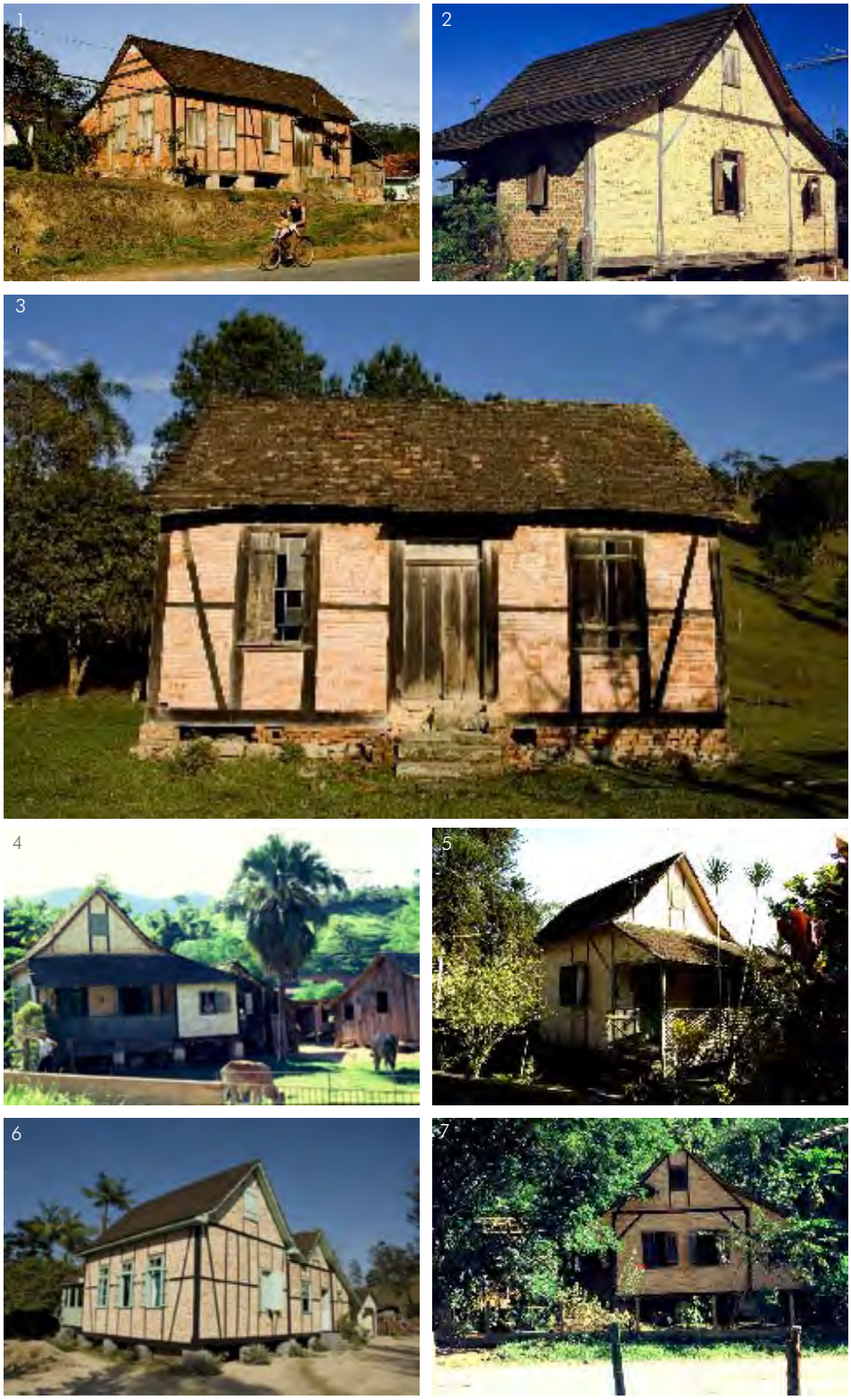
Mapa 10

Guabiruba 14.900 hab

Localizada ao lado da cidade de Brusque, Guabiruba guarda um acervo de edificações remanescentes do povoamento da Colônia Itajaí-Brusque, fundada em 1860. O centro urbano de Brusque nasceu a partir do estabelecimento do núcleo colonial. No entanto, a cidade, que cresceu devido



ao expressivo desenvolvimento da indústria têxtil, perdeu muitas das suas características coloniais. Em Guabiruba – distante 7 quilômetros do centro de Brusque – ainda é possível encontrar um acervo significativo de propriedades e edificações de influência teuto e ítalo-brasileira, como a Casa Abel Baron [GBR001], a Arnold Schlindwein [GBR002], a Joaquim Schlindwein [GBR005], a Pedro Dalbosco [GBR017], a Pedro Koheler [GBR020], a Scharf [GBR021] e a Arnaldo Schweigert [GBR022], todas com proposta de tombamento estadual. Destaca-se ainda a Casa Helmut Ulrich [GBR006], um dos mais expressivos exemplares da região, indicada para tombamento federal.



1 - Casa Abel Baron [GBR001].
2 - Casa Arnold Schilindwein [GBR002].
3 - Casa Helmut Ulrich [GBR006].
4 e 5 - Casa Joaquim Schlindwein [GBR005].
6 - Casa Valentino Schlindwein [GBR003].
7 - Casa Pedro Kohler [GBR020].



Mapa 11

Orleans 20.025 hab

Urussanga 19.195 hab

O sul do estado começou a receber imigrantes por volta de 1875, quando chegaram os primeiros grupos oriundos da Itália. Foram fundadas três colônias (Grão-Pará, Azambuja e Urussanga), originando cidades como Orleans, Pedras Grandes, Urussanga e Nova Veneza, que guardam até hoje um rico legado cultural dos imigrantes italianos.



A preservação da Propriedade da Família Bratti [NVZ017], com suas construções de pedra, é uma das propostas de tombamento federal da região de colonização italiana no sul do estado.


Sobrado Família MAZZUCCO
URS097
Santana
EFASCE
URS096
Rio Maior
Casa CANCELIER, Ivanir
URS095
Igreja São Gervásio e São Protásio
URS093
Sobrado Família BOCARDO
URS091
Casa MAESTRELLI, Sérgio
URS082
Casa TRENTO, Iva Ceron
URS083
Casa LUCIOT, Maria Aparecida
URS079
Igreja
URS043
Sobrado Família SORATTO
URS042
Casa Família CITTADIN
URS039
Casa Macari, Iolanda Casagrande
URS040
Casa JUSTI, Virgínia
URS034
Propriedade da Família BEZ FONTANA
URS037
Oratório Nossa Sra do Caravaggio
URS032
URUSSANGA
URUÇANGA
Casa BALDESSAR, Mário
URS044
EPAGRI
URS098
Igreja Nossa Sra. Aparecida
URS024
Casa RONCONI
URS047
Casa CONCER, Salete
Casa MARIOT, Zelmo
URS045
Fábrica abandonada
Casa ZANIOL, Maria Pelegrini
URS025
Conj. Estação e Casa do Agente
URS095
Casa CONTESSI, José Carlos
URS063
Casa BIROLO, Ducelino Guido Bel
URS054
Casa CASSETARI, Ivete
URS030
Casa COPPETTI, Pedro
URS060
Conj. Estação de Trem e Casa do Agente
URS062
Armazém
URS053
Unidade Sanitária DAVID COPPETI
URS051
Casa BRIGNOLI, Antônio
URS041
Casa TREVISOL, Angelina
URS049
Casa DARLOT Hercelina
URS058
Casa TREVISOL, Albino
URS055
Casa COSTA, Albina
URS057
Casa NETO, José Zanatta
URS059
Casa THOMAZI, Angelo
URS056
Rio Caeté
N
URUSSANGA
Rio Maior, Rio Caeté, Santana, Rio América Alto, Rio América Baixo
Mapa 11
Unidades sem identificação e/ou proteção
Unidades com proposta de tombamento municipal
Unidades com proposta de tombamento estadual
Unidades com proposta de tombamento federal
1000 m
0
1000
2000

Nesta etapa do trabalho foram percorridas algumas das principais estradas da região, destacando-se o percurso do Rio América Alto e Rio América Baixo, em Urussanga, onde se encontra a Casa Bez Fontana [URS031], um dos mais importantes exemplares de sobrado ítalo-brasileiro de madeira. Seguindo a mesma estrada estão, entre outras, a Casa Mário Baldessar [URS044] e a Casa Zelma Mariot [URS045], propostas para tombamento estadual. Na estrada que vai de Orleans a Rio Maior, também em Urussanga, encontram-se casa térreas e sobrados em pedra, destacando-se a Casa Barzan [ORL002] (ainda em Orleans, na localidade de Palmeira Alta), a Casa Ivanir Cancelier [URS095] e a Igreja São Gesrvásio e São Protásio [URS093], indicadas para o tombamento federal. Destacam-se, também, os sobrados da família Bocardo [URS091] e da família Mazzuco [URS097], propostos para tombamento estadual.

Ainda no sul, na cidade de Nova Veneza, encontra-se um dos mais expressivos exemplares de alvenaria aparente de pedra, o Conjunto de Pedra da Família Bratti [NVZ017].

1



2




3


4


5


6


7


8


9


10


11

A estrada que liga a localidade de Rio Maior, em Urussanga, a Orleans, guarda muitos exemplares excepcionais da arquitetura ítalo-brasileiro do sul de Santa Catarina. Neste contexto, destaque para a Igreja de São Gervásio e São Protásio (1) [URS093], a Casa Ivanir Cancelier (2) [URS095] e o Sobrado da Família Barzan (11) [ORL002], todos com proposta de tombamento federal.
3 e 4 - Sobrado da Família Mazzuco [URS097]
5 - Casa Iraci Cancelier [URS096]
6 - Sobrado da Família Bocardo [URS091]
7 e 8 - Casa Felix Canever [ORL003]
9 - Casa Mário Cancelier [ORL001]
10 - Casa em Palmeira Alta, Orleans, antes da residência Mário Cancelier.

A região de colonização italiana do sul de Santa Catarina também vem sofrendo com o crescimento urbano das cidades, especialmente Tubarão e Criciúma. Em Pedras Grandes, entre Urussanga e Tubarão, muitos sobrados e edificação de interesse ainda podem ser encontrados em meio a uma paisagemque vem se modificando rapidamente.



2



3



4



5



6



A Propriedade Bez Fontana [URS091], indicada para o tombamento federal, mantém preservadas as características originais da pequena propriedade rural. Os galpões onde funcionam a marcenaria e a atafona (1) possuem rodas d'água ainda em funcionamento e o sobrado de madeira (2) mantém a ambiência interior com móveis antigos e quadros da família. Em frente à entrada da propriedade está a capelinha de Nossa Senhora de Caravaggio (3) [URS032].
Na região, muitas casas e sobrados em alvenaria de pedra destacam-se na paisagem, como a Casa Hilário Mariot (4) [URS048], no bairro da Figueira; o Sobrado da Família Soratto (5) [URS042], no Rio América Alto e a Casa Cittadin (6) [URS090], na Santaninha.

Bibliografia

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Laurdes, 1970. 460p.

CUNHA, Dilney. **Suíços em Joinville – O duplo desterro**. Joinville: Editora Letradágua, 2003. 255p.

Centenário de Blumenau 1850-1950. Edição da Comissão de Festejos

DALL'ALBA, João Leonir; **Imigração Italiana em Santa Catarina**: documentário. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983. 182 p.

DE BONI, Luis A. (org.); **A presença Italiana no Brasil** – Vol. II – Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. 740 p.

DIEGES JR., Manuel. **Imigração, Urbanização, Industrialização.** Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura – Brasil, 1964. 385p.

FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita (org.); BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **Um alemão nos trópicos**: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento – Instituto Blumenau 150 anos, 1999. 280 p.

FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca. 2 ed. ....., 1965.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil**: 1808 – 1824 – 1974. São Leopoldo: Instituto Hans Staden; Federação dos Centros Culturais "25 de julho", 1974.

HOLANDA, Sergio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. **Historia geral da civilização brasileira**. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1972- nv.

JOCHEM, Toni Vidal. **São Pedro de Alcântara 1829-1999**: aspectos de sua história. São Pedro de Alcantara: [s.n.], 1999 (São José : Elbert Industria Gráfica). 345p.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Estudos de geografia urbana de Santa**

Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC; Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991. 400p.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1994. 376 p.

_____ **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1983. 750 p.

RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1992. 100p.

RODYCZ, Wilson Carlos (org.). **Colônia Lucena** – Itaiópolis – Crônica dos imigrantes poloneses. Florianópolis: BRASPOL, 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. 240p.

_____ **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. 103p.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/ Pró-Memória/ INL, 1987. 313p.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972. 384p.

SOARES, Maria Elita. S**ão Bento do Sul: sua história e seus documentos**. São Bento do Sul: Prefeitura Municipal, 1992. 104p.

VIEIRA FERREIRA, Fernando Luís. **Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação**, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina.- 2ª ed. – Orleans: Gráfica do Lelo LTDA, 2001. 102p.

WEIMER, Günter. **Arquitetura da Imigração Alemã** – um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade e Livraria Nobel, 1983. 296p.



11ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
Santa Catarina





















IPHAN 70 ANOS 1937 2007

IPHAN

Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

